

Obras
de Domingos dos Reis Quita

Vol. II

Astarto

TRAGÉDIA

ACTORES

Auraste, usurpador do trono de Tiro e amante de Cassiopeia

Astarto, legítimo herdeiro do Ceptro

Cassiopeia

Abdolmino, Supremo Sacerdote do Templo de Astreia e pai de Cassiopeia

Badesor, confidente de Auraste

Bareia, fiel vassalo de Astarto

Mília, serva de Cassiopeia

Zamário, cabeça dos Conjurados

Um Oficial das guardas de Auraste

Guardas, que serão sempre precedidas por um Capitão

A Cena é em Tiro, no Templo de Astreia.

ACTO I

CENA I

ABDOLMINO e ASTARTO

Abdolmino

Sim, Príncipe, a nocturna Divindade,
Que decidir do teu destino deve,
Difunde as favoráveis negras sombras,
E se nos dá propícia a Mão terrível;
Hoje ao Trono de Tiro, justa herança
De teus esclarecidos Ascendentes,
Subirás triunfante, resgatando

Das Mãos cruéis do usurpador Auraste
O Ceptro que empunhou no sangue tinto
De teu Irmão, o mísero Abdastarto.

Teus ilustres amigos, teus vassallos
Com secretos, sagrados juramentos,
Sobre estas santas aras prometeram,
De restaurar-te o Sólido, que a perfídia
Aos herdeiros do Grande Irão roubara.

Quando a noite chegar a meio giro,
De uma trompa marinha ao rouco estrondo,
Prontos os resolutos Conjurados,
Darão princípio à meditada empresa:
De Ilustres Cidadãos a fiel tropa,
Atacar deve do Tirano as guardas.
O socorro de Tripoli e Sidónja,
Ao valor de Zamário cometido,
Já perto das muralhas emboscado,
O terrível final atento espera.

Astarto

Magnânimo Abdolmino, que de Astreia
Com supremo poder o Templo reges!
Bem conheço o fiel, ardente zelo,
Com que tens procurado levantar-me
De um abismo de longos infortúnios.
Enfim, quando julgava que a desgraça,
Com a torrente infame dos rebeldes,
Os amigos fiéis me confundira;
Quando só na sombria sepultura,
Terminar os meus males esperava;
Então vejo o socorro portentoso,
Que em teu ânimo heróico o Céu benigno,
A tão fatais misérias reservava.
Apesar da cautela e vigilância
Do vil usurpador, soubeste atento
Conduzir-me do mísero desterro
Ao sacro asilo destas Santas Aras;
E fazes que meus tristes olhos tornem
A ver os suspirados pátrios lares.

Abdolmino

Descansa, caro Príncipe, que os Deuses
São da aflita inocência protectores
Hoje fugir veremos destes muros
A Violência, a fatal calamidade

Astarto

Dois infelices lustros são passados,
Que prescrito da Pátria fugitivo
As misérias suporte da indigência,
De deserto em deserto agora errando;
Agora exposto às mãos sanguinolentas
De traidores, de infames assassinos;
Enquanto sobre o Trono o vil Auraste
De minha infeliz sorte se gloria.
Ai de mim! Que desgraças espantosas
Choveram sobre nós, caro Abdolmino,
Depois daquele infausto horrível dia,
Aquele dia de terror e pranto!...
Meu infeliz Irmão assassinado
Vi, c'ò a morte a lutar no pavimento
De seu triste Palácio, que soava
C'os gritos da família espavorida;
O Tirano excitando a mortandade,
Praças e ruas inundou de sangue.
Meus anos juvenis do estrago horrendo
Teriam sido vítima inocente,
Se a pronta fuga de teu zelo e indústria,
Das carniceras mãos me não salvasse...
Sagrada Tiro, Templo da Virtude,
Que dos crimes profana o Monstro enorme,
Ao braço vingador as portas abre!

Abdolmino

Ah desgraçado Príncipe! Não sabes
As cruéis opressões, os infortúnios,
Que a tão funesto dia sucederam.
Sobre as próprias ruínas desolada
A triste Pátria inconsolável geme;
De nossos Cidadãos o fiel zelo
Pune o Tirano, como crime infame;
Cada dia se vê o sangue ilustre
Correr sobre os patíbulos horríveis,
Uns da perseguição cruel fugindo,
Nos áridos desertos se abrigaram;
E debaixo do jugo outros curvados,
A mão trémulos beijam que os oprime.
Desvanecido o sanguinoso Auraste
Do poder absoluto que usurpara,
Orgulhoso quebranta as Leis Sagradas,
Sacerdotes e Altares atropela.
No coração despótico ateando
Da violenta paixão as vivas chamas,
Audaz procura a mão de minha filha,
E temo...

Astarto

Céus!... Que dizes Abdolmino?
A mão de tua filha!... Cassiopeia,
Que destinavas desde a tenra infância
Para Esposa de Astarto, meditando
Ligar o ilustre vínculo do sangue,
C'o vínculo Sagrado do Consórcio!...
Audaz Tirano!... Augusto Sacerdote
Deixa que o traje vil, com que a miséria
C'os vulgares escravos me confunde,
Trace a fatal ruína de seu Trono,
Derribar um Tirano com astúcia
Do vencedor o braço não infama.
Roubado a seu furor nos verdes anos,
Desfigurado c'os estranhos climas,
E da impressão da longa adversidade,
Sagaz no cruel peito cravar posso
Um agudo punhal, sem que o rebelde
Conheça a mão, que o sangue vinga ousada
Do desgraçado Irmão; tuas afrontas,
E de meu Povo os míseros clamores.

Abdolmino

Não valeroso Astarto; prevenido
No labirinto deste vasto Templo
A feliz hora espera. Tu só deves
A teu Povo mostrar-te sobre o Trono,
Banhado com o sangue do Tirano.
A tão horrível, portentosa vista,
Seu legítimo Rei reconhecendo,
Tiro consolará, Senhor, as mágoas.
De vis escravos rodeado Auraste,
De seus furores bárbaros Ministros,
Os vigilantes olhos da suspeita
Jamais cerrados tem, e se de nossos
Desígnios o segredo penetrasse,
Só a peitos ilustres confiado,
Quem poderia da fatal vingança
Rebater a torrente sanguinosa?
Entregue a nobre empresa ao valor deixa
De teus leais amigos; não arrisques
De Tiro as preciosas esperanças.

Astarto

A teus sábios conselhos me submeto;
Determina, regula o meu destino,
Que os Céus, os justos Céus, com providência

Teu generoso espírito formaram,
Para firme coluna ser da Pátria;
Para libertador da escrava Tiro.

Abdolmino

Ouvir gemer a Pátria manietada!
Ver empunhar o Ceptro mão traidora,
Do legítimo Rei no sangue tinta,
Com zelo amortecido! Tolerância
É de covarde Cidadão escuro.
Pela própria nação sacrificar-se,
Vingar o Régio Sangue derramado,
É d'Alma ilustre desejada glória
Porém, não desprezemos a cautela.
Retira-te, Senhor, que sinto passos...
Não Ministro de paz, mortal Deusa!
Os furores da guerra não acendo,
Mas protector da mísera inocência,
Abrir ao crime o precipício devo.

CENA II

BAREIA e ABDOLMINO

Abdolmino

És tu fiel Bareia?... Vem, amigo!
Teu diligente zelo excede o tempo,
Tão depressa tornar não te esperava.

Bareia

Senhor! O mesmo amor, que te desvela,
O coração me anima; não ignoras,
Que de leal impulso conduzido
Nos infortúnios do infeliz Astarto,
Fui sempre inseparável companheiro.

Abdolmino

Sim, Bareia; teu ânimo conheço.
Sei, que intrépido a vida desprezando
Defendes a teu Rei, serves a Pátria;
Porém, discursos deixa intempestivos.
Dize: a resolução dos conjurados
Examinaste atento? No semblante
Os segredos do peito ler pudeste?
Nas ilustres cabeças firme achaste

A sacra fé jurada? Ou vacilante
A empresa deferindo algum desmaia?

Bareia

Resolutos, Senhor! Os fiéis Tírios
A sacudir o jugo do rebelde
Constantes no projecto, não vacilam,
Nem perigos e obstáculos ponderam,
Mas antes fervorosos e insofridos
As armas aprontando, só esperam
O favorável assinalado instante,
Dispostos a perder as vidas caras,
Ou resgatar das mãos usurpadoras
O Ceptro dos antigos Reis Fenícios;
Dizem com voz unânime que Astarto
Porão em breves horas sobre o Trono;
E assaltar os infames defensores
Os verás denodados, quando apenas
Romper os ares a sonora trompa.

Abdolmino

Finalmente chegou, propícia Deusa!,
O suspirado tempo: ouvistes os votos
De uma Nação que geme submetida
Ao sanguinoso jugo de um Tirano.
Conter as ternas lágrimas não posso,
Que o júbilo me arranca das entranhas!
Bareia, vai: o Príncipe assegura
Da constância fiel de seus vassalos;
Que à hora costumada dos ocultos
Nocturnos Sacrificios, retirado
No lugar solitário e defendido,
Oferecerei à Deusa ardentes Preces.

CENA III

CASSIOPEIA, MÍLIA e ABDOLMINO

Abdolmino

Vem, cara filha, próspera esperança
Da fortuna de Tiro; o Céu permita,
Que se veja por ti perpetuada
A quase extinta, esclarecida prole
De nossos bons, legítimos Monarcas,
Produtores fecundos da virtude...
Mas tu corando as faces emudeces?...

Bem sei, que meus discursos misteriosos
Achar deves estranhos, porque ignoras
Que o risonho destino hoje te oferece
Abertos os tesouros da ventura.

Cassiopeia

Senhor! A teu respeito submetida,
Minha glória e ventura só consistem
Em seguir obediente os teus preceitos;
Mas, se do Amor de Auraste me não falas?
Não sei qual seja a minha sorte.

Abdolmino

Quê?... Do Amor de Auraste!... Cassiopeia
Crês, que Abdolmino consentir pudesse,
Que a bela e cara filha, único objecto
Dos paternos cuidados, fosse Esposa
De um vassalo rebelde?... Os Altos Deuses
De tão infame laço te preservem;
De um cruel inimigo, que se banha
No triste sangue da oprimida Pátria!
Não, os altos desígnios que medito,
Um esplendor sem mancha te asseguram.
Mas não convém por ora, amada filha,
Que o mistério de todo se revele;
Só te anuncio que os propícios Deuses,
As majestosas Núpcias te preparam
Do Tálamo de Astarto.

Cassiopeia

Qual Astarto?
Um Príncipe, Senhor, que dizem vaga
Da Pátria desterrado, a quem Auraste
Como inimigo sedicioso teme,
A quem busca implacável e indignado,
Para tirar-lhe a perigosa vida!

Abdolmino

Sim, filha, aquele resto precioso
Do sangue dos antigos Reis de Tiro.

Cassiopeia

Caro Pai! Não pertendo temerária
Correr o escuro véu de teus arcanos;
Mas só permite que, submissa, exponha

De minha alma os sinceros sentimentos.

Abdolmino

Sim, dize, bem conheço que respeitas
A Paterna e Suprema Dignidade;
Dize o que sentes, não receeis, filha.

Cassiopeia

Senhor! Como pertendes que, cercada
De perigos funestos e espantosos,
Do perseguido Astarto a mão aceite?
De um Príncipe infeliz a que abomina
O poderoso possessor do Trono,
Que desvelado busca o meu Consórcio.
O sangue dos legítimos Monarcas,
Os direitos do Ceptro irrestaurável,
Nunca a desgraça refrear puderam
Do triste Sucessor esclarecido.
Auraste, que temido e venturoso,
Move absoluto do governo as rédeas,
Sofrerá sem castigo e sem vingança
Afronta tão indigna?... Em que furores
Não romperão as iras dos seus zelos!
Aos mais cruéis excessos da violência,
Pronto o verás correr desesperado.

Abdolmino

A vãos temores não te entregues, filha!
Na Justiça celeste confiada,
Destino tão infausto não receies.
E quem te diz, que os Deuses já cansados
Dos enormes delitos do Tirano,
De Astarto armando o braço não estejam,
Com vingadores fulminantes raios;
E que vejas à luz do novo dia,
Lacerado expirar o vil rebelde,
Debaixo das ruínas do seu Trono?
São muitas vezes, filha, inesperados
Os prósidos socorros que o Céu manda
Em favor dos aflitos inocentes.

Cassiopeia

A Justiça do Céu submissa adoro;
Mas, quantos Monstros inda mais horríveis
Do que pintas, Auraste não tolera,
Sem lhes punir a bárbara insolência!

E que intentas, Senhor, enquanto esperas
Dos Altos Deuses o socorro incerto?
Pertendes, que à fatal desgraça unida
Do fugitivo Astarto a vida passe
Cercada de misérias e temores;
E que pela Fenícia vagabunda,
De um infeliz Esposo siga os passos?...
Não, caro Pai! Não julgues que, iludida
C'o Sólido que me oferece a mão de Auraste,
O miserando Príncipe desprezo;
É, Senhor, o meu único interesse
Prevenir-te a medonha tempestade,
Que o ultrajado amor de um Soberano,
Sobre este Sacro Templo lançar pode;
A qual temo, que em tua Augusta vida
Os funestos estragos principie.

Abdolmino

Os horríveis abismos ver abertos
Na fantasia pávida imaginas!
E não temes que a mão de Auraste infame,
De um vassalo traidor a crimes feita,
Te receba no Tálamo execrando,
Para com duro ferro dar-te a morte?

Cassiopeia

Senhor! Amor não só Tiranos vence,
Mas dos Tigres refreia a crueldade;
E arbitra dos Tronos a fortuna,
E os Mortais, que benigna sempre guia
Por caminhos de flores alastrados,
São os mais respeitáveis dos Humanos,
E quantos com estável, alta glória,
Têm empunhado o Ceptro sem nascerem
Na majestosa Púrpura envolvidos?

Abdolmino

São esses, Cassiopeia, os pensamentos
Da filha de Abdolmino, a quem nas veias
De tantos Reis circula o Sangue Ilustre?
Da Pátria uma inimiga, justos Deuses,
Ma fareis encontrar na cara filha?
Ah! Que este duro golpe mais amargo,
Mais fatal me seria que o da morte.
Não, Cassiopeia; presumir não devo,
Que em tão indigno absurdo cair possas;
Não, filha; antes espero, que seguindo

Do Pai illustre o glorioso exemplo,
De pensamentos em breves horas mudes,
E que vejas as trevas dissipadas
Da confusão escura, em que te deixo.

CENA IV

CASSIOPEIA e MÍLIA

Mília

Senhora, que sinistro sobressalto
Os sentidos te enleia, que em silêncio
Desacordada gemes e suspiras?
Que funestos cuidados te atribulam?
Já temes a procela, quando apenas
Principia a turvar o Céu sereno!

Cassiopeia

Ai de mim!... justos Deuses!... Cara Mília
Sim, de total ruína ameaçadas,
De terno amor as esperanças vejo.
As chamas, que em meu peito atear soube
Um Monarca extremoso, criminosas
São aos olhos de um Pai, a quem respeito,
A quem submissa adoro.

Mília

Não Princesa,
Não presumas que o Pai, que terno te ama,
Insista no projecto, conhecendo
Que em vez de nupciais festões, o leito
De tormentos e angústias te prepare.
Aos gemidos, às lágrimas recorre,
Que a paterna ternura facilmente
O pranto move de uma filha amada.

Cassiopeia

Tu não conheces, Mília, não conheces
Do Pai severo a virtude austera;
O fervoroso zelo em que se inflama,
Pelo sangue de nossos Reis antigos!
O implacável ódio com que Auraste,
O meu Auraste, rígido detesta,
O farão a meu pranto inexorável.

Mília

Pois, Senhora, se teus formosos olhos
O coração de Auraste cativaram;
Que receias, se o braço poderoso
De um Monarca absoluto te defende?...
Se um Pai imóvel a seus brandos rogos,
A negar-lhe se atreva a bela filha:
Que te arranque despótico do Templo,
E a seu régio Palácio te conduza.

Cassiopeia

Que me aconselhas, Mília! Que proferes!
Um acontecimento tão infausto
Fomentar poderia Cassiopeia,
Sem tremer confundida! Ah! Não permitam,
Não permitam os Deuses, que a violência
Estes sagrados pórticos profane;
Que se veja violada a fé devida
Ao paternal supremo mandamento!
Auraste vive neste amante peito,
E menos sentirei da morte o golpe
Que sofrer, que desate o cruel Fado
O brando laço com que Amor nos une.
Mas, a terna paixão, que me domina,
Nunca fará que seja Cassiopeia,
De tão ilustre Pai indigna filha.
Desejos, Trono, Amor, suspiros, tudo
Devo sacrificar a seu respeito.
Venha envolver-me a nuvem da desgraça,
Que ao caro Pai fiel e ao terno Amante,
Serão as tristes lágrimas de Auraste,
Será a minha obediência de Abdolmino.

ACTO II

CENA I

CASSIOPEIA e MÍLIA

Mília

Senhora, que terrível juramento
Acabas de fazer nas mãos paternas!
Queres, que a cega obediência tua,
Em um profundo abismo te despenhe
De inconsoláveis dores, de amarguras?

Cassiopeia

Meus infortúnios são inevitáveis!
E como julgas que salvar pudesse
O desgraçado Amor, em que me inflamo,
Dos cruéis golpes do fatal Destino?
Querias que, infringindo as Leis Sagradas,
Os Supremos Decretos impugnasse
De um Sumo Sacerdote, Pai severo?
Querias que chamasse em meu socorro
Com mão armada o poderoso Auraste;
E que iníqua e perjura descobrindo,
Que estas santas abóbadas escondem
O miserando Astarto, à pronta morte
O entregasse com traição infame?
Ah! Não, de horror o sangue gelar sinto!...
Longe de mim a bárbara impiedade!...
No tormentoso golfo em que flutuo,
Cercada de perigos não desmaio,
Quando a Virtude a naufragar me leva.

Mília

Não, Princesa! Não julgues que me anima
Da crueldade o sanguinoso impulso;
Bem sabes que, zelosa e fiel serva,
Da cândida Virtude o farol sigo;
Mas, de tua desgraça condoída,
Quisera que os solenes desposórios
Tivesses retardado, que esperasses
No decurso do tempo, que costuma
Às vezes remover os duros fados.

Cassiopeia

Que esperar posso da maligna estrela,
Que o Diadema me usurpa, que me arranca
Do terno peito o suspirado Auraste?

Mília

Pois, Senhora, se vês as esperanças
Da ventura, que Amor te preparava,
De todo fenecerem, não te entregues
À crua dor dos males sem remédio;
Segue animosa os passos de Abdolmino,
Que examinando seus desígnios vastos
Alcanço que, no peito prevenido,
Segredo inda mais grave nos esconde;
E quem sabe Princesa...

Cassiopeia

Cara Mília,
Não cuides que minha alma lisonjeias
Vaticinando glórias e venturas.
Não te direi que o Trono majestoso,
A que me levantava a mão de Auraste,
Deixava de ocupar os meus desejos;
Porém, nasceu de mais ilustre origem
O fero Amor que o peito me devora.
O zelo de aplacar o fatal ódio
Que desune, sequioso de vingança,
Um Monarca de um Sumo Sacerdote,
Que no funesto abismo da desgraça
Minha augusta família lançar pode;
A esperança de ver a meu Império
O coração de Auraste submetido,
Para nele gravar a nobre imagem
Do Nume dos Heróis, o Amor da Pátria,
São as brilhantes fochas, que atearam
O perigoso incêndio que me abrasa.
Mas, um suave Amor, a que a Virtude
Teceu os puros e primeiros laços,
Convertido em paixão violenta e cega,
É feroz monstro, que domar não posso.

Mília

Para na dor acerba consolar-te,
Quantos meios, em vão, meu Amor busca!...
Mas sufoca o pesar, o pranto enxuga;
Para nós vejo Astarto encaminhar-se,
E não deves, Senhora, recebê-lo

C'ò rosto perturbado de agonias.

Cassiopeia

Oh Céus! Entorpecer-se a língua sinto.

CENA II

ASTARTO, CASSIOPEIA e MÍLIA

Astarto

Enfim, Princesa, a negra tempestade,
Que de escolho em escolho me arrojava,
A serenar começa; o Céu benigno,
Com tua suspirada mão suaviza
Minhas tribulações, minhas desgraças.
À luz do novo, venturoso dia,
Me serás ante o Santo Simulacro,
Com pompa nupcial apresentada.

Cassiopeia

O sangue ilustre, que me deu a vida,
Que me entrega, Senhor, a teu Império,
Meu arbítrio governa; e me glorio
De executar com cega obediência
Os paternos preceitos absolutos.

Astarto

Entendo, Cassiopeia; dizer queres,
Que o coração isento violentando,
Ao vínculo sagrado do consórcio,
Como a tirano jugo te submetes;
E que cio Pai temendo as Leis severas,
Vítima constrangida, determinas
Na pira nupcial apresentar-te!

Cassiopeia

Senhor! Se a teus desejos satisfaço,
E se do augusto Pai as Leis observo,
Para que me atormentas, importuno?
De um coração escravo que mais queres?

Astarto

Ah Senhora! Os agrados, a ternura

São esses, com que afável lisonjeias
O coração sincero de um Esposo?
Meus grandes infortúnios não merecem
De teus brandos Amores a piedade?
Mas, já que deve o santo nó ligar-nos,
Já que o Céu minha Esposa te destina,
Como não armas, bela Cassiopeia,
Os risinhos afectos, as branduras
Contra o fatal Destino, que me ultraja?...
Mas que, Senhora! Nada me respondes?...
Confundida emudeces e reprimes
O pranto, que nos olhos te rebenta!

Cassiopeia

Deixa-me em paz; à minha liberdade,
Senhor, as leis impõem, sem que examines
Um coração submisso.

Astarto

És tu Bareia?
Que te apressa? Que vens anunciar-me?

CENA III

ASTARTO, CASSIOPEIA, MÍLIA e BAREIA

Bareia

Abdolmino, Senhor, manda avisar-te,
Que um pronto Mensageiro inesperado
Anunciar-lhe veio, que o Tirano
Neste lugar falar-lhe determina;
E temendo seus bárbaros desígnios,
Preveni-los intenta acautelado.
Vem, segue-me, Senhor, que sem demora
Abrir se deve o Pórtico do Templo.

Astarto

Sim, Bareia, eu te sigo; e tu, Princesa,
Não te ostentes cruel, mas branda acolhe
Os íntimos suspiros de um Esposo.

CENA IV

CASSIOPEIA e MÍLIA

Cassiopeia

Ai de mim? Cara Mília, eu perco Auraste,
A Majestade, o Trono, que esperava,
Em prezados grilhões a sorte muda...
Que terrível Destino?... Auraste amado!...
Viver sem ti não pode Cassiopeia.
Um tormentoso cárcere de angústias
Me será sempre o tálamo de Astarto.

Mília

Ah, Senhora! Tropel de guardas sinto,
É sem dúvida Auraste.

Cassiopeia

Ao caro Amante
Que dizer pode o coração aflito?
Oh Deuses!... Que violência?... Constrangida
Me vejo a responder a seus agrados,
Só com lágrimas tristes e suspiros.

CENAV

AURASTE, BADESOR, CASSIOPEIA, MÍLIA e GUARDAS

Auraste

Que vejo!... Cassiopeia!... Como a sorte
Meus ansiosos desejos favorece!
E possível, Princesa, que a meus olhos
No centro do Sagrado Santuário,
Amor ofereça no primeiro objecto
O suspirado Númen, que idolatro?
Que súbita alegria!... Que ternura,
O brando coração me sobressalta!...
Mas suspiras, Senhora, e solta em pranto
De mim afastas o formoso rosto?...
Que mágoa te atribula?... Não respondes?...
Mas que intento, se diz o teu silêncio,
Que um Pai cruel, Juiz inexorável,
Teu amor inocente criminando,
A teus olhos odioso me tem feito.

Cassiopeia

Acusa o duro Fado; não condenes
Um Supremo Ministro dos Altares.

Auras te

Solta a magoada voz, solta, Princesa;
Os prazeres suaviza, com que o peito
Me tinhas c' o silêncio atormentado.

Cassiopeia

Que amor tão extremoso, justos Deuses!

Auraste

Acaba, Cassiopeia! Diz a causa
De tão acerba dor! Mais não oprimas
Um fiel coração que terno te ama;
Que no asilo do Trono, que te oferece,
Salvar-te pode de importunas mágoas.

Cassiopeia

Senhor! Apaga de teu peito amante
A generosa flama... Cassiopeia,
Que Supremo Poder destina Esposa
De um inimigo, de um rival de Auraste,
Não é de teus cuidados digno objecto.

Auraste

Que escuto, oh Céus!... Que dizes, Cassiopeia?
E que inimigo a competir se atreve?...

Cassiopeia

Adeus, Senhor, adeus; perde a lembrança
Desta infeliz Princesa, que inviolável
Guardará o segredo que te esconde,
Entre as mágoas eternas de seu peito.

CENA VI

AURASTE e BADESOR

Auraste

Amigo Badesor; o fundamento

Do pertinaz orgulho de Abdolmino,
Que em suspeitas inquieto me trazia,
Leio na confusão de Cassiopeia.
O delirante amor, as agonias,
Que sua alma atribulam, e descobriram
O segredo que oculta generosa.
É certo, Amigo! Em vão não receava,
O pérfido Abdolmino preocupado
Do fanático amor dos Reis antigos;
Ao fatal inimigo de meu Trono,
Enlaça a bela filha que me nega;
E talvez que o traidor em seus projectos,
Conspire contra a minha Régia vida.

Badesor

A sábia prevenção da mente esperta
Nunca em vão desconfia.

Auraste

Mas, que asilo
Pode roubar a minha vigilância
Esse competidor abominável
Do meu ardente amor e de meu Ceptro;
Quando não há Cidade na Fenícia,
Onde o prémio não tenha sobre Astarto
Armado a mão de prontos Assassinos?

Badesor

Não, Senhor, não vaciles; o adversário,
De que te fala a bela Cassiopeia,
Outro não pode ser senão Astarto.

Auraste

Sim, fiel Badesor; sempre o descuido
Aos Monarcas abriu o precipício.
A ruína evitemos, que ameaça
A croa, que o valor me pôs na frente,
Prometendo tesouros, despendendo;
Com astúcia e prudência se examine,
Se Tiro abriga o sedicioso Astarto.

Badesor

E quem sabe, Senhor, se o Sacerdote
Confiado na sacra imunidade,
Teu inimigo neste Templo esconde?

Auraste

Auraste então verás com mão armada,
Destruir um asilo de traidores;
E do raio fatal de suas iras
Salvar só entre os braços, Cassiopeia...
Mas não: primeiro simulado quero,
Meu rancor invencível disfarçando,
Ver se penetrar posso de Abdolmino
O coração soberbo. Seu orgulho,
Que de ultrajar-me sempre se gloria,
Nos dará facilmente alguns indícios
Dos ocultos designios que medita.

Badesor

Senhor, o Sacerdote vem buscar-te.

Auraste

Prudência, disfarçemos: arte usada
É a simulação nos Soberanos.

CENA VII

AURASTE, BADESOR, ABDOLMINO e GUARDAS

Abdolmino

Que vejo, oh Céus! Auraste acompanhado
De guerreiras espadas, duras lanças,
Entra da santa Paz no Augusto Templo;
Mas, é dos ímpios prevenção seguida.
Em toda a parte de terror cercados,
O braço vingador armado temem.

Auraste

Da Sacra Dignidade à sombra podes
Com pesadas afrontas, Abdolmino,
Desafiar seguro minhas iras;
Pois sabes que, à piedade em que me inflamo,
O Supremo Ministro destas Aras
É tão sagrado como o Simulacro;
Mas não abuses de um devoto zelo:
Que falas com teu Rei, prudente adverte.

Abdolmino

Em Auraste que Rei respeitar devo?
Um vassalo rebelde, um assassino,
Um cruel opressor da triste Pátria.

Auraste

O heróico valor, a nobre indústria
Confesso, que os Direitos são, que a fronte
C'o sublime Diadema me cingiram.
Se o Trono, em que temido e respeitado
A minhas justas Leis submeto o Povo,
Banhei c'o Régio sangue de Adastarto?
Era a preciosa vítima devida
A meu destino, a minha segurança,
Se parricídio, se traição lhe chamam?
Eu gloriosa conquista, ilustre audácia,
E quantos imortais usurpadores,
Venturosos os Tronos ocuparam,
Sem mais direitos, que os da forte espada?
Quantos o Eufrates viu, quantos o Nilo!
Enfim, sou Rei; e deves respeitar-me,
Mas disfarço indulgente vãos insultos;
E quero que a brandura em nossos peitos,
Mude o rancor em cândida amizade.
E do suave laço indissolúvel
Quero que, sem demora, o penhor seja
A bela mão da cara Cassiopeia.
Obedece, Abdolmino, não vaciles,
Pondera que me ofendem teus repúdios,
E que posso mostrar-te justo,
Que um rebelde soberbo Sacerdote,
Ultrapassando a seu Rei, profana as Aras.

Abdolmino

Parta o raio das mãos da tirania;
Que nos braços da Pátria fulminado
Darei contente os últimos suspiros.

Auraste

Deixa vãs arrogâncias; não prossigas
Pertinaz na fantástica virtude,
Em desprezar a próspera aliança,
Que te oferece um Monarca. Cassiopeia
É digna do esplendor da Majestade;
E de meu peito o puro amor ardente,
Dilações importunas mal sofrendo,
Vem apressar o venturoso instante,

Em que Tiro subir ao Trono veja,
Cassiopeia da púrpura vestida.

Abdolmino

A filha de Abdolmino, que da glória
E da virtude a pompa só conhece,
Generosa despreza um Trono infame,
Onde reina a traição e a tirania;
Um Monumento eterno das desgraças
Dos herdeiros legítimos do Ceptro.

Auraste

Às ilusões entregue da vanglória
Me fazes entender, que cego intentas
Preferir a um Monarca poderoso,
O miserando, fugitivo Astarto.

Abdolmino

A Virtude, que em tão fatais misérias
Seu coração magnânimo acompanha,
E para mim tesouro mais sublime,
Que o alto Sólido, que absoluto ocupas.

Auraste

Em confusos rodeios não te canses;
Não dissimules; dize quando esperas,
Que o meu Competidor com mão armada,
Auraste despojar do Ceptro venha?

Abdolmino

Seus projectos ignoro, mas quem sabe,
Se os Deuses vingadores dos delitos,
Aos clamores de um Povo desolado,
O fatal raio do castigo acendem.

Auraste

Sem que rasgues o véu de teus enganos,
Já tenho penetrado o seio escuro
Dos odiosos desígnios, que me ocultas;
Astarto, que infiel no Templo escondes,
De infames Conjurados socorrido,
Contra minha fortuna tens armado,
Para no Sólido, a que elevá-lo esperas,
Coroar vingativo a cara Filha...

Vê, se percebo o fim de teus mistérios?

Abdolmino

Para te destruir as vãs suspeitas,
E serenar os pânicos temores,
Que o criminoso peito te atribulam,
Executar magnânimo promete
A justa condição que vou propor-te.

Auraste

Meu coração, que de tirano acusas,
Respeitar sabe a cândida Justiça:
Propor a condição seguro podes.

Abdolmino

A mão de minha Filha ansioso buscas?

Auraste

Que mais certeza queres, que o desvelo,
Com que ligar desejo o Nó Sagrado.

Abdolmino

Pois às régias grandezas, ao Diadema,
A Virtude prefere! Os grilhões solta,
Em que geme cativa a triste Pátria,
Um nobre Cidadão, fiel vassalo
Faz de um Rei traidor! Nas mãos de Astarto
A Coroa depõe, depõe o Ceptro,
E serás digno genro de Abdolmino.

Auraste

Mas que penhor segurar-me pode,
De que Astarto se esqueça sobre o Trono,
De castigar do Irmão a crua morte?

Abdolmino

Minha palavra; a mão de Cassiopeia.

Auraste

Enfim, se astuto pérfida cilada
Debaixo da Virtude não escondes;
Se o amigo, que em tuas mãos se entrega,

Premeditas salvar com peito ingénuo,
De um abismo de opróbrios e perigos?
A mostrar-te, Senhor, estou disposto,
Que Auraste são conselhos abraçando,
Mais ávidos da glória que do Sólido,
Detesta a vã cobiça, que às grandezas
Pela estrada do crime o conduzira...

Abdolmino, sem dúvida te espanta
Minha resolução inesperada!

Mas conhece de meu heróico peito
O sincero desejo, com que busca
Da fiel amizade atar os laços.

A Suprema, usurpada Majestade,
Suplício de remorsos e temores,
Ufano e voluntário Sacrificio
Às virtudes da bela Cassiopeia.

A brilhante fantasma do Diadema
Desaparece a seus formosos olhos...

Manda avisar Astarto; empunhar venha
Dos Augustos Avós o áureo Cepetro,
Que das Reais Insígnias despojado,
Tornarei pronto... Quero sem demora,
Sobre as Aras jurar a vassalagem
Se cai no laço morre.

CENA VIII

Abdolmino

Justos Deuses!
Aos agudos espinhos dos remorsos
Um cruel coração sensível vejo.
De amor a prisão doce domar pode,
A sequiosa avareza, o fero orgulho!
A mão da cara Filha são as armas,
Que restauram de nossos Reis o Cepetro;
Que a Pátria salvam, que um rebelde vencem!...
Será possível que meus olhos vejam
Reinar a santa Paz, a sã Justiça,
Sem que se arrisque em férvido combate
De leais Cidadãos o Sangue Ilustre;
E que Tiro confesse que se deve
A Cassiopeia a pública saúde?...
Mas, que não podem os propícios Deuses!...

ACTO III

CENA I

CASSIOPEIA e MÍLIA

Mília

Dos anos a risonha Primavera
Das lágrimas no Inverno mudar queres?
Senhora, que desastre vem de novo
Duplicar da tua alma atribulada
Os temores mortais, as agonias.

Cassiopeia

As dolorosas lágrimas que solto,
Serenar compassiva em vão pertendes;
O triste alívio, Mília, não perturbes
De um coração aflito e desgraçado,
De um coração que geme submetido
De amor e da Virtude ao cruel jugo;
Tiranos inimigos, conjurados,
Contra uma fraca, mísera Donzela.
Não me desampareis! Animai, Deuses,
De meu peito a Virtude vacilante
Contra os combates de paixão violenta!
Sepultai no profundo esquecimento,
O nome amado do Tirano Auraste!...
Mas oh! Que a proferi-lo que palpita,
Apesar da fatal atrocidade,
O brando coração enternecido.
Ah Mília! Que farei? O caro amante,
Extremoso e cruel, me oferece o Trono,
Com o sangue do Príncipe banhado.

Mília

Com o sangue do Príncipe? Ah Tirano!

Cassiopeia

Confesso que, de horror e susto cheia,
Começa a parecer-me abominável
O louco Amor que arder no peito sinto;
E, detestando a bárbara perfídia,
Desesperada e tímida quisera...
Ah! Que forcejo em vão! Soltar não posso,

As indignas cadeias que me ligam.

Mília

E como pode o sanguinoso Auraste
O golpe assegurar? Descobrir soube
Que o Templo esconde o miserando Astarto,
E violar resolve o Sacro Asilo?

Cassiopeia

Os caminhos ignoro, que a desgraça
A tão cruel desígnio tem aberto;
Espera, que do horrível sobressalto
O perturbado coração sossegue,
E aqui onde mais viva resplandece
A luz dos lampiões, ouvirás Mília
Ler a funesta carta que me escreve
O terno Amor com Mão sanguinolenta.
Astuto o mensageiro costumado
Acaba de entregar-ma; inda não posso...

Mília

Solta, Senhora, os vergonhosos laços,
Com que Amor iludiu tanta inocência;
Que esperas de um Tirano, um assassino,
Ódio dos Deuses, dos Mortais flagelo?
Esperas, que te suba ao Trono infame,
Tribunal execrando de delitos?
Esperas, que sacrílego verdugo
Manchar venha este Sacro pavimento
C'o miserável, inocente sangue?

Cassiopeia

Ai de mim! Cara Mília, rodeada
De espantosos remorsos e temores,
Irresoluta tremo, se da glória
Sigo o caminho! O passo me embaraça,
O feroz Monstro que em minha alma abrigo;
Vejo iminente a bárbara vingança,
Sobre a vida de um Pai que terna adoro;
Se de Amor cego deixo conduzir-me?
A Pátria precipito, o Pai ultrajo,
A um Príncipe inocente sacrifico...
Mas ilesa triunfe minha glória,
Abra-me embora Amor a sepultura.

CENA II

ASTARTO, ABDOLMINO, BAREIA, CASSIOPEIA e MÍLIA

Abdolmino

Sim, vai, Bareia! A nossos aliados
Anuncia a ventura inesperada,
Com que dos Céus a pronta Providência,
Da triste Pátria as lágrimas consola.
Dize-lhes, que os supremos Justos Deuses
A seus ilustres peitos evitando
Das armas o furor sanguinolento,
A vitória propícios lhe concedem;
Dize-lhe, que o Tirano combatido
Dos suaves farpões da formosura,
Ao triunfante Amor as armas rende;
Que o público repouso suspirado
Firma, esposo da bela Cassiopeia;
Dize-lhes...

Cassiopeia

Ah ! Permite, que interrompa
Tuas ordens, Senhor... Bareia, espera.
Oh Deuses!... Ai de mim!... A língua presa
Falar repugna...

Abdolmino

Filha, que amargura
De tua alma perturba os movimentos?
Livra de confusão um Pai que te ama.

Cassiopeia

Senhor! Que nova sorte mudar pode
O meditado fim de teus projectos?
No mesmo instante, em que fatal me pintas
Auraste infame, pérfido e tirano;
Que a Mão cruel a detestar me ensinas;
E quando resoluto a dar a vida
Pelo sangue de nossos Soberanos;
Apesar de gemidos e de angústias,
Ao funesto consórcio me constanges!
De Astarto desgraçado determinas,
Que de um vil assassino seja Esposa?

Abdolmino

Sim, cara filha! Os soberanos Deuses
De improviso as desgraças acabaram
Da lacrimosa Tiro; e, prevenindo
As amarguras de teu brando peito,
Sensíveis aos ardores que te inflamam,
Propícios teus desejos satisfazem:
O tálamo de Auraste te concedem.

Cassiopeia

Ah Senhor! Que me dizes? Tu resolves
O Príncipe entregar à morte crua?

Abdomino

Sossega, Cassiopeia, não te espantes,
Da súbita mudança do Destino.
Da benéfica Paz a Divindade,
Ouvindo nossos míseros clamores,
Salva com portentosa mão benigna,
Do triste abismo a deplorável Pátria;
Tuas Virtudes, tua formosura
São as fortes cadeias que domaram
O coração de um Tigre carniceiro,
Que os altos Deuses, quando lhes agracia,
Com débeis armas poderosos vencem!
O Tirano rendido a teus encantos,
Combatido de horrores e remorsos,
Delitos detestando, a seu Monarca
Submissa vassalagem fiel jura,
E depondo a coroa, que usurpara
Só merecer-te súbdito medita:
Teu consórcio prefere à Majestade.

Cassiopeia

E que certeza terei da fê sincera
Que Auraste te protesta arrependido?

Abdolmino

O solene, sagrado juramento,
Que há-de vir celebrar em breve tempo,
Sobre estas Santas Aras despojado.

Cassiopeia

Ah, Senhor! Que te engana. Auraste busca,
Astuto e caviloso, seduzir-te,

Para seguro em pérfidia cilada
Dar ao mísero Astarto cruel morte.

Abdomino

Que dizes, Cassiopeia?... Céus, que escuto!
Será possível que o traidor Auraste
Sagaz cobrindo o coração perverso,
Com o véu do remorso e da piedade,
Pôr no Altar sacrílego pertenda
As cruéis mãos de sangue cobiçosas,
E que perjuro ateste os altos Deuses?

Cassiopeia

Nesta Carta, Senhor, conhecer podes
O fiel coração da cara filha
E de Auraste a sacrílega impiedade.

Abdolmino

“Descansa, Cassiopeia, a mão de Auraste
De um rival atrevido apoderada,
Pronta a descarregar da morte o golpe,
De nossos corações a paz segura.”

Astarto

Traidor infame!

Bareia

Oh Deuses!

Mília

Gelo e tremo.

Abdolmino

Horrível monstro, opróbrio dos humanos!
Trovejai, justos Deuses! Da vingança
Lançai o furibundo fatal raio...
Vem a meus braços, virtuosa Filha!
Vem a meus braços ínclita vergôntea
Do Tronco Ilustre dos Monarcas lírios!
Tu as paixões indómitas vencendo,
De novo precipício a Pátria salvas;
E de um Pai enganado os olhos abres,
Que a despenhar-se caminhava cego;

Mas em breves momentos, cara Filha,
Espero, que o tirano fraudulento,
Com destroço fatal vejas punido,
E que o régio Diadema o prêmio seja
Da magnânima Filha de Abdolmino.

Astarto

Generosa Princesa, sempre Astarto...

Cassiopeia

Cassiopeia, Senhor, obra o que deve...
Caro Pai! Salva o Príncipe, se podes;
Da funesta ruína te acautela,
Que teus augustos dias ameça
E deixa, que da Filha o triste peito
Em lágrimas eternas se consuma.

CENA III

ASTARTO, ABDOLMINO e BAR EIA

Abdolmino

Príncipe, que terrível precipício
Nos tinha o vil rebelde quase aberto!
Alucinado de um sincero zelo
Acreditei seus votos, sem lembrar-me
Que no peito traidor a fé não mora;
Mas os Supremos Deuses vigilantes
Das ciladas dos ímpios sempre zombam.

Astarto

De meu peito, Abdolmino, satisfaze
O valor reprimido, a impaciência;
Permite que, vibrando dura espada,
Na frente dos ilustres conjurados,
Sobre o traidor desfeche o mortal golpe,
Ou morra, como Herói...

Abdolmino

Senhor, não debes
Expor às inconstâncias do combate
A preciosa vida, de que pende
O sossego da Pátria.

Astarto

Pois que esperas?
Esperas que o rebelde o Templo cerque
De sacrílegas armas, e que Astarto
Manietado leão, aos duros golpes
Só inúteis rugidos bravo oponha?

Abdolmino

Um valor cego, Príncipe, refreia;
E malograr não queiras, temerário
A gloriosa empresa começada;
Descansa, que os desígnios do Tirano,
Embaraçar pertendo simulado,
Até que o destinado instante chegue,
Da tua exaltação, do seu destroço.
Bareia! Voa a nossos aliados;
De novo acende seu ilustre zelo,
Contando-lhe as pérfidas insídias,
Que nos tecia o bárbaro Tirano;
Diz-lhes, que do Templo se acham prontas
As seguras, incógnitas entradas,
Por onde receber e dar avisos
Podemos sem suspeita; vai, Bareia...
Sim, caro Astarto; o ânimo serena,
Que inflamado de puro amor e zelo,
Ao lugar costumado me retiro
Das súplicas ocultas, onde espero
Com fervorosos votos, com ofrendas
A mão de Astreia armar em teu socorro,
Que triunfante... Mas ah! Que rumor sinto...
Retira-te, Senhor, não te demores.

Astarto

Ah! Que o furor de balde se me agita!

Abdomino

Vem, pérfido tirano! Que Abdolmino
Saberá rebater-te a vil astúcia.

CENA IV

ABDOLMINO, BADESOR e AURASTE

SEM PÚRPURA; UMA PERSONAGEM COM A COROA E O CEPTRIO EM
UMA BANDEJA, A QUAL FICA NO FUNDO DO TEATRO, ADIANTE DAS
GUARDAS.

Auraste

Fiel às minhas ordens, vigilante,
Meus movimentos, Badesor observa.
Senhor! O soberano que abominas
Já se desvaneceu; aqui tens pronto
O vassalo fiel que amas e prezas,
A detestar em tuas mãos augustas
Os delitos que cego cometera;
A merecer, restituindo o Trono,
De Cassiopeia às suspiradas núpcias.
Aceitar venha Astarto a vassalagem,
Que a jurar-lhe submisso estou disposto;
Da minha própria mão receber venha
As insígnias da Sacra Majestade,
De seus Régios Avós devida herança.
Estes guerreiros trago, porque sejam
Da expiação solene testemunhas...
Astarto, aonde está? Seguro pode
A um súbdito fiel apresentar-se...
Mas que vejo? Senhor, tu submergido
Em sombrio silêncio!... Não respondes?

Abdolmino

Senhor! Com simulados fingimentos
Vens zombar de um Supremo Sacerdote!...
Deixa-me entregue à dor que me atribula;
E não abuses do sincero zelo,
Com que salvar-te, à sombra da Virtude,
Do nome horrível de traidor infame
Crédulo imaginava; em paz me deixa,
Que a dor, de que me sinto penetrado,
O uso dos sentidos me embaraça.

Auraste

Sem dúvida, Abdolmino, arrependido
Do sublime projecto que formaste,
Queres com algum frívolo pretexto
Do peso aliviar-te, que recusas.

Abdolmino

De benéfico auxílio, de altos feitos,
Nunca Abdolmino soube arrepender-se.

Auraste

Pois se me vês da Púrpura despido,
Da Coroa e do Ceptro despojado;
Porque a meus impacientes, puros votos,
Pronto o meu Soberano não concedes?

Abdolmino

Ah fingido Tirano! Porque sabes
Que o legítimo Rei já não existe,
Liberal e magnânimo te ostentas?
Neste mesmo momento, com certeza
Acabo de informar-me que um verdugo
Tuas ordens cruéis executando,
Junto do Nilo lhe tirara a vida,
E na funda corrente o sepultara.

Auraste

Neste mesmo momento me avisaram,
Que de leais amigos socorrido,
Astarto viram a passada noite
Entrar seguro em Tiro.

Abdolmino

Assim quisera
O piedoso Céu!... Mas acabaram
De Tiro as lisonjeiras esperanças.
A crua morte te assegura o Trono;
Gozá-lo sem temor contente podes,
Já que os Deuses assim o permitiram.
Fica-te em paz, deter-me aqui não posso
Que a hora dos nocturnos sacrificios
Me chama ao costumado Altar oculto,
E os Santos Ritos alterar não posso.

CENA V

AURASTE, BADESOR e GUARDAS

Auraste

Vai, astuto rebelde, mas não cuides
Que me alucinam teus estratégias...
Leva as Reais Insígnias; e vós, guardas,

Dos Pórticos do Templo assegurai-vos,
E defendei que entrar ou sair possa
Pessoa alguma... Badesor amigo!
Vigilante o soberbo Sacerdote
Soube ler de meu peito os ardilosos
Simulados intentos, e pertende
Iludir-me com frívolos enganos,
Para seguro acrescentar as forças
Da vil conjuração, que audaz fomenta.

Badesor

Se, prevenido, o risco não atalhas,
Sem dúvida, Senhor, te precipitas.
Bem sabes que, de prémio cobiçosas,
Verdadeiras espias com certeza
Me afirmaram, que Astarto se acha em Tiro;
Que de sublevação o rumor surdo
Começa a semear-se

Auraste

Indigno Povo,
Que nem com opressões, nem benefícios,
Posso ver obediente e subjugado!
Mas, sem respeitar Ídolos nem Aras,
Punir protesto com vingança horrível,
Dos vis Rebeldes a soberba audácia.

Badesor

Voar não deixes o oportuno tempo;
Detido em ameaças não esperes,
Que estale a negra nuvem que fuzila;
Teu fatal inimigo certamente
Refugiado neste asilo busca
Com súbita surpresa derribar-te.

Auraste

Não me dilato; resoluto corro
A firmar com o sangue dos traidores
O Ceptro, que nas mãos vacilar vejo,
E atalhar quero na primeira origem
A torrente dos males que receio.
No peito do orgulhoso Sacerdote
Vou cravar da vingança o punhal duro;
Junto do mesmo Altar, onde o rebelde
Vai oferecer à Deusa indignos votos,
A vítima será de meu sossego...

O perigoso obstáculo se vença
De meu ardente amor e de meu Trono.

Badesor

Senhor, bem sei, que um Soberano deve
Tudo sacrificar à Majestade;
Porém vê, se o terror evitar podes
De manchar o Santuário com o sangue
De um Supremo Ministro.

Auraste

Que o fanático vulgo errado sigo;
E que devoto, que sincero adoro,
De mulher fraca um Ídolo formado
Pela superstição, de que se vale
Do sacerdócio o corpo sedicioso,
Para com fronte ornada da Tiara,
Avaro dominar os cegos Povos
E dos Reis assombrar a Majestade.
Se temesse dos Deuses a Justiça!
Só do Jordão, Auraste o Deus temera;
Mas, da ambição e da fortuna o Nume
Só temo, só adoro.

Badesor

Mas que esperas
Sabendo Cassiopeia, que puniste
Com dura morte o Pai, que ama e respeita?

Abdomino

De Cassiopeia o coração conheço,
Sei, que do terno amor, e só do Trono
Respeitar a potestade, em cujas Aras
Pronta a sacrificar a Natureza
Virá c'o rosto em lágrimas banhado
Beijar a mão que o golpe executará;
Eu mesmo, por juntar a meus extremos
De seu Libertador a nova glória,
Lhe mostrarei o braço justiceiro.
Enfim, corro à vingança; apoderar-me
Vou do lugar oculto e solitário,
Onde o ídolo apenas se divisa,
De uma luz moribunda aos frouxos raios;
E co'as bastas colunas confundido
Desfecharei seguro o mortal golpe;
Depois, em armas pondo meus guerreiros,

A cidade farei cercar e o Templo.
Segue-me Badesor, e verás como
Sei castigar audazes revoltosos.

ACTO IV

CENA I

CASSIOPEIA e MÍLIA

Cassiopeia

Sim; o fatal segredo, cara Mília,
Antes de retirar-se ao Sacrifício,
Meu Pai me revelou: os conjurados
Vão atear o fogo da vingança.

Mília

Deixa, que Tiro as lágrimas enxugue
Um tirânico jugo sacudindo,
Oh Deuses, dos delitos vingadores!
Dai a vitória a nossos combatentes,
De vossas iras rígidos Ministros.

Cassiopeia

Que funesta vitória Uma vitória
Incerta e perigosa, que sem pranto
Não podem ver meus olhos desgraçados.
Parcial da perfídia, Amor maligno!
Por que me deste o mágico veneno
Pela mão criminosa de um Tirano,
Que amável representas a meus olhos?
Queres que o vil opróbrio participe,
Que seus odiosos dias acompanha?
Ah não cruel! Apressa a minha morte,
Mas deixa, que da glória os resplendores
Me rodeiem na fria sepultura.
Mas ai de mim... Que escuto?... Cara Mília!
Que gemidos? Que fúnebres clamores
Estas altas abóbedas ferindo,
Vêm lá do centro escuro e defendido,
Anunciar-nos o terror e a morte?

Mília

Esmorecida tremo;... Céus valei-me!

Cassiopeia

Oh Deuses! O pavor me prende os passos;
Quem me socorre!... Mas, pisadas sinto...
Ah Príncipe? Dissipa meus temores.

CENA II

CASSIOPEIA, MÍLIA e ASTARTO

Cassiopeia

Sim, dize, que fatal súbito acaso,
Motivar pode tão funesto espanto?...
Mas oh Céus! Que desgraça me predizem
Teus olhos perturbados, e teu rosto
Desfigurado, de terror coberto;
Esse profundo, atónito silêncio?

Astarto

Deplorável Princesa! Que Destino?...

Cassiopeia

Que! Choras meu Destino? Que infortúnio
Em meu favor moveu tua piedade?

Astarto

De teu augusto Pai a crua morte.

Cassiopeia

Ah! Não dizes, Senhor?... Meu Pai é morto?...
Meu Pai é morto!... Ah Filha desgraçada!

Astarto

Ai de mim! Sim Princesa, atravessado
De um agudo punhal rendeu a vida
Junto do Altar da Deusa.

Mília

Que impiedade!

Cassiopeia

Infeliz Cassiopeia!... Filha ingrata!

Em tão acerba dor inda respiras?...
Inda a morte não vem despedaçar-te
O coração aflito?... Justos Deuses!
Quem vos suspende o raio do castigo?...
Deixais entregue a mísera inocência
Aos devorantes monstros da impiedade!...
Oh desesperação!... Oh dor!... Oh morte!...
Dize que mão sacrílega, que tigre,
Sem tremer, derramar o sangue pode
Do caro Pai, de um Sumo Sacerdote?

Astarto

O sombrio lugar, a pronta fuga,
O agressor escondeu a nossos olhos.

Cassiopeia

Abominável Monstro, que os Infernos...
Mas que vejo!... Que horror!... Será possível?...
Que funestas suspeitas se despertam
Na minha fantasia atribulada!
Mas que duvido? Se os sinais horríveis
Me descobrem o bárbaro assassino.

Astarto

Aonde, aonde está?...

Cassiopeia

Deus da vingança,
Arma de agudo ferro minhas iras!
Cruel! Não dissimules teus vestidos,
E a mão atroz banhada em vivo sangue.

Astarto

Banhado em vivo sangue!...

Cassiopeia

Sim, perverso!
A confusão te acusa, testemunhos
Mostrando incontestáveis a meus olhos
De teu delito enorme.

Astarto

Céus! Que escuto.

A desesperação mortal serena,
Que os turvados sentidos te confundem.
Princesa, agora advirto, que abraçando
Do caro amigo o mísero cadáver
Manchei no quente sangue, que brotava...

Cassiopeia

Ah pérfido! Não julgues, que os pretextos,
Que simulado, artificioso inventas,
Possam do crime atroz justificar-te.
O vivo sangue, que vingança grita,
Te convence da bárbara maldade.

Astarto

A inocência acusada não desmaia,
Nem a justificar-se a frente inclina.
As injustas afrontas, as calúnias
Com que desatinada e suspeitosa
Combates de minha alma a glória ileza
São delírios da dor, que te magoa,
Que minha compaixão desafiando,
Só duplicam o pranto inconsolável,
Que ao desgraçado Amigo sacrifico;
A dor que te confunde desafoga...

CENA III

CASSIOPEIA, ASTARTO, MÍLIA e BAREIA

Bareia

Senhor, das tropas do Tirano armadas
Pela Cidade toda o tropel soa,
E de soldados numeroso corpo
Cercando o Templo vai de agudas lanças.
O cruel penetrou nossos projectos,
E da vingança empunha a dura espada.
Aos conjurados vamos ajuntar-nos,
Antes que neste asilo surpreendidos
Da Tirania, Vítimas sejamos.
De escravo, o traje vil que nos disfarça
Uma livre passagem nos segura.

Astarto

Vamos, fiel Bareia, e denodados

Na frente rios amigos resolutos,
Caras vendamos ao Tirano as vidas.

CENA IV

CASSIOPEIA e MÍLIA

Cassiopeia

Não duvidemos, Mília, é mais que certo;
Não viste como o pérfido verdugo,
Soberbo disfarçou o crime horrendo?
Ah não Mília! Orgulhosa não despreza
Justificar-se a cândida inocência.

Mília

Ai de mim! Em tão hórrido desastre
Gelado o sangue sinto; a dor, o espanto,
Prenderam de minha alma os movimentos:
A confusão enreda meus sentidos.

Cassiopeia

Mortífera serpente, que Abdolmino
Generoso abrigou no amigo seio,
Para beber-lhe ingrato o caro sangue!...
De um Pai assassinado augustos Manes!
Vossos gritos penetram meus ouvidos;
Um vingador clamais; sim, Cassiopeia,
Corre a buscar o vingador terrível.
Sofrei em paz, sofrei, Manes Sagrados!
Que me sirva da pronta mão armada,
Que me ofereça a desgraça, que me cerca...
Sim, adorado Pai, a mão de Auraste,
Que da Tiara ornado detestavas,
Teu sangue vingará; a sorte ordena,
Que da tua família deplorável
Seja o propício, o único refúgio;
Mas o suave abrigo, com que espero
Me ampare na orfandade lacrimosa;
A Vítima, que vai com ferro duro
Consagrar-te nas aras da vingança,
Te cobrirá de paz a sepultura.

Mília

Ah serena o furor! Deixa que em pranto

Das mágoas se dissipe a negra nuvem,
Que os sentidos confusos nos envolve;
E não vás delirante despenhar-te.
É possível que Astarto?...

Cassiopeia

Que? Duvidas:
O cruel assassino desconheces?
Ah! não duvides, Mília, não suspendas
A desesperação, que do castigo
Me leva a procurar o justo golpe.
Entre os braços de Auraste vou lançar-me,
Socorro contra o pérfido gritando.

CENA V

CASSIOPEIA, MÍLIA, AURASTE e GUARDAS

Auraste

Que lacrimosa voz, que peito aflito
Chama em socorro Auraste?

Mília

Justos Deuses!

Cassiopeia

A triste Cassiopeia a tua Esposa,
Que, enfim, chegou o suspirado instante;
Porém cheio de lágrimas e dores.

Auraste

Senhora, deste asilo de rebeldes
Deixa a triste morada; em meu Palácio
Entre as delícias vem da Majestade
Esquecer importunas amarguras,
E receber a mão que, poderosa,
Te libertou de um Pai inexorável.

Mília

Que escuto? Oh Céus!

Cassiopeia

Acaba de explicar-te.

Auraste

Sim, Cassiopeia! De Abdolmino a morte
Foi de meu terno amor um Sacrificio;
Mas falta segurar nosso repouso
C'o sangue do rival: ...anda mostrar-me
Este inimigo audaz e sedicioso!

Cassiopeia

Ímpio Tirano!... Mília!... Deuses!... morro.

Mília

Princesa!... Céus, valei-me.

Auraste

Cassiopeia!
Vergonhosa pensão de um peito fraco,
A quem da Natureza os movimentos
São um duro suplício... Céus! Que vejo?...
Como da morte as sombras lhe tornaram
Das belas faces pálidas as rosas!
Mas já copiosas lágrimas desata;
E o sufocado espírito começa
A libertar-se da opressão violenta.

Cassiopeia

Oh Deuses!... Ai de mim!... Funestos Deuses!
Deparai-me da morte um instrumento...
Ah Tirano! Aqui tens da Filha o peito:
Acaba de esgotar, sequioso tigre,
O sangue de Abdolmino!... Sombra amada!
Que me girais em torno; que severa
Os erros de uma ingrata Filha acusas,
Suspende as justas iras; de meus olhos
Já se dissipa a vergonhosa sombra,
Que da virtude os raios me escondia.
Ah cega Cassiopeia! Que a inocência
Acusastes de um crime o mais infame;
Que a lançar-te nos braços da perfídia
Como a seguro abrigo caminhavas.
Mulher indigna! Treme de teus erros...
Assassino da Púrpura vestido,
A meus olhos te esconde, que indignada

As medonhas cavernas do Cocito
Descerei implacável, nua Sombra;
E da vingança o braço formidável
Armarei de mortíferas serpentes.
Treme, Tirano enorme!... Vamos, Mília!
Sobre o triste cadáver chorar vamos.

CENA VI

AURASTE e GUARDAS

Auraste

Que inesperado, que terrível golpe!...
Retirai-vos, oh Guardas! Mas não longe
Da minha voz... Que inferno de tormentos
Meu coração combate e despedaça!
Em que abismos me vejo submergido?
De perigos cercado, apenas gozo
De um sono fugitivo à fatal sombra,
De suspeitas armadas sentinelas.
Em toda a parte vejo suspendida
Da morte a nua espada sobre a fronte;
E só faltava, Auraste, a teus horrores,
Que a bela Cassiopeia levantasse
Para acusar-te a voz enfurecida.
Julguei, que parcial de meus delitos
Buscar viesse a mão c' o sangue tinta,
Para enxugar-lhe o doloroso pranto;
Incauto fui: de seu amor ardente
Cego esperei demasiado esforço...
Mas tu, Auraste, tremes?... Tu deliras?...
Amigo fraco, que aturdido escutas
De amor, e do remorso o grito inútil,
Quando respira contra ti armado,
O funesto inimigo de teu Ceptro;
Às ilusões do Vulgo os olhos cerra;
Ao triunfo corramos: olá Guardas.

CENA VII

AURASTE, BADESOR e GUARDAS

Auraste

Amigo Badesor! Já da Cidade

Toda a guarnição fica sobre as armas?
Atento registaste minhas tropas,
E para rebater qualquer surpresa,
Conheces, que terei forças bastantes?

Badesor

Tudo está prevenido, não receies
De vis rebeldes temerário assalto.
Em sítio conveniente, Senhor, ficam
Postadas vigilantes sentinelas,
E das portas as guardas reforçadas,
Tuas ordens na frente das fileiras
Os fortes Capitães prontos esperam,
E cercados os muros deste Templo
De formidável, numeroso corpo,
De teu rival a presa te asseguram...
Mas dize, descobriu-te, Cassiopeia
O lugar, onde o pérfido se esconde?

Auraste

Não, Badesor; a tímida Princesa
Viu com horror a frente do assassino,
E armando-se das setas da virtude
Irada o terno amor lançou por terra;
Pisou c'os pés desejos e esperanças.

Badesor

Foi impulso da dor; não desesperes.
Deixa que a dura mágoa desafoque,
Que em pranto dissipada não eclipse
A seus olhos do Trono os resplandores.
Cassiopeia verás atar de novo,
Risonha, os laços que soltou furiosa.

Auraste

Imaginar não podes os furores,
Em que aflita rompeu desesperada,
Que exalados em duras ameaças,
Imprecações horríveis, vis ultrajes
Caíram sobre mim; e te confesso,
Que oprimido me vi, me vi confuso.

Badesor

Pois um constante peito costumado
A abrandar os Altares da fortuna

Com o sangue de súbditos ingratos,
Treme de Amor, aos pânicos reveses?

Auraste

O carniceiro Rei das bravas feras,
Que faminto nos membros dos Humanos
Os dentes seva; lânguidos rugidos
Lança de amor rendido ao brando Império.

Badesor

Bem sabes, que zeloso sempre guio
O carro triunfal, a que a soberba
Arrastras deste Povo manietada;
Assim meu Rei, se atendes e conheces
A virtude, que brilha em meus conselhos,
Em queixumes de Amor, em vãos suspiros,
Distraído não pares indolente;
Cuida em firmar a vacilante base
Do Trono, em que te pôs a forte espada,
E depois entre os braços do repouso,
O brando amor te croará de flores.

Auraste

Sim, amigo fiel, tu sempre foste
A mais firme coluna de meu Sólido;
Grato a meus benefícios te desvelas,
Em prevenir a negra tempestade,
Que se arma a contrastar a sorte minha.
A cilada fatal de que não pode
Meu funesto adversário libertar-se,
Animará talvez a socorrê-lo
O fanático bando dos rebeldes.
Mas neste vasto cárcere deixemos,
De temores cercado o miserável,
Enquanto vamos do maior incêndio
Embaraçar, que a chama se levante.
Sim, vamos, Badesor; observar quero
Meus fortes Capitães e minhas Armas,
E dar atento as necessárias ordens.

CENA VIII

ASTARTO e BAREIA

Bareia

Ah, que intentas, Senhor! Abalançar-te
Queres no meio das iníquas Guardas.

Astarto

Corro ao fatal refúgio, onde me guia
A desesperação; ousado quero
Morrer tinto no sangue do Tirano.
Não me suspendas, de um desesperado
Aos extremos furores não te oponhas.

Bareia

Ah, Senhor! Não vás cego despenhar-te,
A teus pés to suplico; por aquele
Fiel amor, com que sofri constante
De teu desterro os longos infortúnios;
Pelas aflitas lágrimas da Pátria.

Astarto

Cruel e caro Amigo, que me privas
De morrer libertando a triste Pátria
De um Monstro, que as entranhas lhe devora;
De vingar os Altares profanados;
Do Pai o sangue; as lágrimas da Filha,
Para ver-me expirar com ignomínia
Em bárbaro suplício... Que recurso
Podemos esperar em tal conflito?
Este asilo dos Deuses e dos Homens,
Cercado de Guerreiros, que implacáveis
Embaraçaram nossa retirada,
É funesta masmorra, em que seguro
O Traidor carniceiro deixa a presa,
E sem dúvida parte satisfeito,
A despedir os bárbaros algozes.

Bareia

A ruína total, Senhor, sem fruto
Te levava o furor precipitado;
Que é daquela constância, com que imóvel
Superaste dous lustros à desgraça?
O perigo evidente, que nos cerca,
E de Abdolmino o sangue derramado,
Espero, que o valor de teus amigos
Arme de novo esforço, e que do assalto
O momento terrível acelere.

Próximo já da noite o meio giro,
A destinada trompa brevemente
Anunciará o fêrvido combate.
As numerosas tropas, que Zamário
Prontas esconde perto das muralhas,
E os Capitães, que seguem teu partido,
Uma feliz vitória nos prometem.
Tu bem conheces do fiel Zamário
O bravo coração, o zelo activo.

Astarto

Bareia! Do magnânimo Zamário
Que heroicidade esperar não devo?
Um amigo que, para consolar-me
No seio dos desertos espantosos
E nas tristes misérias socorrer-me,
Sofria longas, ásperas viagens;
Mas, de que valem peitos esforçados
Contra as guerreiras lanças, que o Tirano
Aprontou prevenido e suspeito;
Contra a Mão da perfídia, que lançar-nos
No precipício vai que tem aberto?

Bareia

Deixa, meu Rei, que do Destino nosso
Dos Céus decida o pródigo Decreto;
Do tremendo Naufrágio muitas vezes
Salvam na praia o triste naufragante,
Que o fundo abismo já c'os pés tocara.
A Prudência, o valor que te acompanha,
Da cega indignação vencer não deixes.
Os perigos despreza, sem lançar-te
Nas garras da ruína, temerário.
Os furores serena, e da Princesa
As lágrimas, Senhor, consolar vamos,
Que temo que a violenta dor acerba
A despenhe em funesto desatino.

Astarto

Oh Deuses! Em que estado deplorável
Vi a meus pés a bela Cassiopeia
Indulgência pedir, banhada em pranto
De suas vãs suspeitas, e vingança;
Clamar contra o sacrílego Tirano!
Que impulsos de furor e de piedade
Sofreu meu coração naquele instante!

Bareia

Senhor apressa os passos.

Astarto

Sim Bareia;

Impávidos a morte esperar vamos.

ACTO V

CENA I

AURASTE, BADESOR e GUARDAS

Auraste

Vai, fiel Capitão da minha guarda,
Tu que a turba distingues e conheces,
Dos Ministros ao Templo consagrados
Diligente executa minhas ordens;
Parte com teus soldados, investiga
Deste vasto edifício o labirinto
Regista os mais recônditos lugares,
E com activo zelo e segurança,
Seja à minha presença conduzida
Toda a pessoa, que te for estranha.

CENA II

AURASTE e BADESOR

Badesor

Mas, Senhor, apesar do favorável
Semblante que te mostra a sorte amiga
Nos deixas conhecer no turvo aspecto
Os confusos, sinistros pensamentos
De um receoso peito atribulado.
Que funestos cuidados, que temores
Te fazem vacilar, contra o costume
Do coração intrépido a constância?

Auraste

Badesor, os perigos que nos cercam,
Desprezar não devemos; contra o ferro
Da indignada traição não há reparo.

Badesor

Confia no valor de teus soldados,
A quem afoita a ávida cobiça
Dos avultados, prometidos prémios.

Os vigilantes Capitães zelosos
Do mais leve incidente prontos devem
Por leais mensageiros avisar-nos;
Descansa, pois, e cuida em libertar-te
Do funesto inimigo, que em vão busca
Soltar-se da cilada, em que se enreda;
E deixa que os infames conjurados
Ao precipício aberto cegos corram.

Auraste

Já que posso no meio das fadigas
E de graves cuidados, um instante
Falar-te, Badesor, com liberdade,
Quero que participes, caro Amigo,
Como do régio mando as amarguras,
Que o desolado peito me consomem.
Em bravo golfo, risco igual corremos;
Badesor, como Auraste aborrecido,
Ou se salva comigo, ou se despenha.
De meus delitos cúmplice conheces
Minhas cruéis maldades. Vê! Recorda
Das numerosas vítimas o sangue,
Que banha o fatal trono em que me assento!
A Justiça Celeste, que parece
Dormir sobre meus crimes descuidada,
Me dá no horrível fruto que recolho,
O veneno mortal que me devora.

Badesor

Benéficos, Senhor, os altos Deuses
Te deixam subsistir entre as grandezas.
Orgulhosos punir, punir ingratos,
Foi sempre dos Monarcas Lei seguida.

Auraste

O resplendor te cega da fortuna,
Mas se teus olhos penetrar pudessem
De minha alma os horrores, confundido
Tremarias, teus erros conhecendo,
Dos Tiranos a púrpura soberba,
Só temerosos corações esconde,
De pungentes remorsos salteados,
No funesto terror que me atribula,
O ferro, a voraz chama me rodeia,
O Trono envolto em lavaredas vejo;
Pálidos meus sequazes, e viradas
As lanças contra mim que me defendem

De vis cadeias carregado Auraste,
A suplício afrontoso conduzido,
E debaixo dos pés do irado Povo,
Lacerado expirar no lodo imundo.
Eis aqui as imagens espantosas,
Que de contínuo a meus olhos mostram
Os medonhos espectros dos delitos.
A mão do terno Amor, que só podia
Em tão mortais temores animar-me,
Minha fatal sentença irada escreve,
E mostrando o paterno, caro sangue,
De novo acende o raio da vingança,
Que implacável me assusta, em toda a parte,

Badesor

De pânicos temores preocupado,
Renunciar o Ceptro determinas?

Auraste

Renunciar o Ceptro!... Que proferes?
Meu ambicioso peito mal conheces.
Se odioso Tirano me detestam,
Como absoluto Rei, sou respeitado.
Do escravo mais humilde a sorte escura
É mais que a minha próspera e risonha;
Mas, sem largar o peso que me oprime,
Apesar dos combates, dos remorsos,
Não haverá terror, nem atentado,
Que os firmes passos desviar-me possa
Do caminho que sigo triunfante.

Badesor

Dissipa vãos receios, goza o fruto,
Que à sombra de um pacífico Destino
Colhes de tuas ásperas fadigas.
Confia neste braço, que a servir-te
Se tem com alta glória costumado.

Auraste

Mas que tropel de passos apressados
Penetra o grande Pórtico?... Não ouves?

Badesor

Não te assustes, Senhor. Sim já diviso
Um vulto para nós encaminhar-se.

Oficial das tropas me parece;
Ele chega; é o mesmo! Não me engano.

CENA III

AURASTE, BADESOR e um OFICIAL

Auraste

Diligente Guerreiro, que importante,
Ou que sinistro aviso vens trazer-me?

Oficial

Senhor, em várias partes da Cidade
Os ecos soam de marinha trompa,
E começa em lugares diferentes
Um ligeiro rumor a difundir-se.

Auraste

E a qual hora soou a vez primeira
A retorcida concha?

Oficial

Quando os Astros
Demarcavam da noite o meio giro.

Auraste

E foi de rumor súbito seguida?

Oficial

No mesmo instante.

Auraste

Amigo não duvides
O ruído, que lento se levanta,
É de conjuração indício certo.

Badesor

Como risco infalível não presumas
Um acontecimento extravagante,
Que de simples acaso nascer pode.

Talvez sejam os rudes Pescadores,
Que imitando os Tritões, as roucas conchas
Nos cubelos do mar retumbar fazem.

Auraste

Não, Badesor, o coração pressago
Perigoso Mistério me anuncia.

Badesor

Pois descansa no zelo que me anima,
Que eu parto resoluto, e sem demora
Vigilante a Cidade examinando
Atalharei com pronta providência
De teus justos receios o motivo.

Auraste

Sim, Amigo fiel, zeloso voa,
E ou seja acaso, ou vil projecto seja,
Conduzir manda a cárcere seguro
Os amotinadores insolentes,
Com pesadas cadeias manietados.

CENA IV

Auraste

C'os perigos lutando, c'os temores,
Prazeres e repouso sacrífico
Nas Aras da ambição que cego adoro....
Mas, em que sustos, em que novo risco
Me pôs a distração de meus cuidados!
Solitário me vejo, sem escolta
No centro de emboscados inimigos!...
Assassinos as sombras me figuram!
Ruína estas colunas ameaçam!...
O mesmo ar que respiro, me intimida.
Tropel sinto: Traidores me acometem...
Mas fugi de minha alma, indignos sustos,
E tua guarda, Auraste, em paz respira.

CENA V

ASTARTO, BAREIA, AURASTE e GUARDAS

ASTARTO CONSERVARÁ UM SILÊNCIO FERROZ.

O Capitão da Guarda

Tuas ordens, Senhor, executando:
Da multidão, que o vasto Templo habita,
Só estes dous escravos desconheço.

Auraste

Dous escravos, Amigo, ou dous traidores.

Capitão

A extrema miséria, que os envolve,
Sua triste fortuna nos confirma.

Auraste

Observaste, se ocultas armas trazem?

Capitão

Sim, das armas, Senhor, vêm despojados.

Auraste

Em que lugar e como achados foram?

Capitão

Entre os fiéis domésticos chorosos,
Que a mísera Princesa acompanhavam,
No instante feliz em que da morte,
Cassiopeia, Senhor, este salvava.

Auraste

Cassiopeia, da morte! Oh, Deuses! Como?

Capitão

Surprendendo-lhe a mão, que armada tinha
De um agudo punhal, com que intentava
Rasgar desesperada o tenro peito.

Auraste

Ilusão dos mortais, feroz Virtude!...
Vós, escravos! Se acaso sois escravos,
Ouvi e respondi sem artifício,
Tremei de me iludir com fingimentos;
Que se infames traidores vos descubro
Mais pronta, que relâmpago, a vingança
Punirá vosso crime com a morte.
Que destino no templo vos encerra?
Da comitiva sois de um forasteiro,
Que veio neste asilo refugiar-se?

Bareia

Domésticos do grande Sacerdote
Em humildes serviço empregados,
Outro não conhecemos; e choramos
A perda de um Senhor que nos foi caro.

Auraste

Não irriteis audazes, meus furores,
Chorando ante meus olhos um rebelde,
Que severo puni e justiceiro!...
Que terreno, dizei, foi vossa Pátria?

Bareia

De Galileia os Campos.

Auraste

De que origem
Recebestes os dias desgraçados?

Bareia

Filhos de nobres Pais; na tenra infância
Fenícios salteadores fraudulentos
Da morada paterna nos roubaram.

Auraste

E que tempo haverá, que o cativo
Sofreis do miserável Abdolmino?

Bareia

Inda completo um ano não contamos,
Depois que fomos neste Sacro Templo
De Sidónio Senhor, votiva ofrenda.

Auraste

Desejais resgatar a liberdade?

Bareia

Essa doce esperança suaviza
A dura escravidão, que nos oprime.

Auraste

Pois entregai-me Astarto, e podeis livres
Premiados tornar ao pátrio ninho,
Ou mudar abrigados de meu Trono
Os vis trajes em púrpuras ilustres.

Bareia

A nosso bom Senhor, poucos momentos
Antes da morte, com amargo pranto
De Astarto o Nome proferir ouvimos.

Auraste

Traidores!

Bareia

Nós, traidores?

Auraste

Sim, perversos,
E procurais servir-vos simulados
Da fementida trama de Abdolmino?
Mas com justo furor a mesma sorte
Farei, que experimenteis... Porém, que observo?
Este audaz, que com feroz silêncio ostenta
Com indignada frente me ameaça.
Temerário, quem és? Fala!... Responde!...

CENA VI

AURASTE, BAREIA e ASTARTO GUARDAS e um OFICIAL

Oficial

Vem, Senhor; Badesor manda chamar-te;
A teus soldados voa sem demora.

Auraste

Que vens anunciar-me? Estou vencido?

Oficial

Não, Senhor; mas infames revoltosos
Com duras armas a Cidade inundam;
Grosso corpo de tropas estrangeiras
Vem apressado as portas demandando
Pelo traidor Zamário comandadas.
Vai pronto dar as prevenidas ordens,
E animar teus guerreiros ao combate.

Auraste

Guardas, acompanhai-me, que este asilo
É segura prisão aos dous traidores;
Depois que minhas iras se tiverem
Saciado no sangue dos rebeldes,
Virei mais devagar examiná-los.

CENA VII

ASTARTO e BAREIA

Astarto

Da ruína iminente em vão procuras
O golpe rebater com artificios,
Os rápidos momentos, que suspensa
Respirar nos consente, são refluxos
Para se arremessar com mais violência
Vítimas da desgraça; a Tirania
Quais míseros cordeiros nos degola.
Desarmado, coberto de ignomínia
Os extremos suspiros lançar devo.
Oh dor acerba! Dor ainda mais dura,
Que a mesma morte a peitos esforçados.

Bareia

Senhor, não desfaleças: a grande alma
Entrega às esperanças. Teus Vassalos
Armados de valor e fiel zelo

Apesar das cautelas do Tirano
Ao combate espantoso ousados correm.
Na Justiça dos Deuses confiado,
Espera que este seja o feliz termo
De tua desventura e das misérias,
Em que Tiro lamenta submergida.

Astarto

Não, Bareia; não deixes enganar-te
Com a ilusão de aéreas esperanças,
A receber o duro, mortal golpe,
O nobre coração dispõem constante:
Triunfar veja o bárbaro Tirano
Da mesma morte, intrépida a Virtude.

Bareia

Vê, Senhor, o portento com que os Deuses,
A cruel tirania confundindo,
Das mãos sanguinolentas nos salvaram,
A lacerar a Vítima já prontas.

Astarto

O traidor socorrido da fortuna,
Vitorioso tem desbaratado
Nossos vastos projectos; e quem pode
O Destino vencer, inda que injusto?
A vitória inconstante não respeita
Ilustres corações, de zelo armados;
A justiça, o valor atropelando,
C'os louros Marciais cega costuma
Croar da soberba iníqua frente.

CENA VIII

CASSIOPEIA, MÍLIA, ASTARTO e BAREIA

Cassiopeia

Ah, desgraçado Astarto! ... Céus propícios
Que inda a meus olhos o mostrais com vida,
De tão fatal estrago defendei-o!...
Foge, infeliz Astarto, fuge à morte.

Astarto

Fugir à morte, Astarto! Brilhe o ferro,
Que sem temor espero o duro golpe.

Bareia

Mas, Senhora, que súbito desastre
De novo o triste Príncipe ameaça.

Cassiopeia

O Tirano triunfa.

Bareia

E quem te pode
Informar de um Destino tão infausto?

Cassiopeia

Os Ministros do Templo, que observando
Desses altos terrados a carnagem,
Em que toda a Cidade acesa ferve,
Dizem que ao estridor das cruas armas,
Ao funesto alarido da peleja,
Aclamações respondem, levantando
Do cruel vencedor o fatal nome.

Bareia

Será possível, Deuses, que aos clamores
De um miserando Povo inexoráveis
Consintais que um Tirano o triste sangue
Derrame da inocência, sem recurso?

Cassiopeia

Caro Príncipe, voa sem demora,
Vem aos olhos do bárbaro esconder-te.

Bareia

Como, Senhora? Como poderemos
Escapar ao furor sanguinolento
Sitiados de pérfidos guerreiros?

Cassiopeia

Do centro escuro das ocultas Aras,
Se desce ao fundo abismo destinado

A consultar os Manes subterrâneos,
Cujo intrincado, pavoroso seio,
De seguro refúgio servir pode.

Astarto

Generosa Princesa, não esperes
Que o perseguido, desgraçado Astarto,
Se acolha a vergonhoso, vão refúgio;
Deixa que goze em tão fatal conflito
Da consolação única, que os fados
Severos me consentem. Deixa ao menos,
Que no seio da cara Tiro expire;
E que em pátrio terreno sepultado
Acabe meus acerbos infortúnios.
Tu, bela Cassiopeia, em paz respira,
Cede às forças iníquas do Destino;
Da Pátria suavizar os males podes
Domando terna a mão, que a tiraniza.

Cassiopeia

Ah, que dizes Senhor? Que a mão aceite
Do sacrílego Auraste; a mão que o ferro
Cravou do Pai nas míseras entranhas!
No coração, de horror sobressaltado
O sangue gela, a voz murmura presa.

Astarto

A tão ilustre horror, em Cassiopeia
Conheço a nobre Filha de Abdolmino.

Bareia

Mas que escuto!... Que súbito alarido
Entrando vem os pórticos do Templo?

Astarto

São da morte as pisadas; pregoando
Vem a fatal sentença a voz do crime.
Fere, Tirano! Impávida te espero.

Cassiopeia

Abri, Supremos Deuses, os abismos!

CENA IX

ZAMÁRIO, SEGUIDO DE NUMEROSOS CONJURADOS
COM AS ARMAS NAS MÃOS; AURASTE E BADESOR PRESOS
COM CADEIAS; CASSIOPEIA, MÍLIA, ASTARTO e BAREIA

Astarto

Mas que vejo?... Zamário? Céus piedosos!

Zamário

Meu Rei! Enfim os Deuses já propícios
Permitem que Zamário a mão te beije.

Astarto

Vem a meus braços; vem, fiel amigo,
Libertador magnânimo da Pátria!

Auraste

É este o meu rival? Sorte inimiga!
D'entre as mãos escapar deixei Astarto.
Ah! Que os Deuses cruéis me confundiram!

Zamário

Eis aqui o sacrílego assassino,
O cruel opressor de teus vassallos,
Traidor, teu Soberano reconhece.

Astarto

Afastai esses Monstros de meus olhos;
Mas não cuides, Tirano, que salvar-te
Dos vis opróbrios vais na sepultura.
A morte aos ímpios é castigo brando:
De misérias cercado e de remorsos
A vida acaba, como escravo infame
De vergonhosos ferros oprimido.

CENA X

CASSIOPEIA, MÍLIA, ASTARTO, BAREIA, ZAMÁRIO e ALGUNS
CONJURADOS

Bareia

Engrandecida seja a Divindade,
Que das mãos carniceras nos resgata.

Cassiopeia

E que vinga de um Pai o Sangue Augusto.

Astarto

Ilustres combatentes, que salvaste
De um espantoso abismo a triste Pátria,
Entre os braços da paz gozai o fruto
Das palmas, que ganhastes valorosos.

Zamário

Duvidosa a vitória alguns instantes
Fez que o soberbo, o pérfido Tirano,
Vencedor se aclamasse; mas afoitos
Ilustres Cidadãos forçando as Guardas
As portas franquearam. A Cidade,
Os Aliados prontos ocuparam.
A teu Augusto Nome, que voava
Na voz da multidão, os fiéis Tírios,
Forçados a servir o vil rebelde,
As armas contra o Bárbaro voltaram.
Enfim Tiro respira em liberdade;
Alvoraçado o Povo, Astarto aclama.
Vem mostrar-te a seus olhos, que banhados
Em lágrimas de júbilo te esperam.

Astarto

Sim, vamos; e tu, bela Cassiopeia,
Verás, raiando o dia, premiadas
Tuas raras Virtudes sobre o Trono,
Que os Deuses, das ruínas do delito
À inocência triunfante edificaram.

MÉGARA

ILL.^{ma} E EX.^{ma} SENHORA

Fora em mim temeridade o adornar este Drama com o respeitado nome de V. Excelência, se uma das mais singulares virtudes não fosse quem me incitasse a atender menos à modéstia e grandeza de V. Excelência, que à memória de tantas graças e de tantos benefícios, que à benignidade de V. Excelência sou devedor. Permita-me, pois, Excelentíssima Senhora, que me atreva a oferecer V. Excelência a Tragédia de Mégara como público monumento do meu devido agradecimento. Que importara que a alma sentisse os afectos da gratidão, se não pudesse eternizá-los? Se o público conseguir alguma utilidade com o meu trabalho, se a obra que dou à luz merecer algum aplauso, completos ficarão meus votos; porque, assim, transmitirei meu reconhecimento à posteridade mais remota.

Amparar o perseguido, beneficiar o benemérito, patrocinar o desvalido, é a origem mais pura da verdadeira glória, a única digna de V. Excelência, a que mais poderosamente move seu coração benigno, a virtude entre as muitas que em V. Excelência resplandecem, que mais realça a sua alma nobre. É bem verdade que esta admirável virtude é hereditária na ilustre Casa de V. Excelência, e em seu sangue a vincularam seus preclaros Ascendentes. Treveris o publica, Treveris que tem a honra de nomear os esclarecidos Progenitores de V. Excelência entre os filhos excelsos que a immortalizam. Quantos Heróis, quantos Varões famosos contam seus Anais até o ano de 1188, em que a família de V. Excelência passou para os Estados do Imperador! Cena mais magnífica se abre desde então aos olhos do mundo admirado. No ano de 1247 se distingue, entre os Bispos de Vormes, pelas suas virtudes, pelo seu talento, pelo zelo de pastor que lhe inflamava a alma santa, pela ternura de pai que lhe alentava o terno peito, um Prelado venerável da preclaríssima Casa de V. Excelência. O Imperador Fernando III concedendo, em 1547, aos ilustres Ascendentes de V. Excelência a preeminência de Condes de Sacro Império, julgou a recompensa inferior a tantos serviços; o que testifica quanto eram distintos o quanto relevantes.

Se os Reis se não achassem muitas vezes na impossibilidade de remunerar, os vassallos pela importância dos serviços, que prémios não tivera alcançado o Pai de Vossa Excelência, que em 1729 morreu General da Infantaria, havendo sido nomeado Governador de Praga e do Reino de Boémia? Postos que não deveu ao seu nascimento, sim adquiriu por insignes acções, egrégios feitos.

Quantos Varões compõem o tronco da respeitável família de V. Excelência, tantos aclama Heróis a fama, a virtude, a posteridade. Indague-se a vida, examinem-se as acções de Virichio Filipe Lourenço, Conde de Daun, tio de V. Excelência; e ver-se-á que os Franceses, contra quem defendeu Turim, admirados do seu valor; constância e heroicidade, o compararam aos mais famosos Generais antigos e modernos, que nas palestras de Belona se ilustraram. General em chefe do exército, que na Itália militava em 1708, mostrou a perspicácia mais subtil, o segredo mais impenetrável, a prudência mais madura, a actividade mais solícita, os planos mais sabiamente combinados, as marchas mais judiciosamente ordenadas, intrépido no combate, pronto a resolver-se nas ocasiões perigosas, previsto nos conselhos, acautelado nos lances delicados. O Imperador Carlos III lhe concedeu a honra de Grande de Espanha, unida à Tosão do Ouro, e com o Marquesado de Trivoli, o Principado de Teano; e como tão raros serviços pediam maior demonstração do beneplácito do Príncipe, em 1713 foi nomeado

com geral aplauso Vice-Rei de Nápoles, e em 1725 General, Governador do Milanês e, depois, Conselheiro íntimo, Gentil-homem da Câmara, Marechal General da Artilharia e Comandante de Viena.

Que direi do grande, do imortal Leopoldo José Maria Conde de Daun? O valor de Alexandre, a prudência de Fábio, a sobriedade de Cipião, a astúcia de Aníbal, a felicidade de César, a sabedoria de Germânico, a bondade de Trajano constituíam o carácter deste General famoso, que a antiguidade aclamara igual ao mesmo Marte, e que o século presente reconhece por Mestre entre os Mestres. Mais dissera, Excelentíssima Senhora, se V. Excelência, tão cuidadosa em evitar os elogios devidos às suas virtudes, à nobreza de seus gloriosos Ascendentes, não atalhasse com os rogos da sua modéstia, o elevado voo a que me fizera remontar a verdade. Obediente suspendo, para com a minha respeitosa submissão, continuar a fazer-me digno do alto patrocínio de V. Excelência, e merecer da sua benignidade a licença de escrever no frontispício deste Drama, o nome ilustre de tão grande protectora. Se o fraco talento nada produziu nesta obra digno da atenção de V. Excelência e da aceitação do público, como somente serviu mal os afectos que me inspiram, sem alterar a pureza deles! Desampare, Excelentíssima Senhora, desampare a obra, entregue-a ao desprezo, e ao esquecimento, mas digne-se admitir e aceitar o motivo da oferta, o zelo ardente, a gratidão inviolável e o profundo respeito com que admiro tantas virtudes, tão raras qualidades, tão excelentes predicados como os que constituem a grande alma de V. Excelência; pois, enquanto a vital aura animar meu espírito, viverá indelével em meu peito a lembrança do patrocínio com que V. Excelência tão benigna e ansiosa me amparou; e se não baste a vida para mostrar-me agradecido, em meus escritos viverão eternos os infinitos favores de que V. Excelência me tem cheio com mão tão pródiga. Deus guarde a V. Excelência por dilatados anos para ser protectora dos desvalidos e amparo dos beneméritos.

*Ilustríssima e Excelentíssima Senhora,
Beija as mãos de V. Excelência
O mais humilde e reverente criado Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo.*

AO LEITOR.

No ano de 1761 compusemos a Tragédia de Mégara, o Senhor Domingos dos Reis Quita e eu; e, no ano seguinte, começámos a imprimi-la. Declarando-se a guerra, e marchando eu para a Campanha com o meu Regimento, suspendeu-se a impressão, que em 1764 tornou a renovar-se. Novo incidente embaraçando segunda vez o continuá-la, totalmente ficámos desgostosos; e certamente nunca tivera visto a luz se a memória dos favores e patrocínio que devo à Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Condessa de Oeiras, debaixo de cujos auspícios hoje aparece, me não incitara a publicar esta obra, que illustrei com um discurso sobre as regras e pontos mais delicados deste género de Poema, para servir de monumento público do meu inalterável agradecimento. Nome tão venerando como o que adorna o frontispício desta obra nos segura o aplauso e a geral aceitação.

DISSERTAÇÃO SOBRE A TRAGÉDIA

Aparece, enfim, pela primeira vez na língua Portuguesa, uma Tragédia ajustada com as regras que praticaram os Mestres da Cena, os Ésquilos, os Eurípedes e os Sófocles, e seguindo religiosamente os seus vestígios nos prescreveu Aristóteles. Dizemos ser esta a primeira Tragédia que aparece na nossa língua vulgar, por não nos acomodarmos a admitir na série das verdadeiras Tragédias formadas sobre os modelos, ou originais dos referidos trágicos, a *D. Inês de Castro* de António Ferreira, por não haver neste Drama interesse, caracteres, costumes, nem dicção; e porque uma narração lânguida dividida em cinco Actos de uma acção, que ainda que verdadeiramente trágica, nem interessa, nem excita a paixão e affecto dos leitores. Neste Poema se nos representa El-Rei D. Afonso IV como um Príncipe indeciso, flébil e sem resolução; seus dous Ministros como dous infames; o Príncipe D. Pedro como um efeminado e sem carácter próprio; D. Inês como uma namorada de novela, e a sua Ama como uma velha tonta e indulgente. Não negaremos serem tão admiráveis os seus Coros, que podem servir de modelo ao Coro da Tragédia; que os conceitos que neles se encontram com profusão de nenhum modo são violentos, ou importunos, sim naturais e judiciosos; e que estes Coros, até pela metrificação, se diversificam do resto do Drama. Também não podemos conferir o nome de Tragédia às péssimas traduções dos Dramas de Metastásio, Dramas monstruosos, atendidos pela parte das regras, não havendo alguma que ali deixe de achar-se violada. Unidade de lugar, tempo e acção é escusado procurá-la; costumes e caracteres raras vezes são expressados com propriedade. Todo o seu merecimento consiste em uma dicção elegante, florida e pomposa, e em pintar os affectos, quanto mais pode ser, na proximidade da natureza. Nas traduções Portuguesas das Óperas deste insigne engenho vemos com infelicidade todos os seus defeitos e nenhuma das suas belezas. A dicção insulsa e insuportável, as paixões expressadas umas vezes com pensamentos excessivamente levantados, outras vezes com frases, que não acabam de explicar o conceito (e nisto pecam todas sem excepção alguma, ou pelo tradutor não entender bem a língua do original, ou por não saber melhor a sua materna, ou pode ser por um e outro motivo).

Têm também os mesmos tradutores a habilidade de interpretar ridiculamente todos aqueles lugares que, por mais patéticos e bem expressos, fazem a maior honra ao seu exemplar, pela introdução de um ou dous Mimos, e de uma chamada Lacaia, que não cessam de perturbar a acção principal mediante um chorrilho de equívocos insípidos e sórdidos, de agudezas triviais e trocadilho de palavras. Estas as composições teatrais com que deitam a perder o bom gosto da Nação; estas as obras que sustentam um teatro em que não deviam aparecer mais do que os Ésquilos, os Eurípedes e os Sófocles. Desta concisa análise se deixa ver que a Tragédia que presentemente oferecemos ao público, não desmerece a glória de ser chamada a primeira entre nós, havendo sido trabalhada sem discrepar dos vestígios dos Mestres e Legisladores. Isto é o que agora passaremos a individuar principiando pelo seu Argumento.

Havendo Ergino Rei dos Orcomenos e inimigo dos Tebanos movido guerra a Creonte seu Rei, socorrido este por Hércules, filho de Júpiter e Alcmena, ficou triunfante de seu adversário, por cujo reconhecimento lhe deu por mulher a sua filha Mégara. Hércules não cessando de prosseguir as suas façanhas, quis contar entre elas a de descer, como assim se acha expresso na Fábula, aos infernos para tirar deles a Teseu, que ali fora ter, alucinado por um imprudente desígnio; do que, irritado, Plutão o tinha recluso em uma das mais fortes e mais insuportáveis masmorras daquele seu funestíssimo Reino. O muito tempo, que a Hércules foi preciso para trazer ao fim esta

sua empresa, deu ocasião a que se entendesse que era morto. Lico, descendente de um Príncipe do mesmo nome, que tivera o governo de Tebas, empreendeu empunhar também aquele ceptro. Não lhe faltaram por parciais alguns descontentes, mediante cujos ofícios subiu ao Trono. Não se dando ainda assim por seguro, entendeu que não podia dar maior constância à sua fortuna e autoridade, do que obrigando a Mégara, que lhe desse a mão de esposa. Desesperado, porém, de conseguir este violento fim, dispôs-se a condená-la à morte e a seus filhos, que igualmente o eram de Hércules; mas, pela repentina e imprevista chegada deste herói a Tebas e pela morte do usurpador, ficaram vingados e livres Mégara e seus filhos.

Esta a fábula do presente Drama, qual a achámos nos Autores, que no-la propuseram. Passemos agora a expender as razões do uso e mudanças que dela fizemos, e dos motivos e fundamentos que para isso nos persuadiram.

Não temos notícia de Autor algum que tragicamente tratasse este argumento; pois, ainda que fizeram dele algum uso Eurípedes, Séneca e D. Francisco Lopes de Zarate nos seus Hércules furiosos, diferimos, porém, muito no modo com que nós, e estes referidos três Autores, nos servimos do acontecimento que serve de assunto ao nosso Drama. Nós tratamo-lo como Acção principal, e eles o trataram como Episódio da acção das suas Tragédias. Isto pela análise de cada uma é que passamos a mostrar, do que se ficará conhecendo o que tomamos dos referidos Trágicos; menos do último, em que não achámos espécie de que poder servir-nos.

A Acção principal das Tragédias de Eurípedes e Séneca são, como assim o promete igualmente o título de cada uma delas, os furores de Hércules. Não falamos aqui da irregularidade do título, que Zarate impôs à sua, de que trataremos quando a analisarmos.

Os Actores da Tragédia de Eurípedes são Anfitrião, Mégara, Lico, Íris, uma Fúria, um Mensageiro, Hércules, Teseu e o Coro formado de Anciãos de Tebas. Anfitrião é o que faz, com a simplicidade tão própria de Eurípedes, a abertura do Teatro. «Qual será (diz ele) o que não conhece o filho de Alceu, o pai de Hércules, o rival não menos que do mesmo Júpiter?» Passa logo a referir, sumária mas nervosamente, a história de Hércules, Creonte e Lico. Dá depois a conhecer qual seja o lugar da cena: isto é, o altar de Júpiter levantado por Hércules à entrada do seu Palácio em Tebas, aonde estava prostrado o mesmo Anfitrião com sua nora, e três meninos filhos de Hércules e seus netos. Acabado este monólogo, ambos se levantam, e então se converte este Prólogo em Diálogo. Mégara dá-se a conhecer, não já pela declaração do seu nome ou da sua genealogia, só sim comparando a sua pretérita fortuna com os seus males presentes. Anfitrião a consola e se lisonjeia a benefício das suas esperanças, de ver trocada brevemente em dita a infelicidade. Crê aparecer-lhe um raio de esperança na tardança da morte, ao mesmo tempo que esta se representa horribilíssima a Mégara. Esta triste e fúnebre conversação acaba com a chegada do Coro, módica relíquia de seus amigos e parciais que, por não terem forças para os socorrer, concorrem a consolar estes desafortunados Príncipes. Apenas, porém, começam a fazer este bom ofício, aparece Lico que, insultando aos mesmos Príncipes, arrogante e insolente, procura saber deles em que tenham fundado as esperanças de prolongar a sua vida, além daquele termo que ele lhes tem prescrito, e depois de desfigurar e desluzir as proezas de Hércules, passa logo a expor-lhes os ocultos motivos da sua política vingança, referindo com cláusulas igualmente duras que petulantes, que havendo dado a morte a Creonte, não quer assim mesmo deixar de tirar a vida àqueles que poderiam tentar ser seus vingadores. Aqui entra Anfitrião a justificar seu filho, o que faz com muita dignidade, ainda que a individual narração das hercúleas façanhas, quanto a nós, é sofisticada e pueril. Mais irritado com isto, o tirano parece chegado já ao ponto de fulminar os últimos extremos

da sua vingança; e, como não se atreve a tirar a família de Hércules do sagrado que ela buscara por asilo, o manda cercar de lenha e pôr-lhe o fogo. Quanto aos Anciãos devotos dos interesses de anfitrião, Lico, que não os teme, se contenta em dizer-lhes: «Que não sendo já Creonte seu Rei, se considerem eles agora na escravidão de um novo senhor.» O Como indignado do nome com que o tirano o insulta de seu escravo, e da crueldade com que trata aquela família desgraçada, na mesma presença de Lico prorrompe em asperíssimas injúrias. Nada mais respiram que vinganças e desagrvos estes honrados Anciãos, e o seu mais vivo tormento é reconhecer, mal correspondida das suas forças, a sua vontade. Mégara lhes rende as graças do seu bom afecto, não querendo, porém, que ele os ponha nos termos de sacrificarem os seus bens e o que mais é a sua vida. Voltando-se depois a Anfitrião, o esforça a que, em sua companhia e de seus netos, receba intrépido o golpe, para que não perca algum a constância à vista de uma morte que, ainda que tão injusta e tão violenta, lhes é mais gloriosa que uma vida conservada pela infâmia. Anfitrião nada mais pede ao tirano do que ser ele a primeira vítima do seu rigor, por não ver morrer tão cruelmente seus míseros netos, pedindo-lhe em vão socorro. Mégara lhe faz também duas súplicas: que antes que morram aqueles inocentes, lhos deixe adornar com as funerais vestiduras, e que lhe permita, pela última vez, a entrada no Palácio de Hércules, de onde ele tão violenta e impiamente os havia lançado fora. Vem nisto o tirano, mandando abrir-lhe as portas do palácio, e se retira, dizendo não tardará em tornar ali para sacrificá-los; resposta bárbara sim, mas que quadra com os costumes dos Gregos. Mégara dando um profundo suspiro, faz entrar seus filhos no palácio de seu esposo, e Anfitrião termina a cena por gritos de ira e impaciência contra Júpiter, mas por um modo que não tem menos de ridículo do que de ímpio, acusando aquela falsa divindade de haver sabido deludir tão bem a Alcmena, e de mostrar-se insensível, e esquecido ao reconhecimento e boa amizade que deve a seu esposo. Consiste o canto do Coro entre o primeiro e segundo Acto, em uma Ode aos trabalhos de Hércules.

No segundo Acto, aparecem na cena acompanhados de Anfitrião, Mégara e seus três filhos vestidos de luto. Prorrompe aquela matrona nas mais patéticas expressões, que podem caber na boca de uma enternecida mãe. Em um tão crítico momento, aonde parecia dominar absolutamente a desesperação, aparece repentinamente Hércules. Mégara, que é a primeira que nele põe os olhos, passa de extremo a extremo, do mais rigoroso sentimento ao mais excessivo alvoroço. Manda-lhe sair seus filhos ao encontro, e que procurem tocar os vestidos de seu libertador. Esta cena, suposto o que tem precedido, está colocada na mais bela situação. Hércules perguntando a causa desta tão inopinada novidade, pela resposta, que alternativamente lhe dá Mégara, fica inteirado da sedição e revolução de Tebas a favor de Lico, da morte de Creonte, das consequências deste tumulto e, da mais sensível de todas, da extremidade a que se acha reduzida a sua família. O mais fino e mais belo desta cena é a ignorância de Hércules, que ocultamente havia entrado em Tebas pelo mau presságio que notara em uma ave, e que ele tornara por anúncio de alguma iminente fatalidade. Tudo isto ministrou ao Poeta as mais elegantes, as mais valentes situações. Cada circunstância, cada palavra que Alcides ouve a sua esposa, é um raio que o fere, que o abrasa. Colérico e ofendido no grau que pode imaginar-se tira impetuosamente da cabeça a seus filhos as coroas e mais insígnias mortuárias, e nada lhe ocupa o coração, mais que procurar uma justa e proporcionada vingança de tão sensíveis e enormes agravos. Anfitrião o reporta, aconselhando-lhe que não se arrisque temerariamente, cometendo ele só uma multidão tão brutal, que não só pela extravagância de seguir a novidade senão, e muito mais por terem a liberdade de lograr-se de uma vida licenciosa e depravada, abraçara o partido do tirano. Deixa-se Hércules levar dos prudentes avisos de seu pai e, para melhor vingar-se a seu salvo,

esperando a Lico entram todos no palácio: com isto se conclui o Acto segundo; o Coro conforme o seu costume canta uma Ode.

No terceiro Acto, sustentando sempre o seu carácter de tirano, aparece Lico e, vendo sair Anfitrião, lhe faz imperiosas instâncias, para que ordene a Mégara e seus filhos de se entregarem voluntariamente à morte a que estão condenados, e da qual os não podem salvar nem os homens, nem ainda os mesmos Deuses. O tempo que levam a paramentar-se funereamente as vítimas, o tem a sua ferocidade por excessivamente dilatado. Anfitrião passa, dissimuladamente, pelos excessos da sua petulância e crueldade, para melhor o meter no laço. Não podendo já suportar uma tão larga tardança entra, sem saber o mal que o espera no palácio, Lico para dali tirar as vítimas. Anfitrião fica um instante na cena com o Coro, fazendo votos pelo bom êxito da sua causa. Os Anciãos se congratulam: a esperança e o temor tudo conduz para dispor a revolução mas, apenas Anfitrião torna a entrar no palácio, se ouvem os gritos de Lico, e o Coro rompe em veementes cânticos de alegria.

Neste meio tempo, aparece no ar com uma Fúria a Deusa Íris, Embaixatriz de Juno. Aqui entra Eurípedes no maravilhoso da fábula, e muda propriamente falando de argumento e de acção, porque a morte de Lico e a liberdade da família de Hércules tudo parece estar concluído. Mas, como o Drama não tem chegado senão ao terceiro Acto, e posto que os dous que restam se liguem com os precedentes, o objecto é muito outro. Juno sempre declarada e capital inimiga de Hércules, não podendo lograr a sua sempre frustrada pretensão de destruí-lo, nem pela sua entrada nos infernos, nem mediante a tirania e artificios de Lico, entra no projecto de metê-lo em um labirinto, em que, se não souber sair dele, lhe sairá bem caro o júbilo e a glória de haver arrebatado das mãos da morte sua mulher e seus filhos. Pertende, pois, Juno que Hércules, o mesmo Hércules, imole por suas mãos aqueles amados filhos que acaba como de ressuscitar. A este fim, ordena Íris a Fúria que perturbe, até o último extremo do furor, os sentidos de Hércules. O que aqui há de muito singular é que a Fúria, movida de compaixão, repugna a ser instrumento de uma tão enorme barbaridade, cometida contra um homem de tanta utilidade ao género humano. Constrangendo-a, porém, Íris com as mais urgentes instâncias, toma a Euménide o Sol por testemunha de que fim obedece, porém muito a seu pesar, e entretanto que invisível (a respeito de Hércules) executa a ordem imposta, Íris batendo as asas levanta o voo aos Céus.

Os Anciãos, testemunhas de um facto tão pavoroso, se enchem de uma profundíssima tristeza. Parece-lhes que estão ouvindo no palácio um desordenado ruído e vendo uma horrível mortandade. Efectivamente, lhes vem dizer no quarto Acto um Mensageiro que, dominado Hércules de um divino furor, havia dado com suas mãos a morte a sua esposa e a seus filhos. A pintura desta narração ainda contendo circunstâncias pouco dignas ao nosso parecer da soberania do Coturno, é vivíssima e patética. Abre-se de repente o palácio, vêem-se portas quebradas, revoltadas e feitas pedaços as colunas, cadáveres estendidos, o pavimento inundado de sangue, Hércules atado e Anfitrião reduzido à desesperação mais furiosa.

O mísero Pai, a quem a sua agitação não deixa ainda ver toda a gravidade de seus males, teme que Hércules, que está como em um letargo, acorde e comece de novo uma cena tão horrorosa. Ao mesmo tempo, torna Alcides em si, admirado de achar-se em uma tal situação deitado por terra, atado a uma coluna quebrada, o arco e aljava longe de si, e as frechas dispersas cada uma para sua parte, lhe parece haver descido segunda vez aos infernos. Desfaz-se Anfitrião em lágrimas, mostram-se os Anciãos submergidos em abismos de dor. Hércules lhes pergunta, surpreendido de ver tanto sentimento, a causa dele, e Anfitrião apontando com o dedo lhe mostra os cadáveres de seus filhos e de sua esposa. Hércules, à vista de espectáculo tão funesto, fica como se acabasse de ser

ferido com um raio, muito mais quando sabe haver sido ele mesmo o autor de catástrofe tão horrível. Acaba de reconhecer-se o facto por perguntas e respostas muito enérgicas e infinitamente naturais, sendo cada uma como seta que traspassa o coração de Hércules, inteiramente instruído da sua infelicidade. Horrorizado e penetrado de um altíssimo arrependimento, não atina com expressão alguma que não seja funesta. Não lhe faz horror o suicídio, e em si mesmo quer executar o que pouco antes em sua esposa e filhos havia efectuado. Indo a cumprir o seu intento, aparece Teseu. Aqui se acumulam penas a penas, ao seu furor o pejo e a confusão. Cobre o semblante com o vestido, e Teseu, que vem no conhecimento do facto por informações, pelos objectos que se lhe propõem e pelas lágrimas do Anfitrião, sentido infinitamente da infelicidade de seu amigo, procura aliviar, já por discursos adequados, já pelos testemunhos de uma tão antiga e fiel amizade, o seu sentimento. Como generoso amigo se empenha em persuadi-lo que deixe, como por ceder ao rigor da lei, é preciso deixar Tebas, e que partam para Atenas aonde o constituirá em dignidade, de que não tenha queixa o decoro e merecimento de Alcides. Aceita Hércules o oferecimento do seu amigo, persuadido que seria dar um sinal de cobardia, tirar-se a si mesmo a vida para se livrar dos trabalhos e infortúnios que a acompanham; e depois de fazer grandes queixas dos rigores do seu destino, toma as suas armas e diz: «Estas frechas pendentes dos meus ombros, incessantemente, me arguíram e redarguíram assim: Bárbaro, nós fomos o instrumento dos teus furores; mediante os nossos tiros, foram mortos tua esposa e teus filhos.»

É pena Eurípedes deslustre a beleza desta expressão, passando Hércules a rogar a Teseu que o acompanhe até Argos, para entregar a Euristeu o Cão Cérbero que pela ordem daquele Príncipe havia tirado dos infernos. Acaba o quinto Acto por uma sentença que deve ser indubitavelmente a moralidade da Tragédia porque parece que nela tudo se acha posto em ordem para conduzir a solução de Hércules e de Teseu. Eis aqui a sentença: «Infeliz aquele, que prefere não só as riquezas, mas ainda a mesma glória a um verdadeiro amigo!»

Passando agora a *Hércules Furioso*, que corre debaixo do nome de Séneca, excepto na ordem, no mais não difere em rigor de Eurípedes. Juno, que é quem no primeiro acto faz a abertura do Teatro, declama largamente em versos sim muito animados mas tão faltos de realidade, como opulentos de elegância. Ciosa aquela Deusa da glória de Alcides, emprende reduzi-lo a furioso até o extremo de matar sua esposa e seus filhos, depois de os haver tirado das mãos de Lico, usurpador da Coroa de Tebas. Séneca, que não sabia discorrer natural e simplesmente, para exprimir a paixão e o intento de Juno, ostenta uma verbosidade inatural

Tomando pois, Juno a sua resolução avoca à sua presença as Fúrias e todo o inferno com grande estrépito de palavras. Menos seria bastante para fazer perder e perturbar o Juízo ao homem mais prudente e circunspecto. Ainda Juno passa a mais: ela mesma quer conduzir a mão de Hércules para aquelas indignas mortes, e fazendo-se autora de um delito que, pela sua fealdade, o desonre e o faça indigno de tomar assento entre os Semideuses. Segue-se um Coro esterilíssimo, e que só fala por falar. Nada faz senão recitar um agregado de sentenças comuns pomposamente expressas.

Entra Mégara no segundo Acto, declamando em versos belíssimos, mas da natureza do ouropel, a sua má estrela. Nestas queixas entremete cousas bem estranhas. Tal é, além de muitos outros exemplos extraordinários e monstruosos, a fábula de Anfitrião levantando ao som da sua lira os muros de Tebas. Tudo expressa com uma inchação alheia de todo o bom juízo; baste este exemplo para prova: «Saí do centro da terra, amado esposo: rompei as sombras infernais e, se porventura achais o passo interdito fazei, para vos abrir caminho, o globo terráqueo em pedaços. Conduzi convosco à luz do dia, quanto lá se acha encarcerado na noite eterna. Trazei em vossa

companhia a mesma morte, e tantos povos sepultados depois de tantas revoluções de séculos nessa região de trevas.»

Pode haver maior loucura? Vozes mais agigantadas? Cérebro mais esquentado? Não era muito melhor restringir-se à imitação de Eurípedes, a uma simples depreciação, tal qual o entusiasmo da natureza adicta na conjuntura da aflição? Mas, é muito do gosto de Séneca, antes forjar pensamentos frívolos e extravagantes, do que acomodar-se a discorrer singelamente. Mas, desta sua subtileza vem a tirar o fruto, que tão falsos são os efeitos que produz no ânimo, quanto os seus conceitos são ridículos e monstruosos.

Nas cenas seguintes começa a haver tal qual aparência dialogética. Anfitrião consola a Mégara com a esperança de tornar Hércules; mas, esta infeliz Princesa se mostra incrédula a que Hércules, sepultado no centro da tenra, ache meios de abrir e aplainar caminho para tornar a ver a luz do dia. O bom velho, para meter-lhe ânimo, lhe traz à memória o larguíssimo catálogo das façanhas de Alcides, herói tão incomparável e tão insigne que, dando à costa um navio em que ele vinha embarcado, passou a vau todo o mar de Líbia. À vista de Lico que vem chegando, fica interrompida esta breve prática, ainda que Séneca dê lugar a que Mégara recite aos circunstantes seis versos, que não significam mais, que Lico é tirano usurpador do trono de Tebas. Lico, ele mesmo, faz um monólogo, em que por tal se pinta com expressões muito próprias e muito dignas de um Herói de tal carácter. Assenta em não haver direito para o ceptro, pretendendo ser a força quem unicamente o dê; que a segurança consiste nas armas; que qualquer outro meio é uma debilíssima coluna do trono; ainda assim, apesar de todas estas suas considerações, quer sanear a sua intrusão e tirania com as núpcias de Mégara. Achando-se senhor de um tão grande estado, parece-lhe impossível que ela recuse o dar-lhe a mão de esposa, resoluto neste caso de vingar-se entregando à morte a Mégara e seus filhos, e acabar de uma vez com toda a geração de Alcides. Esta ideia pertence em próprio a Séneca, e é muito bem imaginada, porque demais de achar-se o amor de Lico na verosimilhança, dá uma bela oportunidade ao Poeta, e mais vivacidade e cor à crueldade ao tirano, que em Eurípedes parece ter um motivo muito abjecto. Chega-se, enfim, Lico a Mégara junto do altar, para onde ela e seu sogro se haviam retirado. Ali lhe declara submissa e artificialmente a sua intenção, e admirada a esposa de Hércules da sua audácia, lhe responde com o mais vivo mais acre da indignação. Lico não se atreve a negar que ele, sim, havia violado as leis mais sagradas; no mesmo tempo, porém, emprende justificar a morte, que dera a Creonte pai de Mégara e a seus irmãos; resposta indigna que dá uma odiosa ideia de baixeza e cobardia do mesmo tirano. Conclui, enfim, o discurso dizendo que Mégara deve pôr em esquecimento o passado e ceder ao vencedor; que este a escolhe e prefere não para cativa, mas para esposa a quem sincera e afectuosamente quer unir-se, e que, bem longe de picar-se dos seus despezos, isso mesmo o move a fazer dela maior estimação e apreço.

A resposta que lhe torna a viúva de Hércules é a confirmação da sua execração e do seu horror. Lico passa dos rendimentos aos ameaços, ela persiste em desprezá-lo e insultá-lo; ele passa a desfazer no nascimento e heroicidade de Alcides. Anfitrião toma a seu cargo a defesa destas duas imposturas. Esta contestação é forte e bem lograda, mas a base em que se estriba, sendo fundada em factos cuja fábula faz ridículos, lhe tira todo o interesse. Verdade seja que Eurípedes foi o modelo que, nesta cena, seguiu e quis imitar Séneca; de um mau exemplar, porém, fez uma cópia pior. O certo é que Hércules no Trágico Latino é igualmente muito bem atacado, que muito mal defendido. Irritado Lico chega ao mais excessivo da insolência, ameaçando a Mégara, que se não for bastante a atenção com que a solicita, o virá a ser muito a seu pesar a violência, a quem deverá satisfazer a sua paixão e deixar ao trono um sucessor de sangue mais esclarecido. Daqui somente se pode inferir que o autor deste Drama nada entendia, assim como em

tudo o mais, no Capítulo dos costumes e da decência.

Mégara, chegando aqui ao extremo da desesperação, atesta as sombras de Creonte, de Édipo e de casa de Lábdaco ser ela a destinada a sacrificar um tal esposo como Lico. Este, passando de amante a furioso, manda cercar o altar de lenhos para ser neles consumido todo o resto da família de Hércules. Anfitrião pede ser ele a primeira vítima, não esperando mais recurso do que em Hércules, que ele chama e invoca com altos gritos. Acaba-se o Acto e o Coro canta, como é seu ordinário, uma Ode, belíssima sim, mas que não tem aqui o seu próprio lugar.

O terceiro Acto, em que Hércules começa a deixar-se ver, tem tanto de ridículo, quanto de grande e de nobre a cena de Eurípedes que se quis imitar. Aparece pois Alcides acompanhado de Teseu, não já como herói e libertador da sua casa e família, mas como um declamador que, enfaticamente, vem ostentar façanhas incríveis, que nada dizem ao propósito. Repara, enfim, em sua casa cercada de soldadesca; chega-se e, por espadaúdo e pela insígnia da clava, é logo conhecido de Anfitrião.

Quem há-de persuadir-se que fosse Eurípedes o exemplar que pertendeu imitar-se nesta cena? Se dele aparecem algumas pisadas, é nestas palavras que profere Anfitrião: «Creonte foi cruelissimamente morto; Lico está soberbamente reinante e a ponto de sacrificar vosso pai, vossa esposa e vossos filhos.» Afectando Hércules a mesma concisão, em lugar de mostrar-se surpreendido à vista de um patético espectáculo, responde arrebatada e canonicamente: «Que ele vai em busca do tirano para o matar, para que da sua parte leve novas a Plutão, de como já se acha outra vez sobre a face da terra.» Parte dali como um raio, deixando com seu pai e sua esposa a Teseu que, para chegar à última raia da extravagância e loucura de estilo das novelas e cavalarias andantescas, a ambos consola com estas burlescas palavras «Eu, que conheço Hércules, vos afirmo que Lico será sacrificado. Sacrificado? Está morrendo. Está morrendo? Já está morto.» O restante desta cena é igualmente pueril, ridículo e insulso; e, verdadeiramente, chegando Hércules, não se compadecendo das desgraças que perseguiram a triste família, partindo arrebatadamente, qual pode ser o colóquio entre Anfitrião, Mégara e Teseu que possa satisfazer o ânimo dos circunstantes? Nestes termos, tudo o que podem dizer há-de ser impertinente, mas pela matéria passa a ser gélido. Esquecem-se Anfitrião e Mégara facilmente do iminente perigo a que se tinham tão próximos. Satisfeitos com a vinda de Hércules, e sem lhes dever o menor cuidado a incerteza do sucesso contra o tirano, passam a informar-se de Teseu sobre a jornada de Hércules ao inferno. Teseu prolixo relacionista, antes de entrar na narração, afecta indiscretissimamente receio e horror, mas determinando-se, enfim, a satisfazer aquela tão intempestiva curiosidade, faz uma descrição dos infernos mui própria do Soco e imprópria do Coturno. Faz-lhe Anfitrião perguntas mui cómicas, e tais são as respostas que Teseu lhe torna. Depois de um larguíssimo circuito, descreve com uma imensa profusão o modo com que Hércules amedrentou e aprisionou o Cérbero, quando a Eurípedes havia sido bastante nesta parte como uma fábula conhecidíssima dos antigos, muito poucas palavras. Não reparou o Trágico Latino, que entrando aqui na declamação, vinha a deformar o lugar mais elegante do seu modelo. Para desvairar e adormecer os circunstantes, canta o Coro os louvores de Hércules, alargando-se mais no trabalho de haver entrado e saído triunfante dos infernos.

Aparece Hércules, no quarto Acto, coberto do sangue de Lico e dos seus Satélites. O que primeiro lhe ocupa as atenções, é oferecer sacrificio aos Deuses por esta vitória. A todos dando-lhes, exceptuados os que devem a Juno a sua existência, o nome de seus irmãos os invoca. Para vítimas, pede manadas e rebanhos inteiros; para incenso, todos os aromas que produzem Índias e Arábias. Nem uma sílaba sabe, ou pode Séneca pronunciar, que se acomode com a simplicidade e natureza. Depois de Teseu fazer pela

mesma toada as suas invocações, começa o sacrifício: Hércules, porém, surpreendido de um horrível vapor, se perturba de modo que tudo a seus olhos muda de figura. Parece-lhe achar-se rodeado de sombras crassíssimas, ter à sua vista o leão celeste, aquele leão que ele domara e rendera nos bosques de Nemeia, e vê-lo passear no Zodíaco pelas casas dos signos do Outono e do Inverno, para ir devorar (astronómico e erudito desvairo!) o Touro, signo afecto à Primavera.

Esmorecido, Anfitrião inutilmente procura desalucinar seu filho, que cada vez tresvaria mais, deixando possuir-se de extravagantíssimas fantasias, como querendo militar e regularmente levar o Céu à escala. Ameaça a Juno de arrombar e deitar dentro as portas do mesmo Olimpo, se ela se obstina em tê-las fechadas; ameaça a Júpiter de libertar Saturno; nomeia por seus colegas aos Gigantes, que ele quer capitanear. Enfim, esta é a fanfarronada e o despropósito maior que jamais se ouviu nas casas dos orates. Que o anúncio dos furores de Hércules começasse por uma loucura, assim o devia ser; mas loucura menos desatinada, loucura verosímil, mais decente, ou melhor ainda, não expô-lo deste modo aos olhos e censura do público, e escondê-lo, como mais judiciosamente assim o havia feito Eurípedes.

Continuam as extravagâncias de Hércules com tal excesso, que chegam enfim às mais funestas consequências pois, reputando Mégara por Juno, e por filhos de Lico seus filhos, levado desta imaginação intenta sacrificá-los. Vê-se então aquela desgraçada Princesa fugindo com seus filhos, desta para aquela parte, para evitar a morte e, no mesmo tempo, Hércules aparecendo, desaparecendo e dando as mesmas voltas para os haver às mãos. Aqui morre a esposa, ali os filhos e, cansado o Herói, cai em um profundo letargo como na tragédia Grega, e acaba o Acto. Cessando desta sorte a agitação do Teatro e o horror que devia causar ao auditório uma cena tão sanguinolenta, canta e chora o Coro aquelas tão mal dadas motes cru expressões tão alheias do juízo, que podem competir com a loucura e desvairios de Alcides. Confessamos, porém, que um espectáculo tão horroroso, e lamentável, não podia deixar de fazer uma grande impressão, e mover o terror e a compaixão; mas, no mesmo tempo, somos de parecer que se deve usar moderadamente e, com cautela, de semelhantes situações, porque não admitem meio, ou excitam lágrimas, ou provocam riso. Abre, enfim, os olhos Hércules no quinto Acto, e as particularidades do modo com que acorda, são com pouco notável diferença as mesmas de Eurípedes: isto é, com muita naturalidade, e talvez com algumas belezas mais que no original. Vê o Herói os cadáveres de sua esposa, e de seus filhos. Que dolorosa vista para o coração de um Pai! Vaga por uma e outra parte em busca do agressor de tão indignas mortes. Enfim, dá com seu Pai e com Teseu que, com os semblantes cobertos, amargamente choram. Aqui sobe de ponto o seu pasmo, e por mais que queira falar, não atina com palavra alguma. Ora faz perguntas ao aflito Pai, ora faz perguntas ao triste amigo. As respostas que se lhe dão, parecem como proferidas pela boca da mesma dor, equívocas, e com termos interrompidos. Repara, enfim, em uma das suas frechas tinta no sangue dos desgraçados filhos. Esta vista, e as lágrimas de Anfitrião e Teseu, o fazem vir no conhecimento de todo o facto. O seu arrependimento pode passar por um segundo furor. Implora os raios de Júpiter, quer substituir no Cáucaso o lugar de Prometeu, quer ver-se entre os rochedos das errantes Ilhas Cineas, para ficar, quando choque uma com outra, feito pedaços e, enfim, continuando sempre com este espírito, isto é, juntando a rasgos sublimes muitas frialdades e ridicularias, determina queimar-se vivo. Faz horribilíssimas invocações ao Érebo, às Fúrias e a quanto há de mais pavoroso nos Infernos, quer queimar as suas frechas e a sua clava, e às mãos de Juno, que tão funestamente o haviam abusado e dirigido os seus golpes. Pedê as suas armas para matar-se. Procuram Anfitrião e Teseu dissuadi-lo destes intentos, mas deliberado Hércules a dar-se absolutamente a morte, não lhes dá ouvidos.

Todo entregue à fúria e à desesperação, ameaça despovoar dos seus arvoredos o Parnaso e Citéron, para construir a sua pira, de derribar, para os deitar sobre si, não somente os templos com os seus Deuses, mas toda Tebas, para assim jazerem em um digno túmulo as suas cinzas; que se ainda não é bastante com os seus muros, fortificações, torres e com as suas sete portas esta Cidade para oprimir as suas relíquias, quebrará, para que elas fiquem bem sepultadas, em duas partes o eixo do mundo. Que delírios! Um cérebro nimamente esquentado pode só lembrar-se de tantas e semelhantes extravagâncias.

Desesperado Anfitrião de reduzir seu filho, toma para passar-se o peito uma daquelas frechas com que foram mortos seus netos. A esta vista, apela Teseu para todas as expressões que podem inspirar o horror e o medo, mas nada vale com Alcides. Anfitrião, suposto o nenhum efeito dos seus rogos e ameaças, vai já ultimamente a matar-se, se seu filho não desiste do que intenta; e, com efeito, consegue vencê-lo, ainda que com muito custo e muito a pesar de Hércules. Não sabe este aonde vá esconder-se da vista dos homens e da luz da rua, de que se tem por indigno. Finalmente, por fechar a Tragédia ao modo de círculo, no mesmo ponto em que começara (isto é, tão ridiculamente no fim, como no princípio), Séneca faz invocar a Hércules geograficamente pelos seus nomes, a todos os rios para a ablução do seu delito, e para ocultá-lo a todas as partes do mundo, ainda as mais remotas, bárbaras, e desconhecidas. Corta-lhe Teseu a palavra, oferecendo-lhe Atenas para seu asilo. Aceitando-o Hércules, se termina o Drama.

Não nos detemos por ora em notar as belezas e os defeitos de uma e outra Tragédia, da Grega e da Latina; unicamente contentar-nos-emos observando com Castelvetro, Menagio e outros Críticos que em ambas elas falta a unidade de Acção, havendo, tanto em Eurípedes como em Séneca, duas Acções principais, uma vingando Hércules com a morte de Lico tirano de Tebas, a opressão de Mégara e de seus filhos; e outra, matando-a e matando-os a efeitos do seu furor. Passemos, finalmente, a examinar a Tragédia Castelhana de D. Francisco Lopes de Zarate, impressa no ano de 1651.

O título que Zarate impôs à sua tragédia indica o seu pouco ou nenhum conhecimento das verdadeiras regras do Teatro. Ei-lo aqui: *El Hércules forente, y Oeta*. Acima notamos de faltas de unidade e de duplicadas as acções principais das Tragédias de Eurípedes e de Séneca; Zarate pecou muito mais enormemente, triplicando estas acções no seu Drama, que inculca a morte de Lico, os furores de Hércules e a sua morte no monte Oeta.

Os dous Hércules de Séneca, o Furioso e o Eteo, serviram de modelo a Zarate; mas é cousa bem notável que de duas acções tão distintas, acontecidas em diversos lugares e tempos, se metesse o Poeta Espanhol a fazer uma mesma tragédia. Bem dá a entender que ignorava que a unidade do Herói jamais conduz para a unidade da Acção, e que havendo mais de uma em um Drama, se segue que não haja uma só que não dependa da principal, como membro ou parte.

Disse Aristóteles judiciosamente no cap. VI da sua *Poética*, ser mais fácil a felicidade dos versos e do estilo, que é o corpo de um Poema, do que na alma, que é a sua estrutura. Esta verdade não pode ser mais palpável do que na Tragédia referida. É, sem dúvida, de um estilo sentencioso, nobre e algumas vezes sublime, e eis aqui todas as suas belezas, todo o seu merecimento. Saindo daqui, não há regra que neste Drama se não ache atropelada. Reina na sua fábula, que é de uma prodigiosíssima grandeza e superabundante em incidentes, uma tal confusão, que nem com grande trabalho e aplicação pode perceber-se. Donde se infere muito bem a impossibilidade da observância da exacção, das unidades, e de outros princípios a que se está faltando a cada passo. A vingança que Hércules tomou de Lico, e o seu furor inspirado por Juno para matar sua Esposa e seus filhos, tudo teve por Cena a Cidade de Tebas na Beócia,

mas dos funestos efeitos dos ciúmes de Dejanira foi testemunha a Tessália, país que compreende o monte Oeta. Querer logo unir lugares tão distantes, em que passaram acontecimentos tão distintos e em épocas tão notavelmente diferentes, é o mesmo que atropelar a verosimilhança, e pecar contra as três unidades de Acção, lugar e tempo.

Zarate não se achava tão destituído de estudos e de engenho, para deixar de conhecer o defeito em que havia incorrido; pareceu-lhe, porém, que acorria a compor esta dificuldade, atribuindo a Tebas da Tessália as particularidades da Tebas de Beócia. Como seja, porém, tão vulgar conduzir um erro para ser degrau de outro maior, confunde o Trágico Espanhol as mesmas duas Cidades, que nada entre si tinham de comum mais do que o nome, com a Tebas do Egipto, pondo na boca de Dejanira, respeitando a Tebas de Tessália, estas palavras:

«Tebas pátria de Alcides
Com muro de cien puertas adornada.»

De modo que sendo Hércules nascido na Tebas de Beócia, não só atribui Zarate aquela prerrogativa a Tebas de Tessália mas ainda a esta as cem portas da Tebas do Egipto, circunstância que nem podia convir a uma, nem a outra, porque quem ignora que a Tebas de Beócia, a que ali se atribuem as cem portas, se chamava *Heptapilon*, por consideração das suas sete portas?

Zarate, por paliar defeitos tão crassos e conservar ao menos aparentemente as unidades de lugar e tempo, quando Hércules determina partir para tornar a Tebas do monte Oeta, em que se gasta o mais da Cena, lhe faz dizer:

«A Tebas voy, no es grande la distancia.»

Mas que ridículo meio este para apoiar esta sua pretensão! Não estranhemos querer aproximar os lugares, quando de outro modo fica sendo impossível conservar a aparência da unidade. Mas, para isto, é também necessário que os lugares não sejam tão conhecidamente distantes do Auditório, que este conheça se pertende aluciná-lo. Zarate, sim, por este meio vem a conservar rigorosamente a unidade do lugar, dando somente (por servirmo-nos dos termos de Escalígero) uma convulsão à regra, sem fazer-lhe levantar espuma. Mas poderá lisonjear-se de iludir aos circunstantes merecer assim a sua aprovação? Como poderia persuadir a quem soubesse que, sendo a de Beócia a Tebas em que nasceu Hércules, fosse a distância que mediasse entre a mesma povoação e o monte Oeta, situado em Tessália de tão breves momentos? Como poderia persuadir a quem soubesse, que Hércules dera a morte a Mégara e a seus filhos depois de haver sacrificado Lico à sua justa vingança, factos todos acontecidos na Beócia, que o mesmo Hércules morreu na Tessália, e que sendo isto acções sucedidas em tão diversos lugares e remotos, em tempos tão diferentes, concorrem os Actores em um mesmo dia, ao mesmo lugar? Como se persuadiu Zarate a que poderia violentar a imaginação dos circundantes de tal sorte, que lhes fizesse crer uma cousa cuja falsidade era manifesta, e eles a conheciam? Já não falamos de querer dar a Tebas de Tessália as cem portas da Tebas do Egipto; também não entramos no exame de ser ou não ser breve a distância do monte Oeta a Tebas; não reparamos assim mesmo nos repetidos àpartes de que a cada passo está viciosamente abundando este Drama, não só porque até se nota este defeito, que tanto desfigura a verosimilhança nos Trágicos Gregos e Latinos, mas porque presentemente se está vendo praticado nos Franceses, Ingleses e Italianos.

Desta análise pode concluir-se, que a Tragédia Castelhana está repleta de defeitos e que, por consequência, não nos podia ser útil, pelo que unicamente nos contentámos

com lê-la, por não deixar de fazer diligência alguma das que podiam de algum modo conduzir para a nossa instrução e para o maior acerto da nossa Tragédia.

Tempo é já de passarmos ao seu exame, e satisfazer ao público do que para a sua perfeição aproveitamos de Eurípedes e de Séneca, e dos fundamentos que nos moveram a mudar não só a fábula, mas ainda a mesma catástrofe.

Demos o título de Mégara ao nosso Drama por ser ela, segundo a constituição do nosso argumento, a pessoa principal. Quisemos antes que fosse Creonte Actor nesta representação, do que Anfítrião, e isto, além de outras, pelas seguintes razões. Primeira: por este morrer na guerra feita por Hércules ao Tirano Ergino, a fim de libertar a sua pátria do tributo que ele dela exhibia, motivo porque o mesmo Creonte lhe deu para esposa sua mesma filha Mégara. Segunda: por parecer-nos que atentos nossos costumes, todo o Drama em que Hércules deve accionar, Anfítrião não pode deixar de fazer um triste papel, porque cada vez que desse o nome de filho, quem deixaria de lembrar-se da cómica ocasião que abriu caminho ao nascimento daquele Herói.

É necessário confessar que antes traduzimos do que imitamos o segundo Acto de Eurípedes, e isto por nos persuadirmos que não podíamos imitar melhor a natureza e, consequentemente, fazer cousa mais vantajada. Quanto a Lico, servimo-nos do carácter caviloso que Séneca lhe dá: imitamos do referido Autor o artifício com que mesmo intruso pretende corar a sua ambição e tirania, e lhe atribuímos os mesmos motivos para procurar a mão de Mégara. Se atendemos à História, Hércules é o que mata Lico; ao contrário, no nosso Drama, Mégara é quem lhe tira a vida a punhaladas. Como podem não faltar rigoristas que condenem esta mudança e liberdade, alegando-nos não ser lícito conviciar e adulterar a verdade da História, passaremos a justificar-nos, não só com a doutrina teórica de Aristóteles, mas com a autoridade daqueles Trágicos que melhor se distinguiram na Trágica Poesia.

Aristóteles no cap. IX da sua *Poética* estabelece por princípio: «Não ser próprio do Poeta expressar as cousas como realmente sucederam, só sim como elas, ou necessária, ou verosimilmente poderiam, ou deveriam acontecer... Difere o Historiador do Poeta, em que o primeiro narra os factos como aconteceram; o segundo como eles podiam, ou deviam acontecer.» O Historiador (diz Dacier) não é senhor do seu assunto, nada mais refere do que sabe, nem outra alguma cousa se quer saber dele, contanto que se encoste fiel e religiosamente à verdade. Não assim o Poeta, que é dono absoluto do que escreve; por isso, o pólo dos eixos dos seus Poemas são necessidade e verosimilhança, isto é, tudo o que narra, ou pode, ou devia acontecer assim como ele o diz. Se talvez nesta ou naquela ocasião deita mão da História, isto é só no caso em que a História não vai contra os seus intentos, antes os favorece e adianta, tratando os factos do modo que ele os poderia fingir; não sendo assim, muda o Poeta todas aquelas espécies que não fazem a seu propósito.

A Poesia (continua Aristóteles) fala genericamente e a História particularmente. Uma cousa geral é a que este, ou aquele homem de um tal ou qual carácter diria, ou executaria verosímil ou necessariamente. Este mesmo é o fim da Poesia, ainda quando impõem os nomes aos seus Actores. Uma Causa particular é, por exemplo, o que Alcibíades ou fez, ou suportou. De facto, a sujeitar-se um Poeta à narração dos factos do modo que eles se passaram, não poderia ter verdadeiramente (acrescenta Dacier) à sua acção a necessária extensão: não teria aquele princípio, meio e fim requerido por Aristóteles na mesma acção e, o que mais é, ignorando o Poeta todos os motivos e causas dos incidentes que deviam concorrer para a sua construção (por estar sucedendo a cada passo uma infinidade de factos cujas causas se ignoram, principalmente se eles respeitam aos soberanos, matéria dos argumentos privativos da Tragédia) não poderia por consequência dar aquela dependência e conexão adequada entre uns e outros, aos

seus incidentes, sendo os primeiros causas e premissas dos seguintes. Como, pois, o Poeta tenha obrigação de explicar todas as causas dos incidentes de que se organiza a composição do seu argumento, é logo muito muito que seja senhor livre da matéria que trata, não se pertendendo que ele diga as cousas como são, só sim como podiam ou deviam ser, contanto que ele não perca de vista o verosímil ou o necessário, nada mais se deve esperar ou pertender.

Se Aristóteles permite que, inventado um argumento, nos sirvamos de verdadeiros nomes, atribuindo a Aquiles, a Agamémnon, a Ulisses, a Teseu & C. uma acção que eles nunca emprenderam, e menos executaram, com muito maior fundamento podem mudar-se tais ou quais circunstâncias na vida das pessoas introduzidas nos Poemas porque, quando o Autor de uma Tragédia ou de um Poema Épico impõem os nomes aos seus Actores, não lhe vem ao pensamento fazê-los falar verdadeiramente, só sim dentro dos termos, ou da necessidade, ou da verosimilhança, seguindo os lances em que eles se virem, ou segundo o carácter particular que se lhes houver assinado: isto é, o Poeta lhes faz dizer ou obrar o que qualquer pessoa de semelhante humor ou carácter devia obrar, ou dizer em uma igual conjuntura, ou instigado da necessidade, ou ao menos da verosimilhança. A este modo, quando Homero descreve as acções de Aquiles, não era o seu desígnio escrever única e particularmente de um homem que tinha aquele mesmo nome, senão fazer-nos uma viva representação do que a violência e a cólera podem inspirar a todos os homens de semelhante carácter; assim vem a ser na *Iliada* Aquiles uma pessoa universal, geral e alegórica. O mesmo pode dizer-se dos Heróis na Tragédia porque, quando um Poeta Trágico deduz de uma verdadeira História o argumento do seu Drama, este argumento fica sendo como todos os outros, que nada tem de verdadeiro, geral, universal e alegórico.

Quando o Trágico se serve de nomes verdadeiros, isto não obsta para que fique destruída a ficção, fundamento igualmente que do Épico, do Poema Dramático. Uma das razões que apoia esta verdade vem a ser: que tudo que pode ser é crível. Quer o Poeta, atribuindo-a a um Herói conhecido, persuadir esta ou aquela acção verdadeira; com facilidade o circunstante se acomoda então a crer, que não é menos verdadeira a Acção, do que o nome do Herói a quem ela se atribui. Outra comodidade têm os Poetas na introdução dos verdadeiros nomes; vem a ser, darem-lhes ocasião de servir-se de factos verdadeiros e conhecidos das mesmas pessoas de que, oportuna e engenhosamente, pode acomodar-se a Fábula de que é questão, extraindo deles episódios tão convenientes e judiciosos, que só sirvam de maior elegância e ornato do Drama; senão que façam a sua fingida acção muito mais verosímil, dando-lhe assim entrada nas verdades da História. Desta indústria se valeram optimamente Homero e muitos Poetas Trágicos da Grécia. Temendo Aristóteles, que por haver preferido a sentença que acima deixámos transcrita, que empregando os Trágicos nomes já conhecidos se poderia argumentar que era uma necessidade indispensável assinar, por Actores da Fábula da Tragédia, Heróis verdadeiros, não se descuidou de advertir: «Que não poucas vezes succede contentar-se a Tragédia de um ou dous nomes conhecidos sendo os outros inventados.» Com efeito, (anota aqui Dacier) um ou dous nomes conhecidos muito bem bastam para fazer lugar a todos os outros, e para que estes se não estranhem. Não pára aqui a doutrina de Aristóteles: passa a demonstrar pelo exemplo de Ágaton que vivia no tempo de Êupolis e de Aristófanes, que a liberdade de um Trágico se estende à invenção dos nomes e dos factos. No referido Drama de Ágaton, intitulado a *Flor*, nenhum nome havia verdadeiro, e todas as partes da Fábula eram da invenção do Poeta, sem haver nela incidente tomado de um argumento já conhecido.

É, pois, o Poeta muito Senhor de variar e alterar os factos de um argumento, ainda realmente tomado em Fábulas recebidas e notórias, pelo que Aristóteles diz que aquilo

que é conhecido, o é de poucas pessoas; e Dacier acrescenta que, se para deleitar não houvesse outros argumentos mais do que os conhecidos, verdadeiramente não deleitariam mais do que a um número bem pequeno de circunstantes, isto é, aqueles que se achassem mais bem instruídos, principalmente na História, de que são tirados os mesmos argumentos; quando, porém, vemos, pelo contrário, que as boas Tragédias Gregas, Latinas, Francesas e Inglesas não atraem menos as atenções, não dizemos só dos eruditos, mas ainda das gentes mais destituídas de erudição, e que nem ao menos conhecem os nomes dos Actores. «É logo evidente (conclui afirmativamente Aristóteles), que os Poetas devem ser mais senhores da construção do argumento, que da mesma composição dos versos.» E, de facto, o primeiro cuidado de um Poeta é abrir os alicerces da Fábula, que à primeira vista se inclui geral e universal, e a vem depois a singularizar pela imposição dos nomes dos Actores; e se os Actores conhecidos lhe ministram este ou aquele troço de História, o Trágico procura acomodá-lo a seu propósito, deduzindo dela algum episódio. O que a Tragédia e o Poema Épico têm de principal, (prossegue Dacier) é a Fábula ou composição das cousas; e, sendo isto inteiramente da invenção do Poeta, isto mesmo é o que lhe dá o jus de um tal nome, que propriamente significa inventor. Logo, bem pode dizer-se que é mais senhor do argumento que da composição dos versos. Nestes, não pode mudar a medição prescrita pelas leis da Poesia; no argumento, pelo contrário, tem ele uma inteira liberdade, contanto que tenha sempre presentes o verosímil e o necessário. Jamais pode a verdade do facto destruir a natureza da Fábula. A uma razão tão concludente ditada pela mesma natureza do argumento, pudera acrescentar outra Aristóteles, que a nosso parecer é solidíssima, e vemiu a ser: que a verdade do ponto histórico, que se emprende tratar, de nenhum modo exclui o artifício do Poeta cujo primeiro instituto é dispor o seu argumento, e traçar de modo o seu plano, que sempre fique sendo a Fábula a alma do Poema. Esta economia, esta justa laçada de factos, é que propriamente constituem o Drama, e isto mesmo é o que não se faz menos difícil nos argumentos verdadeiros que nos fingidos.

Ainda que depois das razões expendidas nos pareça, suposta a sua força e autoridade, não ser necessário produzir outras de novo, ao mesmo tempo para remover todo o escrúpulo nesta matéria, transcreveremos a opinião do Abade d'Aubignac cuja obra pelo que diz respeito às regras e à prática do Teatro, passa por um livro clássico, e que por tão judicioso não cede o lugar mais que à *Poética* de Aristóteles.

Questiona-se (diz este ilustre Autor)¹ até onde é permitido ao Poeta mudar uma História que ele quer pôr no Teatro? Não faltam (continua o referido Abade) exemplos e resoluções sobre este ponto igualmente antigos que modernos. Quanto a mim, sou de parecer que o Poeta não só pode alterar a história nas circunstâncias, mas ainda na acção principal, contanto que o Poema seja plausível; porque como não se acomoda ao tempo, por não ser cronológico, também não será aderente à verdade, como os professores da Epopeia, por ambos não serem Historiadores. Tomam da História o que mais faz ao seu intento, e dela mudam o que não lhes convém para organizar o seu Poema; e, verdadeiramente, que seria bem ridículo ir buscar ao Teatro lições de História. Não representa a Cena os factos como foram, só sim como deveriam ou poderiam ser. Deve o Poeta rectificar no argumento tudo o que discrepar das regras da Arte, como o executa o Pintor, que copia um modelo defeituoso.

O Historiador simplesmente deve referir o sucedido; se se mete a Juiz, é transgressor das leis da sua profissão. A Epopeia, mediante grandes ficções em que deixa como abismada a verdade, faz muito mais avultados os sucessos, e o Teatro tudo

¹ V. *A Prática do Teatro*.

deve repor no estado da verosimilhança e do deleite. Muita verdade seja, que se na História são admissíveis todos os ornamentos da Poesia Dramática, igualmente lhe deve o Poeta conservar todas as belezas da verdade; se, porém, o não pode conseguir, tem jurisdição de fazer ceder toda a severidade da História, ao projecto de fazer quanto mais possa brilhantes os seus Dramas. Para provar a opinião contrária muitos trazem estes versos de Horácio.

Ou seguir debes a corrente fama,
Ou fingir cousas, que entre si convenham.
Se acaso torna à Cena o honrado Aquiles,
Seja irado, incansável, surdo a rogos,
Desprezador das leis, e que a Justiça
Toda espere das armas. Inflexível
Feroz seja Medeia, Ino chorosa,
Seja pérfido Ixíon, Io errante,
E das fúrias Orestes agitado.²

Horácio porém neste lugar nem por sombras fala do argumento, só sim dos costumes, advertindo-nos, como egregiamente assim o adnotou Vossio na sua *Poética*³ que seria absurdo dar aos Actores principais, costumes dissimilhanças a si mesmos, ou inteiramente diversos daqueles que têm na opinião geral da História. Por este princípio, pecaria quem, por exemplo, caracterizasse a César por um pusilânime, Aquiles por pacífico, Ulisses por um imprudente, e a este modo invertesse o carácter de outros muitos Heróis contra a comum opinião da História. Eis aqui como alegações falsas, applicadas diametralmente ao contrário dos sentidos dos mesmos Autores, abusam e alucinam o entendimento. Não pretendemos dizer, porém, que uma História conhecida, ou por ser recente, ou por andar de todos os tempos na boca do vulgo, possa admitir muitas inovações e mudanças sem grandes cautelas. Nestes casos, aconselhara ao Poeta (continua o Abade d'Aubignac) não deitar mão de argumentos que trazem consigo semelhante embaraço, antes do que fazer um mau Poema, não violando a verdade da História a que o Poeta não está obrigado, ou a haver de tomar semelhante empresa de proceder com uma tal prudência e destreza que por nenhum princípio escandalize, ou ofenda a opinião popular.

Se se penetra bem o sentido de Aristóteles (vai ainda continuando o dito Abade), facilmente se conhecerá não ser ele contrário a esta opinião, e que os mesmos antigos sempre a puseram em prática. Para confirmação desta Verdade, observe-se que não foi tratado pelos Trágicos ponto de História, sem alguma variedade notável. Vamos a prová-lo como exemplos. Os sucessos da morte de Polidoro são muito diferentes, confrontados Eurípedes e Virgílio. Homero na sua *Iliada* diz que este Príncipe fora morto por Aquiles. Sobre as particularidades da morte de Caco, variam muito Virgílio, Ovídio e Dante. Ésquilo precipita mediante um raio a Prometeu vivo nos infernos, e lhe é anunciado por Mercúrio, que ali será despedaçado, e devorado por uma Águia o seu coração, sem que este tormento haja de consumi-lo jamais, e com isto não tem correlação alguma a Fábula vulgarmente recebida. Em Sófocles, morrem Emon e Antígona; Eurípedes, porém, os ata com os vínculos do Himeneu, muito ao contrário do que o mesmo trágico havia feito nas *Fenícias*. No *Édipo* de Sofócles, se mata Jocasta a si mesma ao rigor de um laço; e em Eurípedes, ainda tem vida ao tempo do combate de Etéocles e Polinices, e tirando-se a si mesma com um punhal a vida, cai morta sobre o

² Na versão do M. R. P. Francisco José Freire.

³ *Poética*, L. I, cap. 5.

corpo de seus filhos. No *Édipo* de Séneca, logo que o Herói daquela Tragédia se tira a si mesmo os olhos, se mata Jocasta que na Tebaida do mesmo Séneca sobrevive a seus filhos Etéocles e Polinices. Entre os mesmos Poetas trágicos se acham em contradição Orestes e Electra, em muitas circunstâncias de consequência. Uns fazem Orestes ainda menino, quando morre Agamémnon voltando da guerra de Tróia a sua casa, às mãos de sua mulher Clitemnestra. Outros, dizem que já esta havia sido morta por seu filho Orestes, quando Menelau seu tio chegou, tornando da mesma guerra à sua casa; e já se vê que não podem concordar duas sentenças entre si tão repugnantes: porque ou era ao mesmo tempo Orestes menino e velho, ou Menelau não chegou à Grécia senão passados muitos anos depois de Agamémnon. Em uma palavra, os quatro trágicos que nos ficaram da Antiguidade, todos diferem em umas mesmas histórias que puseram no Teatro. Examinadas uma e outra *Electra*, a de Eurípedes, a de Sófocles e as *Coéforas* de Ésquilo, assaz fica demonstrada incontestavelmente esta verdade.⁴ Além de que, a lição dos antigos prova superabundantemente serem os Poetas pouco escrupulosos da observância da verdade da História. Historiadores há que fazem a apologia de Dido e de Medeia, afirmando haver sido a primeira casta, e a segunda inocente; que escrevem que Penélope foi repreensível, violando a fidelidade conjugal durante a ausência de Ulisses, que por este motivo a repudiou.⁵ Alguns Historiadores afirmam, que Cleópatra não é ré de outra culpa mais do que ser apaixonadamente querida do maior homem do seu século.⁶

Virgílio, porém, pouco reparo fez em fazer de Dido uma mulher fácil. Eurípedes e Séneca não rezearam fazer Medeia uma atroz filicida. À opinião comum deve Penélope a glória de passar por modelo de uma mulher casta⁷, Cornélio Nepote, e outros contemporâneos de Augusto e consequentemente suspeitosos de adulação, nos pintam Cleópatra como uma pérfida, uma prostituta. Sófocles no seu *Ájax* pretende que entrado nos seus furores este Príncipe, vendo-se julgado pelos Capitães da Grécia inferior a Ulisses na contenda de qual era mais digno das armas de Aquiles, se matou pelas próprias mãos. Ovídio, porém, faz unicamente menção da sua cólera; outros dizem, que Páris foi homicida de Ájax, e outros que, pela opinião que corria de ser invulnerável este herói, foi por unia multidão de troianos sufocado num atoleiro.⁸

⁴ Na *Hécuba de Eurípedes*, é sacrificada em Trácia, e na Tróade sobre o túmulo de Aquiles em Tróia; Fedra se tira avida com um punhal no Hipólito de Séneca, e na mesma tragédia de Eurípedes com um lado.

⁵ Veja-se *Lícofron*, Isac Tzetzes, seu intérprete, Ariost., C. 34. Estanç 27. Horácio. L. 2. sat.5 Ovídio Amor, L. 1, c.8. Propércio, L. 3 Pausânias, L. 8. Gregório Giraldo, Plutarco, e Heródoto.

⁶ Estesícoro ap. Dion. Declam. II. Eurípedes na sua Helena, e a Electra; Aristides no seu discurso da Retórica. Filóstrato na vida de Apolon, L.4 e 7. Lícofron na Alexandra, e Isac Tzetzes seu ilustrador. Platão L. 31. Heródoto L. 2. Isócrates nos ecom. de Helena; Homero na Iliada, e Ulisseia. Darete Historiador de Tróia; Dites Historiador de Cândia; Duri Sâmio; Coluto Tebano; Trifiodoro; Quinto Esmírneo; Natal Conti na Mitologia L. 6 cap. 23. Jacob Mazoni Diffens. Di Dante, L. 3 cap. 7 se contrariam todos, sustentando uns que Helena fota levada a Tróia: outros ser fabulosa esta opinião.

⁷ Natal Conti Mitol. L.8 cap. 24; Mazoni, L.3 cap 13. Dempster Antiq. Rom. L. 3 cap. paralip.; Francisco Fernandes Didasc. Cap. 46 seguem este parecer.

⁸ Sófocles na sua tragédia de Ájax; Q. Esmírneo L. 5; Ovid. Met. 13; Pausânias L. 1; Higino fab. 107.242; João Zeze, chil. 3 cap.76; Filostrato no Ajax; Horácio, sat.3, L. 2 concordam em dizer que Ájax se matara a si mesmo. Dites, L. 4 e Q. Esmírneo, L. 1 asseveram que às mãos de Aqui/es fora morta. Pentésileia e Darete que às de Neotólemo. Este Autor de que Páris fora morto por Ájax. Apolodoro, L. 3; Quint. Esmírneo, L. 10 e Dites, L.4 afirmam, que a rigor das frechas de Filoctetes perdera a vida. Conforme Dites L. 3 e Homero na Iliada, morreu, Sarpedão às mãos de Pátrocolo, e conforme Darete às de Palamedes Este Autor diz que Páris matou Palamedes; e aquele, que foram Ulisses e Diomedes, que lhe deram a morte. Darete, Q. Esmírneo, L. 1, Higino fáb. 113, Ovid. met. L. 2 dizem que Heitor matara Protesilau; e Dites diz ao contrário, que seria Eneias. Pudéramos citar maior número de contrariedades entre os Historiadores e Poetas em pontos de grandíssima consequência; mas para não sermos mais

Ao dito acrescentaremos ainda a autoridade do P. le Bossu, cujo magistério nas leis da Poesia Épica não haverá quem no mundo literário se atreva a controvertê-lo. Este, sem a menor sombra de questão, grande Autor, para demonstrar ser o Poeta despoticamente dono muito à sua fantasia do argumento do seu Poema, expressamente diz, que deve depois de composta a sua acção que há-de ter disposta geral, buscar já na História, já na Fábula, nomes conhecidos de pessoas a quem hajam acontecido, ou real ou verosimilmente, factos da natureza, com que ele pretende fazer aparecer os seus heróis, referindo-os debaixo dos mesmos nomes, porque assim, verdadeiramente, a virá a fingir e inventar. Que logo deve começar a dispor a sua acção geral, porque o fim do Poeta, seja na composição da Tragédia, seja da Epopeia, deve respeitar, geral e particularmente falando, a instrução moral de todo o género de pessoas. Deve dirigi-la debaixo de nomes conhecidos, porque havendo acções conhecidas, e atribuídas as estas pessoas, muito judiciosa e oportunamente se lhes podem acomodar para servir no grosso da Fábula, concorrendo para o ornato dos episódios, e para todas as mais vantagens possíveis, segundo as regras da Arte. Deste modo, a acção fingida se faz muito mais verosímil, e pode confundir-se com a verdade histórica. É para notar, diz ainda o Padre le Bossu, que para pintar os factos mais verosímeis, e persuadir a sua possibilidade como já sucedida, não determina Aristóteles que a fábula se disponha debaixo de uma acção conhecida, bastando só que sejam os nomes conhecidos, porque quanto mais o são, tanto mais concorrem para a fazer crível. Homero teceu a Fábula da *Iliada* e da *Odisseia*, sem lhe entrar no pensamento o que realmente haviam sido Aquiles e Ulisses. Fez a honra de dar estes nomes aos Heróis que havia fantasiado. De facto, nas outras histórias e monumentos da guerra de Tróia, se não acha a dissensão entre Agamémnon e Aquiles que Homero tomou por base do argumento da *Iliada*; e não é circunstância menos notável que, o mesmo intento e a mesma acção posta pelo Poeta em Aquiles no cerco de Tróia, podia atribuir-se com igual verosimilhança debaixo do nome de Tideu, de Capaneu, ou de qualquer outro combatente, que concorreu ao cerco de Tebas.

Ao Poeta (acrescenta o P. le Bossu no cap. 12) pertence inventar a matéria do seu assunto); e se ele a deduz da História, isto não é senão enquanto a História o acomoda e não prejudica o seu intento. Deve fingir e inventar tudo o que nela não encontra, e mudar tudo o que lhe seria inconveniente e lhe serviria de incómodo.

O Poeta (Diz em outro lugar Do seu tratado do Poema épico), é tão senhor de mudar e alterar a Catástrofe do seu Drama que, havendo um facto que ainda que aliás verdadeiro não tenha verosimilhança, o deve mudar, porque as Fábulas Épicas e Dramáticas discrepam da História em preferir o verosímil falso ao real verdadeiro, quando nestes não se dá verosimilhança.

É factível que a razão, que induziu aqueles que pertendem que o Poeta nas suas composições não pode ter a liberdade de alterar a verdade da História, é esta máxima de todos, ou quase todos, os que trataram das leis da Epopeia e da tragédia que não possam abrir-se os alicerces da Fábula, menos que na mesma verdade. É, porém, necessário reflectir nos dous pólos essenciais da Fábula: um é a verdade, que lhe serve de fundamento; outro a ficção, ou véu alegórico da mesma verdade, e que lhe adquire o nome de Fábula. A verdade é o ponto moral sobre que o Poeta quer instruir o público. A ficção é a acção, ou os termos de que se serve para cobrir esta instrução. Para ser efectiva esta verdade, e para que melhor se imprima nos ânimos, é preciso reduzi-la a acção, fazendo-a universal e geral. Explicaremos isto com um exemplo: quer-se persuadir dous irmãos, ou dous parciais, que têm certos interesses em comum, a conservar-se em uma bela união e harmonia. Este o objecto da Fábula. Para conseguir o

prolixos, contentar-nos-emos com os exemplos apontados, e inferiremos ser lícita a liberdade que tomamos de alterar, e mudar da nossa tragédia.

fim pretendido, deve primeiro gravar-se-lhe bem no pensamento a máxima geral: que a dissensão é a ruína de todas as famílias e sociedades. Este princípio é o ponto moral, é a verdade que serve de fundamento à fábula que se emprende. Para reduzir em acção, e universalizar esta moralidade, discorre-se que certas pessoas se achavam juntas e unidas para conservação de uma herdade, em que todos tinham interesse comum. Por desgraça, vieram a desaver-se; esta dissensão os fez cair nas mãos de um inimigo que os chegou às extremidades de uma total ruína. Eis o primeiro plano da Fábula. Na acção apresentada por esta narração, concorrem quatro condições; vem a ser: universal, imitada, fingida e alegórica e moralmente verdadeira. Compreende pois o mesmo plano duas partes essenciais da construção das fábulas: isto é, a verdade e a ficção, o que a todas as fábulas é comum. Os nomes dados aos Actores começam a especificar a fábula. Esopo dá-lhes nomes de brutos. Na Epopeia os individua Homero por Aquiles e Agamémnon, e por outros nomes de Capitães Cregos, e um Poeta trágico os denomina por exemplo Etéocles e Polinices,

Examine-se agora a nossa Tragédia e a intenção que na sua composição levamos por norte. O ponto moral e instrutivo que escolhemos para base da nossa fábula, é que a Providência apura algumas vezes as esperanças, e as forças do homem até chegá-lo a um quase desesperado extremo; mas, depois de parecer inevitável a ruína a que o chega, contra toda a aparência e ainda probabilidade, o põem finalmente a salvo: que, quando triunfa mais audaz o criminoso e se mostra no mais alto e incontrastável grau da felicidade, toda esta máquina se desfaz e troca em um instante, a efeitos da incorrupta justiça celestial, e que se esta parece algumas vezes lenta ou duvidosa, nunca fica impunido o crime, e sem castigo o delinquente.

Estabelecida, pois, uma vez esta verdade imoral, passamos a buscar na História antiga um acontecimento adequado a esta moralidade Mégara e seus filhos ameaçados do golpe mais formidável, fulminado por um intruso bárbaro e Tirano, que não contente de haver usurpado o Trono a seu Pai, e ensanguentado as mãos no inocente sangue de seus irmãos, queria ainda passar com detestável política a fazê-la e a seus filhos vítimas da sua crueldade. A queda e morte deste Tirano, quando ele se cria senhor absoluto da Coroa, e assentado no último e mais amplo fastígio da glória. Este facto nos pareceu o mais ajustado ao nosso desígnio, e conter perfeitamente em si o ponto moral que nós havíamos proposto, pelo que o preferimos a muitos outros argumentos de que ao mesmo fim nos poderíamos servir. Bem claro se está vendo ter a nossa fábula todos os predicados requisitos. É universal, é imitada, é fingida e alegórica e moralmente verdadeira. Não foi o nosso intento pintar as desgraças de Mégara e seus filhos, ou tirania e barbaridade de Lico; o que mais pretendemos oferecer e representar, foi tudo que pode dar-se de expressão, e obrar na crueldade e na ambição: o orgulho e arrogância, quando já supunham cantar vitória, e superiores a todas as mudanças e revezes de fortuna, e em uma absoluta independência da justiça suprema, inteiramente abatidos e aniquilados; e, pelo contrário, triunfantes e vitoriosos a inocência e a virtude, quando se achavam mais oprimidas, e na mais crítica e fatal conjuntura. Bem manifesto fica, pois, ser, como verdadeiramente é, a nossa fábula universal alegórica e moralmente verdadeira. Ao público é a quem privativamente pertence julgar-se fiel, e religiosamente havemos, ou não, seguido as pisadas que nos abriram os primeiros Mestres do Teatro.

Os rigoristas, que não querem consentir que o Poeta altere a verdade histórica, opõem a esta liberdade o haver dito Aristóteles: *não ser lícito mudar as fábulas recebidas e conhecidas*. Ingenuamente produzimos esta objecção, porque não é nosso propósito encobrir as armas que contra nós se podem mover. Com toda aquela submissão que devemos a uma tão distinta autoridade, respondemos ser muito verdade que o Poeta não deve ter a liberdade de inovar e inverter as fábulas notoriamente

recebidas. Isto, porém, se entende, quando desta observância contrai o Poema um muito particular e bellissimo ornamento. Não pode escusar, por exemplo, quem tomar por argumento o castigo de Clitemnestra e Erífile de fazer morrer estas duas matronas às mãos de seus filhos, porque todos aqueles desastres acontecidos entre parentes, assim como são mais terríveis, são igualmente mais patéticos e dignos de compaixão, quanto a natureza estreita mais os vínculos das pessoas opressoras e oprimidas. Nestas acções, pois, tão próprias da Tragédia, não pode deixar de ser mui estranha qualquer mudança. Nas acções atrozés não tem liberdade o Poeta para mudar uma contextura de fábula, de que resultam tantas belezas, e um patético tal, que comove a compaixão e a temor; só pode, para servir-se delas com maior acerto, escolher o caminho mais conveniente para não violentar a natureza.

Nas fábulas, que nos produzem acções tão próprias ao Teatro, está, como acabamos de dizer, o Poeta inibido para fazer nelas a menor mudança; e isto, diz Dacier, ainda quando haja uma verdade histórica, que destrua a atrocidade, ou horroroso de semelhante factó: pois, nestes termos, não tem obrigação alguma o Poeta de sujeitar-se a todas as circunstâncias da opinião histórica, contanto que ele não altere o grosso da fábula, no mais pode dispor a matéria e conduzir a acção muito a seu beneplácito. Daqui se colhe claramente que não devem tratar-se do modo que se acham nos historiadores os argumentos; o que não somente seria trabalho servil, mas ainda ofensivo aos preceitos do Teatro. É necessário servir-se dos assuntos históricos, ou tirados da fábula, inventando novas circunstâncias, novos incidentes, novas catástrofes, novas *situações*, como chamam os Franceses àquela grande contenda de affectos que perturba os ouvintes, e resulta das combinações dos caracteres e choque das paixões; e, enfim, buscando no entendimento aqueles meios mais convenientes para a consecução deste fim. Pode concluir-se, que todas as vezes que se não acharem lances nesta espécie, como por exemplo um amigo que mata seu amigo, um irmão que tira a vida a seu irmão, um filho que dá morte a seu Pai, um Pai, uma Mãe, que fazem morrer um filho às suas mãos, casos em que os vínculos do sangue e da amizade tanto conduzem para inspirar o terror e a compaixão, é o Poeta muito senhor da sua liberdade, e pode muito a seu arbítrio mudar a catástrofe, fazendo-a mais patética e brilhante, para deste modo interessar, mover e perturbar mais vivamente o auditório; liberdade que não tem nas outras acções que acabamos de especificar principalmente, como fica dito no grosso ou substancial delas, por ser impossível poder dar-se matéria mais a propósito de mover as paixões, de concitar a perturbação, de influir aqueles (chamemos-lhe assim) estremecimentos da alma que convidam mais fervorosamente nossas atenções e fazem rebentar as lágrimas dos olhos, ainda àqueles que não são de génio muito compassivo e, por consequência, atinar neste modo com o verdadeiro fito para que olha a Tragédia.

Uma das questões mais ardentemente ventiladas entre os críticos vem a ser: de qual de dous meios devemos servir-nos, se de ensanguentar o Teatro? Se de informar mediante a narração ao auditório de feridas mortais, ou quaisquer outros fatais accidentes? O texto de Aristóteles nada tem de claro para absolver este quesito, o que tem sido ocasião de cada um o interpretar como muito melhor lhe parece, pretendendo que seja a sua exposição a mesma evidência. Sem produzir resolução alguma positiva se metem Robertello, Picolomini e Castelvetro a comentar este texto do Filósofo. Jason de Noris, Riccoboni, Bartolomeu Ricci, e outros muitos inclinam-se ao uso dos Romanos nas suas Tragédias, e estão pela primeira parte da questão proposta. Entre esta variedade de pareceres, é muito lícito a cada um abraçar a opinião que julga mais acomodada ao seu propósito. O certo é que, se o fim da Tragédia é excitar o terror e a compaixão, isto se conseguirá muito mais facilmente fazendo manifestos na Cena, e não lá pelo meio da narração, os factos que podem inspirar mais vivamente os dous referidos efeitos.

Diferente emoção causa em nossos corações ver um acontecimento funesto, do que sermos informados dele por notícia. Isto mesmo a outra luz considerado, sucessos há que narrados perdem muito da sua energia, da sua beleza e dos seus interesses. Quando se nos refere a morte de um homem, sim, sentimos no ânimo alguma impressão mas leve. Se fomos, porém, testemunhas da mesma fatalidade, e vemos descarregar o golpe, então sentimos alterados os sentidos, detida e como gelada a circulação do sangue, e um como arrepiamento em todas as partes do nosso corpo.

Aristóteles quer na Tragédia por cousa necessária, ou como necessária, o que é horroroso. Quanto a cousa é mais notável, tanto se faz mais digna de memória; e quanto é mais trágica e mais atrozmente representada, tanto mais é de notar, e tanto melhor se consegue o fim de inspirar horror e dar instrução. Ainda que haja outros modos para mover a perturbação no auditório, é certo que o terror e a compaixão se excitam com muito maior veemência, quando vemos ocularmente no Teatro a acção Trágica, principalmente quando sucedem mortes e desastres grandes. Agora passaremos a expender, ainda que eles sejam menos fortes, os outros modos que apontamos. Primeiro, representar em público a causa horrorosa como já efectuada; segundo, a sua narração; terceiro, ouvi-la estar efetuando fora de Cena. De tudo isto nos deixou exemplos a Antiguidade. Lançando mão dos Dramas, que participam dos três modos que acabamos de apontar, vejamos os outros que dizem respeito ao nosso ponto.

No *Ájax* de Sófocles, fincando aquele desgraçado Príncipe em terra a guarnição da espada, com a ponta no peito se debruça impetuosamente sobre ela. Sabemos muito bem a pretensão de muitos críticos, que sustentam executar-se esta acção, como diz o Padre Brumoy⁹, fora da cena a um canto do Teatro. Isto, porém, é um subterfúgio de que querem deitar mão os partidistas da opinião que impugna a representação sanguinolenta no Teatro. O contrário consta do original de que se vê passar este facto à vista do auditório. Se nos dizem que não sucede isto assim, logo era necessário que o mesmo auditório fosse informado daquele fatal excesso por narração. Esta não aparece naquele Drama: logo Ajax mata-se à vista dos circunstantes. E que, muito que Ajax se mate à vista deles, se n'*As Suplicantes* de Eurípedes palpavelmente estamos vendo Evadne, mulher de Capaneu, arremessar-se à fogueira já acesa para queimar o cadáver de seu marido? Que dificuldade se meteria de permeio para representar-se na cena mortes visivelmente, se Êsquilo no seu *Prometeu* não escrupuliza em representar, porque se cumpram as ordens de Júpiter, o monstruoso e cruel modo com que é preso aquele semideus sobre um penhasco, não só passando-se-lhe o peito com grandes cravos de diamante, mas ainda circunstanciando com tanta miudeza aquele cruel suplício que este espectáculo devia inspirar um sumo horror? Porventura poderá horrorizar mais ver dar uma punhalada, do que do Ciclope de Eurípedes, Ulisses e seus companheiros metendo à vista de todo o auditório uma estaca tostada no olho de Polifemo? Na *Medeia* de Séneca não se vê contra o preceito Horaciano aquela Mãe desumana assassinar à vista do povo atrocissimamente a seus desgraçados filhos? No *Édipo* do mesmo Poeta, não somente se tira Édipo no teatro os olhos a si mesmo, senão que também ali se dá Jocasta a morte. Mas deixemos já exemplos, e vejamos se pelo raciocínio e pelas doutrinas dos Autores clássicos podemos dar alguma maior força ao nosso partido.

A autoridade de Séneca, dizem 0)5 contrários, tem nulidades insanáveis para poder servir de prova, porque era tão desregrada a sua imaginação que não houve lei teatral que ele não atropelasse. Concedemos, mas perguntamos o que prova isto contra nós? O porque os antigos evitavam representar a morte dos heróis dos seus Dramas no Teatro, era por evitar o inverosímil de que tantas pessoas, que formavam o Coro,

⁹ V. no Teatro dos Gregos as reflexões ao *Ájax*.

estivessem vindo com uma bem notável fleuma assassinar um Príncipe, sem dar-lhe socorro. Por outra parte, os Trágicos que nos servem de modelo e que fugiram de ensanguentar o Teatro por evitar os horríveis espectáculos da efusão de sangue, estes mesmos não faziam comparecer na cena os seus Heróis já feridos e meio mortos? O *Hipólito* de Eurípedes não vem todo coberto de sangue, e dilacerado acabar de exalar os últimos hálitos da respiração na Cena? O *Édipo* de Sófocles, depois de haver-se arrancado os olhos, não aparece no Tablado todo ensanguentado a lastimar-se das suas infelicidades e misérias, enternecendo e fazendo interessar na compaixão do seu destino o auditório? Perguntaremos agora qual é mais horroroso: ver dar uma punhalada, de que repentinamente cai morto aquele que a recebe, que de ser testemunha das últimas agonias de um moribundo? Parece-nos que ninguém vacilará na resposta; vamos continuando o nosso exame. Porventura é pequeno o número dos Dramas Gregos em que se mostram os cadáveres de Heróis assassinados? Na *Electra* de Eurípedes não faz Orestes, depois de haver morto Egisto, conduzir ao Teatro o seu corpo para que nele desafogue aquela Princesa as suas iras?

A Alceste de Eurípedes depois de uma aflição das mais penosas e excessivas, não morre no Teatro? Depois de se ouvirem os gritos que o Agamémnon de Ésquilo dá quando a assassinam dentro do seu Palácio, não se vêem abertas as portas deste, o cadáver daquele Herói todo coberto de feridas e de sangue ainda fumegando?

Na *Antígona* de Sófocles não aparecem no Tablado os cadáveres de Eurídice e de Hémon, este filho e aquela esposa de Creonte? Nas *Tarquínias*, abrasado Hércules pelo veneno difundido na veste fatal tinta no sangue do Centauro Nesso, que Dejanira lhe enviara como filtro, não ocupa o mesmo Herói nesta situação a Cena, fazendo uma patética descrição dos males que está padecendo?

Na *Hécuba* de Eurípedes não se trazem ao Teatro os cadáveres de seu filho Polidoro e dos filhos de Polimnestor, a quem aquela desgraçada Rainha por suas mãos arrancara a vida em vingança da morte a que, por ordem do referido Polimnestor, fora sacrificado seu filho, o mesmo Polidoro? Não se vê, na mesma Tragédia, este cruel e avarento Rei de Trácia aparecer na Cena com os olhos ainda gotejando de sangue, que a desesperada e infeliz Hécuba, junta com as suas domésticas, lhe tirara com agulhas e outros instrumentos de trabalho mulheril?

Nas *Fenícias* do mesmo Poeta, não se expõem à vista dos circunstantes os cadáveres de Jocasta e de seus filhos Etéocles e Polinices? Na *Medeia*, não se estão vendo no carro daquela Princesa banhados em sangue, e despojados da vida, os corpos dos filhos que ela teve de Jasão? Na *Andrómaca*, não é trazido ao Teatro o cadáver de Pirro?

De todos estes exemplos, bem claro se deixa ver, que não era a horribilidade do rigor dos golpes, das ânsias da agonia e da execução da morte, o verdadeiro motivo de não quererem os antigos ensanguentar o Teatro, mas sim diferentes causas, que mais do que a outra alguma, devemos atribuir à contextura dos seus Dramas, e talvez a uma certa conveniência particular. Quanto a nós, menos nausearia vendo dar uma punhalada e cair logo ali morto o que a recebeu, do que a vista de um homem todo tinto em sangue, e lutando entre a vida e a morte com os derradeiros paroxismos, ou, o que é ainda mais tedioso, a de um cadáver transportado de propósito ao Teatro.

Que mais horror pode causar ver dar uma punhalada, do que ouvir os gritos lamentáveis e os tristes gemidos de uma pessoa que assassinam fora da Cena; como, por exemplo, na *Electra* de Sófocles e no *Agamémnon* de Ésquilo? Dá-se o caso que desgoste e horrorize mais no Teatro uma punhalada, do que ver dar uma taça de veneno, como tantos modernos assim o têm praticado? Facilmente nos acomodamos com a opinião que, dificultando-se a representação de um facto, ou diminuindo esta a fé,

credulidade e emoção que o Poeta quer inspirar, seja mais acertado ocultá-lo à vista do espectador e informar do sucedido por meio da narração, porque esta encobre mais do que o espectáculo os defeitos da inverosimilhança e, conseqüentemente causa mais impressão, e mais facilmente nos delude. Esta a razão porque seria ridículo querer fazer visível no Teatro as transformações da Progne em andorinha, de Filomela em rouxinol, de Temeu em gavião, de Cadmo em serpente e de Hécuba em cadela. Esta mesma razão, porque é muito melhor do que representar fazer a narração de uma batalha; porque é muito melhor narrar não só que enternecida Diana do fatal destino de Ifigénia a arrebatou das aras em que devia ser sacrificada, substituindo por vítima uma Corça; mas outros muitos factos difficilimos, por não dizer impossiveis, de bem se representarem ou que aliás se fariam de um modo tão ridículo que, rompendo-se e destruindo-se o véu da ilusão, em lugar de dispor os circunstantes à compaixão, os provocaria a riso. Também nos declaramos pelo partido de dever interpretar-se a máxima de não ensanguentar o Teatro somente de acções contrárias à justiça e à humanidade como, por exemplo, não se desconhecendo, matar fleumaticamente o Pai ao filho, ou o filho ao Pai, não mais que por satisfazer brutalmente a sua ambição, ou as suas iras: Nero sufocando e abrindo o ventre a sua Mãe para explorar o receptáculo em que antes de nascer estivera nove meses recluso; Orestes matando também sua Mãe só por obedecer cegamente a um Oráculo; Tiestes comendo seus filhos; Progne gizando Ítis, ou Ítilo seu filho, para o dar a comer a Tereu seu marido, e vingar-se assim do estupro que este cometera com Filomela sua irmã, e Atreu fazendo à vista do espectador prato dos filhos de Tiestes. Outros espectáculos por igualmente bárbaros, pavorosos e hediondos, se fazem inadmissiveis no Teatro. Tais são os objectos que muito de ordinário nos ministra a Tragédia Inglesa, já enchendo o Teatro de cadáveres já fazendo comparecer na Cena patibulos, aspas, rodas e os outros instrumentos da mais cruel e horrenda carnificina. Enforcar, crucificar, empalar, degolar, dar tormentos são espectáculos que violentam a natureza e somente causam horror. De mais, quando Horácio deu por conselho

Não despedace a bárbara Medeia
Em presença do povo os tenros filhos,
Nem de entranhas humanas faça pasto
Na Cena o Bruto Atreu.¹⁰

Não pertendeu este famoso Legislador da Arte Poética estabelecer como lei inviolável que não devia ensanguentar-se o Teatro, só sim de não ser lícito expor aos olhos do povo acontecimentos simplesmente horriveis. Se o ensanguentar o Teatro fora contrário à prática dos antigos, ao uso communmente recebido, e à boa e mais cordata razão, porque não o estabeleceu Horácio buscando outros exemplos, senão os mais atrozes, e aqueles com que a natureza humana tem a maior antipatia? Para que passa imediatamente a tratar daqueles factos, que pela dificuldade, ou por inverosimilhança da sua representação, devem só fazer-se notórios pela narrativa? Ditame assaz prudente, porque os nossos ânimos repugnam às acções violentas, e das inverosímeis não podem surtir outro efeito mais do que a incredulidade e o riso.

Além destas, várias cousas há também que não devem representar-se ao vivo, já por desonestas, como os actos carnis, já por nauseantes, como o parir. Em uma palavra: confessamos ingenuamente que nos parece indisputável que, com mais veemência se excita o terror e a compaixão quando no Teatro ocularmente se vê a acção trágica, do que quando se narra; e julgaríamos que isto procederia dos nossos órgãos, que por

¹⁰ Na versão do M. R. P. Francisco José Freire.

menos delicados seriam mais difíceis a agitar e comover, se Horácio não confirmasse esta nossa opinião, dizendo assim:

As cousas no Teatro ou se recitam
Como passadas, ou se representam;
E é certo, que o que vem pelos ouvidos,
Mais frouxamente os ânimos comove;
Que o que vem pelos olhos, testemunhas
Sempre fiéis que fazem com que o povo
Julgue e aprenda per si.

A Tragédia o que é? Conforme a opinião de Aristóteles é a imitação de uma acção que, sem o socorro da narração, mediante a compaixão e o terror, acaba de purgar em nós estas e outras semelhantes paixões. Não é muito natural e verosímil que um homem que, ou violentamente se acha ultrajado, ou vê seu pai, seu amigo, sua mulher, sua amante maltratados de um tirano, se livre de susto, ferindo de repente o opressor da sua honra, e subtraindo-se a si, ou aos seus, do perigo ou descrédito de que se acha ou ameaçado, ou oprimido? Não é muito ordinário que, nos movimentos e ímpetos da cólera manchemos um punhal no sangue daquele que julgamos ter-nos ofendido, e olhamos como inimigo? Pode, em algum tempo, deixar de parecer ridículo ver nos Horácios de Mons. Corneille o vencedor dos Curiácios para matar sua irmã que, em vez de dar-lhe os parabéns do seu vencimento, o increpava de haver morto a seu futuro esposo, e evitar, porém, a efusão de sangue na presença do público, esperar que ela saia da cena e, indo em seu seguimento detrás do Teatro, a cosa a punhaladas? Não era mais natural tomar vingança logo que foi provocada a sua indignação, ainda que fosse à vista do espectador mais afeminado, e não dar lugar a que, passados os primeiros impulsos da ira, entrassem a fazer o seu efeito a natureza, a razão e a humanidade? Não é ridículo que Corneille, para salvar o ensanguentar-se o Teatro, dê ao seu Herói o tempo da reflexão e do raciocínio, e depois lhe faça cometer uma acção que parece um vil assassinato feito de sangue frio? Muito melhor se portou Gresset na *Tragédia de Eduardo III*. Nela se vê a ir a toda a pressa o generoso Arondel ao cárcere em que se achava recluso seu amigo Worcestre, em vésperas de sair para um patíbulo pelas cavilações de Volfax. Este, que estava atento à prática que tinham os dois amigos, vendo que Worcestre dava um escrito a Arondel para pôr-se na presença delRei, aonde não só se justificava, mas ainda descobria a origem da traição em que o mesmo Volfax era capitalmente culpado, ao mandar este aos Satélites que prendessem Arondel, para assim sepultar no silêncio um segredo de cuja publicação devia ser consequência a sua ruína; Arondel, nesta conjuntura, antes que nele fizessem apreensão, apunhala e mata a Volfax. Este bellissimo rasgo está tão dentro da esfera da natureza que, a primeira vez que a referida Tragédia se pôs no Teatro em Paris, comoveu de tal modo ao público que foi necessário parar algum tanto com a representação, para dar tempo que serenassem os aplausos e o rumor que, não com pequena glória do Poeta, se suscitou universalmente em todo auditório.

Temos até aqui mostrado com raciocínios e exemplos que nunca houve lei que proibisse o ensanguentar o Teatro excepto nos casos atrozes e contrários à natureza. Que muitas vezes o praticaram os antigos, que a razão não é oposta a este uso e que a verosimilhança o não exclui como impróprio.

Concluiremos, finalmente, este ponto corroborando a nossa opinião com a autoridade de muitos e grandes mestres de quem ela não deixou de ser patrocinada.

Joaquim Camerario ¹¹, nas suas reflexões sobre o *Ájax* de Sófocles, examinando se os factos narrados fazem mais impressão que representados ao vivo, faz este argumento: mais exprime a acção da espada de *Ájax* quando se quer matar, do que o tempo em que a dita acção se executa. Neste lugar obrou o Poeta com razão pouco usada; isto é, que *Ájax* se matasse à vista do povo, cuja novidade necessariamente havia comover com admiração os ânimos dos espectadores.

Bartolomeu Rici ¹² é de parecer que, quanto mais o autor de uma Tragédia mover os ouvintes à compaixão, quanto mais cruel e atroz fizer a sua fábula, tanto mais conseguirá o aplauso do povo, e tanto mais justa será a atenção que lhe derem. Séneca, executando isto assim, o faz tão perfeitamente que obriga o ouvinte a que rompa em estranhos aplausos apesar das lágrimas que chora.

Martinho del Rio ¹³ diz que, contra o preceito de Horácio, Hércules mata os filhos à vista do auditório, porque tão grande furor, quanto exagerou no acto antecedente, devia crescer e adquirir maior força, e não podia exprimir-se com aquela energia e veemência que convém pelo meio de uma simples narração. Tão grande atrocidade houve, pois, de ser vista em acção, e não bastava ser referida ao auditório; e, por esta razão, não pecou o autor contra o decoro.

Teodoro Marcílio ¹⁴ diz mais, asseverando que Sófocles executara no proscénio a morte de *Ájax* para melhor atemorizar o ânimo dos espectadores.

Paulo Beni ¹⁵ afirma não haver dúvida alguma em que Aristóteles admite as mortes em público, mas que isto se há-de entender daquelas mortes cuja execução não é muito bárbara e cruel (no modo com que se efectua: que assim as mortes com veneno, espada e punhal se poderão oferecer à vista do auditório sem violar o decoro; que Horácio crimina somente que se façam visíveis certas mortes atroz pela sua barbaridade; e que, quando proíbe que a bárbara Medeia despedace os tenros filhos em presença do povo, não pretende estabelecer como lei que nunca se deva ensanguentar o Teatro, mas sim que os casos atroz se devem apartar da vista do auditório e informar das suas circunstâncias por via de narração.

Teodoro Goulston ¹⁶, Alexandre Paccio Florentino ¹⁷ e, enfim, para não fazermos um catálogo fastidioso, quase todos os comentadores de Aristóteles antigos e uma grande parte dos modernos, sustentam que a opinião do Filósofo não sofre a menor dúvida, e que ele segue, positiva e absolutamente, que se podem representar à vista do espectador, e visivelmente, mortes, suplicios, feridas e outras atrocidades deste género.

¹¹ Diz mais a espada que o tempo do suicídio. Neste lugar, com efeito, procedeu o poeta com razão pouco usada: que *Ájax* se matasse perante o povo, menos novidade que comoveria necessariamente de forma admirável os ânimos dos espectadores.

¹² *Da Imitação*, L. 1. Quanto mais um escritor de uma tragédia provocar a misericórdia do auditório, quanto mais cruel e mais atroz fizer a sua obra, tanto maior aplauso, por causa disso, conseguirá para si e tanto mais justa será a graça que obterá. E Séneca, ao pôr em execução essa norma, faz valer essa arte com tanta perfeição que provoca no seu auditório admiráveis aplausos, apesar do seu choro.

¹³ Em Senec. part. 3. fol. 79. Contra o preceito de Horácio, Hércules mata os filhos perante o público, porque tão grande fúria quanto o que descreveu no acto supremo precedente, o que deve adquirir maior força, sem nenhuma recordação, não pode exprimir-se com tal energia. A atrocidade foi observada e não narrada ao auditório.. Portanto, o decoro foi preservado.

¹⁴ Sófocles exibiu publicamente, a morte de *Ájax* no proscénio, a fim de tornar mais temerosos os espectadores.

¹⁵ *In Arist. Poet. part. 63. p. 77.*

¹⁶ Ariost. *De Poet.* versão latina. Assim fazem representar as coisas abertamente e visivelmente, mortes, suplicios, feridas e atrocidades do mesmo género.

¹⁷ Mortes realizadas em público.

Udeno Nisiely¹⁸ explica o lugar de Aristóteles no mesmo sentido e, para corroborar o parecer que se pode ensanguentar o Teatro, opinião que ele positivamente segue, acarreta muitas autoridades a seu favor, e vários exemplos extraídos das tragédias Gregas e Latinas, e conclui dizendo: «O exemplo das sobreditas Tragédias que acabamos de examinar será bastante, e assaz evidente, para provar que os mais famosos e mais ilustres Tragediógrafos não escrupulizaram de ensanguentar o Teatro.»

Pedro Corneille¹⁹ assevera que, se a regra de não ensanguentar o Teatro deve ser observaria à risca, esta regra não existia no tempo de Aristóteles que nos ensina que para mover e abalar veementemente o coração do homem, é preciso expor visivelmente, e a seus olhos, desgraças grandes, mortes e feridas.

D. Inácio de Luzán²⁰ pertende que Aristóteles chama perturbação, ou paixão (Pathos), àquela acção em que as mortes, temidas, tormentos e outras cousas deste género se executam em público, e à vista de todo o auditório. Minturno, Riccoboni, Robortello, Magio, Victorio e outros, continua o mesmo Luzán, são de opinião contrária; porém, o texto de Aristóteles me parece muito claro; e sumamente forçado e violento o sentido que lhe querem dar aqueles autores, tanto mais que a razão de admitir as mortes pública e manifestamente sobre o Teatro é evidentíssima; porque, a servir-se da narração para as expor, mover-se-ão mui tibiamente os ânimos e, por mais que se esforce o Poeta, sempre será fria e lânguida a acção. Quanto maior efeito fará, pelo contrário, quanto mais eficaz e fortemente moverá os nossos ânimos a vista de um caso

¹⁸ *Proginnasmi Poetici* tom. 3 Progin. 118. Traduz assim o lugar de Aristóteles. Executam em público mortes, derramamento de sangue, ferimentos e outras coisas do género. E continua dizendo: L'essempio delle sopra esaminate Tragedie sara bastevole, e molto evidente a conoscere, e a vedere l'uso delle uccisioni sul palco essere stato seguito da sovrani, e incomparabili Tragediografi.

¹⁹ Exame da tragédia dos Horácios: Si c'est une règle de ne point ensanglanter le Théâtre, elle n'est pas du temps d'Aristote, qui nous apprend, que pour émoouvoir puissamment, il faut de grands déplaisirs, des blessures, & des morts en spectacle. E no Discurso sobre a Tragédia diz assim: La maxime de ne point ensanglanter la scène ne doit s'entendre que des actions hors de la Justice ou de l'humanité: Médée egorgeant publiquement ses enfants, revolteroit la nature, & ne produiroit que de l'horreur; mais la mort d'un scélérat, en offrant avec terreur le chatement du crime, satisfait le spectateur.

²⁰ *Poetica* fol. 355.. Llama Aristoteles turbacion, ò passion (Pathos) una accion, por la qual las muertes, heridas, tormentos, y otras cosas deste genero se executan en publico à la vista de todo el auditorio... Minturno, Riccobuno, Robortello, Magio, Victorio y otros son de opinion contraria. Pero el texto de Aristóteles claro, y el sentido que le quieren dar estos autores mui violento, e forzado. Además que la razon de admitir las muertes publicas, y manifestas en el Theatro es evidente: porque al servirse de relaciones moverà mui tibiamente los animos, y por mãs que se esfuerze el Poeta, siempre será fria, y desabrida la Tragedia. AI contrario hará mas efecto y moverà mas la vista vista, de un caso atroz, que quantas palavras puede el ingenio escoger, e aunar para pintarlo bem. El mismo Horacio, que los contrarios alegan en su favor, aprobò esta razon en aquellos versos:

Segnius irritant animos demissa per aures,
Quam quae sunt oculis subjceta fidelibus, & quae
Ipse sibi spectator.

(Traduzindo: As coisas que penetram pelos ouvidos irritam os ânimos mais lentamente do que as que são submetidas aos olhos fiéis e que arrastam a si o próprio espectador).

En los Tragicos antiguos, y modernos se hallan exemplos por una, y otra opinion: pues en algunas Tragedias las muertes se executan en publico, en otras un Mensajero, ò uno de los Actores hace relacion del caso. Y aun me acuerdo haver leído, que los antiguos para la execucion de tales muertes en publico se servian de malhechores condenados à muerte por los Magistrados de justicia, y com aquellos miserabiles offercian a los ojos del auditorio el horrible espectáculo de muertes, y quexas verdaderas, y de sangre humana realmente vertida. Pero yà la Moral de nuestra Religion, y la Christiana mansedumbre, nõ puede sufrir tan cruel vista, y nõ es justo que donde todo es fingido sean las muertes verdaderas, bastando para el fin de la Tragedia que se imiten, y finjan estas muertes con la mayor naturalidad, y verisimilitud que sea possible.

atroz, do que as palavras mais enérgicas e naturais, que poderá escolher o engenho mais perspicaz para pintá-lo ao vivo. O mesmo Horácio, que os contrários alegam a seu favor, confirma este argumento, confessando que o que vem pelos ouvidos comove mais frouxamente os ânimos que o que vem pelos olhos.

Nos Trágicos antigos e modernos, prossegue ainda Luzán, se acham exemplos a favor de uma e outra opinião, pois em algumas Tragédias se executam as mortes em público, e em outras se narra o facto com todas as suas circunstâncias. Eu me lembro ter lido que os antigos, para a execução de semelhantes mortes em público, se serviam de malfeitores e criminosos já condenados à morte pelos Ministros de justiça, e com aqueles infelices ofereciam aos olhos do auditório o horrível espectáculo de mortes verdadeiras, de gemidos agonizantes e de sangue humano realmente vertido. O Moral, porém, da nossa Religião, e a mansidão Cristã não pode tolerar tão horroroso espectáculo, e não é justo que, aonde tudo é ficção sejam as mortes verdadeiras, bastando para o fim da Tragédia que, com maior naturalidade e verosimilhança que for possível, se imitem e se finjam também as mortes.

Quem há-de crer que uma mesma palavra, cuja interpretação não tem nada de equívoca, seria causa de se dividirem os Mestres da Poética e de querer cada um, com razões e autoridades, corroborar a sua opinião? Quanto a nós, parece-nos que os autores que sustentam se não deve ensanguentar o Teatro, não têm fundamento sólido para apoiar a sua hipótese; que a palavra que causa a dúvida é escura somente para aqueles que a não querem entender, ou lhe querem dar uma explicação análoga ao seu intento. Os autores, que temos a nosso favor, traduzem todos: *Mortes in aperto, os contrários: Mortes evidentes, exploratas, indubitatas*; isto é, mortes cujos sinais são tão evidentes que não permitem a menor dúvida. Esta explicação, quanto a nós, é sofisticada, e não sabemos qual seja a razão com que se pretende estabelecer um preceito que, não só é contrário à natureza, ao fim da Tragédia e à prática dos antigos, mas ainda acrescentaremos contrário à opinião do mesmo Aristóteles. Horácio não se atreveu a estabelecer esta regra senão nos casos atrozes, nas mortes cuja execução é demasiadamente bárbara, nas acções que, executadas fora do Teatro, causariam recitadas maior impressão no ânimo dos espectadores. É certo que as cousas que se passam em acção, comovem com mais veemência e fazem maior efeito. 1. Porque nos fiamos mais dos nossos olhos que de narração alheia. 2. Porque os olhos circunstanciam com mais individuação, e que a imaginação se satisfaz e se deixa diludir mais facilmente. Julgamos ter respondido com argumentos bastantemente sólidos e fortes aos Censores, que por nimiamente escrupulosos quiserem arguir-nos de haver faltado a alguma das regras do Teatro: e assim prosseguiremos o discurso, e continuaremos a expender outras doutrinas não menos interessantes e de igual utilidade.

Introduzimos na nossa Tragédia os Coros, e expenderemos aqui os motivos que para isso tivemos. Mediante os Coros fica sendo a Tragédia muito mais regular e adquire uma mais elegante variedade. Fazem-na mais regular por serem como são naturalmente consequência da boa escolha da acção representada e do lugar da cena, passando a assinar o fundamento da maior parte das regras Teatrais. Dão-lhe outra mais elegante variedade pela relação que dizem à medula das cousas e a respeito da representação. Os antigos escolhiam sempre para lugar da cena o átrio de um Templo, o vestíbulo de um palácio, uma Praça pública, ou quaisquer outros lugares igualmente patentes. É necessário, porém, adirem-se facilmente os circunstantes a que se acham presentes à acção. E como poderão persuadir-se a isto, se ela acontecer em um gabinete, ou em uma sala de conselho? Como pode um lugar como destinado aos mistérios da mais alta política, fechado e interdito por todas as partes sem devassado verosimilmente pelos olhos e assistência de tantos mil espectadores? De mais que, para uma acção

poder aparecer com propriedade no Teatro, deve ser esclarecida, passar outrossim entre as primeiras pessoas do estado, e ser de uma tal natureza que nela se dê um povo por interessado; do que se segue, que deve chamar e atrair um prodigioso número de testemunhas que nela têm e hajam de tomam parte. Destas testemunhas, pois, é que se forma o Coro. Parece não ser natural que esta gente interessada na acção, e que impacientemente espera o seu êxito, assista sempre no teatro a pé queado sem dizer cousa alguma. Pede, pois, a razão que sobre o que estão vendo acontecer, e o que lhes fica que esperar ou temer, falem uns e outros. Quando os principais actores cessam de obrar, ou despejam o Teatro, é que fica o Coro tendo o lugar e liberdade de discorrer. Este o assunto do canto do Coro, cuja necessidade é uma resulta da acertada escolha que se fez da acção teatral e do lugar da cena. Assim como se não poderiam, com razão, introduzir os Coros em uma sala de conselho, ou em um gabinete, assim mesmo se não podem suprimir em uma praça pública. Desta sorte, a acção, o lugar da cena e o Coro é um terno, que ao modo do das Graças se está dando reciprocamente as mãos para a conservação da sua verosimilhança recíproca, a qual deixa de ter existência logo que entre elas há separação.

Ligam os Coros o fim de um acto com o princípio do subsequente, o que é de uma maior importância do que se imagina, vindo a contribuir esta liga admiravelmente para ser, sem interpolação, sustentada a unidade de acção. Deixámos expellido que os Coros fazem o Teatro mais regular e mais ornado de variedade; agora passaremos a mostrar do modo que cooperam para maior Pompa e esplendor do espectáculo.

Se, por um momento, se representa o efeito que havia de surtir no Teatro este grande número de actores de diferentes sexos e idades de que se compunham os Coros, as suas danças, o seu canto, a pompa dos seus trajes, não viria tudo isto a contribuir maravilhosamente para o mais lustre do espectáculo? O grande número de pessoas interessadas na acção realça também muito mais a sua importância, fazendo-a muito maior e muito mais brilhante. Estima-se muito interessar-se o povo em uma acção, estima-se fazerem-se narrações fiéis, já dos seus receios, já dos seus favores; muito diferentes são, porém, os impulsos que nos seus ânimos sentem os ouvintes, quando vêem o mesmo povo representado pelos seus chefes, e são testemunhas dos seus diversos movimentos, como no *Édipo* de Sófocles. Os Coros, qualificando e elevando mediante os seus obséquios e os seus aplausos, a dignidade dos primeiros actores, ao mesmo tempo os fazem avultar muito mais aos olhos do público. Observe-se em Eurípedes na sua Tragédia de *Ifigénia em Áulide* com que magnificência anuncia o Coro a chegada de Clitemnestra e de Ifigénia: «As prosperidades mais distintas são destinadas somente para os Grandes. Vede Ifigénia, a filha de Agamémnon; vede a filha de Tíndaro, Clitemnestra nossa Rainha: ambas procedem de sangue claríssimo e, a seu alto nascimento, corresponde a sua próspera fortuna. São os Deuses poderosos que enchem de bens os miseráveis mortais. Filhas de Calcis, esperemos aqui para nos pormos na presença de uma tão ilustre Rainha, quando ela acabar de falar com seu amado esposo. Façamos os possíveis esforços por lhe significarmos com toda a sinceridade nossos affectos e nossas venerações: recebamo-la em nossos braços, e ajudemos a descer a Princesa sua filha menina e temerosa». Um Coro semelhante não é, de algum modo, uma Corte numerosa e brilhante como que a chegar ao campo dos Gregos se encontra Clitemnestra? Não dá o Coro uma ideia magnífica daquela Princesa, do seu alto nascimento, da sua próspera fortuna? O objecto e o fim dos Poemas Dramáticos verdadeiramente que não é outro mais do que a instrução popular. Não deve o espectador acabar de ver um espectáculo sem levar alguma máxima importante que nele haja feito maior impressão; e parece que para este fim foram em outros tempos instituídos os Coros, e foi uma das principais razões para ficarem sendo mantidos no

Teatro. Não se afoita o Poeta a gravar a cena de um grande cúmulo de máximas, porque não se daria cousa mais oposta à verdade e à natureza do Diálogo. Não há, porém, impedimento algum para deixar de espriar no Coro a doutrina moral mais sublime: ela mesma era a que quase sempre constituía o Coro das Tragédias antigas.

...Proteja os bons, somente
Amizades, aplaque os irritados,
E estimem os que a pecar concebem medo;
De parca mesa louve as iguarias,
E a saudável justiça; cante a doce
Segurança da paz, guarde os segredos,
E rogue aos sumos Deuses, que a fortuna
Torne a seguir os bons, dos maus se aparte.

Não se entenda carecer de dificuldade aquela delicadeza com que é preciso instruir o espectador de tudo o que lhe é mais importante, e fazer com que os actores principais se expliquem na sua face, cada um segundo os seus diversos fins. Os monólogos são quase sempre viciosos pela pouca verosimilhança que há em nos fazermos a nós mesmos prolixos arrezoados. Não são menos ridículos os confidentes, e abatem a majestade da Tragédia com uma familiaridade absolutamente contrária e alheia de um Poema que se nutre incessantemente de ficções, e aonde deve passar tudo com a maior sublimidade e magnificência. Os Coros dos antigos, presentes sempre para receber todas as impressões que os incidentes e discursos da cena deviam excitar e produzir, e destinados a atender e a fazer perguntas, ora louvam, ora detestam; dão conselhos, perguntam o que, se lhe fosse permitido falar, perguntaria o auditório e, em uma palavra, cumprem em tudo com o instituto de fiéis e zelosos amigos, mas, ao que nos parece, de um modo o mais digno da soberania do Teatro. Não ignoramos que se nos oporá que muitas matérias, que aliás formam as cenas mais elegantes e mais patéticas, deviam dizer-se em segredo; o que não fica tendo lugar, desde que é público o lugar da cena, dizendo-se aquilo mesmo na presença de uma multidão de testemunhas. Respondemos que as Tragédias dos antigos caíam sempre sobre acções grandes, expostas aos olhos de todo o mundo, não ficando jamais os Coros na indiferença, antes tomando o partido de alguma das principais pessoas. Que inconveniente se dá logo em que aquelas pessoas, de quem é parcial o Coro, se abram manifestamente à sua vista? Um Poeta engenhoso jamais deixará de adaptar verosimilmente os Coros com o argumento da sua Tragédia.

O efeito mais considerável dos Coros é o patético que deles procede, pois a Tragédia extrai as máximas mais belas do Moral, autoriza-se com as cerimónias mais augustas da Religião dos antigos, ostenta tudo o que a Poesia tem de mais enérgico e nobre para atrair e ganhar os ânimos e os corações; e acumula a tudo isto quanto mais pode servir para encanto dos sentidos, somente para conseguir o seu principal fim, que é de inspirar o horror do vício, e entreter, e conservar os povos na observância das suas mais justas e necessárias obrigações. A perfeição consiste em se servir de tudo isto, e até mesmo das paixões, para imprimir veementissimamente nos ânimos o objecto a que se dirigem todos os desvelos do Drama trágico, e ainda do cómico; e a este fim concorrem notavelmente os Coros. De mais, é necessário que, entre acto e acto, haja entremeios, para que a acção não fique interrompida; isto, porém, deve ser de modo que por nenhum princípio venha a servir de esfriar o circunstante e que, pelo contrário, o inflame e fortifique nas paixões que a cena começou a excitar. Perguntamos agora quem pode melhor conseguir este fim do que os Coros, pois persuadimo-nos que ninguém

duvidará que eles possam, com o seu canto, ministrar aos ânimos as ideias mais adequadas aos incidentes que vogam na cena, e dar uma nova força aos afectos e paixões a que os discursos dos actores haviam dado princípio? Além de que, os Coros conduzem para fomentar e adiantar as paixões, oferecendo ao espectador, além dos principais actores, um tão grande número de desgraçados, ora flutuando entre o temor e a desesperação, ora inteiramente perseguidos pela fortuna adversa. Os pintores reconheceram muito bem este segredo da arte. Quando fazem um quadro, com que querem produzir esta comoção nos ânimos, não representam única e simplesmente a acção, passam ainda a exprimir nos semblantes dos assistentes as diferentes paixões, que desejam suscitar nos que chegarem a ver aquela pintura; e, muitas vezes, chegam a mostrar interessadas na sua acção até as cousas menos sensíveis. Este exemplo deveriam seguir os Poetas. Posta Ifigénia no Teatro há-de-se achar rodeada de pessoas penetradas da sua infelicidade.

Permita-se-nos ainda uma breve digressão a respeito dos Coros para nos justificarmos, face a face, com alguns amigos nossos de quem veneramos a erudição e estimamos a amizade, sobre um ponto em que não concordamos, porque deste exame resultará talvez alguma instrução para aqueles que se quiserem aplicar ao estudo das verdadeiras regras do Teatro. «O Coro (esta a sua objecção) deve sempre ser fixo e estável, sem lhe ser permitido desde que toma posse do Teatro deixá-lo, e acrescentam não achar-se entre os Gregos que nos servem de modelo, e em cuja prática fundou Aristóteles os elementos da Tragédia, exemplo em contrário». É-nos de uma indispensável necessidade a resposta a esta objecção, porque se como se diz, é defeito fazer sair o Coro do Teatro, se acha incursa nesta censura a nossa Tragédia. Achamos, porém, a nosso favor, as doutrinas e sentenças dos mesmos mestres com que se procura meter-nos temor na proposição expendida. Passemos a examiná-lo: Primeiramente, não achámos este preceito em algum dos lugares da *Poética* de Aristóteles. Segundamente, Horácio tratando na sua *Poética* das funções do Coro, não impõe esta regra, nem dá a entender, por modo algum, que tomada pelo Coro a posse do Teatro, ali deva persistir até o fim do Drama, não lhe sendo antes disso permitido retirar-se.²¹ Em terceiro lugar, a ser esta pretendida máxima preceito inviolável, os dous legisladores dos Gregos e Latinos, Aristóteles e Horácio não se haveriam esquecido de fazer menção dela, tendo ambos tanto cuidado de especificar com tão escrupulosa miudeza os encargos do Coro no Teatro.

Passemos agora pelos olhos as Tragédias Gregas a ver se achamos a prática concorde ou discorde com o nosso parecer. Nas *Coéforas* de Ésquilo, quando entrando Egisto no Acto IV no aposento dos dous Estrangeiros, que haviam trazido a falsa notícia da morte de Orestes, é atacado pelo mesmo Orestes, que é um dos referidos dous estrangeiros, aos gritos de Egisto (diz o Padre Brumoy no seu *Teatro dos Gregos*) as donzelas de que se compunha o Coro, já como aterradas e espavoridas se apartam tanto, ou quanto do lugar que até então haviam ocupado, ou já porque não parecessem, se persistissem a pé quedo, cúmplices daquele atentado. No *Filoctetes* de Sófocles, quando Filoctetes no quarto Acto abraça o partido de seguir Neoptólemo, e lhe diz: *O que de*

²¹ O único Mestre de Poética, que conhecemos haver estabelecido em parte este preceito, é António Minturno na sua Poet. L.3 e L. 4. dizendo: Os preceitos acerca do coro são os seguintes: desde que entrava, nunca mais se afastava dos olhos dos que o observavam. Mas que prova esta autoridade, se era permitido fazer sair parte do Coro depois de se haver apossado do Teatro, que razão há fundamental para o não fazer sair todo da cena? De trinta Mestres da Poética, que temos lido de propósito por falarem difusamente a respeito do Coro, Minturno é o único em que achámos estabelecida semelhante regra, e ainda, como se vê pelo lugar que copiamos, somente a estabeleceu em parte.

obrigações vos não devo? Dai-me os braços, basta. Retirem-se, (isto é falando ao Coro) não quero ser incómodo antes de tempo: na viagem mal poderei deixar de ser muito importuno. Estas palavras diz o mesmo Padre Brumoy, ainda que equívocas, me dão alguns ares de poder persuadir-me que o Coro toma a dianteira para dali partir para a praia. *Tornar a voltar o Coro,* continua o mesmo autor, *não só dá maior beleza e elegância à cena subsequente, mas inculca maior interesse.* Quando Filoctetes diz nesta cena: *Que nada tem mais do que os rochedos a quem comunique as suas lástimas, parece supor a ausência do Coro; e é natural de crer que Ulisses, inquieto da tardança de Neoptólemo torna depois a mandar o Coro para apressar a partida e ver se tem ocorrido algum novo embaraço.*

Como estes exemplos, porém, não são absolutamente convincentes, nos faz mister exhibir outros mais positivos, que não deixem o menor resquício de dúvida. Abramos Eurípedes no terceiro acto da sua *Ifigénia em Áulide*, e acharemos a Clitemnestra só na cena sem assistência do Coro. Isto é tanto verdade, que aparecendo Agamémnon lhe diz: *Ah Senhora, quanto oportunamente venho achar-vos fora de Palácio e sem testemunhas!* O Coro não torna a entrar no Teatro, senão depois que vem acompanhando a Ifigénia, chamada por sua mãe.

No terceiro acto da *Ifigénia em Tauride*, quando esta Princesa deixa o Teatro para ir escrever uma carta a seu irmão, é seguida do Coro depois que este carpe a Orestes, e dá os emboras e parabéns a Pílates; porque, se não saísse, seria ridícula a sua assistência à cena subsequente sem a ouvir, e sem reconhecer a Orestes e, enfim, sem antecipar o mútuo reconhecimento do irmão com a irmã, que não vem a aclarar-se senão depois de passado largo tempo. É logo muito natural que nos persuadamos a que o Coro se retira para que Pílates e Orestes, livre e reciprocamente, possam comunicar-se as suas últimas vontades antes da morte de um e da partida de outro. Se este raciocínio ainda não é bastante, vejamos Ifigénia no quarto acto do mesmo Drama despedir o Coro que vinha em seu seguimento, não só debaixo do especioso pretexto de advertir aos Ministros do sacrificio e dispor tudo o que fosse para ele necessário, mas para efectivamente poder entregar, com mais liberdade a um dos Gregos, a carta que trazia na mão. Eis aqui as palavras de Ifigénia: «Amadas companheiras, retirai-vos para o Templo, ide cuidar do aparato para o sacrificio e para os sacrificantes». A saída do Coro é sem sombra de equivocação, e a sua entrada de novo no Teatro disposta com um tal artifício que inteiramente precipita a luz do segredo, donde provém o reconhecerem-se irmãos aqueles dous actores.

No terceiro acto da *Alceste* de Eurípedes, quando Admeto conduz o corpo da sua esposa à fogueira, é seguido do Coro que despeja o Teatro de tal modo, que o quarto Acto começa pela narração feita por um official do Palácio das extravagâncias de Hércules, hóspede do mesmo Admeto, nos excessos de um festim sem o Coro tornar a ter entrada no Teatro mais que com Admeto, na quarta cena do mesmo acto concluída a função dos funerais.

No *Ájax furioso* de Sófocles, quando o Enviado de Teucro no terceiro acto, desesperado de saber que apesar das ordens daquele Príncipe, que dispunha até à sua volta a reclusão de seu irmão Ájax, de que dependia a conservação da sua vida, este desgraçado Príncipe havia saído da sua tenda, chama Tecmessa escrava e esposa de Ájax, e lhe revela a oráculo de Calcas. Esta notícia, enchendo de horror a Tecmessa, expede parte dos Salaminos que formavam o Coro em busca de Teucro, e parte de Ájax. A mesma Tecmessa sai dali sem encaminhar-se a lugar algum determinado, de modo que fica o Teatro despovoado, e nele entra por outra parte o desgraçado e furibundo Ájax, exemplo concludente de poder o Coro largar o Teatro depois de metido de posse dele. Ainda podemos reforçar a nossa opinião com outro exemplo. No segundo Acto do

Rhesos de Eurípedes se retiram Rhesos e Hector. As sentinelas que formam o Coro, vendo ser passado o termo da sua guarda, se dividem em dois semicoros, um para ir tratar do seu descanso, e outro para chamar a guarda que há-de substituí-lo, de modo que o Teatro vem a ficar só, para assim dar entrada a Ulisses e Diomedes. Fora um nunca acabar, se houvéssemos de citar os muitos exemplos com que podíamos corroborar este ponto; por escusarmos, porém, prolixidade nos contentamos com os que deixamos expendidos; quanto mais que, ainda quando não achássemos nesta prática mais do que um exemplo, sendo singular, era muito bastante para nos autorizar o fazê-lo. O certo é (e nisto concordamos com os eruditos Assertores da opinião que acabamos de combater) que o Coro jamais deve desocupar o Teatro sem haver para isso causa muito urgente; e nos persuadimos que seria suma esterilidade, e grandíssima falta de engenho, que de fazer entrar e sair o Coro da cena só para livrar o Poeta de embaraço. Parece-nos que não incorreremos nesta censura; pois, nas duas vezes que na nossa Tragédia o Coro desocupa o Teatro, concorrem para isso os motivos mais instantes e mais fortes. Na primeira ordena-lhe o tirano que acompanhe a Mégara no palácio de Hércules, para que a persuade a condescender a seus intentos e lhe faça compreender que os seus repúdios serão causa de ele extinguir, sem piedade, toda a descendência de Alcides; e, para que o mesmo Coro se interesse em resolver Mégara a dar-lhe a mão de esposa, ele o ameaça de lhe fazer largar a vida no meio dos mais cruéis tormentos, se às suas instâncias se não determina a filha de Creonte. No quarto acto, irritado o tirano da constância com que Mégara não cessava de implorar contra ele o favor do Céu e, por outra parte, amedrentado pela tempestade que Tebas naquela noite experimentou, e pelas notícias que lhe chegaram de haver aparecido Hércules na Cidade, de achar-se assim mesmo próximo a ela Teseu com as suas tropas, e de haverem passado alguns Tebanos para lá do Ismeno, onde Teseu se acampara; era aqui muito natural que despedisse da sua presença o Coro para mais livremente desafogar com o seu Ministro, e comunicar-lhe os desígnios que excogitara para a sua defesa. De mais, que nós julgamos ser mais decente e verosímil esta inculpável saída do Coro, do que aliás fazê-lo no mesmo tempo confidente das insídias e maquinações, que uns Actores urdem para vingar-se, e dos meios com que os outros pertendem atalhar tão grande dano. Que verosimilhança tem o aparato para ou depor ou assassinar um Príncipe, como na *Electra*, e não haver entre tantos cúmplices um vassalo fiel, que descubra a conjuração? Estes os fundamentos para defender a saída do Coro do teatro depois de apossado dele: se ainda assim houver quem nos convença de erro, não duvidamos cantar a palinódia, e ainda ter por glória a ingénua confissão das nossas faltas.

Dividimos a nossa Tragédia em cinco actos, não já por entender com alguns, que assim o tem por infalível, que isto é uma lei imutável, pois ingenuamente confessamos ser trabalhoso inquirir a razão e difícil descobri-la, porque Horácio na sua *Poética* deu o preceito:

Se algum Drama deseja ser pedido,
E a Teatro tornar, não sejam menos
Nem mais de cinco os actos.

Antes, porém, que passemos adiante, temos por muito arrazoado de explicar o que deve entender-se por acto, e individuar o princípio, porque neles se dividem os Dramas.

A origem da palavra Acto²² é Latina, que neste idioma se diz *Actus*; e quer dizer a mesma cousa que o drama dos Gregos. Estas duas palavras vêm de dous verbos: um

²² Veja-se a Dissertação do Abade de Vatry inserta na colecção da Academia das Belas Letras de Paris tom. 7 e 8.

Grego, fazer, e outro Latino, *Ago*, que ambos significam obrar. Impôs-se este nome aos Poetas Teatrais para assim dar a entender que neles tudo passa em acção, diferindo da Epopeia aonde reina a narração. A palavra drama é genérica, e própria de todos os Poemas Teatrais ou Dialogéticos; mas, a acepção que tem o termo Latino *Actus* entre nós não significa mais do que uma das partes do Poema Dramático. Podem definir-se os Actos por partes de uma Tragédia, ou de uma Comédia, separadas uma de outra por um intermédio, de que resulta a conclusão do mesmo Acto, interrupção que produz um vácuo no Drama, que os Gregos enchiam com o canto do Coro e os Franceses com sinfonia.

A divisão da Tragédia em cinco Actos, dizem os assertores desta opinião, insiste em três fundamentos: na experiência, no exemplo que nos deixaram os trágicos antigos, e nos preceitos e observações dos Críticos mais qualificados. O Abade d'Aubignac mostra os princípios porque a experiência ditou semelhante divisão. 1. Por se haver reconhecido, diz ele, que o Drama pede uma certa extensão. 2. Que devendo ser dividida em muitas partes, ou Actos, se determinou a extensão da Tragédia pela sua natureza e pela aplicação do auditório, acomodando-se à necessidade que tem o concurso de recrear-se, e procurando poder ser compreendida da sua atenção, que muito se há-de pertender captar de modo que, ao sair do espectáculo, se dê por satisfeito: e como é certo que a alma, constituída em uma certa agitação e empregada a seu beneplácito em uma representação, não se dá por satisfeita se não se sente saciada do gosto de ver e ouvir, é preciso que o mesmo divertimento tenha uma conveniente duração. Por muito agradável que seja um espectáculo, se leva muito tempo, não deixa de ser enfadonho. Uma Tragédia peca neste defeito quando a imaginação não pode compreendê-la, e a memória tem trabalho em agregar e reter as suas espécies. Ao contrário, se reputa por muito breve, se a todas as suas partes falta aquela extensão que é precisa para as distinguir, e se esta simetria se não deixa perceber.

Quanto à natureza da Tragédia, é de notar que este Poema é imitação de uma acção grave e patética que precisa ser bem especificada, circunstanciada, e patente a todas as luzes, muito mais naquelas partes que no Teatro podem obrar mais efeito, dignidade e soberania muito própria do coturno, de que viria a carecer se fosse demasiadamente breve. Deve senhorear e agitar os ânimos nos assistentes, produzindo incessantemente neles ora estas, ora aquelas paixões, até finalmente o reduzir a um certo género de melancolia, no que consiste um dos mais belos ornatos da Tragédia. Para conseguir este fim, é necessário ir dispendo os mesmos ânimos: porque, a princípio, não pode o coração humano dentro de poucos momentos, em que os espíritos vacilam entre mil estranhas ideias, que é necessário ir extirpando para eles poderem estabelecer-se e adquirir a sua necessária consistência, ou conhecimento da acção representada, sentir as mesmas comoções que pelo progresso do Drama adiante. É necessário, pois, desterrar dos corações a indiferença dando-lhes frequentes assaltos, antes que eles indo-se mais e mais aclarando entrem a interessar-se. Verdade seja, que muitas paixões à vista de certos objectos per si se excitam de um jacto. Um insulto repentinamente irrita a nossa indignação. Os gemidos e queixas de um desgraçado instantaneamente nos acham enternecidos e piedosos. O horror e o medo nos assaltam de improviso. É certo, porém, que estes efeitos mais natural e prontamente os produzem aqueles factos realmente acontecidos, do que os figurados: pelo que a cena não pode prometer-se em todas as ocasiões uma eficácia tão nervosa; e ainda quando da sua diligência venha a surtir este bom efeito, é bem certo que para isso a arte depende de mais tempo do que a natureza, e que a ficção obra mais lentamente do que a verdade. Ninguém ignora ser a Poesia imitação da natureza, até nas suas mais admiráveis operações, que ela pode excitar, e muitas vezes excita o horror e medo, e outros affectos, sem dar tempo a cair e reflectir a

alma na sua alucinação; isto, porém, sucede quando o circunstante se acha já abalado e disposto insensivelmente, como por degraus, a estas moções interiores. A atenção do espectador necessita de algum tal ou qual descanso, e é necessário avivá-la, já pela variedade, já por qualquer outro conveniente meio. Quem poderá pertender obrigar um auditório inteiro a que, sem dar-lhe instante de sossego, assista com seriedade e paciência a toda a representação de uma Tragédia se, quando um acto é de mais prolixa extensão, não o pode suportar? De mais, uma acção é sempre complicada com muitas circunstâncias, que um Poeta judiciosamente deve escolher, não sendo menos da sua obrigação omitir outras, já por necessidade, já por decoro. Muitas destas particularidades dizem respeito aos principais Actores, e não podem cómoda e decentemente ocupar a cena, senão nos intervalos dos actos; porque, se algum Actor sempre assistisse no Teatro, como poderiam entender os circunstantes que os outros Actores que saíram e que não poucas vezes precisam de um largo termo para darem expediente às suas funções, empregaram mais tempo que o que realmente passou durante os discursos ou acções do Actor, ou Actores que tiveram sempre presentes? Estas acções ou discursos lhes dariam uma medida de tempo, cousa que se deve evitar, para que a impaciência prevaleça até alucinar a própria imaginação, impedindo que o circunstante se perceba do defeito da verosimilhança, e dele se dê por ofendido. Concluimos, pois, como máxima constante, e regra certa do Teatro, deverem distribuir-se em muitos Actos as Tragédias. Isto assentado, não fica em pé mais do que a questão do número dos Actos em que elas devem ser divididas. Horácio, os mais Poetas Latinos, e muitos legisladores da Poética, como Ascónio sob. a 4. in *Verr.*, Júlio César Scaligero na sua *Poética* L.1 c. 9., Lelio Bisciola, Hor. Subseciv. tom. 2. L. 6 cap. XI, Pedro Nanni sobr. a *Poet.* de Horácio, querem, e decidem, que estes Actos sejam cinco, mas as razões que para isso apontam, não podem reputar-se por absolutamente convincentes. Que a Tragédia deva dividir-se em muitos Actos, é ponto indisputável, porque a sua direcção assim o pede indispensavelmente, ou para dar mais descanso à atenção do espectador, ou para recreá-lo mais com variedade. Com todas estas obrigações pode cumprir o Trágico sem a precisa dependência de distribuir o seu Drama em cinco Actos. A infinita diferença que se dá nos argumentos que hão-de tratar-se, pedem outras proporcionadas diferenças no modo com que se delineam e se executam. Podem ocorrer incidentes, que ora precisem de mais, ora de menos intermédios para melhor se dirigir o Drama que, por consequência, nestes termos pode distinguir-se em mais ou menos Actos. De mais, uma Tragédia não poderá fazer-se tão plausível, e tão variada por três, ou por cinco intermédios, do que por quatro. Dizem os patrocinadores da opinião dos cinco Actos que, independentemente de alguma outra razão, tem mostrado a experiência não poder agradar uma Tragédia, se precisamente não tiver esta divisão. Para isto ser bem demonstrado, seria necessário alegar com uma Tragédia perfeita em todas as suas demais partes que tivesse sido desaprovada por não ser dividida em cinco Actos. O exemplo dos Gregos e Latinos, a prática geral dos melhores Poetas modernos, Franceses e Ingleses, ao intento não pode servir de prova. Seja muito verdade que, em todas as Tragédias que nos ficaram dos Gregos, se acha a acção de quando em quando interrompida no Teatro, e ocupado fora da cena os Actores, ou guardando o silêncio dão lugar ao canto do Coro, do que resultam os intermédios, ou verdadeiros Actos; contudo, porém, não fica bem provado que houvesse sempre quatro intermédios, nem também cinco Actos. Frustraneamente se folheariam as autorizadas Tragédias Gregas, e se elas, nas edições mais novas e mais correctas, se acham divididas em cinco Actos, aos Editores e Comentadores, e não aos originais, é que esta distribuição deve ser atribuída. Entre os antigos, que nos citaram alguns lugares de Comédias ou Tragédias Gregas, nenhum se acha que alegue o Acto de donde os extraiu, como consta de Ateneu, que

está citando a cada passo infinitos Poetas cómicos, o que pode ser prova de que os Gregos não atendiam a esta divisão da Tragédia em um certo número de Actos. Para esta prova contribui também a doutrina de Aristóteles, que quanto a esta parte nada deixa prefixo na sua *Poética*. A ele ter que dizer quanto a esta divisão, não perderia esta ocasião, que tão naturalmente se lhe oferecia, quando tratou das partes de quantidade da Tragédia, aonde definindo-as, não falou mais do que na sua distribuição e no lugar que ocupam. Não falamos aqui de Ésquilo por achar-se ainda muito informe no seu tempo a Tragédia. Quanto a Sófocles e Eurípedes não encontramos neles mais do que uma apaixonada aderência ao verosímil, um grande empenho em surpreender e agradar ao seu auditório. Incessantemente fazem estudo de o alucinar, e o fazer esquecer que tudo que lhe põem diante dos olhos é fingimento, empreendendo persuadir-lhe estar realmente acontecendo a acção a que assuste. Este todo o artifício dos referidos Trágicos; nem pareça que eles hajam observado outra alguma regra no número e proporção dos seus Actos, que não poucas vezes se constituem não mais do que uma cena, e em outras assaz passa de longo. Para prova disto veja-se em muitos Dramas persistir os Actores no Teatro durante o intervalo de um a outro Acto, ora cantam o Coro em outras ocasiões que nos intermédios, ora se unirem com ele os representantes. Diremos mais, tomando a dicção *Acto* na acepção já referida: os Dramas Gregos continham algumas vezes seis, e outras sete Actos. Quanto aos Romanos, pelo que respeita à questão que por ora ventilamos, nada dizemos, pelas suas melhores Tragédias não haverem passado aos nossos tempos, e porque das de Séneca se pode inferir a pouca inteligência que tinha das regras do Teatro, julgamos que ninguém duvidará que seria muito melhor que, não podendo um Poeta dar ao seu Drama a extensão dos cinco Actos, o incluísse ou abreviasse em três ou quatro do que dilatá-lo prolongando-o impertinente até cinco, embaraçando-se com incidentes e episódios importunos e heterogêneos, porque a regra essencial consiste em obviar todos os defeitos, e não em dividir religiosamente uma Tragédia em cinco Actos. Acrescentamos mais que se não pode assentar quem foi o introdutor desta lei, pois se não descobre, como já dissemos, fundamento sólido para os Actos serem nem mais, nem menos que cinco, como diz Elio Donato, ou quem quer que é, no comentário de Terêncio, e no discurso da Tragédia e Comédia. Para evitar, porém, a censura de algum crítico nimiamente escrupuloso, sobre dizermos que a Tragédia se poderia dividir em três, ou quatro Actos²³ se couber neles a justa grandeza da acção, observaremos que muitos Autores de boa nota sustentam esta mesma opinião. Lambino advertiu em Cícero, e em outros autores de distinta fama, que o terceiro Acto era o perfeito, e que não faziam caso do quarto e quinto. Mazzoni, Gonçalves de Salas e o Padre Donato, inclinando-se à opinião dos Actos serem três, copiam todos uma autoridade²⁴ do mesmo Cícero tirada da última Epístola do livro I a seu irmão Quinto. Porém, do mesmo autor lemos outro lugar, em que falando da Verres faz menção do quarto Acto²⁵: do que vimos a colher que Cícero não tem por perfeito o terceiro ou

²³ Júlio César della Scalla, que na sua *Poética* tratou difusamente dos preceitos e funções do Coro, confirma o nosso parecer, e no liv. 3. cap. 97 fala nestes termos: Também quanto à razão do coro, se de certo modo se presta a atenção, facilmente se percebe que as fábulas não foram divididas em cinco Actos, como agora, se na verdade é verdadeiro o que dizem, que, entre os actos, os coros são inseridos pelo flautista. Na verdade, no Prometeu de Ésquilo vê-se o coro duas ou três vezes, a não ser que se receba também Io e o Oceano em vez do Coro. Por tal razão, o coro aparece aí por cinco vezes, como do mesmo modo Agamémnon; e na Hécuba de Eurípedes, e no Filoctetes, na Electra, no Édipo em Colono de Sófocles, e no Édipo de Séneca. Sófocles nas Tarquinias pôs seis coros. No Ajax são apenas quatro. Mas Eurípedes, no Hipolito coroado, parece ter introduzido oito coros. Não se distingue facilmente outros tantos na Alceste, na Ifigénia entre os Tauros; seis com Clarezza nas Troianas.

²⁴ Como este terceiro acto, assim o terceiro acto parece /é o mais perfeito e mais elegante.

²⁵ Como esse, no quarto acto, seria de má qualidade.

quarto Acto, senão aquele que mais se chega ao fim da fábula. Os Espanhóis e Italianos formam os seus Dramas de três Actos, os Franceses e Ingleses de cinco: do que inferimos, que cada um pode seguir o que melhor convier à sua fábula, porque não há regra fundada em razão que obrigue o Poeta a usar de um número certo de Actos, e muito menos de cenas, como frivolamente querem alguns autores, pertendendo que em cada um dos Actos as cenas não excedam de dez. Esta regra é muito pouco importante, pois basta que o Poeta regule a grandeza dos Actos e o número das cenas, de modo que o material da fábula não fique monstruoso; o que importa é que raras vezes esteja o Teatro com um só Actor, e nunca sem algum: antes hão-de seguir-se sucessivamente a outros até o fim de cada Acto, em que o Coro deve entrar a cantar. Observada esta regra, consegue-se o fim de ir sempre continuando igual, e sem alguma interrupção, o fio da fábula, e de ter o auditório sempre atento e suspenso, pois não se lhe dá lugar para se distrair em outros pensamentos e perder de vista o assunto da representação, o que sucederia sendo as cenas soltas, porque então sempre por algum breve tempo fica só o tablado.

Como todo o nosso empenho neste Tragédia, que oferecemos ao público, foi pintar as paixões com as cores mais vivas e naturais quanto coube nas limitadas forças do nosso engenho, escolhemos o verso solto como o mais proporcionado para este fim.

Julgamos que não há quem ignore que o consoante, jogo pueril inventado sem a aprovação do bom gosto, é um fruto que resultou da inundação dos Bárbaros que, invadindo e assolando o Império Romano, foram ao mesmo tempo o flagelo das artes e das ciências; e é certo que, ao mesmo passo que os Bárbaros mais penetravam na Europa, foi o consoante ganhando mais terreno e fazendo progressos proporcionados à introdução do gosto Gótico nas artes e ciências. Julgando, pois, aqueles Bárbaros faltos de uma língua digna da Poesia e destituídos de artifício, que a pudesse sustentar com aquele esplendor com que os Gregos e Romanos fizeram eternas as suas Musas, que a dificuldade da Rima era capaz de suprir as antigas e essenciais belezas da Poesia, a introduziram. Mas quão grosseiramente se enganaram, pois consistem as qualidades do Poeta em um divino entusiasmo, um talento harmónico, um natural e um génio feliz, e a essência da verdadeira Poesia na vivacidade das imagens, na energia das expressões, na nobreza das figuras na força dos pensamentos, no colorido das paixões. Prove-nos, agora, algum sectário da rima, que dela tudo isto está dependente. Como pode ser natural, ou verosímil, que para melhor exprimir os impulsos do furor, da vingança, do ódio, do amor, e de outras mais paixões, mendiguemos o socorro da duplex monotonia que resulta dos mesmos consoantes? Confessemos, pois, sem a rima uma fútil imitação do som, um ornato gótico, uma espécie de brinquedo produzido pela repetição da última ou últimas sílabas; um como eco que não tem forças para mais que para agradar-nos por um rapidíssimo instante, pelo que apenas agrada quando logo torna a desgostar. Confessemos ser condenado o consoante pelo juízo mais sã, e que dele se não depende para distinguirmos a prosa do verso. Que nos versos mimados estamos achando a cada passo por causa da rima as cousas mais ridículas e desatinadas, os rípios mais heterogéneos e fora de propósito com que se pertende encher a quantidade dos pés, termos insólitos e deslocados, invenções insofríveis, escuridades imensas, e todas as outras monstruosidades inseparáveis da intrusão do consoante. Se dele provém alguma graça, algum deleite, isto é só nos Poemas breves, e de poucos momentos, como no Madrigal, no Epigrama e na Canção, porque nos dilatados, como por exemplo, na Epopeia, na Tragédia, na Comédia, vem a fazer-se intolerável e fastidioso.

Desde o século precedente está clamando o bom gosto pela abolição do consoante, como diametralmente oposto ao adiantamento dos seus progressos, e que como sempre foi promete sempre ser a Cila e Caríbdis da versificação. Desde que o Trissino

introduziu o verso solto nas Itálias, e que os Ingleses o adoptaram não tem cessado de gritar o bom gosto que o consoante dá leis ao estilo, que obriga os Poetas a deter a torrente do seu entusiasmo, que refreia a vivacidade mais generosa e levantada nos pensamentos, que, fácil e frequentemente faz dar costas ao assunto principal, para usurpar tiranicamente as atenções, empregando-as no invento de uma palavra, ou mais propriamente de um som que se corresponda com outro que, obediente aos impulsos do génio, per si mesmo primeiramente se havia apresentado. Que, em uma palavra, é necessário fazem sempre dois versos por um, sendo sempre quase impossível que um bom verso deixe de acompanhar-se com um mau: que esta violenta lei não pode deixar de fazer mais sensível o trabalho da arte, a qual para chegar à perfeição deve disfarçar-se ao natural com um tão destro artifício, que possa ser apreendida pela mesma natureza.

É certo que o Poeta, libertado da opressão da rima, teria mais tempo, liberdade e facilidade para aperfeiçoar as suas expressões, corrigir e melhorar os seus planos. Não se acharia no cruel aperto para mudar um verso defectuoso, de mudar tudo o que tem de mais elegante e precioso no seu Poema, substituindo-o com cousas humildes e vulgares. Todos os affectos humanos conseguiriam ser exprimidos mais simples, mais própria e mais nobremente. As paixões teriam uma pintura mais genuína e mais brilhante, e os pensamentos mais energia e clareza. As graças mais risonhas e engraçadas guiariam o pincel, para que não houvesse affecto e pensamento que não fosse colorado com aquela propriedade e elegância que arrebatam os sentidos e as potências da alma.

Se, apesar de um tão penoso grilhão, Camões atroou o mundo literário com um Poema que jamais deixará de ser a admiração de todos os séculos, quanto mais perfeitas e elegantes seriam as suas pinturas, quanto mais claramente expressados os seus pensamentos, quanto mais vivo e natural o seu colorido se, sacudindo o pesadíssimo jugo da rima, se houvesse entregue todo à força do seu estro e ao entusiasmo do seu engenho! Camões tinha em si a alma de Homero e de Virgílio: se declinou às vezes da igualdade e pureza do estilo destes dois mestres da Epopeia, isto procedeu, sem dúvida, da diversa perfeição de instrumento de que usaram todos três. Querendo invectivar os Poetas modernos, que tem dado na mania de fazer versos Latinos, fez Depreaux um Diálogo com assaz galantaria. Introduz ele, entre outras facécias, um Poeta com Ravisio Textor, ambos empenhados em procurar para acabar este verso:

Latona proles Divina Jovisque

Um adjectivo, que seja um pé baquio, e diga respeito a Júpiter. O Poeta dá-se a tratos para achá-lo, e Ravisio buscando-lho nos seus epítetos lhe ministra primeiro *Magni*, e logo *Omnipotentis*, mas nenhum destes acomoda ao Poeta. Ultimamente lhe aponta o empreiteiro dos epítetos *Bicornis*, que lhe enchia o verso ao Justo, e este é o que abraça o autor do verso dando palmadas, e não se saciando de dizer:

Latona proles divina jovisque bicornis.

Apolo, porém, testemunha de um tão grande e tão bem aproveitado trabalho, e juiz do desempenho, argúe, e condena um epíteto tão enorme, que expressava o pai dos Deuses com dois cornos, mas o Poeta, satisfeito e vanglorioso do seu descobrimento, não cede: insta Apolo; não se deixa convencer o Poeta, e lhe responde haver usado daquele adjectivo somente para acabar o verso, e que melhor escolha não podia haver. Quantas vezes sucede o mesmo com o consoante? O Poeta deve achá-lo, por muito e muito que lhe custe e por mais que haja de sacrificar-lhe, algumas belezas mais essenciais para o

seu argumento. Apareça o consoante, diz o Poeta, que ele só por si ressarcirá e substituirá esses ornamentos, e não somente ele é bem como as posturas nos rostos das mulheres, que encobrem muitos defeitos; mas ainda será um escudo impenetrável que o defenda dos golpes da censura. Confessem-no todos aqueles que praticam o estudo poético, quantas vezes não puderam pintar uma imagem com aquelas cores que pede a liberdade poética, porque a rima prendeu os pensamentos e o discurso em um certo espaço limitado; quantas vezes se acharam precisados a sacrificar à violência da rima os termos mais próprios, naturais, e talvez os únicos para expressarem a força do seu pensamento, porque não tinham a consonância necessária. Os poetas mais fáceis em rimar não usam a cada passo de certos rodeios de expressões e de vozes sem significação, a fim de armarem ao consoante.

Nenhum destes inconvenientes têm os versos soltos, tendo, ao contrário, todas as qualidades de que, para ser perfeito, depende um Poema. Não negamos que a dura lei do consoante haja sido produtora de belezas admiráveis, mas de ordinário é também não somente casual ocasião, mas precisa causa de absurdos infinitos. Os Poemas de maior extensão o podem assim testemunhar. Nos versos, independentemente da rima, não é o seu maior custo buscar termos próprios ao assunto que se trata, senão enriquecê-los de expressões, figuras, imagens, harmonia, fogo poético, e de todas as outras belas condições inseparáveis da sólida e mais venusta Poesia; e como isto deve ser nos versos soltos com maior rigor e exacção do que nos rimados, daqui se infere bem entre uns e outros, quais devam ser os preferidos. É logo menos verdade que, os versos em que se pedem observadas religiosissimamente estas regras hajam de fazer-se com mais facilidade que os rimados. Não citamos para corroborar a nossa opinião a autoridade de Salvini em um dos seus *Discursos Académicos*, de Maffey no seu *Teatro Italiano*, de Pope no seu *Ensaio sobre a crítica*, do tradutor do canto primeiro da *Iliada em Italiano*, de Honorato de Urfé na sua Pastoral intitulada *Silvanira*, de Mons. de Longue na sua tradução livre do *Argenis* de Barclay, e nos seus *Raciocínios arriscados sobre a Poesia Francesa*, do Abade Trublet no *Diário dos Sábios no mez de Fevereiro de 1737*, de Mons. Prevost d'Exiles no seu *Pró e contra*. Alexandre Piccolomini, Giraldi, Aníbal Caro, e quase todos os Dramáticos modernos de Itália têm por inverosímeis os consoantes. O certo é que o verso solto, como não tem a quem se torne para causar deleite senão à beleza verdadeira, faz quanto pode para ser intrínseco o seu valor; não se lhe sofre nem uma leve mancha, e uma só palavra que não signifique introduzida para encher o verso. No verso rimado, pelo contrário, costuma-se disfarçar muito em razão da dificuldade do consoante.

Mas o verso destituído da rima, dizem os seus apaixonados, não se distingue da prosa. Errado conceito! Proposição falsa! Clarissimamente se deixa perceber dos versos uma harmonia propriamente sua sem a menor dependência do Consoante isto é, a sua medida e a sua cadência. Um verso só de per si é harmonioso e, para ser por tal reconhecido, não é necessário ouvir-se outro de que, segundo as leis do consoante, pelo seu eco é correspondido. Logo, tanta parte tem o consoante na beleza real do metro, como a tem, no sentido de um pensamento proferido em voz alta junto a um rochedo ou concavidade, o eco que repete os seus últimos acentos. Por outra parte, é infalível distinguir, pronta e facilmente ao ouvido, um verso que a prosa casualmente deixou escapar. Quem deixará, por exemplo, de conhecer este, com que Jacinto Freire de Andrada conclui a vida de D. João de Castro:

Acabando valido morreu pobre?

A cadência Poética se deixa discernir singularmente entre todos os estilos, e dar-se-á

sempre uma infinita diferença entre a prosa e o verso solto. Jamais aquela poderá competi-lo na nobreza, na harmonia e na força das expressões, nas figuras, nas imagens, no fogo e vivacidade e, enfim, em todos os mais predicados competentes à Poesia.

«A harmonia (diz Mons. d'Olivet é uma espécie de modulação, que não só resulta do valor Silábico, mas ainda da qualidade e colocação das palavras,»

A boa cadência do número oratório, como do género Poético, não é outra coisa mais do que um tecido de sílabas, urdidas com uma judiciosa escolha e dispostas com uma tal ordem, que os órgãos tanto do que fala, como do que ouve, fiquem recíproca e suavemente lisonjeados de uma espécie de modulação, que nada consente na frase de duro, ou de frouxo, nada lhe permite de demasiadamente curto, ou dilatado. Tudo isto belissimamente se executa independente do consoante, que não é mais, como tantas vezes o temos repetido, do que repetição de um único e curtíssimo som, com quem toda a precedente harmonia não tem o menor parentesco, porque o verso em si mesmo tem toda a harmonia precisa para a sua perfeição. Se quer supor-se que a mistura das longas e breves constituía nos versos Gregos e Latinos uma harmonia particular, que atenta ela os escusava do consoante, esta mesma complicação, que denominaremos valor silábico, de cuja vária disposição resultava numa plausível modulação ou cadência, se acha igualmente na nossa língua. Finalmente, a sólida Poesia lá tem um ar propriamente seu, uma força de estilo, uma vivacidade de expressões, uma nobreza, uma elegância, e tantos outros semelhantes e admiráveis atributos, que encantam e se distinguem ainda quando ela toma argumentos estéreis e difíceis de ser tratados em verso. Estes os fundamentos porque escolhemos o verso solto; se a todos não parecerem sólidos, será porque, alucinados pela paixão ou pelo costume, buscam só na Poesia o deleite dos ouvidos, se de um som material pode resultar, ou não, a satisfação do entendimento.

Aristóteles quer que, para ser bem feita, a Tragédia agrade sem o socorro dos comediantes e sem o aparato da representação, e que assim como se não deve, para que se deleite, gravar a atenção do espectador, assim também se devem aplainar todas as dificuldades ao leitor, para que se não desgoste, e perceba sem trabalho a ideia do autor, e até as menores circunstâncias do Drama. Ser-nos-ia, pois, de parecer, como assim o executámos, que o Poeta cuidasse muito em sinalar à margem aquelas acções, que por miúdas não merecem ser explicadas nos versos, e diminuiriam a sua beleza e majestade; facilmente no Teatro supre o comediante estas miudezas, mas o leitor ver-se-ia obrigado a adivinhar, e muitas vezes adivinharia mal, se o Poeta o não instruisse por este meio de certas particularidades extrínsecas na verdade, mas contudo necessárias, ou para maior força, ou para maior delicadeza do conceito. Confessamos ingenuamente não ser esta a prática dos antigos, mas é preciso confessar também que, pelo não terem assim praticado, se encontram a cada passo nos seus Poemas mil escuridades que só os Mestres da arte podem desenvolver, e ainda não sabemos se o conseguiram tão felizmente como querem persuadi-lo. Se nos sujeitássemos ao método dos antigos, não teríamos dividido nosso Drama em Actos e cenas, porque este não era o seu costume; o certo é, porém, que desta falta de divisão não sabemos com individuação quantos Actos têm os seus Dramas, nem se no fim de um Acto os Actores, que se achavam no Teatro, saem da cena para dar lugar ao canto do Coro, ou se ficam nela imóveis, e sem acção enquanto ele canta, porque nem eles, nem os seus intérpretes tiveram o cuidado de participá-lo aos vindouros em uma nota marginal. Nós, os modernos, temos ainda outra razão mais forte e essencial para não desprezarmos este pequeno socorro pois, como a impressão entrega os nossos Dramas nas mãos de todos aqueles que os querem representar e como não podemos advertir-lhes certas particularidades que devem observar, se os não ajudássemos com aquelas notas, quantas vezes nos interpretariam em sentido contrário; em que embaraço se não achariam no quinto Acto dos Dramas que

tem o êxito feliz, e em que juntamos (o que não faziam os antigos) todos os Actores no Teatro, sem saber a quem dirigir o discurso, dizendo a um o que se dedica a outro, principalmente quando o mesmo Actor fala a três ou quatro pessoas, logo uma depois da outra. Querendo isentar-se destes avisos marginais, seria preciso usar os *à parte* para exprimir estas miudezas em verso, o que, sem dúvida, é mil vezes mais intolerável que o método que apontamos e seguimos, e que nos dá o único e verdadeiro meio para que conforme o preceito de Aristóteles façamos, que um Drama conserve a mesma perfeição tanto na leitura, como na representação, facilitando à imaginação do leitor, tudo quanto no Teatro se representou à vista do espectador.

Como somente escrevemos a benefício do público, e julgamos que se poderá colher alguma utilidade das reflexões que temos feito sobre o melhor acerto da representação, arte pouco menos que inteiramente desconhecida no nosso Teatro, esta a razão porque as juntamos às observações, que neste discurso oferecemos a respeito da Tragédia.

As companhias dos Comediantes são poucos numerosas, e assim se acham os mesmos Actores na precisão de representar promiscuamente a Comédia ou Tragédia, ao mesmo tempo que passa quase por axioma ser impossível dar-se um representante, que faça distintamente o papel de Trágico e de Cômico. Os nossos representantes, como acabamos de dizer, pelo seu pequeno número, tão depressa passam do coturno para o soco, e contraíram por este modo um gosto misto de representação, que os impossibilita para poderem sair-se bem de um e outro ministério. De mais não conhecemos no nosso Teatro senão dous Actores mais suportáveis, um para representar de Soberano, outro de Pai: todo o resto da companhia é insofrível. Um que chora incessantemente tem uma voz aspérrima e articulada sempre em um mesmo tom, sem conhecer as diversas modulações que, por exemplo, devem fazer transição de uma situação enterneçada para outra furiosa, de uma de desprezo para outra de temor. Falta-lhe a decência, faltam-lhe os gestos, em uma palavra, quase inteiramente lhe falta o conhecimento do Teatro. Bater com os pés é a expressão da sua cólera, correr como um louco é o indício da sua desesperação. Os seus braços não parecem pertencer àquele corpo, tão pouca correlação se acha entre o seu movimento, com os discursos que acaba de proferir a sua língua. Outro Actor agrava o desar da sua pequena estatura com uma voz rouca e desengraçada, com um gesto afectado, com umas impaciências fora de tempo, com um ar comum, com pouca ou nenhuma inteligência do que está representando, com uma pronúncia adulterada e defeituosa. Rasga os seus vestidos para mostrar-se apaixonado, e é tão excessivo na sua declamação, que degenera em extravagância. Se estes são os mais toleráveis, bem se vê que os mais não merecem fazer-se menção deles.

Um Actor deve representar igualmente aos ouvidos, do que aos olhos, todas as paixões próprias de alterar, já na boa, já na adversa fortuna os ânimos humanos. Para bem as representar não só é necessário ter uma ideia delas, mas a aptidão de vesti-las das cores, que mais propriamente as distinguem. Estas cores, ou sinais, são de dois modos, que dizem respeito aos dois primeiros sentidos. Com os gestos e certos movimentos no aspecto se fala aos olhos, e aos ouvidos com as diversas toadas e inflexões de voz, que não consistem somente em levantá-la ou deprimi-la, mas principalmente em umas certas modulações expressivas e afectuosas que dêem aos sentidos de quem ouve a ideia do que se passa no ânimo de quem fala.

Não passam de seis as paixões que os olhos possam exprimir com força e veemência, e que figuradas no semblante sejam capazes de fazer-nos passar pelos diferentes graus de aflição, de prazer, ou de pasmo, que podem fortemente abalar o coração. Tais efeitos produzem a alegria, a tristeza, o temor, o desprezo, a cólera e a admiração. Não é pequeno o número de outras paixões auxiliares que, ainda que não

possam expressar-se no seu próprio carácter, não deixam de poder representar-se muito bem, incorporadas com duas ou três das suas capitais. Por tais podem reputar-se o ciúme, a vingança, o amor e a compaixão. Para exprimirmos o ciúme é necessário dar-se uma combinação de temor, desprezo; e cólera. A vingança depende das duas derradeiras. O amor só pode manifestar-se pelos efeitos da alegria acompanhada de admiração; com seus tais quais visos de temor. A compaixão, finalmente, se indica complicando-se temor e tristeza. O único segredo para bem expressar uma paixão no semblante, é concebê-la bem, mediante uma forte e viva imaginação. Quem se deixar penetrar e possuir da força de uma ideia de tristeza, em poucos tempos sentirá apoderar-se de seus olhos uma espécie de quebranto que é próprio de melancolia: os olhos perderão insensivelmente a natural viveza, e todos os órgãos do corpo abatidos por uma repentina sonolência, que parece simpatia, ficarão quase desanimados como se padecessem um verdadeiro desmaio. Se nesta disposição, que puramente pode reputar-se como passiva, fizer algum esforço para falar com impaciência, achará que nisso intenta um impossível. Busque muito embora as expressões mais fogosas e mais arrebatadas. Jamais poderá concordar com elas o tom da sua voz lânguido e flébil, porque se tem comunicado a alteração dos seus músculos aos órgãos da sua voz. Antes que esta haja de proporcionar-se às suas expressões, é necessário que ela deixe preocupar-se das ideias da raiva e da indignação, que reforçando as suas desanimadas fibras, e influindo-lhe cólera e furor, imediatamente lhe farão cintilar nos olhos os sinais destas paixões. Nestes termos, não só corresponderá a sua voz ao seu aspecto, mas todos os seus movimentos farão uma viva pintura da sua paixão. De lânguido e mole que estava, passará a ser um fogo impetuoso, excitando nos ânimos dos espectadores efeitos nada vulgares.

Para que um Comediante chegue a distinguir-se e possa sobressair a todos, seria necessário que estudasse em acostumar a sua imaginação a receber igualmente em si toda a sorte de imagens, e familiarizar-se nas expressões das diversas paixões que dominam a nossa natureza. Que quando recita, a impressão de tristeza com que a força da própria imaginação lhe comove e abala o coração, comunicando-se aos olhos, ao semblante e às vozes, se mostrasse melancólico e triste. Que aonde o Poeta supusesse alguma esperança, os seus olhos se alegrassem de repente, e que no tom da sua voz e na mudança das suas acções se principiasse a descobrir uma nova força e um novo alento. Que em outros lugares se demorasse alguns momentos, e revestindo-se de um ar pensativo para facilitar estas passagens de umas para outras paixões, disponha o ânimo dos seus ouvintes igualmente que o seu, para todas as revoluções que é capaz de experimentar o coração humano, porque sentindo-as sucessivamente, infalivelmente as fará sentir ao auditório.

Não só devem os representantes cuidar em que o tom da voz e o ar do semblante expressem com energia o afecto de que se supõem possuídos, mas ainda que o gesto lhes seja de tal sorte correspondente, que se leia em cada um respectivamente o efeito que naturalmente deve causar-lhe ou estado actual da cena, e as circunstâncias do lance em que se acham, observando, porém, o conservar sem discrepância o carácter que se lhe atribui. O valoroso deve ouvir e receber os golpes da desgraça com tranquilidade, o tímido com ar turbado, o intrépido com impaciência, e da mesma sorte os mais, conforme o interesse que tiverem, e à proporção do afecto que os dominar; o contrário seria impróprio, e destruiria a verosimilhança e a ilusão Teatral.

Logo que o Actor apareceu na cena já não tem liberdade própria, porque tudo há-de ser dependente das suas palavras e do interesse de que se acha ocupado. Há-de entrar no tablado com passo seguro, igual e moderado, porém sem affectação. Se a acção que vem contar pede que entre apressado, há-de fazê-lo sem descompor-se, e conservando,

quanto for possível, o ar majestoso que pede a Tragédia. Enquanto estiver na cena esteja direito sem affectação, e sem que pareça hirto. Observe que a sua postura quando se mover, ou ficar parado, seja agradável e airosa. Que os seus gestos não sejam descompostos, demasiados, violentos ou simétricos. Que para exprimir as paixões deve conhecer o gesto particular que as distingue e caracteriza. Que um homem sufocado de ira acciona diferentemente que o que experimenta em si os efeitos de uma paixão branda e suave. Que se deve atender no modo de accionar quem fala e a quem se fala: se é Dama, se é superior, se igual, se inferior. No mover dos braços não os dobre, não os estenda, não os levante demasiado. Estendê-los ambos igualmente, ou levantá-los à mesma altura, é não só desagradável, mas ainda ridículo. Mover um depois do outro como a compasso, é não conhecer a natureza. Figurar materialmente com as mãos e com o corpo quanto articula a língua, seria de pantomimo.

As palavras são o retrato das ideias, e as acções ajudam à propriedade do retrato, e assim devem estas concordar com aquelas, ou para nos explicarmos melhor a ideia, a palavra e o gesto devem conservar uma união perfeita, o não discrepar entre si. O Poeta, diz o Pinciano ²⁶, com o conceito declara as cousas, e com as palavras explica o conceito: o Actor com o movimento e a acção deve declarar e manifestar a palavra do Poeta, e dar-lhe força.

Há também um certo movimento de cabeça que explica muito. O melancólico, o pensativo, o aflito, o envergonhado a inclinam; o insolente, o altivo, o irado, o inocentemente acusado a trazem direita. Enfim, não há membro no corpo que se não sinta dos affectos da alma, Observe-se ainda que, nos casos atrozes a voz deve ser impetuosa, nos tristes lastimosa, nos medianos temperada, nos grandes majestosa e, nos de temor perturbada, e sumida nos de ternura suave e affectuosa, nos de respeito submissa, nos de piedade branda, nos de cólera interrompida, e nos comuns regular. Para se não equivocar na escolha de um e outro tom de voz, a prática pode só dar a instrução precisa, applicando-se o Actor quando recita a observar até donde chega a sua voz sem frouxidão ou aspereza, sem parecer trémula ou confusa; porque assim saberá até que grau se estende o metal da sua voz e a força da sua respiração. Que modulações deve observar para evitar estes defeitos, e conseguir aquella flexibilidade de garganta que vence ou modera semelhantes imperfeições da natureza, que facilita a boa e distinta pronúncia, e lhe faz adquirir aquele grau de força ou brandura, de complexidade ou contracção, de aspereza ou suavidade, mais próprias das palavras ou affecto que pretende representar, pois é certo, que a naturalidade e a exacção da pronúncia, já quando se levanta a voz, já quando se modera, já quando se comprime, não só facilita o exprimir oportunamente, e sem confusão, qualquer affecto, mas serve principalmente, e com especialidade, para na ocorrência de muitos e distintos affectos, entre si se ache logo a expressão mais expedita e proporcionada para não desfigurar e escurecer a verdadeira pintura da natureza que se requer em semelhantes lances.

Muito mais nos pudéramos alargar nesta matéria; como, porém, de mais de ser este ponto alheio do nosso argumento principal, as nossas reflexões poderiam ser mais dilatadas da que em beneficio da brevidade desejamos, as omitimos. O que deixamos dito, julgamos por muito suficiente para dar aos Actores do nosso Teatro uma ideia do que devem observar para maior crédito do seu ministério e maior satisfação do público.

Damos fim a este Discurso já demasiadamente dilatado para prólogo. Não emprenderemos responder, nem prevenir as objecções com que o rigorismo pode contrariar-nos. Os prudentes se gloriam das críticas, desprezam as sátiras, reconhecem os seus erros para se emendar, e em outra ocasião desempenhar-se melhor .

²⁶ Epist. 13 da sua *Filosofia Antiga*.

MÉGARA

TRAGÉDIA

Composta por Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo e
Domingos dos Reis Quita, em 1761

ARGUMENTO

Pela morte de Etéocles e Polinices, vago o Trono de Tebas, veio a cair o Ceptro na mão de Creonte, que já depois da morte de Laio o havia empunhado. De unânime consentimento de todo o Povo foi elevado segunda vez ao Sólido. Para melhor o segurar, desposou sua Filha Mégara com Hércules. Este Herói, submetido pela ciosa paixão de Juno a Euristeu, Rei de Micenas, depois de muitas e arriscadíssimas aventuras, desceu aos Infernos para tirar deles a Teseu, que por uma temeridade ali se achava encarcerado. Como por este motivo não aparecesse largo tempo, correu a falsa voz de ser falecido. Lico, descendente de um Príncipe do mesmo nome que reinara em Tebas, aonde fora assassinado, urdiu, fazendo-se cabeça de alguns descontentes, uma conspiração para depor, como depôs, do Trono a Creonte, que reduziu a uma afrontosa captura, carregando-o de ferros, e dando a morte aos Irmãos de Mégara.

A presumida Viúva de Hércules, vendo-se com seus Filhos sujeita à discricção de um Tirano, buscou por asilo o Altar de Júpiter, que o mesmo Hércules em outro tempo erigira no vestíbulo do seu Palácio. Neste Altar, que entre os Gregos era um inviolável Sagrado, não cessava a aflitíssima Rainha de implorar a favor de seus Filhos o auxílio dos Deuses, penetrada sempre do susto e terror que lhe infundiam os excessos e crueldades do Tirano, de cuja impiedade temia ser com seus mesmos Filhos desgraçada Vítima. Não havia objecto que deixasse de lastimar esta infeliz Princesa. Ela ignorava o destino de Creonte, que não podia deixar de presumir funesto; ela havia presenciado a morte de seus Irmãos; a larga ausência de Hércules lho persuadia morto; a indiferença, que não havia merecido aos Tebanos, lhe causava um não vulgar sentimento; via-se destituída dos meios para a sua conservação, e padecia um inexplicável tormento em ver-se entre tantos males acompanhada de seus tenros Filhos. Ainda aqui não parava a sua desgraça, porque Lico, que não havia podido subjugar inteiramente aos Tebanos para ocupar o Trono que usurpava, à força pretendia que Mégara lhe desse a mão de Esposa. Cuidou muito em suavizar com todas as cores do artificio uma tão horrível e odiosa proposição. Como tal a ouviu e acremente rejeitou Mégara. Lico nem por isso se irritou, dissimulando assim o seu ânimo fraudulento. Para serenar de algum modo a paixão da Rainha, lhe restituiu a companhia de seu Pai, a fim que este a persuadissem a dar assenso à sua pretensão, franqueando-lhe a assistência no Paço de Hércules, que até então estivera fechado, para que a lembrança das passadas grandezas a movesse a contrair segundas núpcias. Creonte e Mégara, bem longe de atender aos intentos do Tirano, mutuamente se animavam a morrer; e porque Creonte se achava desarmado, Mégara lhe deu um punhal, declarando-lhe que reservava outro para matar-se, logo que se visse destituída da esperança de conservar a vida a seus Filhos. Irritado Lico da resistência de Mégara, a ameaçava, se ela dentro de um breve termo não condescendia com os seus desejos, de puni-la com uma morte atrocíssima. Nestes termos, Creonte e Mégara inteiramente deliberados a executar seu premeditado desígnio, ornaram os

pequenos Filhos de Hércules de insígnias funerais, como Vítimas já destinadas à morte. No instante, porém, que parecia o mais desesperado, apareceu Hércules de improviso. Mégara lhe referiu a catástrofe a que toda a sua Família se achava reduzida, as dissensões de Tebas, as revoluções suscitadas por Lico, a morte de seus Irmãos, e toda a série de desgraças, que ela, seu Pai, seus Filhos e seus Irmãos haviam padecido. Hércules ainda que ignorava o miserável estado da sua Casa, suspenso pelo presságio de uma ave de mau agouro que lhe vaticinava algum sinistro acontecimento, havia entrado ocultamente em Tebas. Cheio de indignação e impaciência, arrancou da cabeça de seus Filhos as vendas e insígnias da morte, e entrou logo a cuidar na sua vingança. Mas, não podendo deixar de atender às persuasivas lágrimas da cara Esposa e aos prudentes conselhos de Creonte, atravessou o Ismeno a ajuntar-se com Teseu, que o esperava na frente de algumas tropas de gente escolhida. Entretanto, Lico sabendo que Hércules havia escapado de muitas ciladas que lhe havia urdido para ser assassinado, e que naquela noite estivera em Tebas; que Teseu parava armado da outra parte do Ismeno, e que os Tebanos se resolviam a abraçar o partido de Hércules, entrou a aparelhar-se para defender-se. Juno, porém, sempre implacável contra Hércules levantou uma furiosa tempestade. Agitadas as ondas do Ismeno, foi a pique, e se fez em pedaços a embarcação que transportava Hércules. Com os fragmentos do mesmo batel saíram na praia com a sua clava a pele do Leão, que Hércules trazia. Lico, não podendo sossegar, por não aparecer o cadáver de Alcides, ordenou aos seus parciais que se fizessem todas as possíveis diligências para achar o corpo de Hércules, e que se dispusessem para a batalha, caso de Teseu intentar o ataque de Tebas, e persuadido de Hércules haver perecido à violência da tempestade, entrou a fazer as maiores instâncias com Mégara para se efectuarem, ou por força, ou por vontade, os seus pretendidos desposórios; aliás se deliberava a sacrificar inteiramente uma Família, que sem aversão e remorso não podia ver diante de si, porque nunca o deixaria lograr-se tranquilamente da Coroa, que tanto lhe havia custado a cingir. Mégara e Creonte, que ignoravam o naufrágio de Hércules, não só trataram a Lico com sumo desprezo, senão que o ameaçaram com a vinda de seu vingador, que não podia já tardar em desagrává-los de tantas opressões e injúrias. Cheio Lico de impaciência, lhes mostrou as insígnias que o Ismeno deitara nas suas ribeiras, e lhes anunciou, com as mais violentas expressões que pode excogitar a sua paixão, a morte de Hércules; e vendo que, nem por isso, dobrava a inflexível constância de Mégara, que antes, ao contrário, mais se reforçava no seu propósito, deu ordem aos Soldados para que, à sua vista e de seu Pai, tirassem cruelmente a vida aos tenros penhores do tálamo de Hércules. Mégara, que até este ponto não havia degenerado de uma inteira e real grandeza de ânimo, digna verdadeiramente do heroísmo, não podendo ver uma cena tão ímpia, se deitou aos pés do Tirano, e abraçando-o pelos joelhos implorava a sua clemência. Não quis Lico ouvir semelhantes instâncias, vangloriando-se de haver triunfado, quando já vinha fora de tempo, da sua altivez, e já mandava executar quanto antes o suplício daqueles inocentes meninos. Hércules, que havia escapado do naufrágio passando a nado o Ismeno, tornou a atravessá-lo na frente das suas tropas, com que entrou a bloquear Tebas, cujas portas lhe foram logo abertas pelo partido da sua facção. Lico, que não esperava este fatal contratempo, se pôs com toda a brevidade na defensiva; desfavorecida, porém, da fortuna, e castigada do Céu a sua tirania, ficou desbaratado. Na desesperação em que se viu, fez apreensão na Família de Hércules, constituindo-se árbitro da sua subsistência, e fez-lhe saber por Creonte que, se não depunha as armas e recusava entregar-se em seu poder, que seriam sacrifício da sua vingança sua Esposa e seus Filhos. Hércules já vitorioso correu a seu Palácio a libertar a sua Família; achou-a, porém, em poder do Tirano, que não obstante o estar vencido, não cessava de repetir instantemente os seus

ameaças. Não acabava Hércules de determinar-se, por mais que Mégara se oferecia espontaneamente à morte pela liberdade e redenção da Pátria. Lico apertava mais e mais com as suas instâncias que, se não fossem ouvidas, seriam vingadas com o sangue da Esposa e dos Filhos de Hércules. Este vacilava no partido que devia tomar, o concurso do Povo se achava em uma extrema consternação, vendo os vivos da vitória interrompidos de um tão crítico acidente. Finalmente, Mégara desatou o nó desta dificuldade, porque animada da vista de seu Esposo, e atenta a conservar a vida de seus amados Filhos com aquele mesmo punhal, que ela prevenira para matar-se por suas mãos, para subtrair-se às violências do Tirano, ao mesmo tempo em que este alça o braço para sacrificá-la ao rigor dos fios de uma espada, ela lhe passa o peito a punhaladas. Cai morto o Tirano, fogem os seus parciais, tem termo o perigo e a tranquilidade se estabelece.

ACTORES

CREONTE, Rei de Tebas
MÉGARA, Filha de Creonte e Esposa de Alcides
ALCIDES,
TERÍMACO, Filhos de Mégara
CREONCIDES, e de Alcides
DEICONTE,
LICO, usurpador do Trono de Tebas
FORBAS, Ministro de Lico
ORMI DAS, Tebano rebelado
Coro de Sacerdotes de Júpiter
Soldados

A CENA REPRESENTA O VESTÍBULO DO PALÁCIO DE HÉRCULES, E NO FUNDO SE VÊ O ALTAR QUE ELE HAVIA CONSAGRADO A JÚPITER.

ACTO I

CENA I

MÉGARA, PROSTRADA COM SEUS FILHOS AO PÉ DO ALTAR DE JÚPITER, QUE ESTÁ CERCADO DE SACERDOTES

Sagrado asilo da infeliz Esposa,
Eternos Filhos do famoso Alcides,
Que um Tirano odioso, um Monstro infame
Preservou até'qui de seus furores!
Triste Palácio de meu caro Esposo!
Altar, que consagrou sua piedade
Ao sumo Jove, como se previsse,

Que da sua Família perseguida,
Este seria o único refúgio
Contra os injustos bárbaros desígnios
De um Tirano sequioso de seu sangue!
Defendeu as Relíquias desgraçadas
Da clara estirpe de Hércules... Oh Deuses!
Desfaleço... Aí de mim! ... Céus! Até quando
As iras de um Cruel vereis expostas
Estas vítimas tenras e inocentes?
Até quando as vereis sofrer os golpes
De um fero usurpador, que as mãos atrozes
Impiamente banhou no Régio Sangue
De todos meus Irmãos, que injustamente
Se apoderou do Trono de Creonte?
Depois de tão sacrílegos delitos,
Temerá Lico de correr furioso
Ao cume da impiedade? Brevemente
Atrevido fará nestes lugares
Entrar a infame turba dos soldados,
Sem temer profanar o Altar de Jove.
Armados os cruéis de agudas lanças
No sangue destes tristes inocentes
Tingirão sem piedade os duros ferros.²⁷
Ah meus Filhos! Meus Filhos! Que destino!
A inexorável morte vos rodeia;
O Céu vos desampara; Quem salvar-vos
Pode de um tal abismo de desgraças?
Ai de mim! Vossa mãe já moribunda
Em vão mover com lágrimas quisera
Um cruel coração, que se endurece
Às vozes e aos gemidos dos aflitos.
Não, não será possível que se abrande,
Nem da sua soberba esperar devo
Mais do que afrontas, mais que abatimentos.

Coro

Não te vás entregar desesperada
Ao verdugo da dor que a alma te refere.
Desgraçada Rainha! Não exponhas
Uma vida aos Tebanos tão preciosa,
Tão necessária a teus amados Filhos.
Dos justos Deuses o socorro espera.
Não queiras irritá-los duvidando
Da sua protecção. Não desesperes.
No perigo maior do precipício
Muitos se salvam. Quando inevitável
Se julga a queda, Júpiter piedoso,

²⁷ *Mégara se levanta com seus Filhos.*

Por seguros e incógnitos caminhos
Dos abismos de nossos infortúnios,
Nos conduz à maior felicidade.
Muitas vezes só quer experimentar-nos.

Mégara

Que mais posso esperar dos Céus irados?
Lico triunfa, e já na sepultura
Junto com meus Irmãos, meu Pai descansa.
Bem depressa estes míseros meninos
A Vítima serão dos interesses
Do fero usurpador, que nos oprime.

Coro

É muito incerta a morte de Creonte,
Se Lico o não tem já sacrificado,
É que teme seguir a infame empresa,
E da fé dos Tebanos desconfia.
Nem pode ser possível que se atreva
A violar o sagrado deste asilo;
E se o santo temor dos justos Deuses
A sacrílega mão lhe não suspende,
Suspendê-la farão seus interesses,
Temendo ver revoltos os Tebanos.
Não há da morte de Hércules certeza;
Tua tribulação só a acredita.
Pode ser, pode ser que em breve tempo
Alcides castigar venha o Tirano,
Que impiamente abusou da sua ausência.

Mégara

Ah Ministro de Jove! Como intentas
Consolar-me com falsas esperanças?
Não, Hércules não vive... Não meus Filhos!
já não vereis um Pai que em todo o Mundo
Foi terrível flagelo dos Tiranos,
Um herói que imortal fez o seu Nome.
Nunca mais vos vereis naqueles braços,
Que domaram os monstros mais ferozes...
Ah, Mégara infeliz! Porque recordas
Suas façanhas tão esclarecidas,
Se Alcides já não goza a luz do Mundo?

Coro

Porque duplicas teus e nossos males,
Julgando-te dos Céus desamparada?

Se Júpiter movido com teu pranto
Pode este grande Herói restituir-nos.
Ele o protege, e não será sensível
Um Deus tão justo aos rogos de seu Filho?

Mégara

Ah! Que nenhum mortal duas vezes pode
As pavorosas margens ver da estige
De Teseu o desígnio temerário
Ao Reino de Plutão levou Alcides
Para o salvar das mãos do Deus irado.
Em vão esperamos jamais vê-lo,
Pois Caronte fugir não deixa a presa
Que uma vez lhe caiu nas mãos avaras,
Não duvideis, é, Filhos, mais que certo:
Já não tendes de um pai o doce abrigo.
Co'a certeza fatal da sua morte
Quebrou o torpe crime os grilhões duros;
Da própria cinza os monstros renasceram,
E no seio infeliz da ingrata Tebas
A rebelião derrama seu veneno)
O infame Lico pérfido a fomenta,
E no sangue de meus Irmãos banhado,
De Creonte infeliz o trono usurpa,
Que a seus vis interesses sacrifica,
E como poderemos persuadir-nos,
Que o rebelde da morte o preservasse?
Enquanto este Rei sábio e respeitável
Gozasse a vida, Lico não podia
A Coroa firmar na altiva frente.
Oh vós de Cadmo indignos descendentes!
Cidade de Ansião! Em qual abismo
Cegamente vos tendes despenhado?
Vós debaixo tremeis das Leis injustas
De um fero usurpador que vos oprime;
E não vos atreveis, Povos cobardes
A defender os Filhos de um Herói,
Que vos encheu de tantos benefícios

Coro

Este sangue, oh Princesa, enfraquecido
A derramar por ti prontos estamos;
Mas das nossas mãos débeis, desarmadas
Que podes esperar? Fraco socorro.

Mégara

Companheiros fiéis do meu destino,

Não quero que esse amor vos custe a vida,
Pois em nossa defesa interessar-vos
Seria expor-vos a total ruína.
Mas julgai se não devo lamentar-me
No triste desamparo em que nos vemos;
Privada de esperança e sem auxílio,
Eu só defendo a meus amados Filhos;
Eu só da morte os passos lhe detenho,
Como a ave, que os filhos indefesos
Debaixo abriga das amantes asas.

Valei-me, oh, Céus! Ah tenros inocentes!
Quem dissera, naquele fausto dia
Que vossa Mãe vos deu à luz do Mundo,
Que em lugar de gozar entre as delícias
Da vossa infância os inocentes brincos,
A ver sem desmaiar vos costumasse
Da feia morte o pálido semblante
Ai de mim! Pai dos Deuses, como podes
Ver morrer sem socorro estes Meninos?
O sangue que lhes corre pelas veias
É de teu filho: o sangue esclarecido.
É nosso asilo teu Altar sagrado;
Poderás consentir que as mãos impuras
De um Tirano o profanem sem castigo?

Estes órfãos depois da longa ausência
Do valeroso Pai, em tuas aras,
Oh Jove, incenso queimam cuidadosos:
Os puros Sacrifícios que te oferecem
Suas mãos inocentes, agradáveis
Devem ser a teus olhos compassivos.
E eu, desgraçada Mãe, a todo o instante
Com pranto amargo banho teus Altares.
Que delito, que culpa cometeram
Esta Mãe, estes filhos oprimidos,
Que a seus rogos te faça inexorável?
Para mim teu auxílio não imploro;
Por voluntária Vítima me ofereço.
Acaba, sim, meus dias desgraçados
Entre os golpes dos males mais horríveis,
Mas longe afasta destes inocentes
O verdugo fatal que os ameaça,
Castiga o Monstro infame que os persegue,
E ao Trono, que lhes rouba, os restitui.

Coro

O estado desta mísera família
Não pode ser mais triste e deplorável:
Sem amparo, socorro, sem amigos;
Jove, tu és seu único recurso,

Poderás, justo Deus, desampará-la?

Mégara

Só lamento o destino de meus filhos.
Outra consolação já me não fica.
Esposo, Pai, irmãos, Trono, grandezas,
Enfim tudo perdi, e nada sinto,
Senão a sorte destes inocentes.²⁸
Sim, meus amados filhos, vosso estado,
A desgraça cruel que vos persegue,
Insensível me faz para os mais golpes.
Sim, de tudo me esqueço, e só me lembro
Da miséria fatal em que vos vejo.
Vós me sériéis Pai, irmãos e Trono;
Mas só porque a desgraça inexorável
Em minhas tristes lágrimas se farte,
Um Tirano cruel quer dos meus braços
Arrebatá-vos, meus queridos filhos,
Para sacrificar a seus temores
Vossa inocente vicia... Esta lembrança
O coração me arranca e despedaça...
Um Tirano orgulhoso há-de atrever-se
Em meus filhos a pôr as mãos atrozes,
Despedaçar-lhes sem piedade os membros,
E satisfeito ver correr seu sangue
Té exalar os últimos suspiros...
E eu desgraçada Mãe os dei ao Mundo
Para ver espectáculo tão triste...
Primeiro sobre mim ceve o Tirano
Seu furor duros golpes descarregue,
Destrua a débil vida que me alenta.
A morte pode só romper os laços,
Com que vos uno filhos a meu peito...
Primeiro deste corpo separada
Será minha alma, que sofrer eu possa...
Mas ai de mim! Oh Céus! Que estrondo é este?²⁹
Correi filhos, correi ao vosso asilo:
Abraçai este Altar. Socorro, oh Jove.
É meu perseguidor, é o Tirano;
Que novas, que fatais calamidades
Sua horrível presença me anunciam!

CENA II

MÉGARA, SEUS FILHOS, LICO, FORBAS e CORO

²⁸ *Mégara abraça seus filhos.*

²⁹ *Ouve-se ruído*

Lico

Princesa, que te assusta? Que te espanta?
E que tribulação te causa o ver-me?
Sempre me hás-de tratar como inimigo?
Dize-me, se eu não fora, que socorro
Podias esperar? Dize, seria
No ausente Alcides, por quem em vão suspiras?
Ou no inconstante séquito de um Povo
Submisso às minhas leis? Ou no asilo
Que buscaste, julgando que te havia
Salvar das minhas iras e amparar-te?
Tu bem sabes que posso, sem violá-lo,
Sem ofender os Deuses e seu Culto
Fazer-vos todos expirar nas chamas,
Cercando o mesmo Altar de voraz fogo.
Julgas que executado o não teria,
Se a crueldade o peito me movesse?
Este procedimento, que te atreves
A chamar criminoso, sem respeito
Justificar poderá facilmente.
Princesa, se teu Pai depus do Sólido,
Ele o tinha usurpado, pois o Trono
A mim só justamente pertencia;
Lico, de quem descende a minha origem,
Legítimo Senhor era do Sólido;
Seus direitos a mim se transmitiram.
A desgraça imprevista que o Destino
No decurso dos tempos vai mostrando,
A Mãos alheias fez passar o Ceptro.
Agora torna às minhas, e tu deves
Respeitosa observar as Leis que imponho.
Criminar-me não deves, não Princesa.
Tudo se faz legítimo a quem torna
À posse do que havia já perdido.
E qual foi o direito de Creonte
Para ao Trono subir? Julgas que fosse
A impiedade, a soberba, a tirania,
Com que oprimiu os míseros Tebanos?
Foram as sedições, que urdiu astuto
Para cingir a Croa na cabeça
Depois da morte do piedoso Laio?
Ou o ódio, que sagaz entranhar soube
No peito de Etéocles e Polinices,
Para sobre seus grandes infortúnios
Ao Trono se elevar, a que aspirava?
Julgas que fosse a bárbara impiedade,
Com que mandou lançar fora de Tebas
O cadáver cio triste Polinices
Proibindo lhe dessem sepultura?

Seria por ter feito cruelmente
Antígona infeliz sepultar viva
Por transgredir o bárbaro Decreto?
Seria...

Mégara

Ah! Para que é manchar a glória
De tão bom Rei com crimes afrontosos?
Pela morte de Laio foi em Tebas
De uma unânime voz Rei aclamado:
Cedeu o Trono só para salvá-la;
Pois, quando devastava a atroz Esfinge
Este Reino, meu Pai, que tu criminas,
Foi o primeiro que propôs o Ceptro,
E de Jocasta a mão para que sábio
Decifrasse o fatal escuro enigma.
Em seu dano venceu Édipo o Monstro,
E cingiu o diadema. Porventura
Contra este infeliz Príncipe, Creonte
Teceu conspirações? Armou o braço?
O Povo sublevou? E quando os filhos
De Édipo incestuoso e desterrado
Disputam o Trono em crua guerra,
Quanto não forcejou para aplacá-los?
Não pode uni-los, ambos se mataram.
A meu Pau pertencia o vago Trono,
Por justa sucessão, com mais justiça,
Que a outro algum Varão da Régia estirpe;
De novo foi eleito pelo Povo
A ti mesmo, que mísero vagavas,
Nos Países estranhos abatido,
A favorável mão não deu piedoso?
Não te chamou a Tebas, onde as honras
Devidas a teu claro nascimento
Te fez restituir? Então podia
Julgar que no seu seio alimentava
A serpente feroz, que em algum tempo
Havia devorar enfurecida
Toda a sua feliz posteridade!
Podia então julgar, que tu serias
De seus netos o bárbaro flagelo...
Ah meus filhos! Ah meus amados filhos!
Refúgio em vão buscamos. A esperança,
Este doce sustento dos aflitos,
Já de todo perdemos. Lico surdo
Aos gritos da Justiça e da inocência,
Crimes inventa aos vossos ascendentes,
Para em tão nobre sangue castigá-los...
Vai, bárbaro Tirano, não me espanta

O teu rancor, a tua crueldade:
No coração, aonde o crime reina,
Não é mais a Virtude que um vão nome.

Lico

Moderas as iras, o furor serena.
Reino, ditosos vivem os Tebanos;
Não busco outros, são estes meus direitos,
Depois da ausência de Hércules o Trono
Vago ficou. Creonte, enfraquecido
Com o peso dos anos, não podia
Reger activo as rédeas do governo.
Tebas ameaçada um Rei queria
Capaz de a defender; em mim descansa,
E teus filhos ainda em tenra idade
Sem experiência aprenderão de Lico
Os ditames da glória e do governo...

Princesa, é necessário descobrir-te
Os ocultos segredos de meu peito.
Amparar-nos devemos mutuamente;
O Amor da Pátria, nossos inimigos,
A razão, nossos próprios interesses,
A uma união precisa nos obriga.
O diadema, o tálamo te ofereço.
Ambos aceita, e ingrata não recuses
O Himeneu que benigno te proponho,
Que me fará, gostoso e sossegado,
A teus filhos servir de Pai e exemplo.

Mégara

A tua audácia, o teu atrevimento
Entorpeceu-me a voz, e suspendeu-me
Atalhar teu discurso temerário.
Cruel, não me conheces? Já te esqueces
Que sou Mégara, de Hércules Esposa,
E de Creonte Filha? Justos Deuses?
Porque a vida me tendes conservado?
Para ver-me ultrajada desta afronta...

Tu me ofereces um Trono que usurpaste?
Tu me ofereces a mão no sangue tinta
De meu Pai, meus irmãos? Como atrevido
Esperar podes, que de Jove a nora
A seus filhos daria por padrasto
Um bárbaro Tirano? Sombra amada
Do forte Alcides, do infeliz Creonte!
Nunca entre os Manes dos Elísios campos
Ocultareis o rosto envergonhado.
Mégara não se esquece do que deve

A um como Esposa, a outro como filha.

Lico

Princesa, não me ultrajes, não me irrites.
Porque me acusas de aumentar teus males
Quando desde que reino, o meu cuidado
Foi sempre aliviá-los? Algum dia
Recusei-te o que pude conceder-te?
Não te fiz persuadir no teu retiro,
Que viesses gozar em minha Corte
Todas as honras que te são devidas?
Acusas-me de bárbaro e Tirano?
Quanto mal me conheces, oh Rainha!
Se contra teus irmãos fui obrigado
A usar de meu poder, minha justiça,
Indignos se fizeram da clemência.
Quantos meios, traidores, não buscaram
Para me derribar do próprio Trono
Aonde a minha espada, o meu direito,
E dos Povos a escolha me elevaram?
E para te provar que a crueldade
Nenhuma das acções me determina,
Compadecido conservei a vida
A Creonte...

Mégara

A Creonte?... Oh Céus!... Que dizes?...
Vive Creonte?... O afecto não enganes
De uma amorosa filha... Dize, quando
De vê-lo gozarei, e de abraçá-lo?...
Verei meu Pai!... Que júbilo!... É possível?...
Não me enganes... Que cárceres encerram
Este Pai, desta filha tão amado?
Senhor, não te dilates. Sim, ordena
Que a meus saudosos olhos apareça.

Lico

Já preveni teus rogos obsequioso,
Tornarás brevemente a ver Creonte.
Desvanecer benéfico pertendo
Os odiosos, errados pensamentos,
Que contra mim formaste. Porém, quando,
Senhora, os meios busco de agradar-te,
Desvanecer-me posso, de que aceites
O feliz Himeneu que te proponho?

Mégara

Vai, Tirano? No teu ofrecimento
Leio, descubro a tua cobardia.
O salvas a vida de Creonte
Se deve ao teu temor, não à clemência.
Se me ofreces o Trono, é que pertendes
Sossegar os Tebanos rebelados.
Mais depressa os opostos elementos
Se verão confundidos, que Mégara
A tão infame laço se sujeite.

Lico

Se da tua desgraça não nascesse
Este cego furor que te transporta,
Castigara uma audácia que me ultraja;
Porém não mudarei o meu projecto.
Tu Creonte verás; sua prudência
Te fará conhecer teus interesses.
Mas lembra-te que a vida de Creonte,
A tua, a de teus filhos, só dependem
Da pronta obediência. Eu te permito
Do palácio de Alcides hoje a entrada.
Esta vista a lembrança renovando
Da tua antiga glória, talvez possa
Mudar teus indiscretos pensamentos.³⁰
Vós, Velhos imprudentes e atrevidos,
Segui todos Mégara, e vivamente
Fazei-lhe compreender que os seus repúdios,
Logo farão banhar minha vingança
Em torrentes de sangue. Sem piedade
A descendência extinguirei de Alcides,
E a vós mesmos farei largar a vida
No meio dos mais ásperos tormentos.³¹

CENA III

LICO e FORBAS

Lico

Amigo, não te admires, e não creias
Que um peito como o meu vencer se deixe
De Amor efeminado. Só o Trono
É da sua paixão o único empenho.
E pouco importará que o vulgo errado
Do meu ardor heróico faça um crime

³⁰ *Vão-se Mégara, Creonte, e seus Netos.*

³¹ *Vão-se os Sacerdotes.*

Para ultrajar meu nome e minha fama.
Sempre a ambição foi alma dos Heróis,
Dos Deuses como parte ela procede;
O signo é luminoso, que designa
Os que d'entre os Mortais os mais dignos
Para empunhar o Cepetro. Inda que o Povo
À vontade de quem reger o sabe
Bem facilmente sujeitar se deixe,
A prevenir os anos me ensinaram
Todo o perigo que o futuro esconde.
Não é Lico tão fácil que se julgue
Seguro sobre o Trono sem receios.
Eu leio no semblante dos Tebanos
Quanto encerram nos ânímos fingidos.
A cobiça, o temor, os interesses
Os faz às minhas Leis viver sujeitos,
E qualquer esperança que os anime,
Os fará sacudir infíeis o jugo.
De um Himeneu, Amigo, necessito,
Que engane o Povo inquieto e vacilante,
E que de usurpador me afaste o nome;
De um útil Himeneu, que em dote traga
O amor que inda conservam os Tebanos
A Creonte, a Mégara e a seus Filhos.

Forbas

O absoluto poder tudo sujeita:
O grande se lhe humilha, o fraco o incensa,
Só a teu forte braço o Trono deves.
Valeroso os Tebanos subjugaste.
Seu amor, seu ódio que te importa?
Queres um Trono, ou merecer Altares?
Vê circundar-te a turba adúladora,
Que ao veloz carro arrasta maniatada
A fortuna inconstante: estes te seguem.
Doma os outros. Com honras o vaidoso,
Pelo temor o fraco se cativa.

Uns Cidadãos cobardes, desarmados,
Que tremem do teu Nome, temer podes?
Do Himeneu de Mégara necessitas?
Não receias te dê a mão de Esposa,
Para com um punhal te abrir o peito?
Não receias que de Hércules os Filhos
Algum dia se vinguem no teu sangue?
Pois não será Mégara tua Esposa,
Se diante dos Deuses lhe não juras
Seus Filhos conservar. E se este o preço
For do seu Himeneu, hás-de aceitá-lo?

Lico

Desposarei Mégara a todo o preço:
Tudo prometerei sim, mas no instante
Que se vir de Himeneu a tocha acesa,
Verás correr o sangue de seus Filhos.
Prometer e faltar astucioso
E virtude nos Reis, arte de todos,
E seguir esta máxima pertendo...
Os Ministros de Júpiter já tornam.
Vamos, Amigo, consultar os meios,
Que a meus intentos busco favoráveis,
E o meu feliz Destino completando,
Este Povo sosseguem turbulento.
Deixemos estes velhos imprudentes
Hoje exalar os últimos suspiros
Da sua liberdade, e do indiscreto
Amor em que ardem por seus Reis antigos.

Coro

Oh Jove! Tem piedade
Da nossa infeliz sorte;
Dissipa a tempestade
Que nos vai submergir.
Somos fracos cordeiros
Sem resistência entregues
A lobos carniceiros,
Cujo furor o pranto
Não pode reprimir.

Corifeu

Estrofe 1

Pacíficos ouvis nossos gemidos,
Oh Deuses testemunhas
De tantas crueldades, tantos crimes.

Antístrofe 1

Nas suas sombras a morte nos envolve;
Triunfa a impiedade:
Aonde estão, ó Júpiter, teus raios?

Coro

Oh Jove! Tem piedade

Da nossa infeliz sorte &c.

Corifeu

Estrofe II

Profana teus Altares destruídos
A soberba implacável
Teus justíçosos raios desprezando.

Antístrofe II

Enquanto nós gememos abatidos,
Os pérfidos recolhem
Em paz o horrível fruto dos seus crimes.

Coro

Oh Jove! Tem piedade
Da nossa infeliz sorte &c.

Um Sacerdote

Vingador irado e justo,
Vem mudar nosso destino.

Outro

Do teu Tribunal Augusto
Sai a vida, sai a morte.

Ambos

Reprime a cruel violência
De um sacrílego execrando.
Tu és da triste inocência
O piedoso defensor.

O Primeiro

Dos soberbos os furores
Destróis, como o fogo a cera.

O Segundo

Como o orvalho as tenras plantas,
Tu animas os humildes.

Ambos

Reprime a cruel violência
De um sacrílego execrando
Tu és da triste inocência
O piedoso defensor.

Corifeu

Estrofe III

Ao som da tua voz os Céus se movem
Os ventos se enfurecem,
O rochedo se abala, as ondas bramam.

Antístrofe III

Ao som da tua voz cintila o raio,
Confundem-se os abismos
Assustada e em silêncio a Terra treme.

Coro

Oh Jove! Tem piedade
Da nossa infeliz sorte &c.

ACTO II

CENA I

CREONTE COM CADEIAS, SOLDADOS E CORO

Creonte

Onde me conduzis, feros Ministros?
Para o suplício encaminhais meus passos?
Oh Céus! Depois de tão fatais desgraças
Me olhais propícios? Pérfidos Tebanos?
Que esperais para dar-me o duro golpe?
Julgais vós que podeis intimidar-me
Que no gelado inverno de meus anos
Possa assustar-me o horror da sepultura?
É para os infelices doce a morte.
Destes ferros indignos carregado
Rodeado de Soldados revestido
Do opróbrio consagrado ao crime infame,
Que mais posso temer? Feri sem susto:
Vosso Rei o delito vos perdoa
Que temor que piedade vos suspende?
Desfaleceis ingratos? Não temestes,
Vassalos infiéis, roubar-me o Cepetro,
De que me achastes duas vezes digno,
Para nas mãos o podes de um Tirano?
E receais cobardes, dar-me a morte!
Feri, ferí, que a vida me é pesada.
Vi perecer, a todos os meus Filhos;
Sem dúvida Mégara a mesma sorte
Desgraçada sofreu, e do rebelde
Que elevastes traidores, ao meu Trono,
Já terão sido vítimas meus netos.
Acabai de quebrar a deplorável,
Débil cadeia que a minha alma prende:
O que primeiro derramar meu sangue
Meu benfeitor será.

CENA II

CREONTE, FORBAS, SOLDADOS e CORO

Forbas

Senhor, que dizes?
Porque chamas a morte? O teu Destino

A estado mais feliz hoje te eleva,
E compassivo Lido, enfim, pertende
Dar-te evidentes provas de amizade:
Ele a buscar-te vem, aqui o espera.

Creonte

De um Tirano a piedade, os beneficios
São sempre suspeitosos. Ah Mégara!
Ah meus amados netos! Terá Lico
Derramado impiamente o vosso sangue?
Inda meus olhos gozarão de ver-vos
A ventura, o feliz contentamento!

Forbas

Consola-te, Senhor, inda Mégara
Goza da companhia de seus Filhos.

Creonte

Minha Filha! Meus netos inda vivem?
Justos Deuses! Sejais engrandecidos.
Já das desgraças, já de desamparo,
Em que vós me deixastes, me não queixo;
Já morrerei em paz.

Forbas

O amor materno
A lastimosa infância de seus Filhos
Enterneceu o coração de Lico;
Como piedoso Pai ele os protege.

Creonte

Que Pai, oh Jove! E consenti-lo podes?

Forbas

Hoje sua piedade a mais se estende,
Tua família quer restituir-te.
Ele aqui vem, não vás, não vás soberbo
Irritar o seu ânimo benigno.

Creonte

Oh Deuses, suspendei-me! A seu aspecto
Todo em furor o sangue se me agita.

CENA III

CREONTE, LICO, FORBAS, SOLDADOS E CORO

Creonte

Para mais insultar um desgraçado
É, cruel, que do cárcere me tiras?
Dize, que intentas?

Lico

Dar-te a liberdade.
Pertendo que me vejam os Tebanos
Co'as próprias mãos os vergonhosos ferros
Amigo desatar.

Creonte

Estas cadeias
Só para ti são vis e vergonhosas.

Lico

O rigor, que do tempo as circunstâncias
A usar contra ti me constrangeram,
Creonte, me perdoa. Vem agora
Esquecer-te no seio da amizade
Dos motivos que tens para queixar-te.
Associar-te pertendo hoje a meu Trono,
E restituir-te à doce companhia
De tua amada Filha e de teus Netos.

Creonte

A clemência, que ostentas generoso,
Que há-de custar-me, Lico?

Lico

A obediência;
Escuta-me, Creonte, ouve-me atento...
As inúteis disputas evitemos,
Dos direitos que ao Trono me elevaram.
Sempre os Deuses castigam os delitos;
Se o meu Poder e minhas Leis subsistem,
É porque o Céu legítimas as julga.
E quanto mais que as nobres cicatrizes,

Que esta fronte guerreira e altiva ostenta,

Só devem ser cobertas c' o Diadema.
A minha espada mo cingiu na frente,
O meu valor no Trono me sustenta;
Mas, lembrando-me os grandes benefícios
Que liberal comigo despendeste,
Nos tempos infelices que eu vagava
Perseguido, e de Tebas desterrado,
Quero contigo repartir o Cepetro;
E para unirmos nossos interesses,
Quero dar a Mégara a mão de Esposo;
Hoje se acenda de Himeneu a tocha.
Dize, Creonte: aprovas meus intentos?...
Emudeces?... Responde.

Creonte

Desarmado
Como hei-de responder? Dá-me uma espada
E verás se te dou pronta resposta...
Atrevido vassalo! Já te esqueces,
Que de teu próprio Rei Mégara é Filha?
Que do Filho de Jove foi Esposa?
É esta aquela Fé sagrada e pura,
Que submisso juraste nos Altares?
Responde, ingrato: é esta a fé que deves
Aos desgraçados Netos de Creonte?
Já te entendo, Tirano: se a impiedade
Na aparência de amigo dissimulas,
É que temes, Cruel, tua ruína;
Não assusta um Tirano, quando treme.

Lico

Ofendes-me, imprudente? Tu ignoras,
Que com uma palavra abater posso
O soberbo, o atrevido que me ultraja?

Creonte

Pronuncia a Sentença, que sem susto
Me verás receber o duro golpe;
Na morte só desmaia o criminoso.

Lico

Não queiras da piedade, que refreia
As minhas iras, reprimir o curso;
Não queiras com orgulho presumido,

Creonte, desprezar meus benefícios.

Creonte

Só ânímos cobardes, vis, sem honra
Dos Tiranos aceitam benefícios.
Como te atreves a dizer que intentas
Dar hoje à minha Filha a mão de Esposo?
Que falas com teu Rei, lembra-te, Lico.
Se consente no vínculo, Mégara,
Antes que dessa infâmia ela me manche,
Eu mesmo lhe darei da morte o golpe.
Não, Tirano, esta afronta não receio:
Não me assustas; Mégara é minha Filha.
Vai, traidor. A desgraça abater pode
Um peito que a Virtude não conhece;
Porém, um coração ilustre e grande,
Ainda que ultrajado do Destino,
Tem por amparo e por asilo a morte.
Em vão julgas poder intimidar-me
A mesma execução do duro golpe,
Bem longe de afrouxar a minha audácia,
Cada vez mais a acende, mais a irrita.
Goza, traidor, do Cetro que usurpaste;
Submete às tuas Leis, se podes, Tebas;
Minhas desgraças, minha vida acaba,
Mas deixa-me morrer, sem que a meus olhos
Ofreças um cobarde, um vil Tirano.

Lico

Deixei desafogar as tuas iras,
Por ver onde chegava a tua audácia.
Inimigo soberbo e temerário,
Atrevido te faz minha bondade.
Tu me ofendes e ultrajas, porque julgas,
Que não vinga as afrontas a demência.
Nessa abatida sorte, não ostentes
Um perigoso orgulho, que presumes
Do valor, da Virtude heróico impulso.
Consulta os teus precisos interesses,
E não deixes guiar-te da soberba.
Olá! Chamai Mégara. Vê, Creonte,
Que para o Trono tem tua Família
Inda o caminho aberto. A vossa perda
Há-de ser infalível, se o recusas.
Prontamente decide. Mas pondera,
Que a mais vil morte punirá o erro
De um conselho imprudente. Adeus; atende,
Que esta bondade, que se irrita e cansa,

Dá para resolver-te um só momento.

Creonte

Não esperes vencer minha constância.
Não, por mais que me oprimas e me ultrajes
Não hás-de constranger, ímpia fortuna,
Creonte a cometer acções infames.

CENA IV

MÉGARA, CREONTE e CORO

Mégara

Feliz momento! Instantes venturosos!
Amado, ilustre Pai, como é possível,
Que a ver-te estes saudosos olhos tornem?
Corno é possível?

Creonte

Deuses! Já propícios
De atender a meus rogos vos dignastes!
Vem a meus braços, minha amada Filha,
Depois de tantos males e infortúnios
Me é permitido ver o doce objecto
De tantos votos, lágrimas e suspiros
Mas tu choras, ó Filha, nos meus braços?

Mégara

São da alegria as lágrimas feitos.
Minha felicidade é tão imensa,
Que eu mesma acreditá-la apenas posso.
Ide apressados a buscar meus Filhos,
Que a mão de seu Avô a beijar venham.
Ah suspirado Pai! Depois de tantas
Tribulações, de lágrimas, gemidos,
Que por ti derramei! Ah quanto é doce
Este feliz instante!

Creonte

Ah minha Filha!
Bem caro nos fará hoje o Tirano
Pagar estes instantes de alegria.

CENA V

MÉGARA, CREONTE, OS FILHOS DE HÉRCULES e CORO

Mégara

Vinde, Filhos amados, apressai-vos.
Abraçai vosso Avô. Abraçai, Filhos,
Beijai aquelas mãos, que encaminharam
Com vigilante amor da vossa infância
Os incertos e mal formados passos.

Creonte

Não sei, como a alegria não sufoca,
Não suspende desta alma os movimentos!
Doces relíquias do famoso Alcides,
Ai de mim! Tristes, desgraçados Órfãos,
Já não vereis um Pai que foi espanto
De todos os mortais. Tenros Meninos,
Vítimas da ambição, a dura morte,
Os opróbrios vos cercam, quando as honras
Rodear vos deixam. Dos meus braços
Não, não vos separeis. Deixai que eu verta
Sobre vós estas lágrimas que choro.
Perdestes vosso Pai, perdestes tudo.

Mégara

Ai de mim! Estes tenros infelices
Não podem costumar-se a larga ausência
De tão amado Pai. A cada instante
Aonde está? Que faz? Tristes perguntam.
Se torna logo? Ao mínimo ruído
Vão correndo enganados na esperança
De seu Pai abraçar, que em vão desejam.

Creonte

Não nos lembremos, Filha, dos motivos
Que aumentam nossa mágoa e nos afligem.
Manda ao Palácio retirar teus Filhos,
Para comunicar-te em liberdade
O golpe que de novo te ameaça;
E tão preciosa vista não perturbe
Tua atenção.

Mégara

Amados Filhos, ide,³²
Vossa Mãe não fará longa demora;
Viver sem vós não pode um só momento.

CENA VI

MÉGARA, CREONTE e CORO

Creonte

Lico pertende ao Trono associar-nos,
E teus filhos salvar, se agradecida
A dar-lhe a Mão de Esposa te sujeitas;
Mas se este oferecimento lhe recusas,
A todos logo à morte nos entrega.

Mégara

Não há que duvidar, meu Pai, morramos.
Sim deve preferir-se a dura morte
A uma vida comprada com opróbrio.

Creonte

Torna a meus braços, adorada filha.
A Virtude falou por tua boca.
Meu sangue em teu discurso reconheço.
Com teu valor, com tua heroicidade
Hoje mais vivo o meu amor renasce.

Mégara

Sim, morramos; porém, não esperemos
Uma morte sem honra e vergonhosa.
Morrer às cruéis ordens do Tirano
É morrer como escravos. Sim, morramos,
Mas livres. Cai o touro nos Altares
Do Sacrificador aos duros golpes;
O criminoso morre no suplício,
Mas um coração forte independente
Deve determinar o seu Destino.
Não, não há-de o Tirano gloriar-se
De injusto derramar o nosso sangue
Para mais confundir as suas iras.
Eu pertendo (Ai de mim! Que horror me gela!)
Dar-te um socorro de que eu mesma tremo,
Mas a honra me impõe esta lei dura.

³² *Mégara conduz seus Filhos até o vestibulo do Palácio, e o Sacerdote Magno os acompanha, e torna.*

Tu desarmado estás; toma este ferro,³³
Para mim outro guardo acautelada,
Acabe a nossa vida aos nossos golpes.
Mas antes desta acção executarmos,
Ao Povo vamos entregar meus filhos.
Sem dúvida movidos os Tebanos
De honra estimulados, e vingança,
Hão-de enfim defendê-los. O Tirano
Se verá constringido a respeitá-los.

Creonte

Esse punhal me dá, varonil filha;
Com que gosto o recebo! Aqui vem Lico
Já saber o que temos resolvido,
A teu valor heróico a glória deixo,
Filha, de confundi-lo e de responder-lhe.

CENA VII

LICO, CREONTE, MÉGARA e CORO

Lico

Enfim, bela Mégara, enfim Creonte,
Ambos pela prudência aconselhados
Resolveis consentir em meus intentos?
Gostoso associarei hoje a meu Trono
Um Príncipe, um Herói, a quem respeito,
Uma Princesa que é de Tebas glória;
Os tenros filhos do famoso Alcides
Aprenderão seguindo meus exemplos,
Aos Deuses imitar, de quem descendem...
Mas que?... Que significa esta arrogância,
Este desprezo, que me estais mostrando?
A desobedecer-me porventura
Vos atreveis, ingratos?

Mégara

Ah Tirano,
Pudeste persuadir-te que Mégara,
Pudeste persuadir-te que Creonte
Temerosos haviam de infamar-se?
Mas de um traidor cobarde nada espanta
Pela sua vileza a todos julga;
Se a tão torpe Himeneu me sujeitasse,

³³ *Dá-lhe um punhal.*

Seria para o número das filhas
De Dánao completar. Seria infame
Para escolher lugar, em que segura
Cravasse o ferro em teu cobarde peito.

Lico

Tão grande afronta, pérfidos, soberbos,
Dissimular não podem minhas iras;
Eu saberei vingar-me e castigar-vos;
E já que me insultais, minha demência
Não sofrerá mais ver-se escarnecida,
O que sofre as afrontas sem vingar-se,
Os ultrajes merece mais indignos.

Creonte

No Destino cruel que nos persegue,
Podemos temer a dura morte?
Teme-a o culpado, o desgraçado a chama,
O inocente sem sustos a recebe.

Mégara

Lembrem-te os crimes célebres de Tebas,
Como foram dos Deuses castigados.
Semelhante Destino te anuncio
Aos de tão desumanos criminosos,
E menos cruéis, menos ímpios eram,
Que tu, Monstro feroz, te tens mostrado.
Hércules pode ser que ainda viva;
Se vive, temer deves o Destino
De Gerionte, de Caco, de Tirrenes,
De Bergionte, Diomedes e de Albionte.
O mísero destino enfim te lembre
De Laomedonte, e de Augias. E se Alcides
Assim castigar soube uma perfídia,
Julga tu com que golpes, e violência
Não há-de castigar-te a ti, que excedes
Todos estes cruéis facinorosos,
E que ultrajas seus filhos, sua Esposa.

Lico

Assim abusais ambos da indulgência,
Com que tenho sofrido a vossa audácia?
Não sou; serei, se me quereis, Tirano.
Com a vinda de Alcides ameaças?
Dize: tão imprudente me julgaste,
Que há muito a não tivesse prevenido?

Já na Grécia propus um grande prémio
A quem trazer de Alcides a cabeça;
Se aparece, não há-de achar asilo.
Muitos disputarão a honra, a glória
De lhe tirar a vida... Mas pertendo
Usar convosco ainda de piedade,
E dar-vos tempo para consultardes
Melhor os vossos úteis interesses.
Ou obedece às minhas Leis, Creonte,
Ou vai perder a vida no suplício;
Mégara vem a dar-me a mão de Esposa,
Ou vai o último Adeus dar a teus filhos.³⁴

Mégara

Já tenho resolvido; eu vou dar, Lico,
Em meus filhos os últimos abraços.

Creonte

Dispõem que a morte não nos intimida;
Só é cruel no instante em que se passa.

CENA VIII

MÉGARA, CREONTE e CORO

Mégara

Já, desgraçado Pai, que não podemos
Os direitos unir da Natureza
Com as obrigações que dita a honra,
Vamos cobrir meus filhos infelices
Com os ornatos fúnebres da morte;
Talvez que o Povo fique enternecido,
Vendo aqueles meninos coroados,
Como inocentes vítimas da morte.
Se a esperança perdemos de salvá-los,
Às nossas próprias mãos morramos livres.
E sirvamos de exemplo à heroicidade.

Coro

Cobramo-nos de luto,
Os cabelos cortemos,
E conformes rasguemos
Estes ornatos vãos.

³⁴ *Vai-se Lico.*

Estrofe 1

Corifeu

Porque delito os inocentes filhos
Do valeroso Alcides
Tão grandes desventuras mereceram?
Inda apenas seus olhos principiam
A ver a luz do Mundo,
E podeis consentir, supremos Deuses,
Que o seu destino seja
Como a flor, que no prado
Vê nascer e murchar o mesmo dia?

Coro

Cubramo-nos de luto, &c.

Um Sacerdote

Do Tirano aos golpes duros
Cairemos sem defesa,
Como os frutos já maduros,
Que derriba a tempestade.

Coro

Céus! Se tu nos desamparas,
Quem nos há-de defender,
Quando em tuas Santas Aras
Nos vem mesmo acometer?

Outro Sacerdote

Não consintas, Céu piedoso,
Que o Tirano nos abata,
Como o álamo frondoso,
Que o vento arranca da terra.

Coro

Céus! Se tu nos desamparas, &c.

Os Dous Sacerdotes

Façam as celestes chamas
Em pó nossos inimigos,

Assim como o fogo as ramas
A leves cinzas reduz.

Coro

Céus! Se tu nos desamparas, &c.

Antístrofe 1

Corifeu

Como do pai a glória te não move,
 Jove, em favor dos filhos?
Onde voltas os olhos, que não vejas
Admirado de seu valor o Mundo?
 Despedaçar serpentes
Foi triunfo no berço conseguido.
 Em que remotos climas
 Não tem seu braço forte
Levantado padrões à sua fama?

Coro

Cobramo-nos de luto, &c.

ACTO III

ESTE ACTO SE PASSA NO FIM DO DIA, DE SORTE QUE QUANDO
ACABA É JÁ TOTALMENTE NOITE.

CENA I

MÉGARA, CREONTE, OS FILHOS DE HÉRCULES VESTIDOS DE LUTO E
ORNADOS COMO VÍTIMAS e CORO

Mégara

Já o Altar está pronto, e o Sacerdote?
Aqui estão as vítimas. Ah filhos,
Que funesta união! A dura morte
Nos junta nestes horrídeos lugares,
E de meus ternos braços vos separa...
Sim, pela última vez vos vêem meus olhos.
Cruel Destino! Que eu vos desse ao Mundo,
E amorosa a meus peitos vos criasse,
Para vos ver, meus filhos, destinados
Aos opróbrios de um bárbaro Tirano!
São estas as gloriosas esperanças,
Que tanto ao vosso Pai lisonjeavam?
Terímaco infeliz! Que adverso fado!
Teu valeroso Pai te prometia
De Euristeu o Palácio, o Ceptro de Argos,
E a pele de Leão, de que se ornava.
A ti, meu Creoncides, pertendia
Armar o braço da nodosa clava,
E cingir-te de Tebas o Diadema.
A ti, tenro Deiconte, destinava
O Senhorio da famosa Oecalia
Pelo seu forte braço conquistada.
Vosso Pai cuidadoso, tristes órfãos,
Em seus vastos desígnios intentava
A Coroa cingir na frente a todos,
Enquanto vossa Mãe se desvelava
Em vos buscar Esposas de vós dignas.
Transportava-me em júbilo secreto,
Segurando nas firmes alianças
Entre Lacedemónia, Atenas, Tebas,
Vossa felicidade e vossa glória.
Projectos vão! Desvaneceu-se tudo
Como à vista do Sol a espessa sombra.
Ah filhos infelices! O destino
As inflexíveis Parcas por Esposas
Hoje vos dá, e a mim por nupcial banho

As dolorosas lágrimas que verto.
Vosso Avô desgraçado vos oferece
Em lugar do banquete a sepultura...
A qual de vós abraçarei primeiro?
Qual banharei primeiro com meu pranto?...
Caro Esposo! Se lá na escura Estige
Os gemidos se escutam dos viventes,
Meus lastimosos ecos ouve atento:
Plutão mesmo, esse Deus inexorável,
De me ouvir ficaria enternecido.
Tua família, Pai, Esposa e filhos
De um golpe vão cair na sepultura.
Fez o teu Himeneu feliz chamar-me,
E aqui venho morrer de opróbrios cheia.
A socorrer-nos vem, ou mostra ao menos
A tua Sombra Augusta; ela só basta
Para abater os ímpios assassinos,
Que em nosso sangue tingiram os ferros.

Creonte

Vós, Deuses, a quem temos oferecido
Tantos votos inúteis, tanto pranto,
É possível que o zelo, que o desvelo,
Com que nós procuramos imitar-vos,
Irritem inda mais as vossas iras?
É possível, que os rogos e os gemidos,
Que submissos às vossas leis opomos,
Vos achem sempre surdos e inflexíveis?

Coro

Os Decretos do Céu respeita humilde,
Oh Rei! Benignos ouvem sempre os Deuses
Os gritos da inocência perseguida.

Mégara

Amados filhos! Prémio venturoso
Dos mais ardentes votos! Doce objecto
De cuidados tão ternos e extremosos!
Puro sangue de Júpiter supremo!
Minha doce esperança, cuja infância
Cheia de tanto júbilo educava!
Imagem de um Esposo, que saudosa
Té as mesmas lembranças idolatro!
A sanguinosa morte vos espera,
Eu vos verei em vão (Mãe desgraçada!)
A mim as tenras mãos erguer aflitos,
Socorro contra os ímpios implorando,

Que em vós o mortal golpe descarregam...
Endurecidos Deuses! Se à piedade
Minha horrível desgraça vos não move,
Fartai, cruéis, fartai as vossas iras
Na minha desventura e no meu pranto.

Coro

São ao Discurso Humano impenetráveis
Os juízos dos Deuses, e devemos
Adorar reverentes seus castigos.

Creonte

Vinde, infelices, a meus braços vinde,
Vítimas inocentes, que banhar-vos
Com minhas tristes lágrimas pertendo...
Recebei neste os últimos abraços.

Mégara

Vós, Cidade, Palácio, Altar, Lugares,
Testemunhas fiéis da minha glória,
Adeus: ficai cobertos de meu sangue,
Que pela última vez vos vê Mégara.

Creonte

Oh impiedade! Que esperais, ó Deuses,
Para mostrardes o poder supremo?
Triunfa o crime? Profana-se a Justiça?
No esquecimento dorme o vosso culto?
Para no Trono Lico assegurar-se,
Reparo algum não há, que não destrua
A Tirania, leis que não corrompa,
Sangue que não derrame. Às suas iras
Nada é sagrado, nada respeitável.
Usurpador, do Trono me despoja,
De Mégara, que ultraja, insulta os filhos;
E por subir ao cume de seus crimes,
A todos faz morrer no cadafalso.

Mégara

Vinde, Filhos, correi para meus braços.
Quem para aqui os passos encaminha?
E sem dúvida algum Ministro horrível
Do pérfido Tirano. Céus, piedade!...
Mas que vejo? É possível, justos Deuses?
Não se enganam meus olhos?... Algum sonho

Lisonjeiro os sentidos me alucina?...
Ah meu Pai! Ah Ministro dos Altares!
Não é o meu Esposo?... Sim, é ele.
A buscá-lo corramos apressados.
Vinde filhos, deixai o vosso asilo:
Vosso Pai aqui vem. Ide abraçá-lo.
Aos vestidos paternos segurai-vos.
É o libertador, a divindade,
Que dos braços da morte vos arranca.

CENA II

HÉRCULES, CREONTE, MÉGARA, SEUS FILHOS e CORO

Hércules

Salve, Palácio, que fiel encerras
O tesouro a meus olhos mais precioso.
Salve, paternos Lares... Céus, que vejo!
Meus filhos como vítimas ornados!...
De Cidadãos cercada a cara Esposa!...
Creonte aflito em lágrimas banhado!...
Que é isto? Que desgraça vos sucede?...

Mégara

Vem a meus braços, adorado Esposo,
Vem dissipar os meus mortais temores;
Amado Esposo, vem, que a tempo chegas
De resgatar a mísera família.

Hércules

Que dizes? Que infortúnios me anuncias?
Senhor, este desastre me declara.

Creonte

Nós íamos morrer...

Mégara

Sim, a impiedade
(Perdoa, amado Pai, se te interrompo)
Sim, a impiedade à morte condenava
Tua Esposa, Creonte e nossos filhos.

Hércules

Que estranho, horrível caso! Ó Céus, que escuto!

Mégara

Meus Irmãos infelices já não vivem.

Hércules

Com as armas nas mãos no Marcial campo
Deram as vidas?

Mégara

Não; o cruel Lico
Seu sangue derramou.

Hércules

Melhor te explica:
Venceu-os Lico à força de seu braço?

Mégara

Não, à sua ambição a Tirania
Todos sacrificou, e socorrido
De uma conspiração que urdiu astuto,
Se apoderou de Tebas.

Hércules

Esta afronta
Só me respeita a mim, a mim me ultraja,
E a vingança a meu braço só pertence;
Porém tu, nossos filhos e Creonte,
Que recear podíeis?

Mégara

O Tirano
Todos sacrificava sem piedade.

Hércules

Que bárbaro projecto! Que receava
O temerário Lico de meus filhos?
As suas débeis mãos, a tenra infância
Não seguravam sua cobardia?
De uma fraca Mulher, e de Creonte
Com o peso dos anos abatido,
Que podia temer esse cobarde?

Mégara

Temia que meu pranto e meus clamores,
Contra ele rebelassem os Tebanos;
Que do infeliz Creonte os infortúnios
O coração do Povo enternecessem:
Temia que meus filhos algum dia
No seu pérfido sangue se vingassem.

Hércules

Vós cobertos com fúnebres vestidos?

Mégara

Os lúgubres ornatos são da morte:
Esperávamos ser sacrificados.

Hércules

Céus! Devíeis morrer aos duros golpes
De um Tirano cruel? Severa Juno!
Oh desgraçado Alcides!

Creonte

Os ingratos
Tebanos, vis escravos de um rebelde,
Como desconhecidos afastavam
Os olhos infieis dos nossos males;
E perdidas de todo as esperanças
Nos julgávamos, já desanimados,
Que não verias mais a luz do dia.

Hércules

Acreditar pudestes vós, que Alcides
Depois de superar tantas fadigas,
Vencedor não saísse desta empresa?

Creonte

De Euristeu os frequentes mensageiros
A tua morte todos confirmavam.

Hércules

Mas constranger-vos pode esta notícia
A deixar o Palácio, os Santos Lares?

Mégara

Dele fomos lançados com violência,
Creonte em duros ferros maniatado.

Hércules

Que impiedade! O traidor, o infame Lico,
(Oh Céus!) teve valor de encher de ultrajes
Um ancião, um Rei tão respeitável?

Mégara

Porventura a violência, a injustiça
Conhecem a piedade?

Hércules

A minha ausência
Dissipou os afectos dos amigos?

Creonte

Amigos nunca têm os desgraçados.

Hércules

Os ingratos Tebanos já perderam
A lembrança de tantos benefícios?

Mégara

Até aqueles mesmos, que a virtude
Fazia confessar agradecidos,
Levados pela turba dos ingratos
De nós se separaram. A desgraça
Sempre a amizade esfria, sempre acaba.

Hércules

Ah pérfidos Tebanos!... Não me ofendam
Mais a vista estas fúnebres coroas!
Com que satisfação, filhos amados,
Eu das vossas cabeças as arranco!...
Deixai que as justas lágrimas enxugue...
Largai os meus vestidos... Largai, Filhos;
Vosso Pai não pretende abandonar-vos...

Mégara

Já cessam meus temores... Caro Esposo,
És o Deus tutelar que vem salvar-nos.
O cruel Lico não se contentava
Com usurpar o Trono de teus filhos,
Com derramar de meus Irmãos o sangue,
E carregar meu Pai de indignos ferros;
Atrevido queria constranger-me
A dar-lhe a mão de Esposa, ou sem piedade
Entregar-nos à morte...

Hércules

Temerário!
Com os golpes mais feros da vingança
Deixarei este dia sinalado...
Não satisfaz bastante as minhas iras
Despedaçar o bárbaro rebelde,
Ver seus membros servir aos cães de pasto;
Sim, sim, hei-de envolver neste castigo
Os ingratos, os pérfidos Tebanos,
Como traidores cúmplices de um crime,
Que cobardes sofrerão. Palpitantes
Se verão seus cadáveres flutuando
Nas correntes do Ismeno ensanguentadas.
A um Pai pertence castigar o ultraje
Feito a seus filhos. Um Esposo deve
As afrontas vingar da ilustre Esposa.
Todos os meus triunfos e façanhas
Desprezarei por menos gloriosos,
Ver-se-á manchada a glória, com que Alcides
Vitorioso aterrou de Lerno a Hidra,
Com que o leão dos bosques de Nemeia
Fez rugir em seus braços sufocado.
Ver-se-á manchada a glória, com que Alcides
A Cérbero mostrou à luz do dia
Arrastado por ásperas cadeias,
Se meu furor não farto na vingança.

Creonte

Escuta, amado Alcides, os conselhos
De um velho a quem os anos instruíram.
Teu heróico valor menos consulta:
O valor, a prudência não exclui.
Detém-te; não te exponhas só, meu filho,
À multidão infame dos rebeldes,
A quem a dissoluta liberdade,
A sedição, os prémios e ameaços
Tem ligado à vontade do Tirano;

E se eles na Cidade entrar te vissem,
Contra ti se uniriam depressa armados.

Hércules

Que importa, que me vissem os rebeldes:
Qual deles sem tremer poderá ver-me?

Creonte

Tu te perdes, meu filho! Vê que Lico
Vigilante e receoso nos observa.
Considera que estás nestes lugares
Cercado de inimigos, sem Soldados,
No perigo de seres descoberto.

Hércules

Não quero mais socorro que o meu braço.

Coro

Ah! Reflete, Senhor, que o traidor Lico
Vai com ouro nas mãos por toda a parte,
A comprar contra ti os assassinos.

Hércules

Desprezo os meios vis de que se servem
Os Tiranos, os ânimos cobardes.

Mégara

Não encontrarás mais que vis escravos,
Amigos sem lealdade. O cruel Lico
A todos tem comprado e corrompido,
E se algum resta, no silêncio geme.

Hércules

A violência que ao jugo de um Tirano
Arrastra os Povos, é voraz incêndio
Que debaixo do Trono arde escondido.
Os passos favoráveis à vingança
Não detenhamos. Triunfa o valeroso,
Enquanto incerto o tímido vacila.

Coro

Mas como poderás ferir seguro
Um Rei, a quem despertam mil suspeitas,
E a quem circundam guardas numerosas?

Hércules

Amigos, não podeis aconselhar-me,
Que o valor se enfraquece na velhice.
Alcides hasta só para vingar-se.

Creonte

Tua nobre constância não crimino;
Mas deve aconselhar-nos a prudência.

Hércules

Sempre os audazes a fortuna guia.
Demasiado os prudentes se alucinam:
O perigo maior se lhes figura.
Os intrépidos menos consideram,
Foge a ilusão, coroa-os a vitória:
No instante, no conflito mais terrível
O seu valor heróico resplandece.

Mégara

Não dêis novo motivo a meus temores.
O teu valor intrépido despreza
Os perigos maiores. Mas, Esposo!
O valor contra a multidão que pode?
Esta Cidade está de espias cheia,
E sabe já sem dúvida o Tirano,
Que a Tebas tens chegado. O Universo
Com ilustres façanhas admiraste?
Foste afrontar a morte nos abismos
Para morrer às mãos dos vis rebeldes?

Hércules

Serena, amada Esposa, os teus receios,
Euristeu mesmo a minha vinda ignora.
Um funesto presságio, um mau agouro,
Que alguma desventura anunciavam,
Me fez ocultamente entrar em Tebas;
E parece que o Céu guiou meus passos,
E me escondeu aos olhos inimigos.
Porém, já que esta noite o infame Lico
Sacrificar pertendo às minhas iras,
Que me importa o perigo que me segue...

Mas quê? Não vos alenta a minha vista?...
O rosto vos desmaia o frio susto?...
Os vossos olhos lágrimas derramam?...
Que temeis? Tendes Hércules ao lado,
E tremeis assustados?

Mégara

Caro Esposo!
Julgas que cedo a pânicos temores,
Que a fraqueza do sexo me aconselha?
Se meus pressentimentos não respeitas,
Tem piedade de mim e de teus filhos.
Pondera o inevitável precipício,
A que vás cegamente despenhar-te.
Não, a prudência nunca foi fraqueza,
Nem do valor a prevenção defeito.
A cautela a desgraça sempre evita,
Vence os perigos, doma as tempestades.
Contra a traição, que pode o valeroso?
Idolatrado Esposo! Se no peito
Aquele antigo amor ainda conservas,
Teme, teme os perigos que te cercam.

Hércules

Alcides não conhece o medo.

Mégara

Esposo,
Única consolação das minhas mágoas!
Pelo nosso Himeneu, por nossos filhos,
E pelo nosso amor, muda de intento,
A teus pés tua Esposa to suplica.

Hércules

Vem a meus braços, adorada Esposa...
Já a vossos conselhos me sujeito,
Rendido a vossos rogos me reprimo:
Adeus. Eu vou atravessar o Ismeno,
Juntar-me com Teseu, que ali me espera,
Na frente de Soldados escolhidos...
Ah bárbaro Tirano! Estes instantes,
Que constringido respirar te deixo,
Te hão-de custar a morte mais violenta.
Creonte, Esposa, Adeus, Filhos, Adeus.

Mégara

Detém-te, Alcides. já nos desamparas?
Tens de um perigo apenas escapado,
E vás de novo expor-te?

Hércules

Nada temas,
Da desgraça esquecei-vos. A alegria
Serene vossas lágrimas e sustos.
Adeus. Eu vou juntar-me aos meus amigos.
Ide para o Palácio, que depressa
Tornarei a vingar vossas afrontas.
Virei a castigar os vis rebeldes,
Que do Trono a Creonte despojaram,
E que da minha ausência se valeram
Para ultrajar-me a mim, Esposa e filhos.
Como Pai à vingança correr devo,
E um Pai, ou seja humilde ou nobre seja,
Inflamado em ternura e valor, corre
A socorrer seus filhos nos perigos.
Adeus, que a dar os golpes da vingança
Vós me vereis tornar em breve tempo.

Mégara

Adeus. Mas vê que a dilação mais breve
O instante me há-de parecer da morte.

Hércules

Creonte, Esposa, Adeus, Filhos, Adeus.

Coro

Sumo Senhor dos Deuses,
Já dos nossos gemidos
Teus paternos ouvidos
O eco penetrou.
Tua vista piedosa
A mesma vida anima,
Que a morte sanguinosa
Com a fouce cortou.

Estrofe 1

Corifeu

Vejo o ímpio cruel que nos persegue,
Por terra já prostrado,

Forcejar oprimido na cilada,
Que as suas mãos teceram.

Coro

Sumo Senhor dos Deuses, &c.

Antístrofe 1

Corifeu

Já Némesis com passos apressados
Vibrando ardentes fochas,
Traz nas mãos o castigo justo e duro,
Que segue o torpe crime.

Um Sacerdote

Sempre a paz do ímpio foge,
Sempre a busca, mas em vão.

Outro Sacerdote

Jamais o sossego habita
Seu pérfido coração.

Ambos

A mão forte e vingadora
Sobre si vê sempre armada,
O remorso a toda a hora
O atribula e faz tremer.

Coro

Que improvisa tempestade!³⁵
Os relâmpagos fuzilam,
Os bravos ventos sibilam,
E retumbam os trovões.

Estrofe II

Corifeu

Que novo crime, oh Jove, cometemos?
Quando a tua piedade
Humildes esperávamos, acendes

³⁵ *Ouvem-se os trovões, vêem-se os relâmpagos.*

Da fatal ira os raios.

Um Sacerdote

Dos montes se despenham
As rápidas torrentes.

Outro sacerdote

As túmidas enchentes
Vem Tebas submergir.

Coro

Piedade, sumo Jove!
O raio vingador
Volta contra o Tirano,
Da inocência opressor.

Antístrofe II

Corifeu

És às nossas desgraças insensível?
És surdo a nossos rogos?
Vás do livro dos vivos sem piedade
Riscar o nosso nome?

Coro

Piedade, sumo Jove! &c.

ACTO IV

NESTE ENTREACTO, QUE SE PASSA DE NOITE, SE DEVE
REPRESENTAR AOS OLHOS DO ESPECTADOR UMA TEMPESTADE
HORRÍVEL COM RELÂMPAGOS, TROVÕES &C.

CENA I

LICO, FOR BAS, CORO *e* SOLDADOS

Lico

Sacerdotes indignos e imprudentes,
A quem conservo a vida por desprezo,
Chegou o dia em que da vossa sorte
Determino dispor a meu arbítrio.
Castigarei os rogos e os clamores,
Com que Tebas encheis de horror e espanto,
Pedindo contra mim aos Céus vingança.
Vossa vista me ofende, retirai-vos,³⁶
E Mégara, seus Filhos e Creonte,
Logo à minha presença prontos venham.
Vós, Guardas, retirai-vos.³⁷

CENA II

LICO *e* FORBAS

Lico

Fiel Amigo
Agora poderei com liberdade
Depositar no teu prudente seio
Toda a tribulação que me horroriza.
Que tormentosa noite! Os Elementos
Pareciam querer enfurecidos
Disputar entre si nossa ruína.
As correntes do Ismeno pertenderam
Devorar estes muros. Enfim, Tebas
Me pareceu que trémula queria
Nas entranhas da Terra submergir-se.
Confesso-te, foi esta a vez primeira,
Que em meu peito senti o frio susto,
E que temi os Deuses vingadores!
Em vão sei que fatais pressentimentos

³⁶ *Vão-se os Sacerdotes.*

³⁷ *Vão-se os Guardas.*

De um funesto temor gelam meu sangue?...
Tu mil vezes, Amigo, asseveravas
Que, se tornasse a aparecer Alcides,
Não podia escapar aos assassinos,
Que tínhamos dispostos em segredo
Para melhor servir nossos intentos?
E, contudo, escapou à vigilância
De todas as espias. Dentro em Tebas
Esta noite foi visto. A sua vinda
Me intimida, me inquieta e me atribula.
Também me avisam, que d'além do Ismeno
Na frente de Soldados escolhidos
Se acha Teseu; que muitos rebelados
Com ele já se uniram. Ao momento
Em que há-de decidir-se a minha sorte,
Temos chegado, Amigo! Pois, se Alcides
Pode escapar às mãos dos assassinos,
De tão árduas vigílias e fadigas
Tenho perdido o fruto. Tudo, Forbas,
Para irmos atacá-los dispuseste,
E Tebas defender, se pertenderem
Com repentino assalto acometê-la?

Forbas

Entrega-te sem susto à feliz sorte,
Que tem os teus intentos protegido.
A prudência, Senhor, te guia em tudo.
Já deixei tuas ordens observadas,
E de Tebas as portas se fiam
De valentes e intrépidos guerreiros,
Em cuja fé, Senhor, descansar podes.
Dimas, Cresfonte, Alcidamas, Pariasias,
Idas, Tideu, Astrate. O forte Ormidas
Com uma tropa de amigos escolhidos,
Do Ismeno guarda vigilante as margens,
E deve com avisos informar-nos
Dos movimentos menos importantes.

De novo hoje propus tão alto prémio
Àquele que a cabeça der de Alcides,
Que contra este inimigo verás logo
Voltar-se o golpe que ele te prepara.
Se ainda está em Tebas, eu te afirmo
Cairá certamente na cilada,
Pois não pode escapar a meu desvelo...
Mas que nos quer Ormidas? Seu semblante
Algum fausto sucesso vaticina.

CENA III

LICO, FORBAS, ORMIDAS E UM SOLDADO COM A CLAVA DE
HÉRCULES, E A PELE DE LEÃO DE QUE SE ORNAVA

Ormidas

Senhor, o Céu propício que despende
Tão liberal contigo os benefícios,
Hoje acaba de encher os teus desejos.
Entre algumas relíquias lastimosas
De embarcações que a negra tempestade
Sobre a praia lançou despedaçadas,
Esta pele encontrámos, esta Clava,
Que todos conhecemos ser de Alcides.
Não foi seu corpo ainda descoberto
Entre alguns mortos que o Ismeno arroja.
Ou as ondas no fundo o submergiram,
Ou foi pela corrente arrebatado,
E fez o acaso com ocultas forças,
O que nossos desvelos não puderam.

Lico

Às vezes à prudência o acaso excede.
Contudo, Amigos, não nos descuidemos,
Atentos vigiai a segurança
Desta cidade. E tu, fiel Ormidas,
Torna logo a teu posto. Tudo observa,
A menor circunstância não desprezes,
E não poupes vigílias, nem cuidados,
Promessas, prémios. Sim, despende tudo
Para o cadáver descobrir de Alcides.
Bem sabeis quanto a minha segurança
Depende desta prova incontestável;
Não ignora is o quanto é necessária
Para apagar a mínima esperança,
Que ainda aos olhos luz dos descontentes.
Vai-te, fiel Ormidas, não descanses,³⁸
E tu, Amigo, põe-te ali de parte,
Espera as minhas ordens.

CENA IV

LICO e FORBAS

Lico

³⁸ *Vai-se Ormidas.*

Enfim, Forbas,
A fortuna sujeita a meus desígnios
Quis, pelo golpe o mais inesperado,
Desvanecer o obstáculo que tanto
Minha felicidade perturbava.
Só para completar os meus desejos
Me falta conseguir que hoje Mégara
Me dê a mão de Esposa. Não pertendo
Que seu peito feroz por mim se inflame,
Pertendo só que seja minha Esposa.
Que importa, que castigos aos Céus clame,
E que a soberba brame enfurecida?
Gema arrastrada, maniatada gema
Ao carro da fortuna que me exalta.

Forbas

Que podes recear? Tu vês o Povo
Submisso às tuas Leis. De seus clamores
Os gritos gloriosos e incessantes
Voam por ti ao Tribunal dos Deuses.
Vive seguro e deixa que Mégara
As suas iras exale no seu pranto.
Tu do seu Himeneu não necessitas.
Antes deves temê-lo acautelado,
Como os teus mais ferozes inimigos.

Lico

Não te alucines, Forbas, não te enganes.
A preocupação errada e cega
Do esplendor do sangue e nascimento,
Vive impressa no peito dos Tebanos;
E talvez que nos mesmos que se mostram
Mais unidos a mim, e mais afectos.
Crê-me, fiel Amigo, que a lembrança
Do valoroso Alcides, a ascendência
De tantos Reis famosos, a vaidade
De descender dos Deuses, os gemidos
De uma afligida mãe desesperada
Destruiriam, Forbas, certamente,
O meu poder ainda vacilante.
Este Himeneu, que tanto desaprovas,
Sujeita a meus intentos Mãe e Filhos.
Com este nó sagrado de Mégara
Uma escrava farei de meus projectos.
Conheço o Povo; pródigo despende
Seu amor e seu ódio. Se o irrita
O poder, a grandeza que me exalta,
O Himeneu de Mégara há-de abrandá-lo.

É preciso afagar aquele Tigre
Para melhor atá-lo nas cadeias;
Sim, agradar-lhe quanto mais se oprime.
Prudente quero persuadir Mégara
Com doces termos, cheios de brandura.
Mas, se a meus rogos ela se não rende,
Falarei como Rei; e se obstinada
Se opõe a meus desejos, sem piedade
Hei-de sacrificar uma Família
Odiosa e soberba que me ultraja,
E que, enquanto subsiste, me não deixa
Gozar de uma Coroa com sossego,
Que me custou tão ásperas fadigas...
Mas aqui vem Mégara. Vai, Amigo,³⁹
A ver se se executam minhas Ordens,
E informar-me depois virás de tudo.

CENA V

LICO, MÉGARA, CREONTE, OS FILHOS DE HÉRCULES, CORO e
SOLDADOS

Mégara

Ficai, Filhos! Ficai no vosso asilo,
Eu tos entrego, oh Jove! Tu mos guarda.

Lico

Nunca foi Lico injusto e inexorável.
Os primeiros impulsos da vossa ira
Vos eram perdoáveis. Eu confesso
Que foi o meu furor demasiado.
Mas já basta de sermos inimigos.
Sim, da minha clemência aproveitai-vos,
Não deixeis dominar-vos de um orgulho,
Que há-de servir-vos de total ruína.
Um valor imprudente só deslustra.
Tão grande obstinação é imprudência,
Pois vossa vida expondo, assim expondes
As que vos são tão doces e preciosas.
Reflecti no perigo que vos cerca.
Salva, Mégara, teus amados Filhos,
Salva, Creonte, teus amados Netos.
Inda é tempo, Princesa, nos Altares
Já brilha de Himeneu o sacro lume,
Meus passos segue.

³⁹ *Entram os Soldados de Lico.*

Mégara

Em vão, em vão o esperas!
Já c'ò a morte me tens ameaçado
Mil vezes, sem poder intimidar-me.
Sabe, cruel, que a morte mais violenta
Menos horror me inspira que um infame
Himeneu, que te atreves a propor-me.
Vai, bárbaro Tirano, desta afronta
Sei o motivo. Meus direitos temes,
Temes teus crimes. Queres que juntando
A usurpados, legítimos direitos,
Te segure no Trono vacilante.

Creonte

Que podes contra mim, Tirano! Dize.
Podes sacrificar-me a teus furores?
Que importa que um cruel me tire a vida,
Ou os anos ma levem ? Para a morte,
Da vida é cada instante um certo passo.

Lico

Sempre, sempre ostentais a mesma audácia,
Sem que vossa soberba dome o tempo.

Creonte

Co' tempo não se esquecem as injúrias.

Mégara

Jamais esqueceremos os ultrajes
Que nos tens feito. A Tirania tudo
Submeteu a teu jugo. Em desamparo
De todo nos deixou o ingrato Povo.
Mas não creias, que possa sujeitar-nos
A miséria total em que nos vemos.
A mudança do tempo e da fortuna
Não abate, realça a heroicidade.

Lico

Ceda a piedade a tão feroz orgulho!
Que não tenho tentado? Que mais posso
Para vos persuadir, para aplacar-vos?
Mas já que os meus esforços são inúteis,
Eu vos entrego, ingratos, à desgraça,

Ao destino fatal que vos persegue.
Sou vosso Rei, deveis obedecer-me.
Em vós só vejo escravos imprudentes,
Na miséria e soberba flutuando,
Debaixo da mão forte e vingativa,
De um Senhor irritado e poderoso.

Mégara

Acaba, acaba o horror, com que te vemos:
Ao teu rancor te entrega, feroz Tigre;
Sacrifica estas vítimas, Tirano;
A teus enormes crimes acrescenta
A morte de meu Pai, a minha morte;
Mas às nossas, cruel, ajunta a tua.
Tu verás logo um vingador armado
Castigar os teus bárbaros delitos.
Tu connosco entrarás na sepultura.
Morre entre a turba vil de teus sequazes,
Morre infamado, e aos Séculos futuros
Teu nome servirá de horror e espanto.

Lico

Vai, cruel inimiga, audaz soberba;
Vai, que esse vingador com que ameaças,
Não me pode assustar. Plutão irado
O tornou a mostrar à luz do dia,
Para que Tebas fosse testemunha
Da vingança e do seu justo castigo.
Olá guardas, chamaí esse Soldado...⁴⁰
Vede, vede, atrevidos; aqui tendes
As insígnias de Alcides, que se acharam
Sobre as margens do Ismeno entre os despojos
De um terrível naufrágio. Estas relíquias
A sua morte mostram infalível,
E se não aparece o seu cadáver,
E que os Supremos Deuses irritados
O fizeram servir no centro frio
Aos marítimos monstros de alimento;
E para ser nos Séculos futuros
Seu castigo aos sacrílegos de exemplo,
Das honras funerais privar o querem.

Creonte

É morto Alcides, Céus! O consentistes?

⁴⁰ Aparece O Soldado com os despojos de Alcides.

Mégara

O sangue se me gela... Oh Deuses! ... Morro.⁴¹

Coro

Que família infeliz! Que horrível transe!

Lico

De seus olhos separa essas relíquias.⁴²

Mégara

Suspende oh Céus!...⁴³ Ah bárbaro pertendes⁴⁴
Privar-me do bem único que pode
Em tão grande desgraça consolar-me?...
Este pequeno alívio me não roubes!
Não, deixa-me, ai de mim!, antes que expire,
Beijar estas relíquias que escaparam
Aos Deuses inumanos.⁴⁵

Lico

Obedece.⁴⁶
Vai mostrar nos mais públicos lugares
Esses despojos, para que os Tebanos
De todo as esperanças desvaneçam.⁴⁷

Mégara

Inda o Sol, ímpios Deuses, me alumia!
Inda vive Mégara!... Amado Esposo,
Para que em tudo eu fosse desgraçada,
Me privaram os fados inimigos
De tributar-te as honras do sepulcro!...
Ai de mim!... Não terei o triste alívio
De lavar teu cadáver, e piedosa
No leito funeral depositá-lo...
Não, não me é permitido, amado Esposo,
Ajuntar cuidadosa as tuas cinzas,
E encerrá-las no espaço de uma breve,
Para como um Tesouro conservá-las!...

⁴¹ *Cai desmaiada nos braços de Creonte.*

⁴² *Ao Soldado.*

⁴³ *Fala Mégara com o Soldado impedindo-lhe os passos, e com Lico quando diz: Ah bárbaro pertendes &c.*

⁴⁴ *Torna a si, e impedindo os passos ao Soldado.*

⁴⁵ *Beija os despojos de Hércules.*

⁴⁶ *Ao Soldado.*

⁴⁷ *Vai-se o Soldado.*

Alcides adorado, escuta, escuta
Os dolorosos ais, que aflita exalo!
E vós, cruéis, endurecidos Deuses!
Já que perdi de todo as esperanças,
Que minha triste vida dilatavam,
Ouvi meus juramentos e meus votos.
A este monstro um ódio imortal juro,
Juro de castigar a sua audácia:
Um punhal cravarei no infame peito,
E só minha vingança satisfeita
Ficará, se eu puder no duro instante
Em que o Tirano junte moribundo
O tormento da vida ao horror da morte
A fatal luta ver de seus martírios.

Lico

Já não posso sofrer tantos ultrajes,
As minhas iras não terão limites.
Treme, se tu és Mãe; chora teus Filhos.
Quero, soberba, quero que a teus olhos
Um depois de outro expire lacerado;
Eu mesmo nos teus braços sem piedade
Lhes arrancarei a vida. A vossa quero,
Ingratos, conservar por algum tempo
Para aumentar os vossos infortúnios,
Para punir melhor a vossa audácia;
E para que implacáveis vos persigam
Os remorsos cruéis da sua morte.
Guardas, obedeci, tirai-lhe a vida.

Creonte

Suspendei; contra mim voltai o ferro.⁴⁸

Coro

Socorro, Justos Céus! Senhor, piedade!

Mégara

Soldados, Sacerdotes, ah Tebanos,
Vinde em nome de Júpiter, valei-me!
Ah! Deixareis morrer às mãos ímpias
De vosso Benfeitor os tenros Filhos?
Vereis correr de vossos Reis o sangue,
De Jove o puro sangue sem socorro?
Não vos lembrais dos grandes benefícios,

⁴⁸ Lançando-se no meio dos Soldados.

Que a Hércules deveis? Este famoso,
Este famoso Herói, do Mundo glória,
Porventura, Tebanos, algum dia
Vos fez gemer debaixo do seu jugo?
Não dispendia, não vos entregava
Liberal os despojos das vitórias?
Com seu valor vós éreis poderosos,
Felices com seus altos benefícios...
Mas quê?... Ficais imóveis e em silêncio?
Não socorreis seus Filhos infelices?
Ah cobardes! O medo do Tirano
Gela vossos espíritos rebeldes.
Oh Soberano Júpiter! Teus Templos
Ao mais vil dos Mortais servem de Asilo,
Só nós (que horror!) nos vemos perseguidos
Em teus mesmos Altares.

Lico

Imprudentes,
Em vão pedis dos Homens o socorro!
Em vão dos Deuses implorais o auxílio!
Tebas às minhas Leis vive sujeita:
Do meu braço depende o seu destino.
Obedecei, Soldados, sem piedade
O sangue derramai dessas crianças.

Mégara

Ai de mim! Suspendei! Salvai-me os Filhos!
Despedaçai, despedaçai, Soldados,
Esta Mãe infeliz, vossa Rainha;
O seio, que os nutriu, rasgai furiosos,
E o ventre que os gerou!...⁴⁹ Minha constância
Experimenta, oh Lico, nos tormentos,
Mas a morte suspende de meus Filhos.

Lico

Não espereis piedade, não, soberbos.
Vejam correr seu sangue os vossos olhos.

Creonte

Manda que eu sofra os mais cruéis suplícios:
Lico, só esta graça me concede.
Já que mandas matar estes meninos,
Arranca-nos primeiro a triste vida;

⁴⁹ *A Lico.*

Evita aos nossos olhos lagrimosos
O horrível espectáculo de vê-los
Expirar, implorando em vão aflitos
De sua Mãe, de seu Avô o nome.

Lico

Mover-me não esperes.

Mégara

Ímpios Deuses!
A que estado me vejo reduzida?
Que afronta para Alcides, e que opróbrio,
Que abatimento para sua Esposa.
Arrastra-me a desgraça de meus Filhos!⁵⁰
Senhor, nossas desgraças vê piedoso:
A teus pés vê Mégara! Vinde, Filhos,
Prostrai-vos !... Abraçai estes joelhos!...
Vê, Senhor, o ser Mãe a quanto obriga.

Lico

Minha vingança enfim completa vejo,
Pois em vão humilhaste o teu orgulho.
Dai-lhe o golpe mortal, e de seu sangue
Seu Avô, sua Mãe fiquem manchados...
Mas que escuto? Que estrondo! Que alarido
De multidão revolta os ares fere?...
Que caso estranho vens anunciar, Forbas?

CENA VI

LICO, MÉGARA, CREONTE, OS FILHOS DE HÉRCULES, FORBAS COM A
ESPADA NA MÃO, ACOMPANHADO DE SOLDADOS e CORO

Forbas

Corre, que de armas e inimigos
Se vem cobrir os campos, estes muros
Com apressada marcha demandando;
A presença de Alcides os esforça.
Da tormenta escapou. Passou felice
Apesar do naufrágio o Ismeno a nado.
Tebas as portas abre: vêm-se as Praças
Cheias já de rebeldes. Teus Soldados

⁵⁰ *Ajoelha.*

Cobardes desfalecem. Tu só podes,
Senhor, com tua voz, tua presença
Animar teu partido vacilante.

Lico

Mostrar-nos vamos a seus olhos, Forbas;
Meu valor lhes dará um novo esforço.
Desgraçado daquele, que cobarde
Se negar ao furor dos inimigos.⁵¹
Pérfidos! Concebeis novos alentos?
Não julgueis escapar às minhas iras.
Inda que a sorte se me mostre adversa,
Sempre acharei o instante favorável
Para sacrificar–vos.⁵²

CENA VII

MÉGARA, CREONTE, OS FILHOS DE HÉRCULES e CORO

Mégara

Vamos, Filhos!
Os Deuses nos ouviram, nos protegem.
O feliz ou fatal sucesso vamos
Do combate esperar, amados Filhos.

Creonte

Inda que enfraquecido pela idade,
Corro a pôr-me na frente dos Tebanos,
Que fiéis a meu lado se juntarem;
Corro a buscar a morte no combate,
Ou com o meu exemplo excitar todos,
A sacudir o jugo de um Tirano,
Que os Deuses tanto tempo consentiram.

Coro

Da aflita inocência
Justo Defensor,
Castiga a soberba
De um ímpio traidor:
O fogo o abraze
Do raio fatal,
Se escapa da espada
Ao golpe mortal.

⁵¹ *A Mégara e a Creonte.*

⁵² *Vai-se com Forbas e os Soldados.*

Estrofe 1

Corifeu

Firme amparo da Terra, alma do Mundo,
Chegou enfim o dia da vingança.
Fere, fere o Tirano,
Que o teu poder despreza,
E se julgas, senhor, do seu destino,
Que outro Deus não conhece,
Mais do que o seu orgulho e a sua espada.

Coro

Da aflita inocência, &c.

Antístrofe 1

Corifeu

Aonde fugirá das tuas iras,
Inda que altivo à Região dos raios
Veloz se remontasse,
Qual Águia destemida
Só da tua vingança um leve sopro
No ar o desfaria
Como a fúria do vento o denso fumo.

Um Sacerdote

Os Mortais mais poderosos
Contra ti juntos e armados,
Que podem contra os irados
Impulsos do teu poder?

Outro sacerdote

Quando cegos pertenderam
Os habitantes da Terra
Contra os Céus promover guerra,
Logo os soubeste abater.

Ambos

Da tua vingança aos golpes
Quem há que possa escapar?
Basta irado te mostrar,
Tudo se desfaz em pó.

O Primeiro

Assim como o Sol ardente
Dissolve no monte a neve,
Assim num instante breve
Lhes dissipas o furor.

O Segundo

Assim como foge a sombra
Dos raios da luz brilhante,
Assim o ímpio arrogante
Foge do teu resplendor.

Ambos

Da tua vingança aos golpes, &c.

ACTO V

NESTE ENTREACTO, E ATÉ À ENTRADA DE LICO SOBRE O TEATRO, SE
OUVE O ESTRONDO DAS ARMAS E DOS COMBATENTES.

CENA I

MÉGARA, SEUS FILHOS e CORO

Mégara

Deuses, que sempre em vão tenho implorado,
Valei-me. Só de vós os infelices
Socorros esperam. Céus! A qual excesso
De desgraças me vejo reduzida?
Qual infortúnio ao meu é semelhante?
Errante entre as mudanças da fortuna
Num instante a lugares diferentes
A desesperação me arrastra aflita.
Como dissiparei, oh Céus piedosos!
A nuvem de desgraças que me envolve?
A violenta dor de minhas mágoas
Já de todo abateu minha constância.
Amados Filhos meus, vossa presença
O coração me fere e despedaça.
Todos os cruéis males já padeço,
Que os meus mortais temores me anunciam...
Sim, meus Filhos, parece que vos vejo
Lacerar a meus olhos sem piedade.
Pelas mãos inumanas dos algozes.
E porque mais se aumentem minhas mágoas,
Meu assustado amor inda representa
Aos tristes olhos cena mais horrível,
Do que pode inventar a Tirania.
Justos Céus! Ai de mim! Morrer me sinto...
Ah meus Filhos! O meu amor se aumenta,
Quando mais vossa perda se avizinha!

Coro

Os Decretos dos Deuses muitas vezes
Nosso espírito enganam e confundem.
Eles os Mortais guiam, e seus passos
Dirigem por incógnitos caminhos.
Não desfaleças, infeliz Rainha.
No precipício os Deuses nos amparam;
Dão a vida na mesma sepultura.

Mégara

Ai de mim!... Céus!... Meu Pai não aparece?
Sua longa demora me intimida...
Todos me desamparam neste instante?...
Tristes pressentimentos, que a desgraça
Sempre produz e que o temor aumenta,
Deixai-me respirar. Meus infortúnios
Bastantemente o coração me oprimem...
Mas oh Céus! Os clamores, o alarido
Se aumenta de improviso e se avizinham!
Ai de mim! Ai de mim! Como assustado
O coração no peito me palpita?

Coro

Oh Soberano Júpiter, ampara
A tantos desgraçados que a fortuna
Juntos persegue. Quem nos teus Altares
Tributará incenso reverente,
Se tu vês sem piedade os infelices?
E se o crime sacrílego e orgulhoso
Sem castigo triunfa da inocência?

Mégara

Em toda a parte soa o estrondo horrível
Dos feros combatentes, dos gemidos,
Que exalam os aflitos destroçados...
Ouço os senti dos ais dos moribundos; Ai de mim!...

Coro

Quem será o desgraçado,
Que dentre aquele bando fugitivo
Para aqui se encaminha? Não me engano,
Oh Deuses! É Creonte.

CENA II

MÉGARA, SEUS FILHOS, CREONTE e CORO

Mégara

Oh Céus! Valei-me.
Como ensanguentado e sem alentos
Te vejo, amado Pai? Que me anuncias?
É vivo Alcides? Somos vitoriosos?

Creonte

Deixa-me respirar, oh Filha amada!

Mégara

Aonde está? Triunfa meu Esposo?

Creonte

Arma-te, minha Filha, de constância!

Mégara

Oh destino cruel! É morto Alcides!

Creonte

Teu coração alenta; não desmaies.
De todo ignoro de Hércules a sorte;
Mas já pelos ferozes inimigos
Suas tropas estão desbaratadas.
Chegou nossa desgraça ao maior auge.
Triunfa o crime: os Céus o consentiram.
Oh Deuses! Eu submeto aos vossos golpes
Esta Fronte humilhada.

Mégara

Que desgraças,
Inda quereis, oh Deuses, que eu padeça?

Coro

Como é possível, que do infame Lico
Fosse Hércules vencido?

Creonte

Os sitiadores
Ora triunfantes, ora rechaçados,
Pelo esforço ajudados dos amigos,
Que a meu lado fiéis se declararam,
Entraram na Cidade enfurecidos.
Ali o seu valor se anima e dobra
A vista dos perigos que os rodeiam.
Sobre monte de corpos destroçados
Os inimigos rompem valerosos.
No meio deles aparece Alcides,

Qual raio no furor da tempestade;
A toda a parte leva o espanto e susto;
De fileira em fileira a morte voa;
Cresce o tumulto, a raiva, o alarido.
Qual o sangue derrama de um parente,
Qual de seu próprio irmão o peito fere.
Sobre o Pai moribundo o Filho expira.
Em torrentes de sangue denegrado
Nada Tebas.

Um Sacerdote do Coro

Que horror!

Outro Sacerdote do Coro

Que atrocidade!

Mégara

Defendei, justos Deuses, meu Esposo.

Creonte

Cada qual resoluto e irado busca
Por entre o inimigo abrir caminho.
Já cheios de temor os vis rebeldes,
Sem resistência o campo nos deixavam.
Mas reunindo-os o soberbo Lico,
Lhes dá com o seu exemplo um novo esforço.
O tropel dos Soldados furiosos
Densas nuvens de pó ao Céu levanta,
Que a luz do Sol eclipsa, e não deixam
Distinguir vencedores, nem vencidos.
Os nossos defensores, como absortos,
Desordenados vagam confundidos.
Mas o bravo Teseu esforça, anima
As Falanges que tímidas desmaiam.
De furor agitado o forte Alcides
Com a espada na mão se lança, e voa
Por entre a multidão dos inimigos;
Os mais o seguem. Muda-se a fortuna,
Ele firma a vitória vacilante;
Desbaratados os rebeldes fogem.
Lico pretende em vão deter o curso
Desta furiosa e rápida torrente.
Em vão a sua voz chama ao combate
As tropas fugitivas, impaciente,
Como desesperado se separa
Dos seus, que na fugida o atropelam.

Torna ao combate irado, e só intenta
Os golpes rebater dos inimigos.
De o ver o Vencedor fica assombrado,
Mas os nossos o cercam de improviso.
Ia pagar co'a morte a sua audácia,
Quando de um terror pânico assaltados
Os nossos defensores se perturbam.
De fileira em fileira o susto corre.
Os tímidos Soldados vacilantes
À voz dos generais não obedecem;
Fogem, lançam por terra os estendartes;
Correm precipitados, sem acordo.
Ao ar lançando gritos espantosos,
Se confundem, se encontram, se atropelam.
Transportados e cegos na fugida
Se vão precipitar no fundo Ismeno.

Mégara

Pode mais arrastar-nos a fortuna?

Um dos Sacerdotes do Coro

Querem nossa ruína os justos Deuses!

Outro Sacerdote do Coro

Quem pode penetrar os seus decretos?

Creonte

Tudo era confusão; e em toda a parte
Confundidos despojos se pisavam,
Soldados, Sacerdotes expirando,
Querem fugir, a multidão ondeia,
E de uma a outra parte rechaçada,
Sem poder sustentar-se, é muitas vezes.
O fluxo destas ondas confundidas
Impetuoso me arrastra; moribundo
Por terra me lançou desanimado.
A desesperação, vosso perigo
Alentam minhas forças abatidas;
Ensanguentado corro entre os Soldados.
Animar com meus gritos intentava
A turba fugitiva e temerosa.
Acudo a toda a parte: em vão me esforço!
Um furioso tropel aqui me lança
Incerto, desarmado, sem alento.
Vinde, segui meus passos, vinde todos
Animar, incitar com vossos gritos

A tropa vacilante.

Mégara

Oh Jove! Oh Deuses!
Patrocinaí meus Filhos, amparaí-nos.
Vossa piedade, vossos benefícios
Medi por tão horríveis infortúnios...
Oh Céus! Vede este bando que, correndo,
Para nós encaminha o veloz passo.
Caro Pai! Tristes Filhos! Virá ele
De Lico saciar as cruéis iras?
Ai de mim! Céus valei-me! É o Tirano.

CENA III

MÉGARA, SEUS FILHOS, CREONTE, LICO, FORBAS COM A ESPADA NA
MÃO, SOLDADOS e CORO

Lico

Inconstante fortuna! Estou vencido,
E quando vitorioso me julgava,
Me vi desamparado. Os meus Soldados
Uns rebelados, fracos outros fogem.
Vencem meus inimigos, e eu me vejo
Na desesperação mais espantosa.
Os pérfidos se entregam à alegria?
Mas dela gozaram mui breve tempo.
Quero que o meu tormento todos sintam.
Um infeliz seus males diminui,
Quando vê gemer outros infelices.
Alcides poderás tirar-me a vida,
Mas tu maior desgraça temer deves.
Eu a satisfação terei de ver-te
Inda mais desgraçado do que Lico.

Creonte

Tirano! Quando a morte te rodeia,
Teu coração feroz inda conserva
O maligno rancor que o inficiona,
E determina completar seus crimes.

Lico

Imprudentes! Banhai-vos na alegria!
Mas os vossos intentos arrogantes

Vereis aos olhos de Hércules punidos.

Mégara

Como vive e triunfa o meu Esposo,
Darei gostosa a vida!

Lico

Bem depressa
Mudareis, oh soberbos, de projectos!
Vós sois do meu poder uns vis escravos:
Absoluto Senhor da vossa sorte
Eu saberei dispor a meu arbítrio...
Alcides treme! Se feliz te julgas,
Farei que o teu valor desmaie e treme.

Mégara

Escuta-me, cruel. Não vás furioso
Entregar-te à ruína que te espera.
Agora, que te vejo desgraçado,
De todos os teus crimes já me esqueço;
Se me lembro dos males que tens feito,
É para perdoar-te. Reconhece
Teus delitos; depõem o teu orgulho,
Teu arrependimento e teus remorsos;
A tua submissão as armas sejam,
Que do teu vencedor as iras domem.

Lico

Não, esses vis efeitos da fraqueza
Meu coração altivo não conhece.
Lico pedir a vida! ... Eu humilhar-me!
Não; sem me sujeitar a tanta infâmia
Mudar saberá Lico o seu destino.
Creonte, busca Alcides: vai dizer-lhe
Que sacrifico sua Esposa e Filhos,
Se obediente não depõe as armas.
E tu, pérfido, se amas tua Filha?
Todas as forças põe em persuadi-lo;
Ou vive flutuando nos remorsos
De ter da sua morte sido a causa.

Creonte

Queres que ordens tão ímpias execute?
Pondera, que bem longe de aplacares
Alcides, suas iras mais irritas.

Mégara

Ah pérfido! Ah tirano! Não mereces
Nenhuma compaixão.

Creonte

O teu estrago
Aceleras, cruel. Eu te obedeço,
Mas crê que vou buscar tua ruína.⁵³

CENA IV

HÉRCULES, LICO, FORBAS COM A ESPADA NA MÃO, MÉGARA COM
SEUS FILHOS, CREONTE, CORO, SOLDADOS DE HÉRCULES e SOLDADOS DE
LICO

Lico

Amigos, imitai o meu exemplo.⁵⁴

Hércules

Onde de mim se esconde este cobarde?...

Lico

Aqui me tens, Alcides: olha e treme...⁵⁵
Se as armas não depões, se não te entregas,
Aqui verás morrer tua Família.

Hércules

Justos Céus! É possível que eu me veja
Constrangido a deter minha vingança?
Supremo Jove! Tu me socorreste
Em lance menos árduo e formidável,
Quando os dous ímpios filhos de Neptuno
Vendo-me desarmado pertenderam
A passagem do Reno embaraçar-me;
Tu com a morte a audácia lhes puniste.
Oh Jove! Teu socorro agora imploro;

⁵³ Ao sair da Cena Creonte se encontra com Alcides.

⁵⁴ Lico e Forbas se lançam a Mégara, e seus Filhos, e pegando-lhes pelo braço lhes põem a espada na garganta. Os seus Soldados os cercam, Hércules está no outro lado, e os Sacerdotes no meio do Teatro, e ao pé do Altar de Jove.

⁵⁵ Hércules recua com assombro.

Agora mais que nunca o necessito.
Que esperas, que não feres com teus raios
Um Tirano, um cruel facinoroso?

Lico

Em vãs imprecações se cansa o fraco.
Alcides, obedece, ou a teus olhos
Verás despedaçar Esposa e Filhos.
Obedece. Não creias que salvá-los
Possam de minhas mãos os mesmos Deuses.

Mégara

O perigo fatal em que me vejo
Não suspenda teus golpes, caro Esposo,
Fere à custa da minha vida, fere
Este Monstro cruel, este Tirano.

Hércules

Que confusão!

Creonte

Que horror!

Coro

Socorro, oh Deuses!

Lico

Não vaciles! Resolve. As armas rende,
ou serás parricida. Escolhe, Alcides.

Mégara

Não te enteneças; acomete, Esposo,
Mata o Monstro feroz.

Lico

Morrei, ingratos.

Coro

Ó Céus! Suspende.

Mégara

O golpe descarrega.

Hércules

Que lance!

Creonte

Que conflito!

Coro

Que impiedade!

Mégara

Alentai minhas forças, justos Deuses.

Lico

Inda estás vacilante? Não resolves?

Hércules

Ah, cruel!⁵⁶

Lico

Morrei todos.

Mégara

Morre, infame,⁵⁷
Morre, como um cobarde.

Lico

Morro.⁵⁸

Mégara

Sirva
De exemplo a tua morte aos criminosos.⁵⁹

Mégara

⁵⁶ Faz um arremesso.

⁵⁷ Cravando-lhe no peito um punhal.

⁵⁸ Cai morto atrás do Altar de Júpiter.

⁵⁹ Os Soldados de Alcides investem aos de Lico, e os põem em fugida.

Vinde, Filhos; rendei graças aos Deuses,
Amado esposo, vem, voa a meus braços.⁶⁰

Hércules

Mégara!... Que valor!... Que heroicidade!

Creonte

De quanta glória minha, amada Filha,
Hoje te coroaste! Os justos Deuses
Tão heróico projecto te inspiraram,
Eles o braço débil te moveram.

Hércules

Ilustre, amada Esposa, amados Filhos,
Vosso perigo encheu de horror e susto
O coração paterno, e desmaiava
Meu valor. Cara Esposa, a tua glória
Te faz de mim mais digna e mais amada.
Que varonil acção! Eu mesmo invejo
O teu valor intrépido... Ah, Mégara,
Minhas façanhas todas tu excedes.
Oh Poderosos e Supremos Deuses!
Vossa justiça adoro e reconheço.

Sacerdote

Povos, que me escutais, com este exemplo
Aprendei, como os Deuses sobre ímpios
O golpe da justiça descarregam,
Como os crimes castigam justos;
Pois quando mais audaz triunfa o crime,
Mais sobre ele se acende o fatal raio.
Se algumas vezes lenta, ou duvidosa,
A justiça dos Deuses nos parece,
Não é menos segura. Quando tarda,
É para que os culpados se arrependam.
Feliz o que no meio de seus erros
Ouve o brado, que o chama e que o repreende!
Vamos todos ao Templo Sacrificios
Aos Deuses oferecer que rios salvaram.

⁶⁰ *Com Seus Filhos pela mão.*

Hermione

TRAGÉDIA

ACTORES

Hermione, *Rainha de Epiro, e Esposa de Pirro*
Criceia, *Princesa Troiana*
Arcínoe, *Irmã de Criceia Escravas de Pirro*
Idamante, *suposto Filho de Criceia e verdadeiro Filho da Rainha*
Licas, *General das Armas*
Fesistra, *Confidente de Hermione*
Arbante, *Servo de Pirro*
Coro das Damas da Rainha

ACTO I

CENA I

CRICEIA e ARCÍNOE

Arcínoe

Não te entregues à dor que te atribula,
Tão sem acordo, tão desesperada;
Bem conheço, que um peito penetrado
Do tormento fatal que te magoa,
Não pode reprimir a justa queixa;
Mas não queiras, chorando morto a Pirro,
Estalar oprimida de agonia.

Criceia

Minha fiel Irmã, ah tu não sabes
O terrível motivo dos pesares,
Que este oprimido coração combatem!
Não é a perda só do amante Pirro,
Que me obriga a gemer cheia de angústias,
Inda pode ferir-me a desventura
Com golpe mais mortal.

Arcínoe

Pois que destino

Te lançou nesse abismo de tormentos?
Agora, que em silêncio sepultado
Descansa Epiro das recentes mágoas,
O sono de teus olhos afugentas
Com suspiros e lágrimas ardentes;
E depois devagar de fala em fala,
Fazendo retumbar os altos tectos
C'o doloroso som de teus gemidos,
Sais do Palácio, inda antes do que a Aurora
De dissipar acabe as negras sombras?
Onde me guias? Onde te encaminhas?

Criceia

A banhar este túmulo de pranto.

Arcínoe

Não encerra este túmulo o soberbo,
O infeliz Polimene, a quem teu filho
Com valeroso braço deu a morte?

Criceia

As cruéis mãos do bárbaro Idamante,
Com violento golpe e inesperado,
O lançaram na fria sepultura.

Arcínoe

Pois tanta mágoa, tanta piedade
Te deve deste Príncipe a desgraça,
Que não só lhe consagras compassiva
As lágrimas, suspiros e soluços,
Mas de bárbaro o próprio filho acusas
Como Juiz severo e inexorável?
Não te lisonjeavas na esperança
De o ver inda algum dia sobre o Trono?

Criceia

Vãs esperanças! Foram meus projectos
Qual flor, que antes de abrir dissipa o ferro.

Arcínoe

Que escuro enigma! Pois com este golpe
Não abriu Idamante para o Trono
O seguro caminho, que cerrado
De Polimene a vida lhe teria?

Criceia

Polimene infeliz! Amado Filho!
Recebe o triste pranto, com que deixo
Este funesto mármore banhado.
Ai de mim! Polimene, que destino!
Quando devia ver-te sobre o Trono
Cheio de pompas empunhar o Ceptro,
Te vejo neste túmulo encerrado
De um punhal traspassado, envolto em sangue!
Que eu suportasse a mágoa de afastar-te
No instante, em que te dei à luz do dia,
Das maternas carícias de meus braços,
E do doce sustento de meus peitos,
Para neles criar um Monstro horrível,
Que feroz te arrancou a doce vida!
Ah fortuna cruel! Que amargo fruto
Colhi das esperanças lisonjeiras,
Com que tão largo tempo me enganaste!

Arcínoe

Tua dor, teus discursos tão estranhos
De confusão e espanto me têm cheia;
Este escuro mistério me declara,
Que eu não posso alcançar. De teus segredos
Não fui sempre fiel depositária?
Não te lembras, Criceia, que dos próprios
Progenitores vida recebemos?
Conta-me teus secretos infortúnios,
Tua dor desafoga.

Criceia

Polimene
Nestas tristes entranhas foi gerado.

Arcínoe

Que dizes? Tu deliras? Polimene
Da Rainha não é o altivo filho?

Criceia

Não, o cruel, o bárbaro Idamante
É o terrível filho de Hermíone.

Arcínoe

Acaba, desenvolve este segredo,
A minha confusão mais não aumentes.

Criceia

Sim, adorada Irmã, atenta, escuta
Minhas adversidades. Não ignoras
Que a terna mão do puro amor de Pirro
Me desatou da escravidão os ferros,
E rodeada de honras e de glórias
Me guiou a seu tálamo ditoso;
Que o seu coração régio suspirando,
Encantado com minha formosura,
Todos os seus ocultos movimentos
Pela minha vontade regulava,
E sabes que Idamante e Polimene
Viram no mesmo dia a luz do Mundo.
Oh quanto eu fora mais feliz, se os Deuses
Naquele Instante a vida me acabaram!
Para satisfazer a meus desejos,
E seu amor de novo confirmar-me,
O amante Pirro quis que Polimene,
Precioso penhor da sua ternura,
Herdeiro fosse do paterno Ceptro;
E apenas estes dous tenros Infantes
O repouso do berço conheceram,
Trocou da escura noite socorrido,
Meu filho pelo filho da Rainha.

Arcínoe

Que sucesso tão raro! Eu pasmo e tremo.

Criceia

Conserva-se incorrupto este segredo
Há já mais do decurso de três lustros.
A Rainha educando Polimene
Como seu filho, lhe inspirou altiva
Contra Idamante um entranhável ódio.
Sabes que os dous Irmãos iguais na idade,
Disputando entre si sobre qual fosse
Mais destro a conduzir o veloz carro,
Ou a lançar o Disco; Polimene
Não sofrendo a vantagem com que excede
Aos Atletas mais hábeis Idamante,
Lhe diz que o filho de uma vil escrava

Cobarde e afeminado não é digno
De disputar-lhe a glória. A tais afrontas
Indignado Idamante se alucina,
E abrasado em furor com duro ferro
De meu filho infeliz traspassa o peito.
Em Delfos morre Pirro. Num só dia
Vejo acabar grandezas e esperanças
Sem socorro abatida, sem abrigo
Debaixo gemerei do cruel jugo
Da soberba Hermíone que irritada
Por vingar seus ciúmes implacáveis
Arrastar-me fará cheia de opróbrios
De nova escravidão as vis cadeias
Venturosos aqueles, que descansam
Entre as cinzas de Tróia sepultados!

Arcínoe

A tua dor é justa; mas não temas,
Serena tuas lágrimas e sustos,
Que a estado mais feliz do que esperavas
Hoje te guia a próspera fortuna.
Da sorte não te queixes; toda a Grécia
Por teu filho Idamante reconhece
Ele é a digna e única relíquia
Do ilustre sangue do valente Aquiles.
Hoje que Epiro chora morto a Pirro
Com ímpia atrocidade, e Polimene
Neste funesto túmulo encerrado,
A Idamante pertence o vago Trono.
Este Príncipe amável tem sabido
Benéfico ganhar o amor do Povo,
E Licas, que os Exércitos comanda,
Ama Idamante, como próprio filho.
Brevemente o verás subir ao Sólido,
E tu de sua Mãe gozando as honras,
Cercada das grandezas do Diadema
Suplicante a teus pés verás Epiro.

Criceia

Viver jamais em próspera fortuna
Em vão esperarei; de toda a parte
Me arremessa a desgraça duros golpes.
A soberba Hermíone mais irada,
Do que ùa feroz Tigre embravecida,
Busca o sangue vingar de Polimene.
Enfim desesperada, com a morte
Ameaça Idamante; e como ignora
Que o furor, que lhe inspira o amor materno,

A conduz ao terrível precipício
De punir o agressor no próprio filho!
Mas de que serve meu inútil pranto?
De Polimene a perda é sem remédio.
Sim, Irmã, a seguir me determino
Teu prudente conselho: rebatamos
Os infortúnios que iminentes vejo.
Fique a dor c' o segredo sepultada.
Firmar quero um destino venturoso,
Ou terminar as mágoas com a morte.
Mas que tropel é este, que pressinto?
Uma femenil turba se encaminha
A este lugar... Oh Céus! É Hermíone,
É a minha inimiga; já não posso
A seus furiosos olhos esconder-me,
A seu aspecto irado gelo e tremo!

CENA II

A RAINHA ACOMPANHADA DO CORO e AS MESMAS

Rainha

Companheiras fiéis de minhas mágoas,
Cercai este sepulcro, apresentai-lhe
As fúnebres ofrendas... mas que vejo!
Neste lugar Criceia me aparece!
Como te atreves a mover os passos
Ao redor deste túmulo? Inimiga,
Não te basta no sangue saciar-te,
De que tintos estão os pavimentos
Do Palácio de Pirro, derramado
Pelas mãos execrandas de teu filho?
A meus olhos te esconde indigna origem
De meus males, de minhas desventuras.
Tu, despojo de Tróia, vil escrava,
A turbar a feliz tranquilidade
Da Rainha de Epiro te atreveste?
De um louco e cego amor alucinando
Meu esposo, com mágicos encantos
Tu me arrancaste de seu peito amante,
E a seu duro desprezo me entregaste.
Por ti indignamente corrompidas
Vi da fé conjugal as Leis Sagradas.
Enfim depois de teres sido a causa
De tantos males tão abomináveis,
Geraste nas entranhas a serpente,
Que enfurecida devorou meu filho.

Criceia

Ponderas, que este peito atormentado
Dos repetidos golpes da desgraça,
Desejaria em vínculo amoroso
A um perseguidor de Tróia unir-se?
Ser-me-ia agradável a vantagem
De dar ao Mundo escravos de Hermíone?
Fruto infeliz do triste cativo!
Sem ultrajar-me podes, ó Rainha,
Desafogar a dor que te transporta.
É mui violento o golpe que te fere.
Ah! Eu também sou mãe, e bem conheço
Quanto penoso é chorar um filho,
Que esconde o frio, lúgubre sepulcro.

Hermíone

Ah Monstro de perfídia! Donde nascem
As lágrimas, que soltas? Teu orgulho
Nesse fingido pranto dissimulas.
Tua ambição conheço; sim, infame,
O teu pérfido filho constringeste
A cometer o bárbaro delito;
A esperança de o veres sobre o Trono,
De associar-te às honras do Diadema
Inspirar-lhe te fez a atroz empresa.

Criceia

É a minha fraqueza e desamparo
Que anima contra mim as tuas iras?
Oh Rainha! As desgraças não aumentes
De uma infeliz, que viu a cara Pátria
Em turbilhões de chamas confundida,
Que entre indignas cadeias manietada
Foi conduzida à Grécia, e atravessado
Viu Príamo seu pai com dura lança;
Que arrastrar viu Heitor banhado em sangue,
E Políxena vítima inocente
Sacrificada ao inumano Aquiles.
São da minha inocência testemunhas
Os Deuses imortais de teus insultos
Modera a impiedade, advertir podes
Que de um filho de Pirro é Mãe Criceia,
E Princesa da Frígia, inda que escrava.

Hermione

És uma vil cativa, que só deves
A meus pés humilhada respeitar-me;
Vai, da minha presença te separa.
Meu respeito ultrajado a tua audácia
Saberá castigar; vai, insolente,
Teus projectos verás desvanecidos.
Com teu pérfido filho brevemente
Irás as negras margens ver do Estígio.
Manes de Polimene, que Justiça
Estais clamando nos Elísios campos,
Aplacai vossas iras; sem demora
A dar o golpe corro da vingança.
A perda tingirei deste sepulcro
Com o sangue da vítima, que irados
Em castigo pedis do seu delito;
A minha própria mão o duro ferro
Lhe cravará no peito sem piedade.

CENA III

A RAINHA e O CORO

Corifeu

Meu fiel coração se compadece
Do lastimoso estado em que te vejo.
Desgraçada Rainha, a desventura
Te roubou num só dia Esposo e Filho.
Que mais pode oprimir o iníquo fado
Uma extremosa Mãe, Esposa amante,
Mas das iras mitiga a chama ardente,
Que o coração aflito te devora.
É a moderação segura guia;
Sempre de precipício em precipício
Nos conduz o furor desatinado.

Hermione

Filho amado, que a eterna noite habitas,
Recebe o Sacrifício doloroso
Das lágrimas, que a dura mágoa arranca
De um triste coração, que se alimenta
Só de angústias, suspiros e soluços.
Palácio deplorável! Oh família
Aborrecida dos Mortais e Deuses!
Que destino cruel! Que infausto dia
Todo cheio de horrores e amarguras!

Não bastava ver tintas as paredes
Com o sangue do filho desgraçado,
Senão também chorar o caro Esposo
Assassinado às mãos do ímpio Orestes!
Ah bárbaro destino! Polimene...
Ai de mim! Polimene já não vive.
Agora, que da triste Mãe viúva
Consolação extrema ser devias,
Os Deuses te roubaram. Justos Deuses!
Vós me tendes a vida conservado
Para meus olhos serem testemunhas
Do lamentável fim de Polimene.
Infeliz Mãe Esposa deplorável,
Em qual abismo os fados te lançaram!
Caro filho, que cheia de ternura
Alimentei a meus amantes peitos,
Que eu eduquei com júbilo e cuidado,
Esperando, meu filho, que me fosses
Na cansada velhice doce arrimo;
Que as tuas mãos na minha fatal hora
Os olhos me cerrassem, e piedoso
As minhas frias cinzas recolhesses
No breve espaço de uma urna de ouro.
Ai de mim! Polimene, amado Filho,
Eu não vivo senão para oferecer-te
O sacrificio amargo de meu pranto.

Corifeu

Ah Princesa! Suspende alguns instantes
O doloroso curso a teus lamentos,
Ao Decreto dos Deuses te submete.
O comum alimento dos humanos
São as atribulações, os infortúnios,
E só quem melhor sabe suportá-los,
É que pode fugir-lhes aos duros golpes.
O coração conforta. Mas, Senhora,
Se Fesistra esperavas, é chegado.

CENA IV

FESISTRA, o CORO e a RAINHA

Fesistra

Senhora, tuas Ordens em segredo
Entreguei a fiéis executores,
Epiro te obedece em toda a parte.

Já se busca Idamante, brevemente
Será entre cadeias manietado.

Rainha

Reconheço na pronta obediência
Que são meus interesses teu cuidado.
O pérfido assassino com a morte
Pagará minhas lágrimas e dores.

Fesistra

Da Régia comitiva neste instante
Disperso um Guarda chega, que confirma
Do desgraçado Pirro a triste história,
E exactamente acaba de explicar-me
O fundamento do fatal desastre.

Rainha

Com que motivo o furioso Orestes
Profanando o Sagrado Altar de Apolo
A vida lhe arrancou no próprio Templo?

Fesistra

Já três vezes em Delfos tinha Pirro
Visto raiar a luz da roxa Aurora,
Dispondo um sumptuoso sacrificio.
O receoso Povo entra em suspeita
Que ele reconhecer queria o Templo
Para os tesouros lhe roubar astuto,
Fundado na voz falsa, que corria,
De que Pirro intentava ao mesmo Apolo
Satisfação pedir, como culpado
Da injusta morte de seu pai Aquiles.
O Senado se ajunta, que em segredo
De guardas rodear o Templo manda.
Já Pirro com magnífico aparato
Princípio ao sacrificio dava, quando
Orestes com destreza entra no Templo,
E espalhando um murmúrio surdamente,
Logo as suspeitas em certezas muda.
De improviso o revolto Povo armado
Gritando o descuidado Pirro assalta,
Ele empunhando a espada activo e pronto,
Com valor algum tempo se defende;
Mas não podendo resistir aos golpes

Da multidão furiosa que o cercava,
Junto ao Altar caiu ensanguentado.

Rainha

Ah que o bárbaro soube astucioso
Ocasão buscar para a vingança!
Peleu me tinha destinado Esposa
Do ímpio Orestes, depois a recompensa
Fui de um famoso vencedor de Tróia.
A Pirro, Orestes roga suspirando
Que o disposto Himeneu lhe não perturbe;
Mas o Filho de Aquiles lhe responde,
Que um perverso, das Fúrias o ludíbrio,
De sua própria Mãe algoz infame,
Não era digno Esposo de Hermíone
Esta afronta terrível ficou sempre
No coração do pérfido gravada.
Ah Esposo infeliz! Quanto funesto
Te foi meu Himeneu! Assassinado
Às mãos cruéis de bárbaros traidores,
E talvez insepulto, sendo pasto
De brutos carniceiros.

Fesistra

Não, Princesa,
Das honras funerais não foi privado.
Com fiel zelo e piedade Arbante
Os Religiosos últimos Ofícios
Lhe tributou, e já fica disposto
A conduzir com fúnebre aparato
O sagrado depósito das cinzas;
E o próprio mensageiro me assevera,
Que antes que o Sol nas ondas se sepulte
Verá Epiro a lutuosa pompa.

Rainha

Enfim ao menos, justos Céus! A triste
Consolação terei, de que meus olhos
Banhem de pranto as míseras relíquias,
Que aos feros assassinos escaparam.
Como, oh Deuses! Sofreis que sem castigo
Tão enormes delitos se cometam?
Mas já que a morte do infeliz Esposo
Vingar não posso, vingarei do Filho
O inocente sangue derramado.

Nobres Filhas de Epiro, que piedosas
Vossas lágrimas dais a meus pesares,
Lúgubres Néncias alternai, enquanto
A criminosa Vítima disponho.
Tu me segue, Fesistra, um só descuido
Não haja na precisa vigilância.

Coro

Estrofe I

A negra Libitina
Com as mãos sanguinosas
Em trevas lutuosas
Epiro sepultou.

Antístrofe I

Como lírio mimoso,
Que abate a fouce dura,
Te lançou Polimene
Na fria sepultura
Da morte a mão feroz.
A terna Mãe aflita
Corre com braço armado
Clamando alta vingança.
Teu sangue derramado
Chora o mesmo agressor.

Estrofe II

Já na mão de Némesis
As faixas vejo ardentes,
Enroscadas serpentes
Já ouço sibilar.

Antístrofe II

Pelas escuras margens
Do medonho Cocito
A triste errante Sombra
Em vão com débil grito
Chama a barca fatal.
O espírito roubado
Em anos tão viçosos
Leva, leva Caronte
Aos campos venturosos
Do repouso e da paz.

ACTO II

CENA I

IDAMANTE e o CORO

Corifeu

Aqui vem Idamante, vede, como
O tem desfigurado o seu delito;
O horror e os remorsos lhe confundem
Do rosto as graças. Miseró mancebo,
Que piedade me faz o teu destino!

Idamante

Oh terra! Oh luz do dia! A que remotas
Regiões fugirei, que me não siga
A minha iniquidade detestável!
Indomável furor, que me fizeste
No sangue de um Irmão tingir o ferro.
Sou dos Homens o mais abominável!
Que brado injurioso à minha glória
Vai espalhar a fama pelo Mundo!
Oh felices aqueles, que cobertos
De cãs e rugas têm dos longos anos
Colhido o tardo fruto da prudência!
Que, sabem reprimindo as paixões cegas,
Desviar-se do horrível precipício,
Em que me despenhou a ira insana!
Compassivas Donzelas, não perturbe
A vista odiosa deste criminoso
Vossas fúnebres, pias Cerimónias,
Que vêm só misturar com vosso pranto
Dolorosos gemidos; eu vos rogo,
Que sereneis c'ó as libações piedosas
De vossas ternas lágrimas os Manes
Do desgraçado Irmão. Sobre esta campa
Corra o sangue das Vítimas mais puras.

Corifeu

Ah como sem tremer de horror te atreves
A expor-te a nossos olhos lacrimosos?
Não sabes, que não podem os Profanos
Assistir a solenes sacrificios?

Idamante

Ah! Não vos conjureis com impiedade
Contra este desgraçado, que procura
Ser Vítima do fúnebre Holocausto:
Dignai-vos...

CENA II

CRICEIA, ARCÍNOE e os MESMOS

Criceia

Foge, salva-te, Idamante.

Idamante

Cara Mãe, que cuidado te acelera?
Que perigo, ou temor te sobressalta?

Criceia

Nossa ruína, (Arcínoe observa atenta,
Se aparece algum bárbaro inimigo)
Nossa ruína, ó Filho, está iminente,
Se a reparar-lhe o golpe não acodes.
De espias a Cidade está cercada,
Corre a Licas, ajunta os teus amigos,
Dos opróbrios, da morte te defende.

Idamante

E qual dos Gregos contra nós conspira?

Criceia

A Rainha clamando aos Céus vingança
Arde em furor, em raiva, e em nosso sangue
As cruéis iras saciar procura.

Idamante

A Rainha? Respeito os seus furores,
Reverente a seu braço me submeto;
Mas como ûa inocente Mãe envolve
No Castigo do Filho delinquente?

Criceia

Ela me julga cúmplice do crime,
Que tu só cometeste; e revolvendo
Os passados sucessos, o motivo
De seus malignos zelos, imprudente
Confunde tudo. A bárbara me acusa
Como motora do terrível golpe.

Idamante

Ah deplorável Mãe! A qual estado
Te reduziu a minha atrocidade!

Criceia

Não vaciles, oh Filho! Um só instante
Não te dilates: corre aos teus amigos,
Anima teu partido, da Tirana
Dissipa as cruéis iras.

Idamante

Onde pode
Achar socorro um fratricida infame?
Qual dos Deuses será, ou qual dos Homens
Tão indulgente, que amparar-me queira
Sem horror de meu bárbaro delito?

Criceia

Não te entregues a frívolos receios,
A minha vida salva, salva a tua.
A fortuna te estende a mão propícia,
Árbitro podes ser do teu destino.
Em partidos o Povo se divide,
Uns da Rainha a impiedade seguem,
Outros em teu favor já se declaram;
Licas te oferece o braço poderoso,
E um secreto murmúrio principia
A chamar Idamante para o Trono.

Idamante

Que falsas esperanças te alucinam?
Ponderas que veria em paz a Grécia
De uma Troiana o Filho desgraçado
O Diadema cingir na fronte impura
Coberta da vergonha do delito?

Criceia

E receias que a Grécia não respeite
Um ramo florecente, único resto
Da clara estirpe do valente Aquiles?
Sai da tribulação, em que te lança
O horror de teu crime; na fortuna
Animoso confia, activo segue
O caminho do Trono que te espera.

Idamante

Com ilusões do Sólido não me aflijas
Projecto mais ilustre e mais glorioso
Já empreendido tenho; sem demora
Para Delfos os passos encaminho,
Ou acabar às mãos dos vis algozes,
Ou vingando do Pai a injusta morte,
Expiar o delito que me infama.
Sombra triste do Irmão, em paz aceita
Meus remorsos mortais e meus gemidos.
Adeus, amada Mãe! Do lamentável
Filho recebe os últimos abraços.

Criceia

Onde vás cegamente despenhar-te?
Em que abismo me deixas flutuando?
Que frenesi mortal te irrita, ó Filho,
Contra teu próprio sangue?

Idamante

Já que os Deuses
Querem o sangue deste miserável
Eu vou morrer; porém menos culpado.

Criceia

Ingrato, e tens valor para deixar-me
Em tão fatal perigo, entregue às iras
De uma fera irritada sem socorro?
Tal, como a pomba tímida entre as garras
Do gavião faminto? Como podes
Consentir que as mãos cinjam de cadeias,
Que encaminharam teus primeiros passos!
Que rasgue o duro ferro os ternos peitos,
Que a tenra infância tua alimentaram!

Idamante

Quem viu consternação mais espantosa!
Que obstáculo se opõe a meu desígnio!
Não, não, a desventura em vão pertende
Arrancar-me das mãos da heróica palma.
Em vão pertendes os passos desviar-me
Do caminho da glória; à nobre empresa
Parto sem dilação, o Céu me chama
A sacudir da fronte a negra infâmia.
Com o sangue de Orestes de meus erros
Corro a lavar as manchas vergonhosas.
Senhora, em Licas tens seguro asilo
Contra a sorte cruel, que te persegue,
A seu abrigo podes acolher-te;
Ele porá em firme segurança
A infeliz Mãe do desgraçado Amigo.
Adeus, Senhora, adeus.

Criceia

Suspende, ó Filho!

Idamante

Vou a recuperar a minha glória;
Nem verão mais meus olhos os lugares,
Que testemunhas são do meu delito.

CENA III

CRICEIA, ARCÍNOE e o CORO

Criceia

Ai de mim! Que farei? Que desamparo!
Não encontro recurso, a desventura
Me lança de um abismo em outro abismo.
Em tão fatal consternação não vejo
Mais que ruína e morte inevitável
Ah desgraçado Páris, que infortúnios
À cara e triste Pátria não causaste!
Foi uma cruel Fúria, e não Helena,
Que tu levaste a Tróia, infeliz Tróia!
Helena foi, que te entregou às chamas
Dos Gregos vingadores; que as cadeias
Me cingiu do afrontoso cativo.
Foi ela enfim, que me entregou às iras
Da soberba, da bárbara Hermíone,
E me faz suportar banhada em pranto
Tantas tribulações, tantas afrontas...
Ah cara Irmã, refúgio em vão buscamos.
A Pérfida rainha sem piedade
Me vai sacrificar a seus furores...
Ímpia fortuna, como te glorias
De perseguir os tristes desgraçados?
Mas para que meus novos males choro?
Não vi a triste Ílion abrasada,
Não vi atravessar com duro ferro
O miserável Pai, e a toda a sua
Numerosa família dar a morte?
Não fui eu arrastada, como escrava,
Aos navios dos Gregos inumanos?
Ah seja a morte, seja meu refúgio.
É doce a sepultura aos desgraçados,
Enfim perdida a única esperança,
Que poderia agora consolar-me,
De que me serve a vida, que só hei-de
Alimentar com lágrimas e dores?
O presente destino e o passado
Fazem que já me seja insuportável,

Arcínoe

Irmã, não desesperes, a ventura
Tem difíceis, tem ásperos caminhos;
Confia no Destino, que a desgraça
Chegada ao maior auge, muitas vezes
Produz revoluções inesperadas.

Criceia

Que mais esperar posso da fortuna,

Que tão inexorável me persegue?
O Céu irado já me desampara,
A morte sobre mim levanta o ferro.

Arcínoe

Contra o golpe fatal que te ameaça,
O seguro refúgio tens de Licas;
Este Herói respeitado em toda a Grécia,
Que por tantas façanhas se tem feito
A delícia do Povo e dos Soldados,
Refrear de Himeneu pode as iras,
E elevar Idamante ao Régio Trono.
Vamos, Criceia, Licas nos espera,
Na sua protecção descansar podes.
Vem de novo com lágrimas e rogos
Mover seu coração compadecido.
Mas eu vejo a Rainha.

Criceia

Oh Céus! Aonde
Me esconderei a seu aspecto odioso?

Arcínoe

Podemos sem ser vistas retirar-nos
Do túmulo encobertas: vem, Criceia.

CENA IV

A RAINHA e o CORO

Rainha

O cruel assassino vigilante
Às minhas iras esconder-se sabe,
Mas em vão buscará seguro asilo;
Em vão entre os mortais, ou entre os Deuses,
Ninguém o salvará da justa morte,
Que esta Mãe vingadora lhe destina.

Corifeu

Abranda o coração endurecido,
Reprime as iras, dá lugar, Senhora,
Aos doces sentimentos da piedade.

Rainha

Quê, falais de piedade? Os interesses
Protegeis do traidor? Caras amigas,
Se quereis que fiéis vos acredite,
Falai-me de justiça e de vingança.

Uma Pessoa do Coro

Senhora, para nós encaminhar-se
Vejo Licas com passos apressados.

Rainha

Como? Licas? Sem dúvida que a vida
Do criminoso amigo vem pedir-me;
Mover-me a compaixão em vão pertende.

CENA V

LICAS e os MESMOS

Licas

Filha de Menelau, o triste estudo,
A que os supremos Céus te reduziram,
É digno de piedade, é lamentável.
Meu coração sensível a teus males
A oferecer-te o mísero socorro
Vem de uma compaixão fiel e pura.
Mas, Senhora, modera a impaciência,
O furor, de que deixas dominar-te.
Que projecto meditas sanguinoso
Que desesperação desordenaria
Te confunde, te acende o nobre peito
De uma fatal vingança perigosa?

Rainha

Aos desígnios dos Reis, como aos dos Deuses
Os olhos fechar devem fiéis vassalos,
E submetendo-se ao poder do Ceptro:,
Devem, sem impugná-los, obedientes
Respeitar seus Decretos absolutos.

Licas

Senhora, o dom precioso da prudência,
Que a distintos mortais o Céu concede,
É a base mais sólida e segura,
Que os Estados sustenta, os Reis conserva;
E de um fiel vassalo a indispensável
Obrigação é, sem o véu impuro
Da infame adulação, aos Soberanos
A verdade mostrar-lhes; e debaixo
Desta lei inviolável venho expor-te
Os sentimentos íntimos do Povo.
Chora Epiro Idamante, como digno
De mais ditosa sorte. Que injustiça!
Dizem os Epirotas impacientes.
Em que tem Idamante delinquido?
Em castigar a audácia de um soberbo,
Que depois de o ferir com mil afrontas,
Furioso arrancar a espada intenta?
Quê? Sofreremos que a Rainha injusta
Sacie as cruéis iras sem piedade
No sangue esclarecido, que nos resta
Do valeroso Aquiles? Idamante
Merece mais o Trono que o suplício.
Estas razões pondera, vê, Senhora,
Que se o Povo uma vez sacode o jugo,
É um tigre feroz, que se não doma
Sem as iras fartar em sangue humano.

Rainha

Poderá sem horror o indigno Povo
Abraçar do agressor abominável
Os ímpios interesses? Um Tirano,
Que ao inocente Irmão arranca a vida
Para usurpar-lhe o Ceptro. Não confundas
Com o zelo do público o teu zelo.
É, Licas, a amizade, e não o Povo,
Que a proteger te move generoso
O traidor insolente; solta, solta
O vergonhoso laço, que te liga

Indignamente a um amigo infame.
Um tão vil e execrando criminoso
Não é digno do amparo e sociedade
De um Herói, cujo braço tantas vezes
Tem da Pátria a Justiça sustentado,
Castigando orgulhosos inimigos.

Licas

Demasiadamente de Idamante
O delito exageras, ó Rainha!
Mas concedo que tenha delinquido.
Sobre os maiores crimes a delinquência
Levanta o Trono; sim, nem sempre deve
Seguir a culpa o rígido suplício.
Da juvenil idade são os erros
Desculpáveis e dignos de indulgência.
O proceder severo e rigoroso
É dos Monarcas fraco fundamento:
Confunde com a glória os interesses,
A piedade as mãos ligue da vingança.

Rainha

A que excessos de horror de atrocidade
Não chegaria a bárbara perfídia
Se o castigo lhe não servir de freio?
Confiada no asilo da clemência
Julgará leve culpa o negro crime
De banhar-se no sangue dos humanos.
Destemidos virão os agressores
Despedaçar furiosos, sem piedade
Entre os braços das Mães os caros filhos.
Que Mãe da natureza tão alheia
Verá um ímpio derramar-lhe o sangue
De um filho amado e único, de um filho!
Que a materna ternura não exprima
No pranto e na vingança? Não, meus olhos
Não verão sem castigo o fratricida.
Ah morra, morra o pérfido, de exemplo
Aos criminosos sirva seu suplício.

Licas

É dor grande perder um filho amado!
Não há para os mortais mais duro golpe!

Mas se os Deuses assim o determinam,
A mágoa suportar em paz se deve.
Não se viu Agamémnon constrangido,
Por observar dos Deuses o Decreto,
A conduzir a vítima inocente
Da cara filha ao duro Sacrifício,
Tristemente arrancada dentre os braços
Da aflita Mãe em lágrimas banhada?

Rainha

Sim, o filho de Atreu o duro ferro
Ensanguentou na mísera Ifigénia;
Mas vingou resoluta Clímenes
Com pronta morte a inocente filha.

Licas

E que horrores, que casos espantosos
Não produziu a bárbara vingança
Viram-se mais que mortes sobre mortes,
Atrocidades sobre atrocidades!

Rainha

Dei los castigar os Deuses nuiandam *Licas*
É dos Reis e dos Deuses a clemência.

Rainha

Em vão pertendes, Licas, aplacar-me
Satisfeita verei correr o sangue
Do cruel assassino de meu filho.
Que júbilos esta alma não sentira,
Se as minhas iras saciar pudesse
Vingando, como o filho, o caro Esposo!

Licas

Enfim eu me retiro: fica entregue
A cegueira fatal de teus furores,
já que teu coração, como um rochedo,
Às vozes da verdade incontestável
Do projecto imprudente não desiste;

Segue os ímpios conselhos dos indignos
Cidadãos lisonjeiros, que te cercam.
Talvez que a indignação, que te endurece,
Te precipite em males sem remédio;
Talvez colhas só lágrimas, que fruto
São do arrependimento tardo e inútil.

CENA VI

FESISTRA, a RAINHA, o CORO e GUARDAS

Rainha

Fesistra, que cuidado te acelera?
Vens algum importante aviso dar-me?

Fesistra

Sim, descansa, Senhora, que Idamante
Já nas prisões suporta os duros ferros.

Rainha

Da tua actividade, do teu zelo
Será o justo prémio sem limite.

Fesistra

Junto ao Templo de Tétis, das espias
Foi com sagacidade acometido;
Mas o ímpio previsto a espada arranca,
E no meio das lanças se arremessa,
Como um feroz leão entre cordeiros.
A uma, e outra parte ao mesmo tempo
Na sua destra mão o ferro brilha.
Não descarrega em vão algum dos golpes.
Teus soldados se esforçam, e disputam
A glória de vencer; mas animoso
No combate Idamante o valor dobra.
Um lhe cai a seus pés banhado em sangue;
Outro foge ferido e desarmado;
Mas ou acaso fosse, ou desalento,
Tropeçando Idamante cai por terra.
Os contrários com súbita destreza
Sobre ele de tropel se arrojam todos,

Das armas o despojam, de cadeias
Com apertados laços logo o cingem;
Ele, bramando férvido e raivoso,
Forceja por quebrar os duros ferros.

Rainha

De delito em delito o ímpio corre;
Mas um pronto castigo livre a terra
Deixará deste Monstro sanguinoso.

Fesistira

Encerrado num cárcere seguro
O deixei entre guardas vigilantes.

Rainha

Vamos dispor os últimos preparos
Do justo Sacrifício, vem Fesistra.

Coro

Estrofe I

Desgraçada estirpe
De Aquiles famoso,
Que golpe furioso
Te vai extinguir?

Antístrofe I

Um Deus vingador
Severo castiga
A mão inimiga
De Tróia infeliz.
Ao pé dos Altares
Príamo ferido,
O sangue esparzido
Da filha inocente.

Estrofe II

O raio de Jove
Vibrando veloz
Vem de Pirro atroz
Os crimes punir.

Antístrofe II

Sobre este sepulcro
O ferro arrogante
Fará de Idamante
O sangue correr.
Verão nossos olhos
O Príncipe digno
De um alto destino
Tão triste acabar.

ACTO III

CENA I

IDAMANTE COROADO COMO VÍTIMA, CINGIDO DE CADEIAS,
RODEADO DE GUARDAS E SACRIFICADORES, DOS QUAIS UM TRAZ O
FERRO PARA O SACRIFÍCIO, a RAINHA e o CORO

Corifeu

Eis aqui Idamante... Que desastre!
Entre os fatais Ministros revestido
Com os ornatos fúnebres da morte,
Como culpável vítima ligado!
Ah Região de Epiro! Geme, chora
A desgraça de um mísero mancebo,
Um florescente Herói, com quem fenece
Toda a tua esperança e tua glória!

Idamante

O vergonhoso crime, com que deixo
O meu nome manchado e minha glória,
É a única angústia que combate
Meu coração em tão fatal instante.
Infeliz Pai! Oh quanto injusto foste
Em me deixar no seio rio repouso!
Porque Idamante não levaste ao lado?
Derramaria o sangue em tua defesa,
Como tu entre as lanças morreria
Dos cruéis assassinos conjurados,
Porém cheio de glória, não ria infâmia,
Que me conduz cingido das cadeias
Ao suplício afrontoso. Sombra triste
Do sepultado Irmão, que pela minha
Atrocidade Vagas entre as trevas
Nas pavorosas margens do Cocito,
De voluntária vítima recebe
O sangue miserável. Oh Rainha
Justamente indignada não dilates
A um desgraçado o doce bem da morte.
Aqui tens a teus pés o delinquente,
Com duro ferro o peito lhe traspassa.

Rainha

Levanta-te, malvado. Como sabem

Debaixo de palavras simuladas
Esconder estes ímpios o veneno
De um coração perverso e corrompido!
Não, a tua virtude artificiosa
Não te pode salvar de minhas iras.
Miserável, confunde-te: vê esta
Sepultura, que a tua crueldade
Me faz banhar de inconsolável pranto.
Que razões poderão justificar-te?
O inevitável e improviso golpe,
Com que te vai punir esta mão justa,
Te ajuntará ao número dos ímpios,
Que pagam com a vida seus delitos.

Que infernal Divindade, do Diadema
Te inspirou a ambição abominável,
E te moveu os passos para o Trono
Pelo meio de um crime tão infame?

Idamante

Ó Rainha infeliz, bela Hermíone,
Mais não oprimas este desgraçado,
Imputando-lhe horríveis, novos crimes,
De que eu não tive nem o pensamento.
Mais terríveis me são estas afrontas,
Do que o ferro fatal, que vejo pronto
Para rasgar-me o peito e dar-me a morte.
Idamante a vileza não conhece.
É grande o meu delito, eu o confesso,
Pois manchei estas mãos no triste sangue
Do miserando Irmão; porém, meu crime
Não teve outro desígnio mais que aquele,
Que a cega indignação pôde inspirar-me
De vingar as injúrias, com que altivo
Me ultrajou Polimene indignamente.
Os mesmos Céus e a Terra bem conhecem,
Que é meu coração puro como o dia!
Sabem, que não sei mais que honrar os Deuses,
Cultivar os amigos inocentes,
Cuja virtude os ânimos detesta,
Corrompidos e sem horror da culpa.
É assim que Idamante é conhecido
Entre os ilustres Gregos. Não seria
O mais louco dos Homens, se intentasse
Suceder por traição tão execranda
A um Pai tão glorioso, cujo nome
Se escuta com espanto no Universo?
Não, tão vis sentimentos não me ocupam;

O esplendor da Coroa não me cega.
Bem sabe a Grécia, que eu não aspirava
Mais que àquela que cinge nos combates
Do vencedor a fronte gloriosa.
Contente de viver exercitando
As nobres artes, que a formar ensinam
Os guerreiros Heróis, só me bastava
A fortuna de ser Filho de Pirro.
O viver afastado dos perigos,
Que ao Trono estão ligados, me foi sempre
Um mais precioso bem, que o mesmo Trono.
Júpiter formidável aos perjuros,
Ah! Se eu te atesto em vão, sobre mim lança
Os incendiados, furibundos raios.
Eu padeça uma morte, se é possível,
Mais afrontosa que esta, que me cerca,
Negue-me a Terra e Mar a sepultura,
E dos cães pasto sejam estes membros.

Rainha

Pode a virtude mais ingenuamente
Explicar-se, do que este fraudulento?
Mas não há-de o cruel lisonjear-se
De que pode enganar-me e enternecer-me.
Com seus vãos juramentos. Que piedade
Devo ter de um perverso, um assassino,
Que sem horror do crime cruelmente
Meu Filho traspassou com ferro duro?
Ah! Triunfe, triunfe o amor materno,
Vingue-se o Filho, morra o delinquente

Corifeu

Que terror!

Outra pessoa do Coro

Que espectáculo!

Outra

Que angústia!

A Rainha na acção de descarregar o golpe.

Manes de Polimene o ímpio sangue
Desta agradável Vítima... Ah que eu tremo!
Que força oculta o braço me desarma!
Que horror a meu pesar me deixa imóvel!
O alento foge, o coração palpita,
O sangue se me gela. Oh Céus, que sinto!
Deuses, se castigar mandais os crimes,
Para que me arrancais das mãos o ferro,
Quanto é tímido nosso sexo e débil!
Ah! Verei gloriar-se este assassino)
De arrancar a meu Filho a cara vida
Sem suportar a pena do atentado?
Não, de escapar à rígida vingança
Não há-de o agressor cruel jactar-se,
Olá, Sacro Ministro, que costumas
Intrépido tingir as Santas Aras
Com o sangue das Vítimas humanas,
O golpe descarrega, fere, fere.

CENA II

LICAS, COM AS ARMAS NA MÃO, SEGUIDO DE SOLDADOS

Licas

Ah! suspende, Ministro, o iníquo golpe.

Rainha

Vil Protector do crime, que pertendes?

Licas

Salvar meu Soberano da impiedade.

Rainha

Oh Deuses! Sem castigo...

Licas

Olá, Soldados,
Resgatar vosso rei vindes da morte;
Se houver algum rebelde, que se atreva
A opor-se a tão legítimo desígnio,
Expire atravessado em vossas lanças.
Senhor, dá-me essas mãos, que desatar-te
Quero os indignos ferros, que te oprimem.
Nada temas, que Licas te defende
Como leal vassalo e fiel amigo.

Rainha

Justos Céus, e triunfa o delinquente!
Ai de mim! Que farão meus vãos esforços
Entre esta multidão de gente armada?
Ah contra a vossa mísera Rainha
Vos rebelais, Traidores?

Idamante

Caro Licas,
Tua amizade pura reconheço;
Quem pode socorrer na adversidade
Mais generoso um infeliz amigo?
Mas da morte privar um desgraçado
É dilatar o curso a seus tormentos.
Deixa, que a descansar na sepultura
Vá o triste Idamante, deixa, Licas;
Pois manchado da infâmia do meu crime,
Gozar de que me serve a luz do dia?

Licas

Vem, Senhor, vem cingir na ilustre fronte
O Diadema em lugar da mortal venda.

Rainha

Rebeldes, que intentais? Quereis o Ceptro
Pôr nas mãos criminosas e execrandas
De um Tirano., que a sua atrocidade

A saciar no sangue principia
De um inocente Irmão? O Filho indigno
De uma escrava Troiana? Não vos lembra
Quem foi o fero Heitor, e quem foi Páris?
Não temeis que este Monstro desumano
Os Povos oprimindo com violência
Sobre vós desafie a fatal ira
Dos Deuses irritados? Ímpios vedes
Sem respeito infringidas as Leis Santas,
E profanais as Aras da Justiça
Para elevares o agressor ao Trono?

Licas

São os Monarcas dádivas dos Deuses,
Pertence a eles só punir seus crimes.
O Rei ou seja injusto, ou justo seja,
Fiéis súbitos devem respeitá-lo.
Idamante é de Pirro único filho,
E Sucessor legítimo do Sólido,
Sua Augusta Pessoa é já sagrada,
Contra ele não pode algum humano
Conspirar sem o crime de rebelde.
Vem, Senhor, receber as Régias honras.

Ida matute

Ah magnânimo amigo! Não te exponhas
À inconstância de um Povo vacilante,
Que talvez fomentando-nos esteja
A ruína total, e de imprevista
Rebelião as vítimas sejamos.
Ah! Não queiras unir-te a meu destino,
Foge da minha iníqua sorte, fuge,
Deixa que morra só o desgraçado,
O mísero Idamante. Goza, Licas,
Dos felices auspícios, com que os Deuses
Ilustram os teus dias venturosos.
Tuas virtudes, raras e sem mancha,
São dignas de uma vida dilatada.
Tão ingrato não sou, que sacrifique
O mais amado, o mais constante amigo,
Que desde a minha infância interessado,
Como amoroso Pai na minha glória,
Me tem sacrificado generoso
Os mais tenros cuidados e desvelos.
Deixa que eu só acabe no suplício.

A miserável Mãe te recomendo,
Da sua triste vida tem cuidado.
Ah! Vai a socorrê-la, vê se podes
Na mágoa de perder-me consolá-la,
E fazer que inocente não suporte
A pena só devida ao triste filho.
Adeus, Licas, Adeus, fiel amigo.

Licas

Morrer não verá Licas Idamante,
Sem que em sua defesa acabe a vida.
Epiro, que me vê, e me respeita
Como reparo sólido da Pátria,
De inerte e de cobarde me acusará,
Se eu extinguir deixasse a clara estirpe
Dos mais famosos, bravos vencedores
Da soberba Dardania. Verá Licas
Um Sucessor legítimo do Sólido
Ser vítima da bárbara vingança
De uma Rainha altiva e implacável?
Confundir-me não hei-de entre os indignos
Cidadãos, que fomentam seus furores.
Vem, Senhor, sobe ao Trono, em mim confia.
Teus sequazes fiéis e poderosos,
Impacientes te esperam, e constante
Sempre conhecerás em mim o zelo
De verdadeiro Pai e fiel vassalo.
Morrerá Licas junto de Idamante.

Idamante

Ah magnânimo Herói, ah caro amigo!
A minha gratidão, teus benefícios
Pedem que eu te obedeça. Vamos, Licas,
Os meus passos dirige, e meu destino.
Mas da glória sigamos o caminho,
Vamos vingar do Pai o triste sangue,
Ou morrer combatendo.

Licas

O mesmo braço,
Que te pode arrancar das mãos da morte,
Poderá destruir teus inimigos,
E pode sobre o Trono sustentar-te.

CENA III

A RAINHA e o CORO

Rainha

Verão meus olhos empunhar o Ceptro,
Ao pérfido Idamante, o filho indigno
Da soberba Criceia? A vil escrava
Verei gozar das honras do Diadema?
Viverei sem Vingança, suportando
Seu afrontoso jugo? A ilustre filha
Do grande Menelau? Cruel fortuna,
A gemer em tão vil abatimento
Me constranges depois de tantos males?
Ah Cidadãos rebeldes! Povo ingrato!
Podeis ver Hermíone reduzida
A sofrer os ultrajes de uma escrava,
A prostrar-se a seus pés para render-lhe
Humilde vassalagem? Que ignomínia!
Ah! Com que audácia a pérfida soberba
Me não dirá: “Aprende agora, altiva,
A suportar insultos e desprezos!”
Oh Deuses! Ai de mim! Morrer me sinto
Na desesperação, que me devora.

Corifeu

Não temas que se ofenda indignamente
O devido respeito à ilustre filha
De um poderoso Rei, cuja aliança
É preciosa a tantas Monarquias.
Tu não és uma escrava arrebatada
Dentre os incêndios da arruinada Tróia,
És da opulenta Esparta uma Princesa.
De Criceia os ultrajes não receies;
Quem se pode atrever contra o decoro
De uma ilustre Rainha descendente
Dos mais esclarecidos Reis da Grécia?
Como temes o mísero Idamante,
Um coração punido e atormentado
Pelo fatal verdugo dos remorsos,
Que entre os duros tormentos do suplício
Tem mais horror do crime, que da morte?
Com que humildade digna de demência
Não te oferecia o peito ao duro golpe?
Que filho mais submisso e respeitoso,

De uma indignada Mãe aos pés se prostra
Para o castigo receber dos erros?

Rainha

É a arte comum dos malvados,
Que à vista do suplício confundidos,
Por ver se podem reparar o golpe,
Se cobrem com o escudo da virtude,
E se servem das vozes da inocência.

CENA IV

FESISTRA, os MESMOS e GUARDAS

Fesistra

Em vão embaraçar o passo a Licas
Intentei Oh Rainha! Teus soldados
Sofreram valerosos os primeiros,
E violentos golpes, mas vencidos
Pela multidão forte dos rebeldes,
Destroçados o campo abandonaram.

Rainha

Ah meu caro Fesistra! Tu não sabes,
Em que novas desgraças os Destinos
Esta infeliz Rainha sepultaram.
Tudo enfim já perdi, já me não resta
Mais que gemer em mísera fortuna.
Meus olhos sempre em lágrimas banhados
Verão do filho o sangue sem vingança,
E o cruel assassino sobre o Trono
Gloriar-se da sua impiedade.
A suportar o Povo me constrange
O jugo de um Tirano e de uma escrava.
Oh Céus! A que infortúnios, a que opróbrios
Me reservais depois de tantos males!

Fesistra

Não te entregues às mágoas, que inda podes
Triunfar dos traidores inimigos,

A exaltação do pérfido Idamante
Faz tomar teu partido novas forças.
Os grandes impacientes e indignados,
Não toleram que o filho criminoso
De uma escrava Troiana o ceptro empunhe.
Dos guerreiros a Licas submetidos
Já muitos seu projecto desaprovam
Os teus sequazes juram de vingar-te,
E de banhar o Trono com o sangue
Do Sucessor indigno. Vem, Senhora,
Teu partido animar, antes que Licas
Subornar possa o vacilante Povo,
A que com voz unânime aclamado
Seja o traidor nos públicos lugares.

Rainha

Ah Fesistra! Este espírito agitado
De mil pressentimentos, mil angústias
Já da tribulação vencer se deixa.
Não sei que novos males, que infortúnios
O aflito coração me vaticina.
Sim, o agressor me irrita e me entenece,
A sua exaltação, o seu delito,
Sua aparente, ou pura ingenuidade
Me aflige, me enfurece, me suspende;
Mas devo eu ser sensível?...

Fesistra

À vingança
Tudo, Senhora, tudo sacrifica.
Que vã piedade, que temor inútil
Numa tenta justiça te demora?
Cuida no pronto, no fatal suplício.
Consentirás que um monstro sobre o Trono
Já banhado no sangue de teu filho
Te dite as Leis? Não temes que o Tirano
Para firmar a sua segurança
Astucioso procure dar-te a morte?

Rainha

De que me serve o Trono e a triste vida,
Se o caro filho os Deuses me roubaram?...
Mas oh Céus! ... Morrer quero satisfeita,
Vendo banhar o Sólido com o sangue

Do agressor execrando. Sim, Fesitra,
Da vingança sigamos os impulsos.
Sombra amada, que vagas implacável
Nas margens do sombrio e turvo Letes!
De uma afligida Mãe a voz escuta,
Como um Deus tutelar, Filho, te invoco,
O traidor, o atrocíssimo Idamante
Impiamente te fez na flor dos anos
A medonha morada ver da morte,
E enquanto em tristes lágrimas banhada
Flutuo num abismo de tormentos,
O temerário corre sem castigo
A empunhar nas mãos, tintas no teu sangue,
O Ceptro, que te usurpa, Sombra amada!
A seus atrozes olhos aparece,
E como vingador irado e justo
Castiga com a morte este assassino,
Que feroz te arrancou a doce vida.
Ah fiéis companheiras de meus males,
Esperando ficai neste sepulcro
Do meu Esposo as míseras relíquias;
Pois quero que piedosas ajuntando
As vossas tristes lágrimas às minhas,
Lhe tributemos as funestas honras.
Depositai no mesmo monumento
Quero as cinzas do Pai com as do Filho.

Coro

Estrofe 1

Defensor da Virtude,
Júpiter Soberano
Desarma o braço insano
Do indómito furor.
 Os ventos indignados
No fundo abismo prendes,
Tu nos ares suspendes
O raio destruidor.

Antístrofe 1

Oh quanto és respeitável
Virtude dos Céus filha,
Ditosa o que se humilha
Ao pé de teus Altares.
A teu divino aspecto
Tremeu a morte irada,

Caiu da mão alçada
O sanguinoso ferro.

Epodon

Generosa amizade,
Que aos golpes oferecida,
Vens para dares vida
A própria vida expor.

ACTO IV

CENA I

CRICEIA, ARCÍNOE e o CORO

Criceia

Vós, Senhoras, sabeis que Polimene
Me foi tão caro, como o próprio filho,
Que seu triste destino de meus olhos
Tem arrancado doloroso pranto.
Quanto me é doce ver-vos empregadas
Em lamentar a sua desventura!
Consenti que ajuntando meus gemidos
Aos vossos tristes ais, sacrifiquemos
Às suas preciosas, frias cinzas
Enternecidas lágrimas piedosas.
Ah lamentável Príncipe! Não posso,
Como devo, chorar tua desgraça!
A glória, que me ocupa, não permite
Que a dor tenha lugar dentro no peito;
Mas deixa que segura participe
Das honras e poderes do Diadema,
Que para aplacar tua errante Sombra
Ornarei este túmulo de flores,
Te oferecerei as vítimas mais puras
Em solenes pomposos Sacrifícios.

Corifeu

Criceia, donde vem que Polimene
Seja à tua ternura tão precioso?
Que apesar da alegria, que te cerca,
Não te esqueces do seu triste destino?
As lágrimas de dor, que intempestivas
Nos olhos te rebentam, a piedade,
Que às suas honras fúnebres consagras,
Admirada me têm, me têm confusa,
E não sei que segredo misterioso
Me deixam perceber.

Criceia

Pois tão alheia
Da natural piedade me supondes,
Que não seja sensível à desgraça

De um tão amável e infeliz mancebo?
Sou acaso algum monstro inexorável,
Como a cruel serpente vingativa
Da implacável Rainha? Mais humanos
São da minha alma os ternos sentimentos.
De Polimene a negra desventura
Me interessa, me deve acerbos dores;
Ele é filho de Pirro, e juntamente
Com Idamante viu no mesmo dia
A luz do Mundo. À vista dos meus olhos
Em gentileza iguais ambos cresceram.
Eu de um secreto júbilo me enchia,
Vendo-os alguma vez interessados
Nos pueris inocentes passatempos:
Suas nascentes graças acenderam
No meu materno amor a mesma chama.

Arcínoe

Basta, irmã, mais não tragas à lembrança
Os motivos da dor, o pensamento
Emprega na fortuna, que te espera,
De prazer o magoado rosto banha,
Vem ver subir ao Trono triunfante
O perseguido filho, vem, Criceia.

Corifeu

Ah louca! Pode ser que as esperanças,
Em que vãmente tua glória fundas,
Vejas trocadas em funesta pompa.

CENA II

A RAINHA, FESISTRA, o CORO e GUARDAS

Fesistra

Teu coração altivo desconheço.
Que mudança improvisa! Já, Senhora,
Não és aquela intrépida Rainha,
Que do terrível ferro armando o braço,
Jurava destruir seus inimigos.
Entregue à confusão de um vão remorso
Vagas irresoluta, enquanto o incêndio
Vai levantando chamas invencíveis,

Ora clamando ao justo Céu vingança,
Abrasada em furor, estrago e morte
Prometes ao traidor e a seus sequazes;
Ora de dor e sustos penetrada,
Espavorida gemes. Determinas,
E o que ordenas, destróis no mesmo instante.

Rainha

Ah! Vai, Fesistra, mais me não consultes,
Corra o sangue dos nossos inimigos.
O cruel agressor a pena sinte,
Que merece o seu bárbaro atentado.
Ai de mim desgraçada! Oh quanto invejo
Do caro esposo e Filho a triste sorte!

Fesistra

Já dispostas as armas em segredo
Os Conjurados têm, e a senha dada.
No instante, em que cingido do Diadema,
Cheio de pompas, sobre o Régio carro
Idamante gozar as populares
Aclamações, com repentino assalto
A forte multidão dos teus sequazes
Tingirá em seu sangue as duras lanças.
Vingada ficarás, antes que o dia
Entre as sombras da noite a luz esconda.

CENA III

A RAINHA e o CORO

Rainha

O Mundo já não tem felicidades
Para a triste Hermione, o cruel fado
Me feriu com os golpes mais sensíveis.

Corifeu

Ah Senhora! Serena o peito irado.
A vingança espantosa, que fulminas,
Não faz mais que aumentar os teus tormentos.

Rainha

Amigas, companheiras, a meus males
Outro alívio não busco mais que a morte.
A satisfação triste só espero
De banhar em meu pranto inconsolável
As frias cinzas do infeliz Esposo.
Oh quanto o Céu irado me dilata
Este tão suspirado e amargo instante!
Ai de mim! Ai que angústias me combatem
Que contrárias paixões ao mesmo tempo
Ocupam a minha alma atribulada!
Do caro filho o inocente sangue
Vingança clama, e a ferir me excita.
Um poderoso braço forcejando
Em vão quer apagar a ardente chama,
Que me acende o furor, e me parece
Que nas entranhas uma voz me grita,
E me diz: O projecto sanguinoso,
Que indignada me ditas, num abismo
Te vai precipitar o mais horrível.

Corifeu

Não pode sufocar a paixão cega
Os sentimentos de um ilustre peito;
É a voz da piedade, que te fala.

Rainha

Não, piedade não é, o ímpio morra.
Os fortes movimentos que me abalam,
São a meu coração desconhecidos.

CENA IV

IDAMANTE SEGUIDO DE NUMEROSAS GUARDAS e os MESMOS

Rainha

Cruel, porque tão feramente armado
Vens mostrar-te a meus olhos? Que pertendes?
Tirar-me a vida, misturar meu sangue
Com o sangue do filho miserável?
Fere, tigre faminto, que gostoso
Da morte me será o duro golpe.

Idamante

O atribulado coração serena,
Dissipa os sustos que te sobressaltam,
Estas agudas armas, que receias,
Fiel guarda serão do teu decoro.
Não temas que vingar busque as injúrias,
Que justamente tenho suportado.
Sabe Idamante mal sofrer opróbrios;
Porém, a indignação com que me ultrajas,
Não faz mais que aumentar o meu espírito.
Eu o Diadema vou cingir na fronte;
Mas repartir contigo venho o trono.
O meu maior cuidado será sempre
Intacta conservar-te a Dignidade,
Serenar os teus dias tormentosos.
E permite que beije em fé, Senhora,
De minha respeitosa vassalagem
A mão, que o duro ferro...

Rainha

Temerário,
Com tuas mãos profanas não me toques.

Idamante

Que pertinaz e que implacável ódio!
Modera as fortes iras; castigado
Já bastante me têm os meus remorsos...
Mas os olhos, Senhora, aos Céus levantas?
E apesar do furor, que te endurece,
Banhas em pranto o rosto suspirando?...
Sinto estalar o coração no peito
Das tuas tristes lágrimas ferido.
Ah! Que exprimir não posso os movimentos,
De que está meu espírito agitado!
Não me são da amorosa Mãe mais caros
Os afagos, que as iras de Hermíone.

Rainha

Oh Deuses!

Idamante

Se esta triste vida pode
O destino mudar, que te persegue,
Aqui tens esta espada, fere, mata,
Que tranquilo verei correr o sangue,
Por terminar os males que te oprimem.
Que duro peito não será sensível
À cruel sorte!...

Rainha

Deixa-me, assassino.

Idamante

Não te irrites, Senhora, melhor julga
De um coração sincero que te fala.
Os meus desígnios venho descobrir-te:
Com a fronte cingida do Diadema,
Armado o peito de pesadas armas,
Na frente de soldados valerosos
Ir pertendo vingar o sangue amado
Do miserando Pai, do teu Esposo.
São estas, Hermíone, as Leis primeiras,
Que ditar sobre o Trono determino.

CENA V

CRICEIA e os MESMOS

Criceia

Vem, Idamante, vem subir ao Trono,
Cheio o Povo de júbilo te espera.
Vem, que já dos festivos Sacrifícios.
Entre nuvens de fumo a chama brilha,
E as Vítimas de flores adornadas
Já cercam os Altares. Não te exponhas
À indignação de teus perseguidores,
Foge aos opróbrios, vem gozar as honras.
Arrastra os inimigos maniatados
Ao carro da fortuna, que te exalta.

Rainha

Endurecidos Deuses! É possível

Que depois de desgraças tão funestas
Hermíone se veja reduzida
A suportar tão bárbaras afrontas?
Para quando guardais os vossos raios,
Se agora não vingais minhas ofensas?

Idamante

Nada temas, Senhora, que Idamante
Teu defensor será. Os meus vassalos
Verás a teus Decretos submetidos;
Não obterá nenhum a minha graça,
Sem que a teus pés se prostre respeitoso.
Os tesouros serão do Poder Régio
Pelas mãos de Hermíone dispendidos.

Criceia

Que imprudente projecto!

Rainha

Em vão pertendes
Com razões simuladas aplacar-me
Vai, segue da Mãe pérfida os conselhos.
Desprezo os benefícios de um rebelde.
O temor de teu crime e minhas iras,
É que te faz submisso e respeitoso.
Temes que minhas lágrimas conjurem
Para vingar-me o Povo vacilante.

Idamante

Nada teme Idamante. Crê, Senhora,
Que ternura e respeito só me movem.

Criceja

Oh Deuses! Que proferes, Idamante?
Que errados passos moves para o Trono?
Queres alimentar teus inimigos,
E meter-lhes nas mãos a agudo espada,
Que há-de arrancar-te a vida cruelmente?
Ah cego! Aonde vais precipitar-te?
Cuida em firmar a sua segurança,

Tudo a teus interesses sacrifica.

Rainha

Ah pérfida orgulhosa! Já oculta
A sequiosa ambição conter não podes;
A tua vil cobiça lisonjeia
Nas esperanças vãs que te alucinam,
Entrega-te aos prazeres, hoje ao lado
Do criminoso Filho ao Trono sobe.
Determina, se podes, meu despenho,
E enquanto o justo Céu, horríveis Monstros,
Tolera vossos crimes sem castigo,
Talvez que bem depressa o pranto, o sangue
Da vossa glória o próprio lugar banhe.

CENA VI

CRICEIA, IDAMANTE e o CORO

Criceia

Tua bondade, Filho, em vão pertende
Desarmar seus furores implacáveis.
Não fará teu respeito perigoso
Mais que aumentar-lhe a bárbara fereza.

Idamante

Seu mortal ódio tenho merecido.
Ai de mim! Eu desculpo as suas iras.
Detestar o culpado Hermíone deve
Da lamentável sorte, que a maltrata.

Criceia

Tu culpado não és no seu Destino.
Seu desprezo arrogante não mereces;
Sem motivo a Tirana te persegue.
Castigar deves seus cruéis desígnios,
As terríveis ciladas, que a soberba
Tem impiamente contra ti armado.

Idamante

Polimene, Senhora, era seu Filho,
Devia respeitá-lo; sim, devia
Moderado sofrer os seus ultrajes,
E não tirar-lhe a vida. Que castigo
O meu delito enorme não merece?

Criceia

Lamenta embora a sua infeliz sorte,
Chora o sangue do triste Polimene;
Quantas lágrimas sua desventura
Também me tem custado? Mas adverte
Que o objecto principal de teus cuidados
Deve ser o Diadema, que na fronte
Hoje te cinge a próspera fortuna.
E não podes no Trono segurar-te,
Se da Rainha o orgulho não refreias,
Se em paz queres gozar a tua glória,
Põe-na em remoto e áspero desterro,
Ou manda, que a soberba vida acabe
Encerrada num cárcere medonho.

Idamante

Não, Senhora, que eu siga não esperes
Tão malignos, tão horríveis conselhos.
Quero antes perseguido da desgraça
A sorte experimentar mais abatida,
Do que subir (que horror para Idamante)
Ao trono por degraus em sangue tintos.
Permite, cara Mãe, que te declare
Os ternos sentimentos de minha alma.
Para mim, Hermíone enfurecida
Tão respeitável é como Criceia;
O seu ódio implacável, suas iras
Nunca à vingança poderão mover-me.
Tão infame serei, que ainda oprima
Uma queixosa Mãe! Depois de ter-lhe
Tão dolorosas mágoas motivado!
Ah! Perdoa, Senhora, não pertendo
Mais que enxugar-lhe o pranto, que a seus olhos
Fez derramar a minha crueldade.
Humilhado a seus pés a minha Corte
Veja a ilustre Hermíone, reja, mande,
Como Idamante seja obedecida.

Criceia

Ah bárbara fortuna! Filho ingrato,
É este o justo prémio da ternura,
Com que sempre eduquei a tua infância,
Do zelo, com que tenho procurado
Salvar-te das mãos ímpias da inimiga,
Pronto a banhar o ferro no teu sangue
E franquear-te o caminho para o Trono?
Sofrerás que a Rainha inexorável
Das honras goze, que me são devidas?
Que Epiro lhe obedeça, que me veja
Confundida entre a turba dos vassalos?
Que a cruel seu orgulho lisonjeie,
Fazendo-me a seus pés prostrar submissa?
Não te lembra que é tua Mãe Criceia?
E que dar-lhe no Trono lugar deves?
Que seus conselhos justos e saudáveis
Por seguro caminho guiar podem
A tua idade pouco experimentada?
Nas mãos te ponho o Ceptro, de seu peso
Aliviar-te em grande parte.
Quem te será mais firme confidente,
E mais fiel que o coração materno?
Em quem seguro podes, caro Filho,
Descansar das fadigas do governo?

Idamante

Vamos, Senhora, Licas nos espera,
E sustentar o Ceptro determino
Pela sua prudência regulado.
Não te assustes com vãs desconfianças,
Não julgues que eu consinta, que não sejas
Como Mãe de Idamante respeitada.

Coro

Estrofe 1

Como não abrandas
Hermione, o peito
Ao terno respeito
Do triste agressor.

Antístrofe 1

Sequiosa ambição,
Por alta ventura
A virtude pura
Queres corromper.
 Porém a grande alma
Só de glória acesa
Constante despreza
Conselhos cruéis.

Estrofe II

De novo a vingança
Se esforça indignado,
E nova cilada
Armado já tem.

Antístrofe II

Oh Divina Tétis,
Sai dos fundos mares,
Que ante teus Altares
Nos vamos prostrar.
De teu Filho o sangue
 Impiamente corre,
 Epiro socorre,
Deusa tutelar.

ACTO V

CENA I

A RAINHA e o CORO

Rainha

Fiéis amigas, vossa companhia
É doce refrigério às minhas mágoas,
Já este coração em tantos males
Estalado teria, se piedosas
Nas minhas aflições me não tivésseis
Com tão grande desvelo consolado;
Mas ah! Caras amigas, socorrei-me,
Socorrei-me... Aumentar-se a cada instante
Sinto a tribulação, as amarguras.
Dissipai, Deuses, meus mortais terrores.
Eu tremo, como se um profundo abismo
Abrir visse debaixo de meus passos.

Corifeu

Ah! Minha Soberana, de Idamante
O miserável sangue derramado
Não te fará sair da sepultura
O caro filho nem serenar pode
A tua dor; o teu amargo pranto
Não fará mais que o pensamento encher-te
De pavorosas fúnebres imagens.

Rainha

A sua submissão, o terno zelo,
Com que por minha sorte se interessa,
Me admira e me confunde; que virtude
Brilha na sua boca respeitosa.
Pode tanto fingir-se a ingenuidade!

Corifeu

Com prudência discorres; não, Senhora,
O coração, aonde o engano reina,
Não pode ter tão doces sentimentos.

Rainha

Mas o sangue do Filho derramado
Em vão clamando ficará vingança?

CENA II

FESISTRA, os MESMOS e GUARDAS

Fesistra

Já nas vozes do Povo de Hermíone
O triunfante nome aos ares voa.

Rainha

Já é morto Idamante?

Fesistra

Já nos braços
De Licas deu os últimos suspiros.

Corifeu

Oh desgraçada estirpe de Peleu!

Fesistra

Sobre um carro triunfal, cheio de pompa,
Ornada do Diadema, a fronte altiva,
Entre uma multidão de armada gente
Seguro a receber se encaminhava
As aclamações públicas; o Povo
De toda a parte aos bandos concorria:
Quando por entre a turba numerosa
De mão destra uma seta despedida
Quase invisível lhe traspassa o peito.
Idamante a cabeça balançando,
Deixa o braço cair, que o Ceptro empunha,
Derrama negro sangue pela boca,
E cai aos pés dos cavalos moribundo.
Ao estrondo da queda se espantaram
Desenfreados os fogosos brutos,
E c'o as pesadas rodas atropelam

O ensanguentado, palpitante corpo.

Rainha

De terror cheio o coração palpita.

Fesjstra

Uns imóveis pasmados emudecem,
E gritam outros: Hermíone viva.
Licas espavorido em vão o chama,
Confuso o lacerado amigo abraça,
E fica sobre o pálido cadáver
Derramando gemidos e soluços.

Corifeu

Incompreensíveis Deuses! Que Destino
Os dous filhos de Pirro experimentaram?
Um dia os viu nascer, e no sepulcro
Quase os tem visto entrar um mesmo dia!

CENA III

CRICEIA, ARCÍNOE e os MESMOS

Criceia

Que mais pertendes, implacável fera,
Para satisfação da impiedade?
A minha vida? Manda dar-me a morte,
De sacrificar acaba no meu sangue
Tuas famintas iras.

Rainha

Olá, Guardas,
Afastai este monstro de meus olhos,
Puni esta soberba intolerável,
Com vossas lanças traspassai-lhe o peito.

Criceia

Sim, oferecer-me venho ao duro golpe;
Mas um segredo quero descobrir-te,
Que vingará meu sangue, que suplício
Tormentoso será de teus furores.

Rainha

Que procura inventar a tua indústria
Mais horroroso para atormentar-me?
Ide, soldados, arrancai-lhe a vida.

Criceia

Farta, Tirano, a fera atrocidade;
Porém, fica gemendo entre os remorsos
De ter ao próprio filho dado a morte.

Rainha

Que remorsos! Que filho! Justos Deuses!

CENA IV

RAINHA, ARCÍNOE e FESISTRA

Arcínoe

Deplorável Rainha, tem piedade
Desta infeliz Princesa, que o destino
Entregou às prisões do cativo:
À sua desventura a dor evita
De ver à triste Irmã dar morte crua,
Única companheira de seus males.

Rainha

Deixa-me em paz.

Criceia

Oh Deuses! Ai que morro.

Arcínoe

Cruéis soldados, suspendei o golpe.

CENA V

RAINHA, FESISTRA e o CORO

Rainha

Oh Céus! Que confusão!

Fesistra

Senhora, deixa
De mais atormentar-te; porventura
Tens dado à luz do Mundo mais que um filho?

Rainha

Não.

Fesistra

Pois que sustos vão teu peito afligem,
Se o traidor filho da soberba escrava
Lhe arrancou cruelmente a doce vida?

Rainha

Uma queixosa voz, que me atormenta,
Ouço gritar no fundo de meu peito.

Corifeu

A suportar em paz um novo golpe,
Senhora, o coração aflito anima.
Eu já diviso Arbante coroadado
De verdenegros lutuosos ramos,
Que num triste silêncio submergido
Conduz do teu Esposo as frias cinzas.

Rainha

Ah que a dor se renova! Mas quem pode

O pranto reprimir, as amarguras
À vista de espectáculo tão triste!

CENA ÚLTIMA

ARBANTE ACOMPANHADO DE UMA LUTUOSA POMPA, COM UMA
URNA NAS MÃOS e os MESMOS

Arbante

Deplorável Rainha, se o Destino
Do desgraçado esposo te é notório,
Sabe que o breve espaço desta urna
Encerra as suas míseras relíquias.

Rainha

Ai de mim desgraçada! Sim, Arbante,
Bem notórios me são meus infortúnios.
Dá-me, servo piedoso, este sagrado,
E triste monumento. Deixa,... Deixa
Que o abrace, que o beije ternamente;
E que de minhas lágrimas o banhe.
Ah Esposo infeliz! Ah doce Esposo!
Que ainda que infiel sempre reinaste
Na minha alma ofendida. Urna funesta,
A meus chorosos olhos não ofereces
Mais do que um seco pó, uma vã sombra.
Ali caro Esposo! Quanto diferente
Foi a admirável pompa da partida!
Sobre um brilhante carro precedido
De instrumentos sonoros, todo cheio
De glória e majestade te ausentaste!
E agora te recebo reduzido
A umas frias e ligeiras cinzas.
Ai de mim! De meus olhos separado,
Longe do teu Palácio o ímpio Orestes
A vida te arrancou infamemente,
Sem que pudesse a tua amante Esposa
As honras do sepulcro tributar-te.
Eu a consolação teria ao menos
De cerrar, como ao filho desgraçado,
Com a minha amorosa mão teus olhos,
Já cobertos de tristes negras sombras,
E de ouvir os teus últimos suspiros.
Oh fatal dia! Em que a terrível morte,
Como desenfreada tempestade,
Que abate e despedaça um denso bosque,

Arruinou a minha infeliz casa.
Ai de mim! Ai de mim! Tristes relíquias,
Recebei-me no seio desta urna.
Amado Esposo, Filho desgraçado,
Sofrei que esta infeliz, que vos suspira,
Participe da vossa sepultura,
Assim como dos vossos infortúnios
Participado tem; a meus desejos
Não há mais precioso bem que a morte.

Corifeu

Desgraçada Rainha, a dor modera;
A Lei irrevogável dos Destinos
Nenhum mortal isenta do sepulcro.

Arbante

As dolorosas lágrimas que soltas,
Têm, Senhora, legítimo motivo,
Pois te pôde privar a dura morte
Do mais amável, do mais digno Esposo;
Mas ao menos o pranto evitar podes,
Que derramar te vejo pelo Filho.

Rainha

Como! Chorar não devo o caro Filho,
Que na perda do Esposo só podia
Ser a consolação desta Mãe triste?
Se estes magoados e infelices olhos
O vêem naquele túmulo encerrado?

Arbante

Os funestos sucessos, que afligido
Têm a casa de Pirro, não ignoro;
Sei que o bravo Idamante ardendo em ira
A Polimene deu violenta morte.

Rainha

Pois julgas que não é o triste Filho
Digno das ternas lágrimas, que verto?

Arbante

Chorar não te pertence a Polimene.

Rainha

Arbante, tu deliras?

Arbante

Ah! Senhora,
Serena o coração atormentado,
Que o prodígio, que vou anunciar-te,
Diminuirá o peso de teus inales.
Sabe, excelsa Rainha, que teu Filho
Polimene não é, é Idamante.

Rainha

Tu pertendes, Arbante, contundir-me,
Ou vens escarnecer de minhas mágoas?

Arbante

Não, minha Soberana, em vão não falo,
A tua dor mitiga c'o a alegria
De recobrar um Filho, que do berço
Usurpado te foi, e que julgavas
Já entre as trevas hórridas da morte.

Rainha

Que escuto, oh Céus! Tomai, caras amigas.
Tomai este depósito, que absorta
O sangue gelar sinto.

Arbante

Atenta, escuta
As sagradas palavras, que expirando,
Afirmadas com Santo Juramento,
Pirro depositou em meu peito.
Cair ensanguentado e moribundo

Aos repetidos golpes dos contrários
Vi o meu infeliz Senhor por terra.
A socorrê-lo prontamente corro,
Com alta voz o chamo, ele os turbados
Olhos abre, que logo a cerrar torna,
E gemendo a mão trémula me estende.
Fiel Arbante, me diz, o Céu me arranca
Uma inocente vida, tem cuidado
De aplacar o meu sangue e minha Sombra.
Dize à mísera Esposa... E suspendendo
Um pouco a voz, que mal articulava
Como quem recordar quer altas cousas,
Depois de um ai profundo, oh Céus! exclama
Com que gesto severo o bravo Aquiles
Me não repreenderia, se eu entrasse
Nas Elísias moradas, usurpando
A um Sucessor legítimo o Diadema,
Para deixar o Filho da Troiana
Sobre um Trono da Grécia! Ah! Em que absurdo
Me fez cair de amor a paixão cega.

Rainha

Cada palavra, que lhe escuto, ó Deuses,
É um punhal, que o peito me traspassa.

Arbante

Estas últimas vozes grava Arbante
No fiel coração, prossegue Pirro,
E em toda a Grécia sejam publicadas.
À minha Esposa diz, que Idamante
É das suas entranhas o precioso,
O verdadeiro fruto, e Polimene
É de Criceia o Filho.

Rainha

Polimene
Da escrava o Filho... Oh Céus! Como é possível!

Arbante

É verdade, Senhora, tudo Pirro
Revelou combatido dos remorsos.
Instigado dos rogos de Criceia,

E de um ardente amor alucinado,
Com sua própria mão tirou do berço
(Apenas tinham visto a luz do dia)
O Sucessor legítimo do Sólido,
Em seu lugar deixando Polimene,
Para que ele do Creptro fosse herdeiro.

Rainha

Ah Fesistra! Aqui tens desenvolvido
O segredo da escrava, a minha sorte.

Fesistra

Que inesperado, que espantoso caso!

Corifeu

Como os cegos Mortais se precipitam
Em abismos de males e de horrores!

Arbante

Mas, Senhora, que pasmo te emudece
De gero dos e pranto acompanhado?
A desesperação, as amarguras
Perturbam teu semblante, ó Deuses! Quando
Serenar tuas mágoas esperava,
Restituindo a teus amantes braços
Um Filho, que julgavas já perdido,
Te vejo flutuar em novas dores
O coração aflito.

Rainha

Viu o Mundo
Monstro mais infeliz e mais horrível!
Ah Criceia cruel! Ah vil escrava!
Não bastava roubar-me o doce Esposo,
Senão também roubar-me o caro Filho?
Minha desgraça os Fados completaram.
Vejo do Esposo as cinzas encerradas
Nesta urna funesta, finalmente

Dei a morte a quem tinha dado a vida.

Arbante

Que espantoso sucesso me referes?
Deste a morte a Idamante? Que desgraça!

Rainha

Ai de mim! Sim, Arbante, oh Deuses... morto!

Arbante

Que multidão de males imprevistos!

Fesistra

A dor lhe priva o uso dos sentidos.

Corifeu

Oh Céus! Que astro maligno tecer pode
Esta fatal cadeia de infortúnios;
Que negra, que inimiga Divindade
Lançou sobre esta mísera Rainha
Um peso tão enorme de desgraças
As mais pasmosas, que tem visto o Mundo,

Rainha

Ai de mim! Ai de mim! Que nuve espessa
Me turbou de improviso a luz dos olhos,
Justos Deuses... Arbante... Companheiras...
Mas vós derrama is lágrimas piedosas,
E não vos atreveis a socorrer-me?
Vós fugis desta bárbara homicida?
Ah Filho deplorável! Arma o braço,
Castiga esta Mãe ímpia: fere, rasga
As entranhas cruéis que te geraram.
Caí, pórticos, muros, altas torres,
Sepultai –me debaixo das ruínas.
O sangue derramei do Filho amado,
E inda o Sol me alumia, inda respiro!
Oh desesperação! Injustos Deuses,

Que culpa cometi para fazer-me
O ódio dos Mortais, o horror do Mundo?
Onde irei arrastar os meus remorsos,
Até que, pouco e pouco, me consumam
A insuportável vida, que me resta?

Corifeu

Que duro coração negar se pode
Aos ternos sentimentos de piedade?
Que dor me causam, mísera Rainha,
Os espantosos males que te cercam.

Rainha

Fiéis amigas, inda compassivas
Vos dignais de chorar o meu Destino
Depois de tanto horror? Inda benignas
Não desamparais esta criminosa,
Este Monstro execrando, e este objecto
Da indignação dos Deuses e dos Homens?
Ai de mim! Ai de mim! Supremos Deuses,
Já que vós minhas iras confundistes,
Desarmando-me o braço levantado,
Porque na boca destes Simulacros
Não fizestes soar a voz eterna,
Como horrível trovão, para avisar-me,
Para o fatal segredo descobrir-me,
Origem de meu crime abominável,
E de meus espantosos infortúnios?
Ah Cidadãos! Ah Povos! Se piedade
Tendes desta Rainha desgraçada,
Porque um punhal me não cravais no peito,
Ou me não sepultais nos Mares fundos?...
Adeus, triste Palácio, adeus, lugares
Todos cheios de horror, tintos de sangue.
Soberano esplendor da Majestade,
Em pavorosas sombras envolvido,
Adeus, que eu vou chorar minhas desgraças
Na solidão de um mísero desterro,
Nas mais desertas e profundas brenhas,
Aonde mais não veja a luz do dia.

Corifeu

Qual dos Mortais feliz chamar-se pode,
Se a fortuna dos Reis está sujeita

A mudanças tão tristes e espantosas?

Castro

TRAGÉDIA

ACTORES

O Príncipe D. Pedro
Dona Inês de Castro
El-Rei D. Afonso IV
Coelho – conselheiro
Pacheco – conselheiro
Um Embaixador de Espanha
Almeida, Confidente de D. Pedro
Leonor, Aia de Dona Inês

A CENA É NO JARDIM DA QUINTA DAS LÁGRIMAS.

ACTO I

CENA I

PRÍNCIPE e INÊS

Inês

Príncipe, divertir em vão procuras
A tristeza mortal, que me acompanha
Deste ameno jardim as verdes plantas,
Que tão alegres já meus olhos viram,
Medonhas me parecem cada sombra
Um assassino armado me figura;
Se agita os ramos o ligeiro vento,
Imóvel fico, esmorecida tremo;
Quando te vejo, um novo sobressalto
O coração me anima; mas não posso
Dissipar os temores que me cercam.

Príncipe

Formosa Inês, o ânimo serena;
Em fantásticos sustos não consumas
Os instantes a nosso amor devidos.
Descansa no solícito desvelo
De um coração, que nesses olhos arde,
Que sempre vigilante tem buscado
Destruir os obstáculos contrários

A teu feliz repouso, a teus desejos.

Inês

De teu constante amor não desconfio,
Que benigno me ampara e cuidadoso;
Mas a desgraça temo, que invejosa
Já começa a turbar minha ventura;
Pois ignorando Afonso que nos liga
Do Sagrado Consórcio o santo laço,
Nova aliança firma com Castela;
E para ser o vínculo mais forte
Da jurada amizade, determinam
Que tu dês a Beatriz a mão de Esposo.
A Princesa com pompa majestosa
Para nossas Fronteiras se encaminha.
Apesar de importantes embaraços
El-Rei da Corte sai, talvez irado
De ouvir as tuas frívolas escusas,
E já pisando as margens do Mondego,
Do Embaixador de Espanha vem seguido.
O soberbo Coelho, o audaz Pacheco,
Seus cruéis Conselheiros o acompanham,
Que no rigor das Leis endurecidos
Não conhecem brandura, nem piedade.

Príncipe

Confesso que a chegada repentina
De meu Pai a Coimbra, acompanhado
Do Conde Embaixador, me traz confuso;
Porém, como tem sido impenetrável
O segredo de nossos Desposórios,
Julgará que de novo forcejando,
Com sólidas razões possa arrancar-me
Da paixão amorosa em que me obstino.
Mas quanto são errados seus projectos!
De meu constante Amor as puras chamas
Não lhes seriam menos invencíveis,
Que o laço indissolúvel que me liga.
Descansa, bela Inês, nada receies.

Inês

Príncipe amado, descansar não posso
Nos sustos que me afligem.

Príncipe

A quem temes,
Se meu Amor e braço te defendem?

Inês

Temo a soberba Espanha, o cego Povo,
E temo de teu Pai severo e justo
O grande coração, e de meus filhos
Receio o lamentável desamparo.

Príncipe

Reprime, bela Castro, o terno pranto,
Que suportar não posso a dura mágoa
De ver teu rosto em lágrimas banhado.
Julgas que eu possa do menor perigo
Ver os teus belos dias ameaçados,
Sem que para salvar-te exponha a vida?
Primeiro me verás, amada Esposa
O sangue derramar em tua defesa,
Do que sofrer que a mão mais respeitável
Para ofender-te intente levantar-se.
Sai da tribulação de vãos receios,
Em paz o fruto goza da ternura,
Que o extremoso coração me inflama,
Enquanto sobre o trono que me espera,
Tranquilo possessor, a bela fronte
Esta mão te não cinge c' o Diadema.

Inês

Senhor, quisera o Céu que não tivesse
Tronos o teu Amor para oferecer-me,
E que tua alma só o prémio fosse
De meus desvelos e de meus suspiros.
Tu verias então como elevada
Na glória de ser tua, não temia
Da contrária fortuna os duros golpes;
Meus tristes olhos não derramariam
Mais que as suaves lágrimas que exala
Um coração ferido de ternura.
Só então me julgara venturosa.
Quanto, Príncipe amado, a sorte invejo
Dos humildes Pastores inocentes,
Que no centro das selvas, onde habita

O prazer e o sossego, alegres gozam
Das doçuras de seus castos amores.
A ventura os iguala, Amor os une,
Sem que a mão da Política orgulhosa
Curto limite ponha a seus desejos.

CENA II

ALMEIDA E OS DITOS

Almeida

Senhor, chegou El-Rei, e já entrando
Vem à primeira sala do Palácio.
Apressa os passos, corre a recebê-lo.

Inês

Ai de mim! Socorrei-me, Céus piedosos!

Príncipe

Sossega, Inês amada, não te assustes,
A teu quarto segura te retira.
Segue, fiel Almeida, a aflita Esposa.
Sim, vai no sobressalto perigoso
Com teus sábios conselhos confortá-la.

CENA III

PRÍNCIPE E EL-REI

Príncipe

Neste instante, Senhor, fui avisado
Da tua inesperada e feliz vinda,
E a toda a pressa, já me encaminhava
A beijar respeitoso a Mão Augusta.

Rei

Aquele filho, Príncipe, que sabe
Respeitar a seu Pai, não fica imóvel
Aos paternos mandados, obediente
A vontade submete a seus preceitos.
Tu a meus rogos surdo, tu remisso
Às invioláveis, soberanas ordens,
E à luz da razão cego não respeitas
Mais que a louca paixão, que te domina.

Príncipe

Desculpa como Pai, Senhor, meus erros.

Rei

Príncipe, como Rei atento devo
Regular meus Estados, a Justiça
Equilibrando com balança recta,
Desde o dia fatal que o Céu benigno
Depositou em minhas mãos o Ceptro,
Ainda não propôs a meus cuidados
Mais altos, importantes interesses
À felicidade pública; e tu deves
Mais prudente cuidar, mais advertido,
No precioso sossego deste Povo,
Que o indiscreto Amor, que te alucina,
Vai lançar num abismo de discórdias.
Beatriz já partiu, e em breve tempo
A veremos gostosa entrar na Corte,
Que para recebê-la se prepara
Com magníficas pompas e com festas.
Hoje pertendo, Filho, se publiquem
Com aplauso festivo os Desposórios;
E para que à feliz solenidade
O decoro não falte majestoso,
Vêm os Grandes da Corte, Conselheiros,
E o mesmo Embaixador comigo trago.
Resolve, não vaciles, hoje quero
Que tão grave negócio se conclua.

Príncipe

Hoje, Senhor!

Rei

Sim, Filho, perigosa
Nos pode ser a dilação mais breve.
O mesmo Sol, que o curso já declina,
Há-de ver meus projectos completados.
E que esperas? Que os olhos da Princesa
As tuas repugnâncias examinem?
E que ultrajada com desprezos duros
A Espanha volte enfim desesperada?
Que as estrangeiras Cortes nos criminem
Esta desordem, como facto indigno?
Esperas que Castela a toda a Europa
Se queixe de lhe havermos sem justiça
Do tratado solene a fé violado?
Estas mesmas razões o seu Ministro
Já em particular me representa,
E não presumas que esta Monarquia
Possa sofrer em paz tão grande injúria.
Conheço o seu orgulha, não duvides
Que para despicar-se tome as armas.
E prevenir devemos os perigos,
Antes que se levante a tempestade.

Príncipe

Em vão, Senhor, te espantam teus furores.
Não tirará de nos mover a guerra
Mais que a vergonha de ficar vencida.
Os ameaços de Espanha não receies;
Inda suas cidades desoladas
Estão nossos triunfos publicando;
Inda lembrada está que o nosso braço
A libertou das armas Agarenas.

Rei

Não deve um Rei cegar-se da vanglória,
Desprezando a equidade, porque a sorte
De vencedor o nome lhe tem dado.
Nem sempre na campanha se orna a fronte
De triunfantes louros, a fortuna
Muda às vezes a glória em triste infâmia,
Não é porque eu de indigno terror cheio
Da belicosa Espanha as iras tema;
Mas se no campo armado for preciso
Disputar-lhe a razão, justifiquemos
Antes nossos legítimos direitos,
E não demos à sua inimizade
Um vão pretexto. Dos cansados Povos

Devemos ter piedade, que triunfando
Também as Monarquias se enfraquecem.
O Monarca guerreiro compra a glória
C'os gemidos, c'o sangue dos vassalos.
Assim para evitar a guerra odiosa,
E para segurar a nova aliança,
Vem jurar os felices Desposórios.
Não te dilates, vem, amado Filho,
Minha Real palavra desempenha,
Firma do Estado os grandes interesses.
Sim, entre os braços deste Pai que te amua,
Obediência promete resoluto.

Príncipe

Ah! Perdoa, Senhor...

Rei

Que! Tu repugnas?

Príncipe

Ali! Perdoa, Senhor, que a teus preceitos
Obedecer não posso. Se me ordenas
Que a vida exponha contra o ferro e fogo
Em defesa da Pátria, ou para o Ceptro
Te conservar, Senhor, na Mão Augusta,
Determina, serás obedecido;
Correr me verás pronto a dar o sangue
Entre as agudas armas do inimigo;
Mas que este coração que tenho dado,
Outro jugo suporte, outras cadeias,
A minha fé, Amor o não consente.

Rei

Um coração cobarde, que se deixa
Dominar de paixões afeminadas,
De cingir o Diadema não é digno.
Tu, que me deves suceder no Trono,
E mover do Governo as longas rédeas,
Como serás, os Povos regulando,
Rígido defensor das Leis Sagradas,
Se não pisas c'os pés os vãos prazeres?
Vence gloriosamente a paixão cega,

Que os sentidos assim te desordena.
Por instantes aqui chegar espero
O Conde Embaixador; e adverte, Filho,
Que muito nos importa que a seus olhos
Escondas teus delírios vergonhosos.

Príncipe

Ah, Senhor, o respeito mais sagrado
Não pode reprimir... Ah! Não me atrevo
A dizer-te o que sente o peito aflito;
Conheço que és meu Pai, meu Soberano,
Esta lembrança a língua me entorpece;
Mas, Senhor, não oprimas, não constranjas
Um coração cercado de agonias;
E se prudente queres que não cheguem
A maior auge os males, que receias,
O Embaixador me afasta da presença,
E prevenido manda a toda a pressa
Que de Beatriz a vinda se suspenda.

Rei

Ingrato Filho, já que te não movem
Conselhos saudáveis, brandos rogos
De um Pai enternecido, sem demora
Os absolutos Decretos executa
De um justo Rei, e se rebelde
Às soberanas ordens te mostrares,
Saberei castigar o teu delito
Não como Pai, mas como Rei severo.

Príncipe

Este ingrato castiga, este rebelde,
Que acharás cada vez mais criminoso.

Rei

Retira-te, imprudente, de hoje em diante
Objecto me serás de horror e de ira,
Como até agora o foste de ternura.

CENA IV

Rei

Grande Deus! Cujo braço Omnipotente
Doma o furor das ondas e dos ventos,
Com teu poder acode, humanas forças
A refrear não bastam deste Tigre
As cegas iras, as paixões violentas.
Contra mim, contra ti se volta irado!
Mas aqui vem Coelho. Vem amigo,
Que já de descuidado te acusava.
Pacheco aonde está?

CENA V

COELHO e EL-REI

Coelho

Senhor, Pacheco
O Conde Embaixador fica esperando,
Para, segundo as ordens que nos destes,
Ser à tua presença conduzido.

Rei

Em vão, fiel Coelho, trabalhamos,
Pois cada vez o Príncipe mais firme
Na cega pertinácia de seus erros,
Como um louco furioso não conhece
Soberanos preceitos, nem paternos.

Coelho

Pois tu sabes, Senhor, que da lisonja
Sou irreconciliável inimigo.
Sempre sem, artificios a teus olhos
Mostrei a luz da cândida verdade,
Assim, Senhor, se admoestações não bastam,
Nem sólidas razões, obre a violência.

Rei

Receio que a violência nos despenhe
Em perigo maior, em maior dano.

Coelho

Antes que cresça o mal e tome forças,
O motivo lhe corta nas raízes.
Descontente murmura o Povo, e clama:
«O Reino pende sobre o precipício,
E salvá-lo não podes, senão mandas
Logo tirar do Mundo a causa oposta.
É a vida de Castro quem nos traça
A ruína, que vemos iminente.
Com o sangue de Castro comprar deves
O público sossego, o teu repouso.»

Rei

Com o sangue de Castro! Ua inocente
Há-de ser pelas mãos da tirania
A vítima de humanos interesses?
Verei a minha glória deslustrada
No Inverno já de meus cansados anos
Com a mancha ,afrontosa da crueldade?
Não, amigo, mais pio me aconselha.
Vejam os se podemos dar remédio
A nosso mal sem aumentar o dano.

Coelho

Senhor, para atalhar um grande incêndio
Derribam-se os vizinhos edificios,
Que inda ilesos se vêem de voraz chama;
E o que parece duplicar o estrago,
É sábia prevenção. Não te suspenda
Uma inútil piedade e perigosa.
Adverte, Senhor, que um Rei prudente
Deve à conservação do Estado tudo
Sacrificar. E quanto pela Pátria
Entregaram seus filhos ao suplício?
Esta severa Lei faz muitas vezes
Condenar com justiça os inocentes.

Rei

Não, Coelho, por meios mais suaves
Espero serenar a tempestade,
Que tão medonha e feia vem soprando.
Afastarei dos olhos de meu Filho
A ocasião da sua pertinácia:
Em perpétua clausura logo seja
Dona Inês encerrada.

Coelho

Em vão pertendes
Do Príncipe apagar o Amor ardente,
Enquanto nas mais leves esperanças
Alimenta o fogo em que se inflama.
Vê, Senhor, que se erramos o caminho,
Nos vamos despenhar em fundo abismo.
Mas aqui vem Pacheco com o Conde.

CENA VI

O EMBAIXADOR, PACHECO e os MESMOS

Embaixador

Rei poderoso, agora um mensageiro
Acaba de informar-me que a Princesa
Já vem entrando pelos teus Domínios;
E do meu Soberano, que a injuriosa
Repugnância do Príncipe já sabe,
Alto aviso me traz em que me ordena,
Que vigilante busque que o decoro
(Apesar de contrárias consequências)
De Beatriz e do Sólido fique ileso.

Rei

Sábio Conde, descansa, que eu respeito
Mais que o poder de Espanha a fé de amigo.
Hoje de todo desatar pertendo
A cadeia que o Príncipe tem preso,
E verás brevemente de seus olhos
Desterrar Castro, que as prisões lhe tece.

Embaixador

Tua rara prudência de conselho,
Senhor, não necessita. Com acerto
O meio procuraste mais seguro
Para extinguir de todo a paixão cega;
Porém, se me permites que, segundo
Teu parecer, meu pensamento exponha,
Não só da vista Castro lhe separe;
Mas também de teu Reino, assim lhe cortas
De todo as lisonjeiras esperanças,
Que poderão opor-se a teus intentos.

Pacheco

Senhor, o Embaixador sábio discorre.

Rei

Sim, Conde, teu projecto aprovo e sigo.

Embaixador

Pois ordena, Senhor, o seu desterro,
Que eu farei que no centro de Castela
Seja em Real Mosteiro clausurada.

Rei

Já tenho resolvido, sem demora
Vamos executar tão bom desígnio.

ACTO II

CENA I

PRÍNCIPE e ALMEIDA

Príncipe

Que espantosa desgraça me referes!
El-Rei desterrar manda de meus olhos,
E deste Reino a triste, infeliz Castro?
Resolução cruel! Oh Pai injusto!

Almeida

Da tua amada Castro é infalível,
Senhor, a desventura; exterminada
Brevemente , a verás nestes Domínios.

Príncipe

Não sei, como respira o peito aflito.
Entre os golpes da dor que me traspassa!
É possível que El-Rei, sem horror possa
Castigar tão severo uma inocente!
É possível, oh Céu?

Almeida

O Céu quisera
Que tal desastre fosse duvidoso;
Mas teu Augusto Pai na tenção firme,
Pelos dous Conselheiros instigado,
E pelo Embaixador, da triste Castro
O perpétuo desterro determina.

Príncipe

Os bárbaros Ministros, o ímpio Conde,
De meu Pai a fatal tenção fomentam?

Almeida

Assim Senhor...

Príncipe

Audazes inimigos,
Que debaixo do escudo soberano
Me feris no mais íntimo do peito;
Mas apesar do abrigo mais supremo
Gemereis nos estragos da vingança,
Que minha indignação promete e jura.
Almeida, que farei? Tu me aconselha.
Como posso salvar a cara Esposa?
Como de tão confuso labirinto
Sairei? Que amargura intolerável!
E poderei sofrer, sem que as entranhas
Me despedace a dor, que a bela Castro
Arranquem dentre meus amantes braços
Em lágrimas banhada, inutilmente
Meu Amor implorando em seu socorro?
Ah! Não, primeiro todos os furores
Verão de um coração desesperado.
Tu me aconselha, amigo, que não pode
Já discorrer minha alma atribulada.

Almeida

Difícil o remédio me parece.

Príncipe

Que mortal aflição! Irei prostrar-me
Submisso aos pés de EI-Rei, e declarar-lhe
O santo nó que prende nossas almas?

Almeida

Senhor, se a Castro adoras, se depende
Tua vida de seus amáveis dias,
O segredo importante não descubras.

Príncipe

Que dizes? Pois receias se conjurem

Contra seu inocente e amado sangue?

Almeida

Um terrível aspecto não ignoras,
Que a fortuna presente está mostrando,
E, Senhor, não duvides que a sua morte
Seja para aplacá-la o sacrifício.
Os cruéis Conselheiros murmurando
Já deixam perceber, que nas entranhas
Esta tensão maldita tem gerado.

Príncipe

Ferozes monstros mais que leões bravos!
Que infames interesses vos inspiram
Uma tão execranda atrocidade?
Oh bela Castro, Esposa desgraçada!
Acode, grande Deus, que os Homens correm
Aos últimos extremos da crueldade.
A Castro dei a mão, assim o mandas,
E devo contra os Homens defendê-la.

Almeida

Eu vejo para nós encaminhar-se,
Senhor, o Embaixador.

Príncipe

A sua vista
Todo em furor o coração me acende.

CENA II

O EMBAIXADOR e o PRÍNCIPE

Embaixador

Permite-me, Senhor, te felicite
Do glorioso laço, com que firma
Espanha e Portugal eterna aliança.
Cuja amizade já respeita e teme
O bravo Mauritano, o Galo forte.

Príncipe

Sim, Conde, sei que a tua actividade,
Com prevenção e astúcia facilmente
Tem os grandes obstáculos destruído.
Já foi por teu conselho desterrada
Para o centro de Espanha a triste Castro?

Embaixador

Se teu Augusto Pai assim o ordena,
Quem pode revogar os seus Decretos?

Príncipe

Pois , advirta Espanha, que se agora
Do doce bem me priva da sua vista,
E me faz suportar a dor violenta
De a ver partir de mágoa traspassada,,
Tempo virá, em que me veja em campo
Vingar as suas lágrimas e angústias.
Com as armas na mão, de entre seus muros
Irei c'o próprio sangue resgatá-la.

Embaixador

A forte Espanha, Príncipe, respeita
O teu valor heróico, mas não teme
Arrogâncias, nem bravos ameaços.

Príncipe

Mais adiante não passo, só declaro
Que meu constante amor à bela Castro
Tem o Tálamo e Sólido prometido,
E saibam que só ela há-de ocupá-lo.
Depressa esta resposta decisiva
C'o a Princesa Beatriz manda a Castela.

Embaixador

Sim, de teus enganosa ofensivos
Aviso darei logo; mas não creias

Que Espanha sofra em paz tão grande afronta.
Brevemente a verás tomar as armas,
E sustentar no campo a sua glória.

Príncipe

Indignada conduza seus guerreiros
A combater, e aprenderá de novo
A ceder a vitória derrotada.

Embaixador

Em soberbos discursos desafoga
O vão furor, que da razão te priva.
De teu fero valor desvanecido,
Julgas que tudo deve submeter-se
A teu jugo, e tremer a teus ameaços;
Mas a vaidosa, juvenil idade
Com triunfos fantásticos te engana.

Príncipe

Orgulhoso desprezas justas iras?
Cuidas talvez que minha tolerância
De ouvir tantos insultos já cansada
A punir tua audácia não se atreva?

Embaixador

Como Conde, Senhor, tenho a ventura
De não ser teu vassalo, Espanhol sou,
E como Embaixador, nestes Domínios
Soberano, a quem deva submeter-me,
Não temo, não conheço.

Príncipe

Pois aprende
O meu braço a temer como inimigo.

CENA III

EL-REI e os MESMOS

Rei

Temerário, que intentas? Em que abismo
Te submergem teus loucos desatinos?
Desprezando os direitos mais sagrados,
As leis atropelando, vais correndo,
Como indomável desbocado bruto,
De delito em delito?

Príncipe

Pois se queres
Que cessem já meus crimes vergonhosos,
Desiste do projecto, que meditas,
Ou quando não verás com minha morte
Todo o excesso, todos os efeitos,
Que a desesperação feroz inspira.

Rei

Indigno Filho, já que sem piedade
De meus pesados e infelices anos,
Já que sem respeitar as Leis supremas
Quebrantas a sagrada imunidade
Devida aos Soberanos, com jactância
De tua vergonhosa pertinácia,
A conhecer começa, quanto pode
Um terno Pai mudado em Rei severo.
Já daqui como preso te retira
Ao Castelo da próxima Cidade,
Que há-de ser o teu cárcere seguro,
Enquanto persistires em teus erros.

Príncipe

Senhor, às tuas ordens submetido,
À prisão me recolho, mas primeiro
Correrei a sofrer infame morte,
Que a Beatriz dar a mão. Oh triste Castro!

CENA IV

EL-REI e EMBAIXADOR

Rei

Conde, como prudente e sábio deves
Desculpar os excessos temerários
De um mancebo indiscreto, que os sentidos
Tem da violenta perturbados

Embaixador

Ofendido, Senhor, indignamente
Vês o Monarca em mim, que represento;
Mas a satisfação honrosa e pronta,
Que dás a seus agravos, me persuado
Que será bem aceita recompensa.
Mas furioso o Príncipe, exalando
Contra Espanha ameaços, desafia,
Jura que resgatar à força de armas,
De entre nossos reparos irá Castro.
Enfim declara já desesperado,
Que lhe tem prometido a mão e o Trono,
E que apesar de tudo hão-de cumprir-se
As promnessas de seu amor constante;
E me ordena, que logo à minha Corte
Mande Beatriz com este desengano.

Rei

Ah louco Filho! Conde, nada temas;
Descansa em meu cuidado; bem depressa
Irá Inês levar essa resposta.
Para apagar do Príncipe os furores
Farei de novo todos os esforços.

Embaixador

Teu coração magnânimo mostrado
Tem, quanto pode um verdadeiro amigo;
Mas permite, Senhor, que me retire,
Para que logo ao Rei, a que leal sirvo,
Do presente sucesso aviso mande,
E de novo também certificar-lhe
Tua firme amizade, e fé constante.

Rei

O fiel zelo, com que a teu Rei serves,
De mais sublime apreço te faz digno.

CENA V

COELHO, PACH ECO e EL-REI

Rei

Amigos, nossos males se duplicam.
Não bastou toda a minha vigilância
Para atalhar risco meditado.
Verificados vi os meus receios.
Por infeliz acaso conduzido
O Conde com o Príncipe se encontra;
Fui avisado, corro prevenido
A evitar o perigo, mas foi tarde.
Já tinha dado livre desafogo
Com mil indecorosas arrogâncias
À sua pertinácia, a seus furores;
E depois de afirmar- lhe que só Castro
Havia ser a Esposa, que a seu lado
Veria Portugal subir ao Trono,
Depois de mil ultrajes injuriosos
Contra o Embaixador a espada arranca.

Coelho

Que desatino!

Pacheco

Atroz temeridade!

Coelho

E que satisfação darás a Espanha,
Que a desagrave de tão grande afronta?

Rei

Na presença do mesmo Embaixador
Ao vizinho Castelo o mandei preso.
Castro em desterro seja logo posta,

E veremos se venço com violência
O que vencer não posso com brandura,

Pacheco

Com acerto recorres à violência;
Mas para rebater a mão armada,
Que evidente ruína nos promete,
De Dona Inês não basta o extermínio.
Cansas-te em vão, se a vida lhe não tiras.

Rei

Vossos conselhos ímpios me horrorizam.
Seguiremos com bárbara fereza
O medonho caminho da injustiça?
Com que motivo condenar podemos
Uma infeliz Mulher, talvez forçada
A submeter-se ao jugo de meu Filho?

Coelho

Pois, Senhor, de outra sorte irremediáveis
São os males, que vai sobre este Povo
Lançar uma Mulher.

Rei

Em nosso dano
A desditosa Inês não tem mais culpa,
Que agradar a D. Pedro: mas roubada
A seus olhos a bela luz, que o cega,
Facilmente seus erros detestando
A riscará do peito e da lembrança,
Pela distância longa desunido.

Pacheco

Desunido, Senhor? O firme laço,
Que o namorado coração lhe prende
Só a morte é que pode desatá-lo.

Rei

Acaba de explicar-te: que me dizes?

Pacheco

O Príncipe em segredo desposado
Com Castro vive em Santo Ajuntamento

Rei

É possível, oh Céus! E que certeza
Tendes desse sucesso tão estranho?

Coelho

Agora de informar-nos acabamos,
Que a voz do vulgo assim o certifica.

Rei

Que crédito merece o vulgo errante?
Uma voz popular, talvez fundada
Em suas obstinadas repugnâncias

Pacheco

Senhor, não desprezemos este aviso,
A sua obstinação, os seus furores,
C'o ruído do vulgo combinados
Nos dão de tacto certo claro indício.

Rei

Impossível o caso me parece.

Coelho

E se o caso, Senhor, se verifica?

Rei

Então, fiéis amigos, sem governo
Nos vamos engolfar em bravos Mares.

Coelho

Pois o seguro porto, em que salvar-nos
Pudemos do naufrágio, tens patente:
Se a ele não recorres, nos perdemos.

Rei

Deus venha a socorrer-nos, que eu não posso
A tão grande crueza resolver-me.

Pacheco

Cruel, Senhor, serás, se não cuidares
Em atalhar a pública desgraça.
Esperas ver gemer o triste Povo
Com o açoute de nova, injusta guerra?
Julgas que Espanha altiva e indignada
Nossas Fronteiras a inundar não corra
De numerosos esquadrões armados
Para vingar afrontas tão pesadas?
Ainda nossos campos tinge o sangue,
Q Lie derramámos com total destroço
Do bárbaro terrível Mauritano;
Inda choram as míseras viúvas
Dos infelices órfãos rodeadas;
As Mães inconsoláveis inda gritam
Pelos amados e perdidos filhos.
Enfim, Senhor, o Reino, que oprimido
Tão longo tempo c' o furor das armas,
Inda desfalecido principia
A erguer a cabeça entre as misérias,
Em que tantas fadigas o lançaram,
Queres expor de novo, quando podes
Co preço de uma vida salvar tantas?

Coelho

Vê que por toda a parte o mal nos cerca,
Pondera nas discórdias intestinas,
Em que infalivelmente cair vamos.
Os Grandes poderão sofrer que o Trono
Ocupe uma Mulher que, inda que ilustre,

É vassala, Senhor, e não Princesa?
As Damas Portuguesas afrontadas,
Seu esplendor preclaro disputando,
Lhe negarão as honras de Rainha.
E que civis desordens, que contendas
Ao sossego do Público contrárias,
Deste odioso consórcio não se esperam?
Em tão graves razões, Senhor, fundados,
Não com peito cruel te aconselhamos.
O Povo tais perigos antevendo,
À morte a triste Castro sentença,
A prevenção o pede e justifica,
O que julgas atroz procedimento;
E se em nossa tenção te não confias,
Alguns Sábios e Grandes te acompanham,
Que prudentes e rectos julgar podem.
A conselho os convoca, e presidindo
Ao supremo congresso, atento escuta
Seus importantes e sinceros votos.
Assim em nossos ombros descarregas
O peso que tomar em teus recusas.

Rei

Venturoso o que vive sossegado
Em humilde fortuna, que do Ceptro
Não suporta o penoso, o fatal jugo.
Que dura obrigação! Enfim me arrastram
A julgar como réu de infame crime
(No tribunal severo da justiça)
Uma fraca Mulher, cujo delito
Punir as justas Leis nunca mandaram?
Mas eu defenderei sua inocência.
Sim, amigos, convosco me conformo
Neste prudente meio. Exactamente
Ide averiguar, se tem D. Pedro
Celebrado legítimo consórcio,
E se é verdade, o intricado ponto
Em conselho de Estado se decida.

Pacheco

Senhor, Inês com os filhos vem buscar-te,
O peito cerra a lágrimas e a rogos.
Imóvel na constância, não te deixes
Vencer de tua natural clemência,
Que em tal conflito é vício e não virtude.

Rei

Que espectáculo digno de piedade!

Coelho

Vê, Senhor, que nos perdes.

CENA VI

LEONOR, INÊS, SEUS FILHOS e os MESMOS

Inês

Rei piedoso,
Esta infeliz, que cheia de amargura
Vês prostrada a teus pés em pranto solta,
É a causa dos erros de teu Filho.
Estes tenros Infantes são teus Netos,
Que vêm com mudos e inocentes rogos
Aplacar tuas iras. Chegai, filhos,
Beijar de vosso Avô a Mão Augusta;
E já que a vossa idade inda não pode,
Expressar da alma os ternos sentimentos,
Implorai em favor de um Pai aflito,
E desta Mãe cercada de agonias
Com os chorosos olhos a clemência,
Que seu benigno aspecto vos promete.
Ah, Senhor, sobre mim volta os castigos,
Se inda meu triste pranto desarmado
Não tem as justas iras de teu peito.
Eu só a culpa tenho, eu só padeça;
Porém o meu Senhor, o meu Esposo
Das rigorosas penas alivia.
Se desobediente a teus preceitos
Da Princesa Beatriz a mão despreza,
É por não quebrantar as Leis Divinas,
Pois já ligado a esta infeliz vive
Em secreto e legítimo consórcio.

Rei

Filho imprudente, desumano Filho,
A que tribulações, a que violências
Teus loucos desatinos me entregaram!

Pacheco

Senhor, não necessitas de mais prova.

Inês

Não oprimas, Senhor, perdoa a um Filho,
Que é da tua ternura doce objecto;
Perdoa ao caro Filho, cuja glória
Em amar-te e servir-te só consiste.
Por esta Mão, que beijo, to suplico;
Por estes inocentes, que nas veias
Lhes circula teu sangue esclarecido,
Em cujo amável gesto e gentil rosto
Estás vendo teu Filho retratado.
E já que de minha alma atribulada
O doloroso estado te descubro,
Com o sinal mais leve de clemência
As minhas aflições mortais consola.
De teu peito magnânimo a brandura
Nunca negou piedade aos desgraçados;
A perseguida e mísera inocência
Em ti sempre acha defensor seguro.
Mas ai de mim, Senhor! Tu emudeces?
Não merecem as minhas duras mágoas
A demência, que aos míseros não negas?
Como cheio de horror voltas o rosto
Para não ver o pranto, que derramo!
Ah não, Senhor, não cerres os ouvidos
Aos ternos rogos desta Mulher fraca.
Vê que venho chamar-te em meu socorro
Com ais e com gemidos, não afastes
De minhas tristes lágrimas teus olhos...
Ah! Que eu vejo, Senhor, que o teu silêncio
Minha fatal sentença está ditando!

Rei

Dura consternação!

Inês

Amados Filhos,

São verdadeiros meus pressentimentos.
Vós perdeis vossa Mãe; sim, tristes Filhos,
Vosso preclaro Avô a gritos surdo,
Insensível a mágoas e a lamentos
À dura, e pronta morte me condena.
Vós perdeis vossa Mãe, tenros meninos,
Sem que possa das mãos dos cruéis verdugos
Vosso Pai valeroso defender-me.

Rei

Aflita Inês, não julgues que impiedade
Insensível me faz a teus clamores;
Mais que teu coração atormentado
Geme em silêncio o meu dentro no peito.
Mas como pode consolar teus males
Quem do mesmo remédio necessita?

Coelho

Não vaciles, Senhor.

Pacheco

Apressa os passos,
Ao desígnio recorre meditado.

Rei

Deus imenso, que se os mortais não guias,
Como cegos sem tino se desenham,
Vem ,assistir-me, vem alumiar-me.

Inês

Senhor, deixas-me entregue a meus temores,
Às minhas aflições sem deferir-me?

CENA VII

INÊS, SEUS FILHOS e LEONOR

Inês

Minha ruína é certa. Céus, valei-me!
Eu morro, vivei vós, vivei meus Filhos,
Benigno o Céu complete vossos dias,
Sem conhecer a mísera desgraça,
Em que me vedes acabar a vida,
Eu morro, Filhos meus, e vós perdeis
A ternura, os afagos, as delícias
Com que esta Mãe vos tinha tão mimosos;
Mas vós ficais gozando do desvelo
De um terno Pai, que menos vos não ama,
Esta lembrança a minha dor mitiga.
Mas ai de mim, que digo! Combatido,
Dos repetidos golpes da violência
Ou o vereis morrer, ou já cansado
Vos dará constrangido uma Madrasta,
Que talvez invejosa e desabrida
Não saberá sofrer sem arrogância
Da vossa infância o mínimo descuido,
Que infeliz Mãe! Que Filhos desgraçados!

Leonor

Senhora, para que com dor e sustos
Buscas a morte, que temer não deves?
Confia na piedade e sã Justiça
Do magnânimo Afonso, que em suspiros
E reprimindo as lágrimas nos olhos,
Te mostrava a brandura de seu peito.

Inês

Cruenta morte tudo me anuncia
Sim, caros Filhos, os cruéis puseram
Vosso Pai em prisão, para seguros
No tenro peito o ferro me cravarem.
Ah Príncipe afligido, de que angústia
Não serás penetrado quando entrares
Neste triste Palácio? Quando vires
Estas paredes tintas em meu sangue?
Estes penhores teus, em cuja vista
Te recreavas cheio de alegria,
Em desamparo, em mísera orfandade?
Uni-vos, Filhos meus, aos tristes peitos,
Que de doce sustento vos serviram,
Recebei os meus últimos abraços.
Sim, Filhos, os algozes arrancando
Vêm contra mim as bárbaras espadas...

Filho do Eterno, vem a socorrer-me,
Que eu vou prostrada ao pé de teus Altares
Implorar teu amparo; só teu braço
Salvar me pode deste precipício.
Vinde, inocentes e infelices órfãos.

ACTO III

CENA I

INÊS e LEONOR

Inês

Sim, Leonor, a minha desventura,
De meus filhos o triste desamparo,
As aflições do perseguido Esposo
A prostrar-me de novo aos pés me levam
Do implacável Afonso, mola esperando
Que meus rogos e lágrimas ardentes
Seu coração severo mover possam.
Porém com que ilusões a dura sorte
Minha dor lisonjeia! Onde me arrastram
As mortais delirantes agonias!
O cruel Povo pede a minha morte,
Os duros Conselheiros a persuadem,
De recto e justo El-Rei ostenta,
E julgará que ofende a sã justiça,
Se com minha inocência for piedoso.

Leonor

Senhora, não desmaies, não te entregues
Sem esperança a sustos e receios;
Segue animosa, segue o justo intento.
O benigno Monarca, inda que austero,
Sabe unir a justiça c'ò a demência.
Não te demores, vai de novo expor-lhe
Com lacrimosas súplicas teus males.

Inês

Inevitável é minha morte.
Ai de mim! Os Tiranos inflexíveis
Meus tristes verdes anos não respeitam,
Nem a pueril idade de meus Filhos.
Eu morro, Esposo, e teu amor ardente
É quem o duro golpe descarrega.
Sim, adorado Príncipe, a ventura,
Que me deu tua mão, me custa a vida;
Mas não julgues que eu possa aborrecer-te,
Por me ser esta glória tão funesta.

Vive, amado Senhor, Esposo, vive,
E de tua saudade a dor consola
Com a vista de teus queridos Filhos,
Já que enfim te reduz a impiedade
A chorar uma Esposa, cuja vida
Só teus vastos cuidados ocupava,
E a ver crescer debaixo de teus olhos
Os caros Filhos na mimosa infância
Privados do materno, doce abrigo,
Vós éreis, infelices inocentes,
As delícias, o Amor desta Mãe triste,
Quanto me fere a mágoa de deixar-vos!

Leonor

Ah, Senhora, teus ais e teus gemidos
Puderam abrandar as mesmas feras.
Ah! Que não posso dar a tuas mágoas
Mais que do pranto o mísero socorro!
Porém não desesperes, e não queiras
Acabar só de angústias oprimida.

Inês

Oh quanto Almeida tarda! Que notícias
Trará do meu Senhor; de que agonias
Não estará seu peito penetrado!

Leonor

Olha que o tempo voa, e proveitoso
Pode ser a teus males; não vaciles
A comover de novo Rei clemente:
Vai, no Poder Celeste confiada,
Cujo invencível braço em seu socorro
Acham os inocentes sempre armado.

Inês

Aos pés do irado Rei meu peito aflito
Em vão soltará lágrimas e rogos;
Mas façamos os últimos esforços
Para aplacar leões enfurecidos,
Que mais com meus gemidos embravecem.
Vamos, a dor me arrastra. Deus imenso,
Que já nos fundos Mares submergidos,

Quando te agrada, salvas os humanos;
Se a teus olhos sou digna de piedade,
Se de minha aflição te compadeces,
Manda que a meus gemidos e a meu pranto
A indignação, as iras se dissipem.
Dá força a meus clamores, com que possa
Abrandar corações endurecidos.
O Céu, a Terra, as negras tempestades
Submetidas estão a teus Decretos.
Mas ai, eu vejo Almeida, que apressado
Para nós se encaminha cuidadoso.

CENA II

ALMEIDA e os DITOS

Inês

Fiel Almeida, minhas amarguras
Vem suavizar c'ó as suspiradas novas
Do meu caro Senhor. Como tolera
Da violenta prisão as duras mágoas?
Lamenta a sua doce, infeliz Castro?
Suspira pelos seus queridos Filhos?

Almeida

Os cuidados, os graves pensamentos,
Que seu aflito coração combatem,
Por minha voz, Senhora, te relata.

Inês

Solta do peito a voz depositária
Da ternura do meu constante Esposo.

Almeida

De ânsias mortais o Príncipe ferido
Suspira e brama já desesperado.
Ora subido na mais alta torre,
Neste Palácio emprega os tristes olhos
Em lágrimas banhados; ora errando
De lugar em lugar espavorido,
Entre soluços chama Esposa e Filhos.

Inês

Ah Príncipe infeliz!

Almeida

Enfim, Senhora,
De novo e duro golpe traspassado,
Assustado me chama, e diz: «Almeida,
Tu só mitigar podes os meus males,
Tu só podes salvar das mãos da morte
A perseguida Inês; voa a dizer-lhe,
Que nossos implacáveis inimigos,
Contra sua inocência conjurados,
Com mil falsos pretextos corromperam
O coração de um Rei clemente e justo,
E à crua morte os ímpios a condenam,
Que já de seu fatal, cruel destino
Em Conselho de Estado se decide.»

Inês

Que escuto, oh Céus!

Leonor

Que Esposos desgraçados!

Almeida

Continua, os suspiros reprimindo:
«E dize-lhe, que já que dos verdugos
A sua vida defender não posso,
Que a toda a pressa fuja, que se esconda
Dos feros olhos dos irados monstros;
Enquanto o Céu piedoso não serena
Nossas angústias, nossos infortúnios;
Enquanto as mãos ligadas me não solta,
Para punir os bárbaros traidores,
Que fuja à dura morte, sem que os passos
O amor de nossos Filhos lhe suspenda;
Que a meu terno cuidado os deixe entregues,
Que venham suavizar as minhas mágoas,
Suportando comigo a prisão dura.»

Inês

Tristes Meninos, afligido Esposo!

Almeida

Enfim, Senhora, o Príncipe te ordena,
Que fujas sem demora, que me sigas,
E cauteloso já dispus os meios
Para a seguro asilo conduzir-te.
Alguns leais amigos valerosos
Prontos estão a te servir de guarda.
A partir te resolve, não vaciles.

Inês

Ah, meus Filhos, adeus! Ai, caro Esposo!
Eu vou fugindo às mãos da tirania
Acabar entre os golpes da saudade.

Almeida

Senhora, em mortais prantos e agonias
Não te demores, vai aparelhar-te.
Disfarça o traje, parte resoluta.
Já vai o Sol os raios escondendo,
E pelas sombras da vizinha noite:
Poderemos seguros retirar-nos.
Bem sabes que no fundo desta Quinta
Há uma oculta porta, onde teremos
Livre saída ao campo solitário.
Ali acautelados nos esperam
Armados cavaleiros.

Inês

Sim, Almeida,
Ai de mim! A partir eu vou dispor-me
E despedir-me dos amados Filhos.
Ah cruéis corações, a que tormentos
Entregais esta triste desgraçada!
Não me demoro, Almeida, aqui me espera.

CENA III

ALMEIDA

Que iníquo fado, que inimiga estrela
Turbar veio o sossego venturoso,
Em que seus ternos corações viviam!
Da mais doce alegria de repente
Os fez passar o Céu às amarguras.
Dos comuns infortúnios e misérias
Os Príncipes da Terra não se isentam,
Nem a Virtude, de aalto prémio digna,
Dos golpes da desgraça inexorável;
Mas trovejando o Árbitro Superno,
Às vezes lança o raio furibundo
Sobre aqueles mortais a quem mais ama,
O mesmo amor, que aos dous caros Esposos
Tanto prazer e glória prometia,
Agora se alimenta com seu pranto,
Mas aqui vem El-Rei. Ai de mim! Onde
Poderei a seus olhos esconder-me.

CENA IV

REI e ALMEIDA

Rei

Almeida.

Almeida

Oh Céus, que nova desventura!
Senhor, que ordenas?

Rei

Desejoso vinha
De encontrar-me contigo, e me parece
Que a Providência aqui guiou meus passos
Cercado de severos Conselheiros
Não ouço mais que as vozes horrorosas,
Que me pedem da triste Castro o sangue.
Enfim, amigo Almeida, convencido
Pelos votos do rígido Conselho,
Pelos gritos do Povo violentado

Firmei gemendo a fatal sentença.

Almeida

E pudestes, Senhor...

Rei

Quanto me treme
Cheio de horror o coração no peito.
Meus olhos estão vendo Inês chorosa
Rodeada de meus pequenos Netos,
Clamando ao Céu vingança, e nas entranhas
A inocência me grita condenada.

Almeida

Pois, Senhor, novo campo à tua glória
Tens patente a teus olhos; exercita
A natural clemência, que vilento
Teu coração magnânimo reprime,
A triste Castro é digna de piedade:
E se matá-la mandas a teu Filho
Tiras a vida com o mesmo golpe.
Ah, Senhor, tu não sabes os tormentos,
Que o coração do Príncipe devoram.
Com o peso das mágoas abatido
Em profundo e mortal silêncio geme,
Ou de improviso os olhos agitando,
Acesos em furor e rasos de água,
Levanta o braço, como se no peito
Um agudo punhal cravar quisesse.

Rei

Brevemente verá...mas aqui chega
O Conde Embaixador.

CENA V

EMBAIXADOR e os MESMOS

Embaixador

Monarca convicto,
A desventura da inocente Castro
O coração me move, me entenece
E sua vida venho suplicar-te.
Eu sei que a teu pesar, e constringido
Pela unânime voz dos Conselheiros,
A terrível sentença confirmaste,
E que de terror cheio só desejas
Seguir os movimentos da piedade
Pois, Senhor, não reprimas, submetido
À cegueira fatal de teus vassalos,
De tua alma os benévolos impulsos.
Senhor, a nobre Espanha não duvida
De tua rectidão, sabe que atento
Guardas a fé jurada a teus aliados,
E julgo que bastante satisfeita
Em tudo ficará, quando informada
For da razão legítima que impede
Da Princesa o consórcio. Indissolúvel
É O laço que o Príncipe tem preso,
E querê-lo romper, sacrificando
A triste vida da inocente Esposa,
É rigor inaudito, que não cabe
Nesse teu coração clemente e justo,
Aqueles, que zelosos te persuadem
A tão dura fereza, ou se alimentam
Da horrível crueldade, ou preocupados
De fanáticos erros te aconselham.

Rei

Sim, magnânimo Conde, prevenindo
A generosidade de teu peito,
Já da prisão mandei sair meu Filho,
E determino que apesar dos votos
Dos rígidos, tenazes Conselheiros,
E clamores do Povo alvoroçado,
Em paz a Esposa goze, que o Supremo
Motor lhe destinou, cujos segredos
São aos fracos mortais impenetráveis.

Almeidai

Oh grande Rei!

Embaixador

Senhor, em todo o Orbe
Aclamado serás por novo Tito.

Rei

Viva ditosa, Inês, se os Céus o querem,
Ao trono suba com caro Esposo.
Culpe-me embora o Mundo de clemente,
Mas não de rigoroso e inexorável.

Embaixador

Hoje novo esplendor à glória juntas,
Com que teu nome já no Mundo brilha;
Mas permite, Senhor, que sem demora
Parta a encontrar Beatriz para informá-la
Dos acontecimentos tão estranhos,
Que legitimamente embaraçaram
Nossos desígnios.

Rei

Sim, ilustre Conde,
Tua resolução prudente segue;
E quando a luz brilhar da nova Aurora
Também seguir teus passos determino.

CENA VI

ALMEIDA e REI

Almeida

Enfim, piedoso Rei, já resoluto
A conservar a vida à triste Castro
Soltar o amado Príncipe mandaste!

Rei

Sim, Almeida, mas vamos sem demora
Revogar a sentença, pois receio

Que os duros Conselheiros implacáveis
Da dilação mais breve se aproveitem.

Almeida

Sim vai, Senhor, acode a toda a pressa,
A aflita Castro do perigo salva.

CENA VII

PRÍNCIPE e os MESMOS

Príncipe

Senhor, a beijar venho a mão piedosa
Que a prisão me desata leve pena
Da minha ingratidão e de meus crimes.
Mas para que me dás a liberdade,
Quando tens condenado à dura morte
A desditosa Inês. Ah, Senhor! Queres
Que a meus olhos os ímpios assassinos
A cara Esposa irados despedacem?

Rei

Filho, descansa, a venturosa Castro
Vai sossegar nas mágoas e temores,
E vai anunciar- lhe que indulgente
A vida lhe conservo, e daqui parto
A intimar ao Povo, que absoluto
A sentença derrogo pronunciada
Apesar das razões e dos clamores,
Que seu sangue me pedem.

Príncipe

Rei benigno.
Oh magnânimo Pai! Com que alegria
Esta clemente Mão a beijar torno!
Esta Mão, que tira de um abismo.
E do prazer ao Trono me levanta.
Como as sombras c'o a luz da madrugada
Se dissiparam minhas amarguras.
Caros filhos, eu vou, amada Esposa,

A teus chorosos olhos vou mostrar-me.
Que júbilo, que alegre sobressalto
Não sentirá teu peito, quando vires
Este Esposo, que ver já não esperas,
Que vai restituir-te a doce vida,
E firmar para sempre a tua glória.
Mas ai de mim... que escuto... que soluços,
E que gemidos ferem meus ouvidos.

CENA VIII

LEONOR e os MESMOS

Leonor

Valei-me, justos Céus, que dor, que angústia.

Príncipe

Ah, Leonor, tu em lágrimas banhada!
Que medonho sucesso me anuncias?

Leonor

Ai de mim!

Rei

Que agonia te perturba?

Príncipe

Dize, que dor motiva teus clamores?

Leonor

Como o direi! É morta a bela Castro.

Príncipe

Oh Céus! A bela Castro, a minha Esposa?

Leonor

Ai de mim! Sim, é morta a tua Esposa.

Rei

Oh Mulher desgraçada!

Príncipe

Deus imenso!
Dize, Leonor, talvez acometida
Foi de algum acidente, motivado
Pela força de suas amarguras?

Leonor

Não, Príncipe, dous bárbaros algozes
A vida lhe arrancaram sem piedade.

Príncipe

Oh Esposa infeliz! Ai doce Esposa!
Que peitos carniceros se atreveram
A manchar as mãos ímpias no teu sangue,
Sem temer que debaixo de seus passos
Se abrisse a Terra, e fossem submergidos?
Ah pérfidos! Ah monstros de impiedade!

Leonor

A desgraçada Inês já resolvida
A salvar-se da morte na fugida,
De suas fiéis Damas rodeada,
Banhada em triste pranto, de seus filhos
Com saudosa dor se despedia.
Ora a um, ora a outro despendendo
Os maternos, terníssimos afagos,
Os ais dolorosos, que podiam
A piedade mover as mesmas penhas,
Feriam nossos peitos, que a ternura
Em chuveiros de lágrimas soltavam.
Os míseros Meninos os lamentos

Com inocente choro acompanhando
As mágoas duplicavam da Mãe triste.
Os ecos dos gemidos lastimosos
Soavam pelas salas do Palácio.

Príncipe

Ai de mim!

Leonor

Quando dous cruéis verdugos
As portas violentando de seu quarto,
Com as espadas nuas se apresentam;
A tão horrível vista, a triste Castro
Lança cheia de espanto um grande grito,
Com que as altas abóbedas, gemeram.
Foge pelo Palácio; os caros Filhos
A seus vestidos apegados correm.
Em vão piedade pede, e chama o Esposo.
Uma chorando, aos pés ímpios se lança,
Outra gritando, ao Céu socorro implora;
Mas os cruéis a seguem fervorosos,
E lhe cravam no peito os duros ferros.

Príncipe

Que impiedade!

Almeida

Que horror!

Rei

Ah cruéis Monstros!

Leonor

Que amarga dor! Ao referi-lo tremo.
Em borbulhões rebenta o vivo sangue,
O pavimento alaga, e salpicados
Ficam os ternos, míseros Infantes.
Com voz truncada diz: »Príncipe, Esposo.»

Desfalecida cai, e levantando
Para os Céus as mãos trémulas, expira.
Torna-se o rosto pálido, e de sombras
Os seus formosos olhos se cobriam.

Príncipe

Que desesperação, que aguda espada
Me fere o peito, o coração me arranca!
E quais foram, Leonor, as mãos infames,
Que tão , atroz delito cometeram?

Leonor

São Coelho e Pacheco os assassinos.

Príncipe

Ah traidores, ah bárbaros verdugos!

Rei

Como a desgraça passos acelera!

CENA ÚLTIMA

ABRE-SE UMA PORTA NO FUNDO DO TEATRO DA GALERIA DO
PALÁCIO, POR ONDE SAEM OS DOUS MATADORES EMBAINHANDO
AS ESPADAS TINTAS DE SANGUE, E APARECE DONA INÊS MORTA.

COELHO, PACHECO, REI, ALMEIDA e LEONOR

Rei

Indignos Conselheiros...

Almeida

Céus, que vejo!

Rei

Indignos Conselheiros, apressados
Para servir de algozes, e remissos
Para distribuir os justos prémios,
E as graças, que por vossas mãos despendo.

Coelho

Senhor...

Almeida

Que atrocidade!

Leonor

Que destino!

Rei

Desumanos, pudestes os furores
No peito conservar? Não vos caíram
Das cruéis mãos as bárbaras espadas
À vista dos lamentos e clamores
Daquela miserável Mulher fraca?

Pacheco

De cruéis nos acusas, quando rectos
Tua justa sentença executámos?

Rei

Minha justa sentença... com que esforços
Não impugnei as hórridas propostas
Com que minha piedade convenceste?
Vós a pronunciastes, violentando
Com mil falsas razões, com mil enganos
Minha trémula mão para firmá-la.
Oh cega e vã cobiça, que desejas
A coroa cingir, reger Impérios!
O Trono é cativoiro, em que os Reis vivem
Com douradas cadeias maniatados.
Da Monarquia escravos, a vontade

Tem menos livre que um humilde servo.
Assassinos infames, retirai-vos,
Ide, que só encheis de horror meus olhos!

Almeida

Ao Príncipe, Senhor, acudir vamos
Antes que em maior dano o precipite
A desesperação.

Rei

Vamos, Almeida.

Transcrição de José Barbosa Machado a partir das edições de 1781 (*Obras de Domingos dos Reis Quita*, Lisboa, Tipografia Rollandiana) e de 1831 (*Obras de Domingos dos Reis Quita*, Lisboa, Tipografia Rollandiana), comparada com a edição de 1766 (*Obras Poéticas*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
